

Lee Somin

A MORTE DO IDOL

아이돌 살인

Lee Somin

A MORTE DO ÍDOLO

Tradução
Núbia Tropéia



Harper
Collins

Rio de Janeiro, 2026

Copyright © , 2025. All rights reserved.

Portuguese translation copyright © Casa dos Livros 2026.

This Portuguese Language edition is published by arrangement with Munhakdongne Publishing Corp through BC Agency and Patricia Seibel

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores do copyright.

COPIDESQUE Juliane Ferreira da Silva Santos

REVISÃO Ana Paula Souza e Amanda Tiemi Nakazato

DESIGN DE CAPA Caio Os

DIAGRAMAÇÃO Abreu's System

PRODUÇÃO DO E-BOOK Ranna Studio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Somin, Lee

A morte do Idol / Lee Somin; tradução Núbia Tropéia. – Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2026.

Título original:

ISBN 978-65-5511-853-7

1. Ficção policial e de mistério (Literatura sul-coreana) 2. Ficção sul-coreana I. Título.

26-343918.0

DD-895.73

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura sul-coreana 895.73

Bibliotecária responsável: Cibebe Maria Dias – CRB-8/9427

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora Ltda. Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 601A - Centro

Rio de Janeiro/RJ – CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

SUMÁRIO

[O deus alado](#)

[O nascimento do monstro](#)

[A mancha escarlate](#)

[Dentro do labirinto](#)

[Nadadeira longa](#)

[O calor do sol](#)

[O peso do oceano](#)

[A queda](#)

[A sombra do fascínio](#)

[A morte do idol](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

Querida Kitty

1207

Na sua opinião, qual é a coisa mais verdadeira que existe? Na minha, Kitty, é o sangue. Não, eu não escrevi errado, nem você leu errado. Estou falando do sangue que corre nas nossas veias.

O sangue é mais puro e honesto do que qualquer outra coisa. Ao contrário das pessoas, ele não mente nem distorce os próprios sentimentos para viver conforme lhe convém. Você acha mesmo que a água consegue reter mais coisas do que o sangue? Nem de longe. Imagine sacudir as mãos molhadas contra uma parede: a água finge ficar lá por um instante, mas logo escorre para o chão. É como se mudasse de rosto, como se nunca estivesse estado lá em primeiro lugar. Mas o sangue não mente. Dependendo do movimento das mãos no ar, gruda na parede no lugar em que a atingiu (uma vez ouvi dizer que isso se chama “manchas espargidas”). Mesmo quando escorre, não adultera sua forma original e permanece na parede. Revela de onde saiu, de que altura espirrou, se foi muito ou pouco — a menos que alguém o limpe. É a própria pureza. Não é lindo?

Não me pergunte como foi que descobri isso. Na verdade, Kitty, eu ainda nem sei como consegui atravessar a multidão e chegar até aqui. Era como se outra pessoa, idêntica a mim, estivesse caminhando no meu lugar. Por incrível que pareça, não foi difícil. Como sempre, cobri o rosto com o capuz para que ninguém me reconhecesse, mantendo a cabeça baixa e andando em ritmo que não fosse rápido nem lento demais. E, assim, me misturei à multidão.

Ninguém viu as manchas de sangue. Afinal, as pessoas só enxergam o meu exterior; nunca se interessam pelo que há por dentro. Nem preciso dizer que sequer se perguntaram o que havia sob minhas roupas. Bem, talvez algumas até tenham tido curiosidade, mas nada além de pensamentos sem sentido. Foi graças a essa indiferença que consegui sair de lá a salvo.

Enquanto passava pelas pessoas exaustas, a imagem do sangue escorrendo me voltou à mente. E não parei mais de pensar nisso. Acha que há algo de errado comigo? Você está certa. Já não sou mais quem eu era. Mas tenho a sensação de

que algo em mim está se purificando.

Para falar a verdade, Kitty, o que sinto neste momento é êxtase e, ao mesmo tempo, uma miséria profunda. Quando penso em quem eu feri... Talvez isso te confunda, pois já te disse inúmeras vezes que ele não significava absolutamente nada para mim, que era alguém repugnante. Só que, Kitty, essa criatura e eu estamos ligados, quer eu queira ou não. E você já sabe por quê... Mas não é estranho? Eu deveria estar me sentindo mais leve, mas a verdade é que estou em frangalhos!

Se ao menos você fosse uma pessoa real...! Se pudesse estar aqui comigo!

Se você soubesse a frase que não sai da minha cabeça, entenderia o quanto esta situação é lastimável, o quanto é digna de pena...

Será que tudo teria sido diferente se aquela pessoa tivesse continuado ao meu lado?

O deus alado

Assim que a luz intensa foi projetada, as formas, moldadas como ilusões na escuridão, se desfizeram por completo. A cena sobre o palco se escancarou de forma crua, e as pessoas logo franziram a testa. Arquejos de susto e soluços contidos ecoaram por toda parte. Riae, porém, sem piscar uma vez sequer, absorveu cada detalhe e impressão daquele cenário.

O piso ao redor do homem caído de bruços, com o rosto colado ao chão do palco, estava tingido como se tivessem estendido um tapete vermelho-escuro. Ele vestia uma toga remetendo à Grécia Antiga e um par de asas feitas de penas falsas. A toga parecia estar empapada de sangue havia muito tempo, e a máscara branca que ele usara por um breve instante também exibia manchas vermelhas. Havia um pequeno rasgo na barra da longa veste — tão comprida que chegava a atrapalhar os passos. Observando a cena, Riae se deixou levar por um breve devaneio: se as pessoas da época em que se usava aquela toga testemunhassem aquilo, talvez pensassem que o ato de cercar um homem já sem vida, examiná-lo de perto e fotografá-lo fosse uma forma de embalsamar um deus ou alguma entidade equivalente.

— É uma sensação esquisita. Por mais que não o conhecesse, sabia como ele era em vida, como se movia... e agora vê-lo morto assim... Nunca vou me acostumar com isso — disse o colega Kyeongwon, que se aproximara sem que ela percebesse, soltando um vapor branco no ar frio.

Embora compartilhasse do mesmo sentimento, Riae não se deu ao trabalho de responder. O corpo caído já fora, outrora, um jovem que esbanjava vitalidade.

Ela também já tinha visto aquele homem, Kona, na tela algumas vezes, em comerciais e videocliques. O que mais tinha naquela época eram pessoas famosas, mas, entre todas elas, Kona era um dos que estavam no auge. Afinal, era o vocalista principal do *boy group* de K-pop ROME, que liderava as paradas coreanas. Com isso, até Riaie, que não tinha o costume de assistir à televisão, acabara vendo, de forma quase inevitável, a imagem dele nos mais diversos meios de comunicação.

Kona não contava apenas com o apoio fervoroso do *fandom*; também havia conquistado popularidade entre as massas — estava, inegavelmente, trilhando um caminho de sucesso. Quando Riaie percorria as áreas mais movimentadas da cidade durante os trabalhos de campo, as músicas do ROME tocavam com tanta frequência que, ao voltar para casa, ela já sabia o refrão de cor. Antes mesmo de andar um quarteirão, surgia uma nova propaganda estampando o rosto dele: um rosto tridimensional capaz de assimilar com estranha naturalidade as luzes dos letreiros néon em frequências singulares; um corpo que se movia com agilidade e gestos encantadores, em sincronia com a batida; uma postura suave e, ao mesmo tempo, sedutora — não lhe faltava nada para capturar o olhar das pessoas. E, agora, esse mesmo Kona jazia morto, encarando Riaie e Kyeongwon sem qualquer traço de vida, muito menos vigor. Era natural que a sensação fosse de estranheza.

Deixar-se levar por essas divagações, no entanto, só prejudicava a concentração no trabalho a fazer. Riaie tentou afastar a lembrança de Kona vivo e focar o cadáver frio à sua frente.

— É normal sair tanto sangue assim? — perguntou Riaie ao perito que examinava o interior da boca da vítima.

Não eram apenas a parte de trás da cabeça e o cabelo que estavam pegajosos de sangue, o líquido também escorria de dentro da boca, e alguns dentes estavam danificados. Sem esperar pela resposta, Riaie perguntou por força do hábito:

— Pelo estrago no interior da boca, dá pra dizer que ele morreu no impacto contra o chão?

— Ainda não tem como saber. Não dá pra determinar com precisão, nesses poucos minutos, há quanto tempo ele morreu.

Ao ouvir a resposta, dita em uma voz suave, Riaie assentiu. Pois bem: a transmissão do programa musical era ao vivo, e nem uma hora havia se passado desde a queda de Kona. Mesmo que tivesse morrido antes de cair, até o momento de se preparar para subir ao palco, ainda estava vivo. E, ainda que se considerasse esse intervalo, não chegava a uma hora.

— Ele levou muitos golpes, tanto na frente quanto atrás da cabeça — disse o perito, estalando a língua.

— Então foi homicídio?

Riae não se preocupava em amenizar a situação. Às vezes, seu jeito direto incomodava algumas pessoas, mas, no ambiente de trabalho, havia quem gostasse dela justamente por isso. O perito com quem estava falando era um deles.

— Sim. A parte de trás da cabeça foi esfaqueada. Bem, tecnicamente, não dá pra descartar a chance de ter sido uma morte acidental, mas...

— Ora, pra quê essa formalidade toda? Se acreditasse se tratar de um acidente, não teria me chamado assim que chegou, não é?

— Tá, tudo bem... Admito que deu pra ver de longe — concordou, dando de ombros.

— Obrigada. Bom trabalho. — Riae se despediu e virou as costas.

— Que proximidade toda é essa? — resmungou Kyeongwon, colado atrás dela, demonstrando certa frustração.

Fingindo não ouvir a pergunta, Riae começou a examinar cada canto do palco. A plataforma elevatória em que Kona havia subido permanecia suspensa desde o momento da queda. Quando Riae pediu que a descessem, um dos *staff* deu a ordem pelo rádio.

— É pra descer mesmo? — Uma voz trêmula saiu do aparelho.

Ao receber a confirmação, o sistema hidráulico começou a baixar aos poucos, emitindo um zumbido mecânico.

— Caralho... — Um gemido escapou da boca de Kyeongwon assim que o piso da plataforma ficou visível.

O sangue não apenas escorrera, como formara uma poça. Duas pequenas luzes embutidas no chão, uma de cada lado, também estavam cobertas.

No canto daquela cena caótica, viram um *staff* todo encolhido.

— Você ficou assim esse tempo todo?

— Mandaram eu não me mexer até os detetives chegarem...

Era o correto a se fazer, mas seria mesmo o caso de elogiá-lo? Não... E se ele fosse o culpado? Dizer algo como “deve ter sido difícil, bom trabalho” e depois descobrir isso seria um erro imperdoável. Enquanto Riae e Kyeongwon hesitavam, sem saber como reagir, o funcionário desceu da plataforma, desabou no chão e disse:

— Eu não fiz nada. Juro! Não fui eu...

Embora os sapatos estivessem ensopados de sangue, a parte de cima da roupa

e a calça, exceto pela barra, estavam limpas.

— É verdade. Fiquei de olho desde a hora em que subiu. Ele ficou naquela posição do começo ao fim — interveio o *staff* com o rádio.

— Você empurrou a vítima para fora da plataforma? — perguntou Riae, embora estivesse quase certa de que aquele funcionário não estava mentindo.

— Não! Ele cambaleou sozinho e caiu.

— Havia algum motivo para ter que ficar de cócoras ali?

— Eu precisava acionar os botões de subir e descer. Os botões ficam no painel dentro daquele compartimento, e como o Kona ficava pendurado do lado de fora, não tinha como ele apertar. Se tentasse apertar para depois voltar à posição, poderia não dar tempo. Além do mais, tentar se posicionar ali, sem apoio e no escuro, seria perigoso demais — respondeu, os olhos inchados.

— Com tanta gente perambulando por aqui, como ninguém percebeu que o Kona estava morto? Você subiu a plataforma sem nem falar com ele?

— Dizem que o Kona não respondia quando era alguém da equipe que ele não conhecia. E, realmente, durante o ensaio, quando eu avisei “Vou subir”, ele não falou nada. Na hora, não achei estranho. Também ouvi dizer que ele odiava que perguntassem mais de uma vez e ficava irritado, então eu só subi a plataforma sem dizer mais nada... — disse o homem, deixando a frase morrer no ar.

— Tinha um volume considerável de sangue no chão. Você não percebeu?

— Não achei que fosse sangue. Estava tudo muito corrido, nem passou pela minha cabeça conferir as coisas em volta. Tive que vir correndo para acionar o sistema e depois me agachar o mais rápido possível... Fiquei tão ocupado que nem consegui pensar direito...

Como se a ficha caísse conforme narrava, o *staff* começou a tremer. Ao sinal de Riae, Kyeongwon deixou o funcionário nas mãos de outro investigador e lhe deu algumas instruções.

Enquanto isso, Riae caminhava contornando as gotas de sangue espalhadas pelo chão até que, de repente, parou. Como se estivesse medindo algo, girou o braço à frente e então o ergueu.

— Mais ou menos aqui?

Dependendo do comprimento da arma, aquele ponto parecia o mais adequado para que alguém pudesse atingir tanto a parte frontal quanto a parte de trás da cabeça da vítima. Ainda na mesma posição, Riae virou o rosto e fixou o olhar na parede mais próxima, onde filetes vermelhos em diagonal lhe chamaram a atenção. Se o *staff* tivesse golpeado Kona, marcas de sangue com aquele

formato não deveriam estar lá, mas mais acima, próximas à altura em que a plataforma se encontrava. Aproximando-se da parede, Riae observou o padrão de projeção e traçou uma linha imaginária no ar.

— A altura... entre um metro e sessenta e um metro e sessenta e três — murmurou para si mesma, por hábito, levando a mão à altura das próprias sobancelhas.

Se houvesse, entre os homens envolvidos no caso, alguém com cerca de um metro e sessenta, seria um potencial suspeito; mas, pelo que Riae pôde perceber ao se aproximar do palco, ninguém se encaixava nesse critério. Mesmo que alguém tivesse essa estatura real, muito provavelmente usaria sapatos com salto embutido. Ainda mais se fosse um idol: faria de tudo para parecer mais alto ou ter proporções mais favoráveis. Sendo assim, poderia se tratar de uma mulher de estatura mediana ou de alguém que inclinou o corpo ao desferir o golpe, como um batedor de beisebol com o taco. Os cenários mais plausíveis apontavam para um homem baixo usando sapatos sem elevação ou uma mulher alta que se curvou para atacar.

Além disso, pelo tamanho das manchas de sangue...

— Não parecem pregos?

— É, parecem.

Em alguns pontos, as marcas de sangue se estendiam em fios longos, como macarrão. Tudo indicava que o objeto contundente usado como arma tinha vários pregos cravados.

Não foi difícil encontrar objetos semelhantes; tanto nas estruturas de cenário apoiadas na parede quanto nas vigas de madeira espalhadas pelo local. No entanto, não havia sinal de sangue em nenhum deles.

— Por que esse tipo de coisa fica espalhada por aqui? É perigoso — perguntou Riae, assim que o assistente de direção terminou de se apresentar.

Como o produtor não estava em condições de falar, o assistente viera no lugar dele para mostrar as imagens gravadas no momento do acidente.

— É o tipo de coisa que vira arma fácil — acrescentou Kyeongwon.

— Precisamos fazer *setup* e *strike* o tempo todo, por isso algumas ferramentas e materiais acabam ficando por aqui — respondeu o funcionário.

— Quer dizer que isto sempre esteve aqui? Não foi trazido hoje?

— Isso. Cada grupo tem um palco diferente, então tudo precisa ser montado

de acordo com cada apresentação. Essas coisas ficam guardadas ali na sala de equipamentos e depois são trazidas para cá. Quando a instalação termina, desmontamos tudo e repetimos o mesmo processo com o próximo cenário — explicou o assistente, erguendo a mão e apontando para um espaço mais ao fundo, do lado oposto à plateia.

— Mesmo assim, não acha perigoso demais deixar algo com pregos expostos, sem nenhuma medida de segurança?

Diante do apontamento de Kyeongwon, o assistente pareceu constrangido.

— Em tese, o certo seria remover tudo, mas não há tempo para isso. A menos que as pré-gravações fossem feitas em um local externo ou em outro estúdio, temos que usar este espaço. E não são só um ou dois grupos; os conceitos são todos diferentes, então fica inviável desmontar tudo a cada vez.

— E isso também demoraria um bocado.

— Exato.

Conseguir uma arma naquele lugar seria moleza. Nem precisava ser um objeto com pregos ou um pedaço de madeira; o que não faltava eram ferramentas de todo tipo espalhadas pelo chão. Tampouco seria difícil fugir com a arma após o crime. Mesmo no breve momento em que Ria se pôs a refletir, um idol e um *staff* conversavam recostados a uma viga. Um suspiro escapou involuntariamente dos lábios dela. Tinha a sensação de que aquele caso lhe daria uma baita dor de cabeça.

— É aqui.

O assistente de direção parou e apontou para uma porta com a placa SALA DE MÍDIA. Em seguida, indicou a enorme tela que ocupava quase toda a parede e, logo abaixo, dois botões de controle giratórios. Explicou que, ao girá-los, era possível acessar o trecho correspondente ao horário desejado. Depois de dizer que não tinha coragem de assistir àquela cena outra vez e que, enquanto os policiais analisavam o vídeo, faria o upload dos arquivos para que pudessem consultá-los mais tarde, o assistente se afastou. Assim que ele virou as costas, Kyeongwon se apressou a girar o botão e dar início à reprodução.

Gritos da plateia irromperam sobre a tela escura. Em meio ao silêncio que se seguiu, uma voz cristalina ecoou; talvez por não estar acompanhada do instrumental, a impressão era de que a canção vinha dos céus. Um integrante do ROME, de cabelo azul-turquesa em tom pastel, surgiu vagarosamente de debaixo do palco, um joelho apoiado no chão. Os berros dos fãs, ainda mais altos, preencheram o espaço, como se quisessem substituir o acompanhamento musical.

Em seguida, mais dois integrantes do grupo entraram pelas laterais do palco e, revezando-se entre um verso e outro, avançaram em direção ao centro. Vestindo togas, eles entoavam uma canção que expressava a perplexidade diante de um destino que os obrigava a carregar um fardo tão pesado, além do ressentimento em relação ao mundo. Juntos, o integrante de cabelo prateado e o de cabelo castanho-escuro ajudaram o integrante de cabelo azul-turquesa a se levantar. Com expressões solenes, carregadas de determinação, os três rasgaram suas vestes e se viraram, erguendo o olhar para o alto.

Naquele instante, as luzes na parte superior do palco se acenderam. Lá, um homem de toga, usando uma máscara branca e uma coroa de louros, flutuava no ar.

— Apolo...? — murmurou Riae.

Enquanto isso, o canto de Kona, o homem suspenso no ar, ressoava feito um eco no coração das montanhas.

Assim que o solo intenso da guitarra elétrica teve início, as asas presas às costas de Kona esvoaçaram, como se ganhassem vida. Porém, em vez de alçar um voo suave e pousar com leveza no palco, como o movimento sugeria, o corpo de Kona pareceu inclinar-se para a frente e, em seguida, despencou, atingindo o chão violentamente. Tudo aconteceu em um piscar de olhos.

Após alguns segundos de um silêncio gélido, uma gritaria generalizada tomou conta da plateia. Riae lançou um olhar de relance para Kyeongwon. Com ar de quem já estava acostumado àquilo, ele apenas voltou o vídeo ao início e deu *play* de novo, sem fazer nenhuma pergunta.

— Ali! Sangue!

Enquanto reassistia à cena em que Kona estava pendurado, Kyeongwon apontou para a tela com o indicador. Olhando com mais atenção, dava para ver que um filete de sangue de fato escorria pelo pescoço, logo abaixo da máscara.

— Acho que podemos considerar que ele já estava morto quando foi içado.

— Ou então sofreu um ferimento grave, mas conseguiu se manter vivo por um fio até pouco antes da queda, morrendo ao atingir o chão.

— É horrível pensar que ele ainda estivesse respirando nesse estado. Mas imaginar que o *staff* responsável pela plataforma hidráulica tenha estendido as mãos, empurrado Kona e depois agido como se não soubesse de nada... sendo sincero, não me parece provável.

— Também acho. E, se alguém o tivesse empurrado, a queda teria sido bem mais brusca. Pelo que a gente viu no vídeo, ele cai bem devagar, quase deslizando, não é?

— E, com aquelas asas, não é como se ele estivesse voando de verdade... Ele devia estar preso a um mecanismo. Não teria como alguém derrubá-lo daquele jeito.

Então por que ele não caiu antes? A subida da plataforma hidráulica não é estável; se ele já estivesse sem força nos braços e nas pernas, teria caído com facilidade. Enquanto refletia, Riaie se lembrou de algo que havia visto no local do incidente.

— Os refletores.

Se o palpite estivesse correto, os equipamentos deveriam ter sido instalados de modo a iluminar Kona por trás, a partir de um ângulo inferior, criando o efeito de uma auréola. No entanto, os que ela vira mais cedo estavam apontados em direções diferentes. Riaie recordou-se do objeto em forma de moldura e com bordas afiadas pendurado à frente de um dos refletores — o único que, na imagem, iluminava um lado distinto. A barra da toga de Kona estava rasgada; portanto, havia a possibilidade de que a queda tivesse sido retardada pelo tecido que ficara preso naquela extremidade pontiaguda.

Contudo, não era apenas o momento da queda que a incomodava.

— Mas... e a música? Ele parecia estar cantando ao vivo.

— Muito provável que não. Deve ter sido gravada pra soar como se fosse, incluindo a respiração ofegante. Isso é bem comum.

— Pra quê? Nesse caso, não é só tocar a faixa do álbum?

— Talvez pra dar mais realismo, sabe? Afinal, a sensação de ouvir alguém cantando de verdade no palco, respirando logo ali, é diferente de só dançar com a música tocando.

Riaie franziu a testa, como se não estivesse convencida.

— É para os fãs sentirem aquela presença: o idol cantando bem na sua frente, a voz saindo, o fôlego indo embora. Esse tipo de detalhe importa mais do que você pensa.

— Mas isso não é ao vivo. Qual o sentido de se dar a todo esse trabalho em vez de usar a música pronta?

Com uma expressão de quem diz “você não entende”, Kyeongwon parecia prestes a acrescentar algo, quando o assistente de direção se aproximou.

— Aqui está o *cue-sheet* que vocês mencionaram.

Riaie pegou as folhas e começou a examiná-las. Nelas constavam, organizados em forma de tabela, o título das músicas, a duração de cada performance, o nome dos artistas, os equipamentos de som necessários, além dos deslocamentos no palco e dos pontos de entrada. Ela franziu a testa ao tentar decifrar a tabela,

difícil de compreender à primeira vista. Diante da reação dela, o assistente explicou:

— Antes do show do ROME, estávamos transmitindo outra apresentação em um set diferente. Quando o sinal foi direcionado para este estúdio, o Kona já estava pendurado à frente da plataforma, que começou a subir antes mesmo da deixa. O botão fica na lateral da plataforma e é acionado por alguém da nossa equipe. Pelo mesmo funcionário que vocês viram mais cedo, aliás.

— O responsável por acionar a plataforma precisa mesmo ficar lá o tempo todo?

— Sim. A plataforma só sobe enquanto o botão permanece pressionado.

— O próprio Kona não poderia fazer isso?

— Bem... isso seria complicado. Poderia acontecer de ele acabar se enroscando nas treliças ou em algum outro objeto durante a subida, por isso, o equipamento tem que ser monitorado até a hora de parar, por questão de segurança.

As respostas não variavam muito, mesmo perguntando a outras pessoas. Riae concluiu que já podia descartar a possibilidade de o crime ter sido cometido pelo *staff* do elevador hidráulico.

— Existe algum motivo específico para a plataforma subir antes de os artistas aparecerem cantando? Pelo que sei, a entrada no palco é demorada, então eles ficam um bom tempo lá à toa, esperando, não?

— É que o barulho da máquina pode acabar sendo captado. Não que a plataforma faça um ruído estrondoso, mas pode atrapalhar a transmissão ...

— Captado?

— Ah, quer dizer que o som pode vazar para o áudio.

— Então devo presumir que, quando Kona estava lá em cima, ele não estava cantando ao vivo?

— Ah, essa parte provavelmente foi gravada antes. Não por causa da questão do ruído que mencionei agora, mas por segurança. Lá em cima tem alguns dispositivos de proteção, mas nunca se sabe. O combinado era que ele se segurasse firme na plataforma, com os braços para trás, e, como é difícil cantar nessa posição, devem ter decidido pré-gravar.

Depois de ouvir o esclarecimento, Kyeongwon lançou a Riae um olhar que dizia “viu só?”. Ela não entendia de onde vinha tanto orgulho, mas aquele jeito brincalhão dele acabou aliviando um pouco o peso que vinha se acumulando em seu peito.

— Então, é possível ouvir o que foi captado pelo microfone do Kona antes e

depois de ele subir ao palco?

— Não. Por mais que o microfone preso ao corpo dele estivesse ligado, o *master* da mesa de som, que controla o volume de todos os microfones, estava zerado.

Quem se apresentou no palco antes do ROME? E se o criminoso tivesse agido no caminho para o camarim, logo após a performance? Riae examinou a ordem das apresentações no *cue-sheet*. Imediatamente antes do ROME, vinha o Star Kids; antes deles, o PARADISE. Kyeongwon esticou o pescoço por cima do ombro de Riae para espiar a tabela.

— A Cecile não está na lista? — perguntou ele ao assistente de direção. — Ela vai fazer uma pré-gravação em outro palco?

— Não, ela não está em período de promoção agora.

— Ah... entendi.

Enquanto Kyeongwon se lamentava, o assistente se retirou para ir atrás dos grupos que ainda seriam entrevistados pelos policiais. Graças à agilidade dele, estava sendo de grande ajuda no local. Ainda assim, sem parecer se dar conta da própria eficiência, o homem apenas acelerou o passo, em direção à próxima tarefa.

— Até numa situação dessas você não consegue deixar de lado seus interesses pessoais?

— Ué, tá com ciúme?

Riae respondeu com um riso irônico.

— A Cecile é diferente dos outros idols — defendeu-se Kyeongwon, fazendo beicinho.

— Você diz isso, mas nem sabe se ela está em período promocional ou não.

— É que eu sou meio universalista quando o assunto é K-pop. Gosto de tudo, não sou fã de um idol específico. Só que a Cecile é especial, vai! Não me diga que nunca ouviu falar dela, *sunbae**?

Quando Riae reagiu com indiferença, Kyeongwon fingiu estar em choque e começou a fazer um drama exagerado.

— Como assim você não conhece a Cecile?! Tem certeza de que não passou esse tempo todo como agente secreta fora do país em vez de trabalhando no interior? Ou estava hibernando? Criogenizada, talvez...?

Riae olhou de canto para Kyeongwon, sem paciência para aquelas piadas sem graça. Ele riu, meio sem jeito, e abriu a galeria do celular, deslizando o dedo pela tela algumas vezes.

— Quantas fotos de celebridades você tem aí?! — alfinetou Riae, olhando

para a imagem que Kyeongwon praticamente enfiara no rosto dela.

— Só olha direito, tá bom? Aí você vai entender de uma vez.

— Hã, essa não é aquela lá? A que apareceu usando a roupa do avesso?

A fotografia mostrava uma garota caminhando com o rosto sonolento e usando as roupas ao contrário. Uma garota que olhara espantada para as próprias roupas depois que o agente lhe chamara a atenção. Uma garota que, ainda assim, sorrisse de orelha a orelha e seguisse em frente, confiante, como se não houvesse nada de errado.

Até mesmo Riae, que nunca tivera grande interesse por celebridades, idols e afins, não poderia deixar de concordar que aquela foto tinha um charme especial, não à toa viralizara. A garota sustentava, ao mesmo tempo, confiança e graça — uma combinação que não passava despercebida.

— Aham! Você também já experimentou, *sunbae*? O “visual Cecile”?

Talvez porque todos compartilhassem da mesma impressão de Riae, a mania de usar a roupa do avesso virara moda por um tempo e fora apelidada de “visual Cecile”.

— Não acha estranho copiar até o erro de uma pessoa só pra tentar imitar o charme dela? Eu não teria coragem. Acho desleixado demais. Ela é um caso à parte.

— Não é? Ficou fofo porque era ela. Não é qualquer um que consegue imitar e virar uma Cecile.

Alguém que não pode ser qualquer um. Uma presença única, cativante. Ao pensar nesses adjetivos, o rosto de alguém que Riae conhecera no passado lhe veio à mente e logo se dissipou.

— O ROME não é da mesma agência que o CREME?

Apesar da pergunta repentina de Riae, Kyeongwon desatou a falar na mesma hora, como se alguém tivesse apertado o botão da função “resposta automática”:

— Não. O ROME é de uma agência grande, a H.G. Entertainment. Já o CREME é da Iconition. Se bem que a Iconition também é grande. É que antes tinha o conglomerado S Group, a Iconition e a H.G., que formavam o chamado “Big 3”, mas isso já é coisa do passado. Hoje faz mais sentido falar da Iconition e da H.G. como as duas gigantes da indústria. Será que você não está confundindo com o PARADISE, *sunbae*? Eles também são um *boy group*, só que um integrante saiu faz um tempo, então passaram de cinco para quatro membros. O ROME sempre foi um quarteto. Mas, pera, você conhece o CREME? Prefere idols femininas?

— Na verdade, não.

— CREME... Nossa, esse nome me traz tantas lembranças! Sinceramente, aquela idol, a Ban Illa, que era conhecida como Vanilla, foi quem carregou o grupo e a empresa nas costas. Quer dizer, pelo menos até se aposentar, porque, depois disso, a Cecile passou a sustentar a Iconition sozinha. Tanto que dizem por aí que foi a Ban Illa quem comprou o terreno da nova sede da empresa, e foi a Yeon Cecile quem bancou a construção do prédio. Claro que é só modo de falar, mas, se parar pra pensar, nem é um exagero tão grande assim. Afinal, a popularidade delas era muito maior do que a de todas as outras integrantes dos respectivos grupos juntas. As duas são incríveis, mas, pra mim, a Cecile é a idol de verdade.

— Existe isso de verdadeiro e falso nesse tipo de coisa?

— É que o *timing* foi tão perfeito que pareceu obra divina. A Ban Illa, que era o pilar da empresa, acabou se aposentando de um jeito meio escandaloso. Todo mundo achava que aquela pose de vilã não passava de uma persona; ninguém esperava que ela fosse realmente sair xingando alguém no meio da rua. Foi bem nessa época que a Cecile despontou, e, se não fosse por ela, a Iconition também teria afundado e virado só mais uma agência mediana. Enfim, foi por causa de Yeon Cecile que eles conseguiram se manter como uma das duas maiores agências de entretenimento.

Illá, Ban Illá. Ao ouvir o nome que não escutava havia tanto tempo, Riaé sentiu o coração pesar de repente. O sorriso frio da dona daquele nome lhe veio à mente. Para afastar a sensação gélida que brotava no fundo do peito, ela apenas deixou escapar um risinho de desdém, carregado de desconforto, depois desviou o olhar depressa, passando a observar o entorno.

Bem na hora, uma *staff* lhe entregou uma folha com a lista de participantes que Riaé solicitara. Mal Kyeongwon terminou de agradecer, a mulher já apressava o passo de volta pelo caminho de onde viera.

Riaé franziu a testa ao olhar a lista. Sem dúvida, ela facilitava mais do que o *cue-sheet* na hora de identificar quem havia subido ao palco, mas, para alguém que não fazia ideia de quantos integrantes havia em cada grupo, era impossível calcular o número total de idols presentes. Como se não bastasse, quase todos os nomes dos grupos eram em inglês, o que tornava a distinção ainda mais difícil. Para quem acompanhava esse universo, talvez não fosse esse bicho de sete cabeças...

— O ROME é o grupo do Kona, são quatro integrantes. O *girl group* da mesma empresa... como não está na lista, imagino que esteja em hiato. E aqui embaixo, onde está escrito Louis XX, é um cantor solo. Ele é ainda mais famoso

que o Kona, então você provavelmente já ouviu falar. Ele é tipo um fenômeno; perto dele o sucesso do ROME é brincadeira de criança. Esses dois são da H.G. — Percebendo o embaraço de Ria, Kyeongwon logo engatou mais uma rodada de explicações. — Já da Iconition, temos o JUICE, um duo feminino, e o PARADISE, um *boy group* de quatro integrantes. Eles são rivais do ROME, só que o grupo nunca mais foi o mesmo depois que o Laika saiu, há dois anos.

— Isso quer dizer que pode haver algum tipo de ressentimento?

— Hum... Não é algo totalmente fora de questão. Pode ter rolado alguma briga por causa da competitividade, e até existem alguns rumores desse tipo, mas... isso a gente vai ter que apurar melhor, né? Na sequência vêm os artistas da MNM Entertainment: o Star Kids, um *girl group* com treze integrantes, a solista Blue Rabbit...

Mesmo com as explicações de Kyeongwon, Ria continuava sem conseguir entender quem era quem, qual idol pertencia a qual grupo ou quais interesses estavam em jogo. Para começar, já era difícil guardar todos aqueles nomes. Em comparação com os grupos da geração anterior, que estavam na ativa quando ela era mais nova, os atuais atuavam em outra escala — uma bem maior —, com um número de integrantes que variava de, no mínimo, quatro a, em alguns casos, cerca de vinte.

— O JUICE é o que sobrou do FAIRIES, o grupo do qual a Cecile fazia parte originalmente. Depois do *disband*, a Malgeum debutou na carreira solo, e a Doha virou atriz. Fora essas, ainda tinha mais duas: uma abandonou a indústria do entretenimento, e a outra... bem, segue mais ou menos ativa.

— Estou viajando. Você começou a falar sem parar, e eu não consegui entender nada. Como eu vou saber como isso tudo funciona?

— Fique tranquila. Eu vou te guiar direitinho pelo mundo idol!

— Já deu por hoje, tiozão.

Por mais que tivesse respondido com a indiferença de sempre, Ria estava genuinamente agradecida pelo fato de Kyeongwon dominar tão bem aquele universo. Se seu parceiro fosse outra pessoa, ela teria perdido tempo perguntando sobre cada um dos detalhes que escutara até então. E muito menos teria tido ajuda para discernir quais perguntas fazer para chegar mais perto da verdade.

Enquanto seguia para o camarim no fim do corredor onde os integrantes do

ROME estavam reunidos, Riaie passou os olhos pelas outras salas ao longo do caminho. Vislumbrou um grupo de *staff* consolando uma colega aos prantos; alguém debruçado sobre uma mesa; pessoas falando no telefone com uma expressão transtornada ou trocando mensagens de texto.

Assim que Riaie entrou no camarim, três pares de olhos se voltaram para ela ao mesmo tempo. Sobre a mesa, estavam jogados vários celulares, bolsas de grife, itens de maquiagem, copos de café descartáveis já vazios, sanduíches pela metade e coisas do tipo.

Antes mesmo que Kyeongwon ou o *manager* os apresentassem como policiais, os integrantes já haviam se curvado em cumprimento. Riaie e o parceiro espelharam o gesto e ofereceram condolências.

A visão de todos os três garotos tremendo feito filhotes de cachorro molhados despertou em Riaie, que em geral mantinha uma postura rígida, uma pontada de compaixão.

Com delicadeza, Kyeongwon procurou consolá-los.

— Imagino que estejam muito abalados, mas, para capturarmos o culpado pela morte do Kyung Kona, vamos precisar da ajuda de quem o conhecia.

Com isso, esforçando-se para conter as emoções, o grupo se comprometeu a colaborar da melhor forma possível, o que tornou o clima bem mais propício ao diálogo. Para Riaie, que nunca teve tato para quebrar o gelo, a personalidade expansiva e calorosa do colega era um grande trunfo. Por isso, mesmo trabalhando juntos havia pouco tempo, os dois formavam uma ótima dupla.

— Vocês sabem de alguém que não se dava bem com ele ou que pudesse ter guardado rancor? Algo lhes vêm à mente? — perguntou Riaie.

Os integrantes se entreolharam com uma expressão de desconforto.

— É que...

— Tem muita gente que não se dava bem com ele...

Riaie notou a surpresa no rosto de Kyeongwon ao ouvir aquilo, embora ele a tivesse disfarçado logo em seguida.

— E vocês sabem por quê? Poderiam dar algum exemplo, algum episódio ou motivo específico?

Foi o *maknae*^{**}, o de cabelo azul-turquesa, quem respondeu primeiro:

— Ele gostava de tirar sarro das pessoas... Pra ele, talvez fossem só brincadeiras, mas... eram coisas que acabavam incomodando os outros. Se descobria algo que alguém queria manter em segredo, implicava com a pessoa, meio que dando a entender que poderia contar pra todo mundo...

— Então ele era bem brincalhão.

— Não era só isso. O problema é que os segredos que ele usava para provocar iam desde coisinhas bobas até questões pessoais, que ninguém queria desenterrar.

— Ele não sabia quando parar — interveio outro integrante, dando continuidade às palavras do *maknae*, num tom sombrio. — Chamar de piada até cola uma ou duas vezes, mas ficar pegando a fraqueza dos outros pra sacanear e continuar forçando a barra... Foi por isso que ele quase saiu na mão com os caras do PARADISE.

— Mas isso não foi porque vocês são grupos rivais? Talvez tenha tido algum atrito, ou algo assim.

— A rivalidade é só midiática. A gente tem uma relação tranquila. O vocalista principal deles era do nosso grupo na época de trainee.

— E como ele foi parar no PARADISE?

— É bem comum trainees mudarem de agência se acharem que não vão debutar tão cedo — respondeu o líder. — Ou, quando alguém é muito bom, acabar sendo recrutado. As empresas “roubam” talentos umas das outras, por assim dizer.

Kyeongwon assentiu, apertando os lábios. Quando Riae perguntou qual fora o motivo da briga entre Kona e os integrantes do outro grupo, o *maknae* respirou fundo, como quem cria coragem, e respondeu:

— Vocês sabem que o Laika saiu do grupo por estar tendo dificuldades com a fama, não sabem?

— Sim. Ouvi dizer que ele sofria de transtorno do pânico. É verdade? — respondeu Kyeongwon.

O garoto suspirou.

— Se você é amigo dele e ouve alguém zombando disso, não tem como simplesmente ficar calado.

Kyeongwon e Riae soltaram um suspiro pesado ao mesmo tempo.

— E com vocês, ele nunca teve problemas? Afinal, não foi pouco tempo de convivência — perguntou Riae.

O silêncio que pairou a seguir, por si só, já dizia muito. Pouco depois, o líder do ROME suspirou e falou:

— Eu estaria mentindo se dissesse que não, mas... acho que nada que não tenha ficado entre a gente.

Riae inclinou a cabeça, como se quisesse saber a que tipo de coisa ele se referia.

— Sinceramente? A gente desistiu. Porque, quando começávamos a apontar

as coisas, acabávamos discutindo. E, no fim, nada melhorava. Só desgastava todo mundo — comentou o mais jovem do grupo.

Então, o integrante de cabelo castanho fechou os olhos com força e acrescentou:

— É por isso que estávamos sempre pisando em ovos. Mesmo ganhando o primeiro lugar em programas musicais, batia a ansiedade. Durante a preparação de um álbum, ficava aquele medo de que alguma coisa fosse explodir na nossa cara, aquela preocupação constante, porque vai saber o que ele andava aprontando por aí.

— Então havia algo prestes a explodir? — indagou Ria, indo direto ao ponto. Mais uma vez o camarim foi tomado pelo silêncio.

— É que... ele era meio irresponsável. Saía pra beber com pessoas que a gente nem conhecia direito e coisas assim.

— Vocês são jovens. Sair para beber e se divertir com colegas de outros grupos não parece algo tão grave assim — falou Ria, simulando um tom ingênuo.

O *maknae* deu de ombros e respondeu:

— Ele dizia que era com o nosso *manager*, com o pessoal da diretoria da agência, e às vezes até chamava a gente pra ir junto... mas, pra falar a verdade, dava a impressão de que havia um grupinho com quem ele saía escondido...

— A gente não sabe direito — interveio o líder. — Também não queremos ficar aqui especulando nem falando mal de alguém que não está mais aqui. De qualquer forma, ele foi um colega com quem passamos bons e maus bocados por bastante tempo.

O tom dele era firme, como quem deixava claro que não responderiam mais nada a respeito do lado boêmio de Kona. Ria optou por mudar de abordagem.

— Sei que é difícil, mas vocês vão precisar nos contar em que pé as coisas estavam no momento do incidente. Vimos pela gravação que cada um de vocês apareceu no palco vindo de um ponto diferente. Conseguem nos dizer do que se lembram? Quanto tempo levaram para chegar no lugar marcado, quem permaneceu no camarim...

— Eu tinha ido à plataforma um pouco mais cedo. Acabei conversando com o *staff* que estava lá, e descobri que ele estudou na mesma escola que eu e ainda fez parte do mesmo clube que meus amigos. Como descí antes de todo mundo, não sei dizer quem ficou no camarim — respondeu o *maknae*.

— Nós fomos os últimos a sair do camarim — explicou o líder, em seguida. — Entramos no palco por lados diferentes, mas precisa estar sincronizado. Não

pode ser cada um por si. Por isso, ficamos aguardando até alguém da equipe vir nos avisar que é a nossa vez; aí começamos a nos mover, e, chegando na marcação, o *staff* de lá sinaliza para o outro que estamos prontos.

— Então existe um intervalo de mais ou menos um minuto?

— Sim.

Pouco mais de um minuto era um tempo curto demais para que alguém golpeasse outra pessoa tantas vezes e ainda retornasse ao lugar demarcado.

— Por que o Kona saiu sozinho?

— Ele disse que ia na frente e foi sozinho para a plataforma hidráulica. Como tinha mania de ficar zanzando por aí e se metendo em tudo, ninguém achou estranho e a equipe só deixou pra lá. Não é como se adiantasse pegar no pé dele. Não escutava ninguém mesmo.

— A senhora quer saber se ele voltou ou não para o camarim, né? Mas isso eu realmente não sei. Só me lembro de ter ouvido pelo rádio que ele já estava em posição. Quer dizer... pelo menos até o fim, ele estava...

O líder, que vinha complementando a fala do *maknae*, deixou a frase morrer no ar, e, com isso, o semblante dos demais integrantes também se apagou.

— Então, naquela hora, todos vocês já tinham ido se posicionar, e as únicas pessoas que estiveram no camarim foram vocês quatro?

— A Malgeum passou por aqui rapidinho e...

Às palavras do integrante de cabelo castanho, Riaé percebeu os outros garotos virando a cabeça simultaneamente e lançando um olhar para o colega, em um movimento brusco.

— Ah, não, espera. — O rapaz apressou-se em corrigir, ao perceber o deslize.

— Não foi hoje, não... troquei com outro dia. Desculpe, minha cabeça está confusa com tudo o que está acontecendo...

Embora houvesse detectado a mentira, Riaé respondeu com um simples “entendo”, fingindo não dar importância. Quase ao mesmo tempo, ouviu o som frenético dos dedos de Kyeongwon digitando no celular, como se estivesse traduzindo os pensamentos dela.

Mal haviam dado alguns passos para fora do camarim, Kyeongwon começou a resmungar:

— Caramba... Eu não esperava por isso. Eu jurava que ele era super gente boa... Fiquei chocado. Sempre foi essa a imagem que ele passou para o público.

Será que fui ingênuo em cair nessa? Não, mas mesmo assim... Como alguém podia ser tão diferente?

Riae fingiu não escutar o desabafo, mas conseguia entender, em parte, o motivo da decepção de Kyeongwon. Kona havia marcado o imaginário do público como um jovem alegre e decente. Até mesmo Riae já tinha ouvido falar que, por conta de várias boas ações, ele ganhara o apelido constrangedor de “bom samaritano”.

Como se não bastasse, Kona também era chamado de “garoto literário”. No entanto, ao ouvir essa alcunha durante as perguntas de Riae, uma idol respondeu com uma risadinha de escárnio:

— É só postar a foto de um livro nas redes sociais e pronto: “Garoto literário”. Que moleza é viver nesse mundo, não é mesmo?

— Dei uma olhada no perfil dele e parece que ele postava resenhas também. Está dizendo que ele não lia os livros, então? — perguntou Kyeongwon.

A idol riu, incrédula:

— Pff, aquilo? Sabe como ele fazia? Mandava o *manager* ou algum novato ler, depois pedia pra prepararem uma resenha, como se ele fosse um grande intelectual. Aí só pegava o que interessava, fazia um resumo e postava.

Pela forma como risadinhas contidas ecoaram aqui e ali, todo mundo já estava familiarizado com aquela história.

— Quando eu via alguma entrevista com ele, parecia até outra pessoa. Como é que podia mentir tão bem? Às vezes, chegava a soar como se estivesse negando a própria existência, sabe? O Kyung Kona de verdade e o que ele mostrava pro mundo eram pessoas completamente diferentes.

— Eu nunca dei mole pra ele, mesmo assim vivia me chamando pra ir ao “lance secreto”. Eu odiava isso. E, quando recusava, ele ainda começava a infernizar dizendo que era falta de respeito com um *sunbae*.

A repulsa aflorou no rosto das outras idols que ouviam o interrogatório.

— “Lance secreto”? — perguntou Riae.

A idol hesitou por um instante antes de explicar:

— É a saída de emergência no fim do corredor dos camarins. O pessoal costuma usar para se pegar. Fica fora de vista, não tem janela e ninguém entra por fora.

— Ah... Um lugar para namorar escondido, então?

— Isso. Este prédio é ligado com o do lado, mas a passagem fica no terceiro andar, então dá tempo de se esconder caso escute alguém chegando. Agora, chamar uma pessoa pra lá sem nem estarem saindo? Só pode ser pra se declarar

ou pra tentar alguma coisa esquisita. No caso do Kyung Kona, com certeza era a segunda opção.

Em conversas com outros idols, quase não se ouvia relatos favoráveis a Kyung Kona.

— “Bom samaritano”? Uma boa influência? Me dá uma raiva toda vez que alguém descreve o Kona desse jeito! No fim das contas, só precisa ter pinta de certinho, então? Dá até preguiça de tentar viver direito... — disse um dos membros do PARADISE, em um tom quase tão inflamado quanto o do vermelho do cabelo.

— Ele se mostrava algo que não era? — perguntou Riae com neutralidade.

O ruivo ergueu uma das sobrancelhas e respondeu:

— Com certeza. Ele fazia questão de aparecer só pra tirar as pessoas do sério. Ficar falando dos segredos delas de um jeito sugestivo era um clássico; se ele percebia que elas ficavam mal com isso, pior ainda. Chegava ao ponto de zombar até de gente passando por dificuldades, em vez de oferecer apoio. Sempre foi assim. Sempre. Nem depois do *debut* ele amadureceu... Como pode? Não entendo como um ser humano conseguia ser tão perverso. Sabe como é, né? Às vezes as pessoas podem não se dar bem, ter alguma questão e acabar se magoando, mas ainda tentam resolver ou pelo menos fingem que foi sem querer, que tinham boas intenções. Mas aquele cretino? Não fazia o menor esforço. E não para por aí: ele acabou com o emocional das meninas com quem se envolveu, vivia levando os amigos e os novatos para o mau caminho...

— Mau caminho?

— É. Por mais que ir em festas e fazer *networking* façam parte do nosso trabalho, ainda somos seres humanos, né? Não cachorros.

— Ei, não ofenda os cachorros! Onde já se viu? — retrucou outro integrante do PARADISE, que escutava a conversa atrás deles.

— O que ele fazia, exatamente?

— Coisa suja. Não sei detalhes. Nunca participei; ele tinha a própria panelinha.

— Acho que nem os membros do ROME saíam com ele — complementou um terceiro integrante do grupo. — Só de trabalhar com o cara já devia ser um estresse constante; agora imagine conviver com ele longe dos bastidores? Não é do feitio deles...

— “Coisa suja”, tipo o quê? — insistiu Riae. — Precisamos de algo mais concreto.

— Não posso dizer. Só sei de rumores, e envolvem a vida pessoal das pessoas que me contaram. Talvez nem tenha relação com o caso, então não dá pra sair falando. Mas, pelo que ouvi, ele vivia saindo com uns idols e atores mais velhos e meio flopados, outros idols babacas e sem noção que ainda estão na ativa, caras bem mais velhos da empresa e *managers* totalmente fora da curva.

— E eles se reuniam com frequência?

— Não sei se era regular, mas dava pra perceber que rolava alguma coisa. Só de olhar, você via que tinha algo esquisito. Um idol da H.G. Entertainment andar grudado com um *manager* da Iconition muito mais do que com o próprio grupo, dentro do camarim? Não parece muito natural, né?

— Quem é esse *manager*? Ele está por aqui?

— Não. Foi o quê, lá pelo outono? Ele sumiu do nada. Vai ver ficou de saco cheio do trabalho, ou arrumou treta com esse pessoal do grupinho... sei lá. É tudo o que posso dizer. O nome dele era Park alguma coisa... Não lembro.

Riae assentiu. Nenhum dos idols presentes parecia disposto a dizer quem era o *manager* em questão, por mais que ela os pressionasse. Por isso, o melhor seria ir diretamente até a Iconition e investigar por conta própria. Lá, talvez conseguisse informações mais precisas do que simples rumores — como o motivo do desligamento do tal *manager* Park.

— Ninguém nunca tentou frear o Kyung Kona? Digo... quando ele passava do ponto falando demais, nas brigas, durante o trabalho, ou mesmo quando saía para se divertir? — perguntou Kyeongwon.

O ruivo balançou a cabeça e suspirou.

— Tentar, tentou, né. Mas acha que ele dava ouvidos? Quando ele zombou de alguém do nosso grupo, cheguei a dizer que ele não deveria agir assim, e sabe qual foi a resposta? “Ué, eu já faço um monte de doações. Isso não me dá um desconto? Se tá incomodado, tenta ganhar o tanto quanto eu ganho. Aí vai poder fazer o mesmo.” Pra ele, era como se nós dois fôssemos iguais, já que todo ser humano tem defeitos. Só que, por fazer caridade, ele se achava superior.

— Que lógica estranha. Imagino como deve ter sido desagradável receber esse tipo de resposta em vez de um pedido de desculpas.

— Fiquei irritado, claro. Mas fazer o quê? Ele realmente fazia essas doações e eu não ganhava o suficiente pra fazer o mesmo. Então, se o Kona achava mesmo que dinheiro comprava caráter, preferi não me meter mais com ele e ficar na minha, só xingando no meu canto.

Apesar de tudo o que dissera, a indignação do jovem ainda transbordava. Depois de uma pausa, continuou:

— Ele achava que podia cometer todo tipo de abuso e depois resolver com presentes de grife, aquele cretino. Não é como se ele fosse o único a agir assim, mas essa ideia deturpada de compensar o erro com coisas materiais é um desvio de outro tipo. Incomoda de outro jeito.

— O Kyung Kona chegou a falar isso com todas as letras?

— “Já que vocês não conseguem comprar isso com a própria grana, só aceitem a minha e vazem! Eu já paguei, não paguei? Então posso falar o que quiser”, foi o que tive que ouvir uma vez.

— Parece que a fama subiu à cabeça — acrescentou alguém um pouco mais ao longe. — Devia se achar invencível por ser o idol queridinho da Coreia. E, mesmo assim, olha no que deu... Acho que acabou colhendo o que plantou.

Outra voz soltou um “ei!” na tentativa de dissuadir quem quer que tenha feito o comentário, mas o ruivo concordou, sem hesitar:

— Não sei quem disse isso, mas falou tudo. Dá até um alívio ouvir.

Ao fim daquele interrogatório infrutífero, Riaie deu meia-volta, estalando a língua. O fato de todos falarem mal da vítima não ajudava em nada a reduzir a lista de suspeitos. De todo modo, quer Kona tivesse levado uma vida decente ou não, ela não estava lá para julgar o falecido. Só lhe restava engolir a própria frustração.



Sem tempo para saborear a amargura, Riaie foi atrás do assistente de direção e solicitou o link e a senha da nuvem onde estava armazenado o vídeo da transmissão ao vivo.

— Ah, que pena... — lamentou Kyeongwon, com ar infantil. — Poderia ter sido um dia em que a Cecile estivesse por aqui.

Riae balançou a cabeça, como quem já estava acostumada com aquilo. Nesse momento, o assistente inclinou o rosto, confuso.

— Ela não ia participar do programa hoje, mas chegou a dar uma passada aqui. Vocês não viram?

— A Cecile? Tem certeza? Não está confundindo com outra pessoa? — perguntou Kyeongwon, incrédulo.

O homem assentiu, convicto.

— Tenho. Há mais ou menos um mês ela disse que tinha perdido um diário.

Fiquei de olho, por via das dúvidas, e acabei encontrando, então guardei comigo. Hoje ela apareceu, deu uma olhada no monitor, pegou o diário e foi embora. Pensando bem, agora não sei se ela já tinha saído antes de tudo acontecer... Só me lembro de que, de repente, ela recebeu uma mensagem e saiu com uma expressão aflita, dizendo que precisava ir a algum lugar.

— Que lugar?

— Isso eu já não sei.

Riae e Kyeongwon trocaram um olhar silencioso.

Alguns passos adiante, Riae parou em frente ao camarim destinado aos *girl groups*, onde havia várias cestas de flores enfileiradas. Quem teria mandado?

— Como funciona a entrega de flores aqui?

— O entregador da floricultura é quem costuma trazer.

— E como ele consegue entrar? Precisa deixar a identidade na portaria? — perguntou Riae, lembrando-se das catracas no saguão de entrada da emissora.

O assistente de direção fez que não.

— Eles preferem nem entrar. Fica complicado pra eles, já que precisam sair depressa para pegar outro serviço. Normalmente, só deixam as flores lá na frente, e o *manager* do artista, eu ou alguém que esteja disponível recebe a ligação e vai buscar. Às vezes pedimos para irem deixando tudo ali, daí trazemos de uma vez. Dá trabalho, mas, se não fosse assim, esse lugar ficaria lotado de pacotes enviados por fãs e *haters*, além dos entregadores. Mas essas flores aqui... eu ainda não tinha visto. Não fui eu que trouxe.

— Um entregador conseguiria vir até aqui sem ser visto?

— Impossível — respondeu ele, de forma categórica.

— E entrar escondido, sem passar pelo saguão?

— Não tem como. Para isso, teria que entrar pelo acesso ao palco, nos fundos, ou pelos camarins. Mesmo assim, precisaria justificar a entrada, então daria na mesma.

— Por precaução, vou pedir para verificarem as câmeras e confirmar quem trouxe esses arranjos.

Kyeongwon assentiu, tirou fotos das cestas de flores com o celular e anotou o que Riae dissera de forma resumida. Enquanto isso, ela examinava as cestas. A maioria vinha adornada com fitas grandes e chamativas, trazendo o nome do idol a quem o presente era destinado e o do remetente, ou então o nome do grupo escrito em caligrafia elaborada — exceto por uma. Nela, em meio às flores, havia apenas um cartão de visitas. Riae o pegou.

VANILLA FLOWER

Sentindo a força lhe escapar, Riae quase deixou o cartão cair. Cerrou o punho com firmeza na tentativa de não demonstrar o quanto se abalara, mas Kyeongwon já a encarava com o olhar intrigado, notando a tensão em seu rosto. Ele não era exatamente perspicaz, nem do tipo calculista, mas, quando se tratava de Riae, captava as coisas no ato. E ela, mesmo sabendo disso, fingia não notar. Aquilo se repetia com tanta frequência que acabava esquecendo que momentos assim sequer tinham existido.

— Para quem são essas flores?

— Deixe-me ver... Ah, são para a Blue Rabbit. Hoje é o *comeback* dela — respondeu o assistente, após verificar um bilhete grampeado na lateral da cesta. Em seguida, especulou: — Será que foi ela mesma quem trouxe?

— Não, fui eu que recebi! — intrometeu-se uma *staff* que passava por lá, o rosto brilhando de empolgação. — Sabe a Ban Illa, a ex-integrante do CREME? Agora que se aposentou da carreira de idol, abriu uma floricultura. Não imaginei que ela viesse trazer as flores em pessoa, sério! Dei muita sorte!

Ao notar o olhar cortante do assistente, sinalizando que não era hora para aquilo, a funcionária ficou sem graça, fez uma breve reverência e se retirou.

Riae permanecia imóvel, perplexa. Tentava, à sua maneira, pôr as ideias em ordem.

Havia três possíveis acessos à área do palco: a rampa nos fundos, onde os artistas circulavam e os equipamentos eram descarregados; a entrada principal, que exigia passagem pelas catracas e controle dos seguranças; e a saída de emergência, anexa aos camarins dos artistas.

Riae abriu a porta da saída de emergência e inspecionou o “lance secreto”. No espaço escuro, tudo o que se via eram degraus gastos, iluminados pela luz verde da sinalização. Apesar do nome, a saída de emergência era estruturada de modo que fosse necessário subir até o terceiro andar para então sair no prédio A, onde ficavam o estúdio de rádio e a sala de edição. Ao checar as câmeras do prédio B, só era possível ver a equipe técnica envolvida nas apresentações. Embora também houvesse imagens de inúmeros espectadores entrando e saindo, não existia caminho algum que ligasse a plateia diretamente ao palco e, além disso, os acessos eram liberados em blocos após verificação de identidade — nada fora do comum.

Caso alguém tivesse entrado pelo prédio A e utilizado a escada de emergência para acessar o prédio B, onde ocorrera o crime, até poderia evitar as câmeras do

saguão e dos outros dois acessos, mas, de todo modo, acabaria inevitavelmente sendo registrado pelas câmeras do prédio A. Além disso, mesmo entrando no prédio B pela saída de emergência, ainda precisaria atravessar o corredor dos camarins para chegar à área do palco. Portanto, se fosse um completo estranho ou um funcionário da emissora sem relação com o programa, não haveria como passar despercebido da equipe, que estaria atenta a qualquer movimento fora do esperado. Assim, havia grandes chances de o autor do crime ser alguém com envolvimento suficiente com o programa a ponto de conseguir circular pela área do palco sem levantar suspeitas.

O acesso ao prédio A, por outro lado, era restrito a funcionários da emissora ou visitantes com credencial. Ao contrário do prédio B, que recebia um fluxo constante de pessoas de fora, como os espectadores, lá ninguém conferia quem saía do local. Por isso, o prédio A seria o ideal para quem quisesse se livrar da arma do crime, limpar quaisquer manchas de sangue e escapar sem deixar vestígios. Logo, se alguém com acesso interno tivesse evitado o prédio B, optando pelas inconvenientes escadas de emergência até o prédio A, isso por si só já era motivo para suspeita. Aquela luz de cor atípica, cúmplice de encontros amorosos secretos em dias normais, naquele dia teria iluminado a rota de fuga de um assassino.

As suspeitas recaíam, principalmente, sobre três pessoas. Havia relatos de testemunhas, mas nenhum registro nas câmeras de segurança do prédio B. Três pessoas que estavam presentes no momento do crime, mas que sumiram feito fumaça, como se jamais estivessem estado lá. Três pessoas que, mesmo sem um motivo claro para comparecer, fizeram questão de dar as caras e sair de fininho, sem passar pelo saguão do prédio B. Três pessoas, sem exceção, com altura entre um metro e sessenta e um metro e sessenta e cinco. Contatadas para prestar depoimento, não deram um retorno sequer, e, considerando o alvoroço causado no país inteiro, era impossível que não estivessem a par do caso. Ainda assim, nenhuma delas movera um dedo para tentar provar a própria inocência, por qualquer meio. Riae repassou mentalmente, um a um, os nomes das principais suspeitas.

Malgeum, Cecile e Illa.

Notas

* Termo usado para se referir a alguém experiente, que começou a fazer algo antes, seja estudar ou trabalhar. [N.T.]

** Termo usado para se referir a um membro mais novo de um grupo de K-Pop. [N.T.]

Querida Kitty

0320

E se existisse uma outra você no mundo, além de você? Mas e se essa outra não fosse você?

Deve estar pensando que papo é esse de repente, depois que desapareci por um mês. Ou talvez ache que andei lendo alguma história de *doppelgängers* por aí.

Mas não é nem uma coisa nem outra. E não sei se isso vai te deixar feliz ou não, mas vou te contar: existe outra Kitty além de você.

Pois é, “Kitty” nunca foi uma só. Tudo começou quando a pobre Anne Frank deu esse nome ao próprio diário em seu esconderijo durante a guerra. Eu apenas a imitei, então você não é nem o primeiro diário a se chamar Kitty.

O que eu nunca imaginei era que esse outro eu estivesse tão perto. E, ainda por cima, que fosse ninguém menos que aquela pessoa! Sim, a mesma de quem falei da outra vez. Aquela que se aproximou quando eu me encolhia em um canto, repetindo em silêncio “O que eu faço agora?”, enquanto ninguém mais queria ficar comigo. A luz radiante por trás do rosto que sorria para mim naquele momento não foi, de jeito nenhum, fruto da minha imaginação.

Você também não vai acreditar. Imagine só: alguém que se mostra tão inabalável e confiante diante dos outros ter um diário com o mesmo nome que o meu! Como você bem sabe, essa pessoa é muito diferente de mim. Não se deixa ser tomada pela melancolia e pela solidão como eu. Você precisava ver como caminhava pela mureta estreita do canteiro de flores na hora do intervalo — com passos tão leves quanto os de um ginasta sobre a trave! Parece dar conta de tudo e, por causa dessa personalidade tão luminosa, acaba atraindo todos ao redor.

Essa pessoa me contou que também se emocionou com *O diário de Anne Frank* e que, por isso, chegou a dar o nome de Kitty ao próprio diário. Na época do fundamental, escrevia um tal qual Anne Frank, mas um dia levou bronca da professora por usar linguagem informal quando o diário foi corrigido — o que acabou por deixar essa pessoa muito chateada... Depois disso, passou a escrever apenas o que comia e como tinha sido o dia, nada além disso. Uma história bem

a cara dela.

Não fui só eu; todo mundo ficou surpreso. Nunca tinha visto essa pessoa sequer encostar em um livro! Além disso, embora seja gentil na maior parte do tempo, às vezes levanta a voz ou tem atitudes mais agressivas, o que me deixa com o coração na mão. Mas fico pensando, de verdade, se isso não é justamente o que chamam de catarse — a expressão aberta das emoções. Acho que meus preconceitos falavam mais alto. Quando descobri que nossos diários tinham o mesmo nome, cheguei a sentir que aquilo era obra do destino. (Por favor, não ria! Estou falando sério.)

Tinha vezes em que essa pessoa estava ocupada ou falando ao telefone com outros amigos, e aí não havia muito o que fazer. Mas, na maioria das vezes, acabávamos conversando pelo celular tarde da noite, até o sono nos vencer. Foi por isso que não consegui vir até você. Por favor, me perdoe. Tenho tantas, tantas, tantas coisas para te contar sobre essa pessoa. Vou compensar o tempo em que estive ausente contando tudo, sem deixar nenhuma história de fora.

Estou transbordando de uma alegria que nunca senti antes. Às vezes penso como era injusto um mundo assim existir sem o meu conhecimento. A vida mudou rápido demais, e isso ainda me deixa meio perdida... Mesmo assim, é bom. O tédio desapareceu. Então, mesmo que eu acabe te deixando um pouco de lado, espero que tente me entender.

Não posso contar a ninguém, mas agora tenho um novo sonho. Um bem simples: um dia, quero poder proteger essa pessoa. Soa até meio ridículo dizer isso sem nem saber se tenho forças para proteger quem hoje me protege, mas, ainda assim... Um dia, quero retribuir tudo o que recebi. De coração.

O nascimento do monstro

- “Caso da morte do idol”, sério isso? — Riae soltou uma risada de escárnio.
- Que foi? Não curtiu? — perguntou Kyeongwon, dirigindo ao lado dela.
- Qual a necessidade de dar nome pra um caso desses? E ainda um tão... simplório.
- Você quis dizer “simplista”, é? — provocou ele.
- Pare de implicar com cada coisinha; você sabe muito bem o que eu quis dizer.
- É um título meio tosco, mas pelo menos não criaram uma narrativa simbólica sem pé nem cabeça. O que já é um alívio, vai.
- E desde quando isso é um “alívio”?
- Imagina se tivessem chamado de “Caso do assassinato profano”, por exemplo? Porque, se for olhar pelo conceito do grupo, seria como se um deus grego tivesse caído... Como você mesma disse ontem, *sunbae*, se a fase atual do ROME é inspirada em Apolo, o fato de ele ter morrido cantando uma música que funcionava como metáfora da expulsão de Apolo do Olimpo poderia até estar relacionado com o motivo do assassinato. Ou, ainda, como a pose dele depois da morte lembrava o advento de uma deidade... Quem ousou atacar o deus? Teriam matado uma divindade pra esconder algo? O que estavam tentando esconder? E quem? Seria um ser humano desafiando o sagrado? Ou teria sido o ato final de um deus que, incapaz de suportar o peso de seu posto, se atirou do próprio pedestal? Qual será a verdade? — dizia Kyeongwon, assumindo

um tom exageradamente dramático. — O nome do caso? “A queda do deus grego.” Ou então Ícaro, que voou alto demais. Teria sido arrogante por achar que poderia voar? Ou teria sido Dédalo ambicioso demais ao lançar ao céu um pássaro incapaz de voar?

— Tá bom, então. Que seja. Melhor deixar do jeito que está — cedeu Riae, sacudindo a cabeça com uma careta.

Até aquele momento, tanto o público quanto a imprensa já estavam em frenesi; imagine se manchetes ainda mais misteriosas, escritas para atizar a imaginação com títulos carregados de simbolismo, estivessem estampando todos os veículos... Só de pensar, já dava arrepios.

Sempre que se deparava com notícias acompanhadas de um título mais sensacionalista do que o necessário, Riae sentia vontade de trocar de canal. E não era por causa da violência. Ela já tinha visto casos muito mais brutais do que aquele — tantos que já estava até de saco cheio. Mais do que a atrocidade do crime em si, o que ela não suportava era ouvir reportagens cheias de especulações e palavras que, sob o pretexto de “informar os fatos”, cometiam ofensas com a maior naturalidade.

Na cobertura do “Caso da morte do idol”, as matérias, em sua maioria, exibiam como imagens de arquivo cenas de Kona cantando e dançando, dele chegando em primeiro lugar em uma corrida em um programa de variedades, do prédio onde acontecia o funeral, além de flores, fotografias e presentes deixados por pessoas enlutadas em frente à emissora e à agência. Era uma montagem que deixava o espectador confuso. Deveriam se comover com aquelas imagens, reunidas em uma espécie de tributo? Ou se entreter com uma narrativa que parecia tratar a morte como algo irrelevante?



Enquanto matavam a fome com *ramyun*, o inspetor-chefe Jung reagiu à notícia passando na televisão com um estalar de língua, como se espelhasse a opinião de Riae. Ele abria a embalagem de um *kimbap* triangular quando, levado por algum pensamento, virou-se para ela, de repente.

— Shin Riae, acha que dá conta?

— Do quê?

— Desse caso. Vai conseguir assumir?

— Quando foi que escolhi um caso?

— Mas esse você poderia recusar. Veio direto do delegado Jo, então se disser

que não dá, ninguém vai te obrigar. É um caso que está sendo comentado em nível nacional, precisava mesmo colocar logo na sua mão? Por que não chamaram outra equipe? Por que empurrar isso pra você, justo agora, quando já estou atolado de trabalho?

— Ué, mas quem está cuidando das câmeras de segurança é outra equipe...

— E isso resolve alguma coisa? Não precisa pegar se isso for te sobrecarregar.

— Por acaso o senhor não confia em mim?

— Você não entende que assumir um caso qualquer e assumir um caso sob os holofotes são coisas diferentes?

— Ora, se até eu entendo, como que a *sunbae* não ia entender? Ela não começou ontem. Talvez o delegado Jo só queira dar a ela uma chance de brilhar.

Nesse momento, ao ouvir Kyeongwon bancando o advogado de Riae, o chefe se engasgou com o caldo do *ramyun* e começou a tossir. Pegou o copo d'água oferecido pelo novato e bebeu em uma única golada antes de soltar uma gargalhada forçada.

— Uma chance de brilhar? Que ingênuo da sua parte. Desde quando você é assim?

Kyeongwon fez um bico em sinal de protesto, mas não retrucou. Jung olhou de um para o outro, e continuou:

— Vocês não acham nem um pouco estranho? Um caso desses, em que o país inteiro está de olho, sendo entregue nas mãos de alguém que não tem nem um ano em Seul, que até ontem corria atrás de pivetes em uma cidadezinha do interior? Isso aí é pra queimar alguém, na certa. Pra mim, tem cheiro de armadilha.

Riae esboçou um sorrisinho diante das queixas do chefe Jung. Ele era ignorante demais para entender a confiança mútua que existia entre ela e o delegado Jo — e talvez por isso mesmo Jo nunca tenha se dado ao trabalho de ter uma relação com o inspetor-chefe. Com esse pensamento, Riae sentiu uma pontinha discreta de superioridade lhe subindo pela garganta.

— Que tipo de jogada o delegado Jo teria contra um peixe pequeno como eu? O senhor só pensa assim porque não espera nada de mim. Mas não se preocupe, posso ter vindo do interior, mas já tive minha cota de assassinatos. Alguns até grotescos.

Jung franziu as sobrancelhas e a encarou em silêncio. Teria se incomodado com a maneira como ela falou “assassinatos” em vez de “casos de assassinato”? Riae não soube dizer.

— Sabe de uma coisa, chefe Jung? — intrometeu-se Kyeongwon. — Acho que

nunca vi alguém além do senhor falar assim do delegado Jo. Por acaso... está com ciúmes? Queria esse caso para você?

O inspetor-chefe Jung fez cara de nojo e sacudiu as mãos.

— Argh, nem pensar! Já disse um milhão de vezes: meu negócio é ir devagar e sempre, entendeu?

— Aham, sei. Só veja se não consegue disfarçar melhor esse ciúme, hein? Não é porque o delegado Jo é o queridinho entre os novatos que o senhor precisa ficar assim. Tá bom?

Kyeongwon se balançava de um lado para o outro, fazendo graça, mas Riae não o achou de todo irritante naquele momento. E, pelo jeito, o chefe também não, pois, em um gesto de brincadeira, ergueu o punho cerrado à altura do rosto, como se ameaçasse dar-lhe um soco. No entanto, ao cruzar os olhos com Riae, soltou um suspiro pesado.

— Certo. O delegado deve ter seus motivos. Pode ser que nenhum veterano quis assumir, por medo de arriscar o próprio pescoço em um caso tão visado. Ou então, como envolve idols, talvez ele tenha achado que alguém com uma perspectiva mais jovem desse conta. Enfim, mesmo eu não tendo mais onde enfiar trabalho, vou fazer o que puder para ajudar. Então, se precisar de alguma coisa, me avise. Mas é pra avisar mesmo, hein!

— Obrigada.

— Bom, chega de papo. Se fosse pra ficar jogando conversa fora desse jeito, era melhor ter ido a um restaurante comer uma sopa decente em vez dessa porcaria.

Como será que ele reagiria se soubesse qual era, de fato, a relação entre ela e o delegado Jo? Absorta nos próprios pensamentos, Riae sorriu sem perceber. Embora mal convivessem no dia a dia, o delegado era quase como um pai para ela. *Armadilha? Você não faz ideia de quem a gente é.*

De repente, como se impelido por uma ideia inusitada, o inspetor-chefe Jung parou no meio do caminho e olhou para trás. Riae arqueou as sobrancelhas, sentindo um leve desconforto, imaginando se ele lera seus pensamentos. Jung ergueu o indicador, apontando alternadamente para ela e o colega.

— Vocês dois precisavam se misturar um pouco... Um é atrevido demais; a outra, muito blasé.

Kyeongwon soltou um *tsc* entredentes, em um riso meio zombeteiro, e acelerou o passo para alcançar o chefe, como se fosse se juntar a ele na pausa para o cigarro — embora nem fumasse.

Riae manteve os olhos nas costas do inspetor-chefe enquanto ele se afastava.

E você? Qual é a sua, afinal? O que você ganha deixando de lado colegas de longa data para andar grudado com um subordinado qualquer como o Kyeongwon — que nem filho de político, nem de empresários poderosos é? O que esconde por trás dessa pose de chefe antiautoritário? Qual o propósito disso tudo? De olhos semicerrados, ela continuou observando até o chefe Jung desaparecer de vista, como se isso fosse ajudá-la a encontrar alguma pista.

Riae saiu sozinha da delegacia. Caminhou alguns passos até uma antiga lanchonete, onde comprou um sorvete de casquinha antes de subir ao terraço do prédio em frente à unidade policial. Do alto, carros e pessoas pareciam minúsculos, e ela também podia ver a delegacia inteira. Era como uma cidade de brinquedo.

Ela já estivera lá com o delegado Jo, pouco depois do episódio em que seu dito pai biológico chegou a procurá-la na Academia de Polícia para implorar por dinheiro e afeto.

Os colegas de turma, conscientes disso ou não, passaram a olhá-la com pena. Era frustrante. Naquela época, Riae se esforçava para compensar seus defeitos e suas lacunas moldando a própria imagem com um cuidado milimétrico. Estudava até o nariz sangrar para conseguir uma bolsa acadêmica, lia muito mais artigos do que os outros para estar sempre à frente e, mesmo quando a raiva vinha à tona, reprimia as emoções e tentava resolver tudo com racionalidade. E quantos elogios isso lhe rendeu por parte dos professores... Na universidade, ela era a “Shin Riae perfeitinha”. Ao fabricar a imagem que desejava, pôde enfim esquecer a versão patética que fora no passado. Mas aquele homem estragou tudo mais uma vez.

Depois que o pai biológico voltou a invadir sua vida, Riae passou alguns dias indo e voltando das aulas como um zumbi. Ao chegar em casa, chorava baixinho até cair no sono.

O delegado Jo costumava dar apenas palestras esporádicas, mas naquele semestre estava encarregado de algumas disciplinas. Riae se sentia à vontade com ele, que sempre a recebia com um sorriso caloroso e comentários bem-humorados.

Certo dia, ela passava perto da secretaria, arrastando seu coração em pedaços, quando o delegado, que estava lá por acaso, a chamou. Riae achou que iriam para a sala dos professores, mas ele a fez entrar no próprio carro e, pouco depois, os

dois já estavam fora do campus, parando em uma modesta lanchonete em Seul. Em vez de uma porção de *tteokbokki*, o delegado Jo lhe comprou um sorvete de casquinha e a levou até o terraço de um prédio alto.

— Sempre que tenho coisa demais na cabeça, subo ao terraço mais alto da vizinhança. Olhando daqui, tudo parece tão distante, não acha? Chefes que dão esporro atrás de esporro, colegas que não param de brigar, os criminosos, as pessoas... tudo vira coisa de outro mundo.

Ouvindo aquilo, Riae percebeu que também se sentia assim.

— Fiquei sabendo que algo aconteceu recentemente. É verdade?

— Sim...

— Não deixe isso te abalar. Tudo passa. Você também tem seus B.O.s, né? Eu achava que você fosse um desses casos de nepotismo.

Riae cerrou os dentes, a velha vergonha a visitando.

— Eu também não venho de berço de ouro — continuou ele. — E precisei ralar muito pra chegar até aqui.

— O senhor, professor?

— Claro. Por isso sei que você também consegue. Acha que alguém como eu nunca passou por coisa ruim? Eu só finjo que nunca aconteceu.

As palavras dele fizeram os olhos de Riae se encherem de lágrimas. Ela fingia ser forte, mas no fundo só queria ser confortada, acolhida.

— Agora é a hora, Riae. Se permita aproveitar as coisas boas da vida, tipo esse sorvete.

Sorvete, café meio amargo, bolo, suco adocicado... tudo o que ela mais queria evitar. Dizia aos colegas que não ia com eles às cafeterias porque não tinha tempo a perder com doces e conversa fiada. Mas a verdade... era outra.

Como deveria existir nesses momentos?

Riae não sabia.

Ela não se lembrava de alguma vez ter passado tempo com alguém em situações daquele tipo. Deveria se portar de maneira efusiva, como via em filmes e novelas? Só de pensar nisso, sentia arrepios — do tipo ruim. Mas também não tinha certeza se era aceitável ficar apenas comendo, em uma postura apática.

Na realidade, era uma preocupação quase infundada. Quase ninguém a convidava para dividir momentos assim. E, nas raras vezes em que o fizeram, ninguém jamais conseguiu compreendê-la daquele jeito.

Talvez ele fosse diferente. Como é possível que alguém fosse assim? Como sabia exatamente do que ela precisava, na hora certa? Tomada por um estranho fascínio, Riae não recusou e imitou o gesto do delegado Jo ao provar o sorvete.

Era doce. O estímulo suave envolveu sua língua, fazendo as lágrimas recuarem por um instante, apenas para ameaçarem brotar outra vez em uma torrente. Riae sorriu, enquanto piscava repetidas vezes. Sentia-se bem melhor. Era bom perceber que não precisava se desmanchar em lágrimas na frente dele para se sentir acolhida.

Desde aquele dia, Riae passou a acreditar que qualquer coisa dita pelo delegado Jo era digna de ser levada em consideração. Afinal, ele era uma das poucas pessoas em sua vida que a consolara de modo tão delicado — alguém que a fazia pensar em como teria vivido se tivesse um pai como ele.

Como o inspetor-chefe pode tirar conclusões assim, sem mal conhecê-lo? Então, como antes, Riae engoliu a raiva junto com o sorvete.

O novo edifício sede da Iconition era tão alto e imponente que se sobrepunha aos prédios ao redor. Talvez por causa da largura da construção, Riae se lembrou de certas crianças que toda turma sempre tem: aquelas que, em comparação com os colegas da mesma idade, são maiores, mais corpulentas e cheias de ambição.

Depois de passar repetidas vezes por uma rigorosa inspeção de segurança, com verificação de identidade, nome do responsável e confirmação de agendamento, ela finalmente pôde entrar no prédio. O processo burocrático e demorado era irritante, mas ainda assim parecia melhor do que o da H.G. Entertainment, onde havia estado no dia anterior.

Lá, por mais que tivesse ligado várias vezes, ninguém a atendera; Riae decidira ir pessoalmente e, chegando ao escritório da H.G., se deparara com uma multidão de fãs e jornalistas acampados diante do edifício, ocupando todo o muro lateral e até o espaço em frente à loja de conveniência. Se já havia um local separado para o memorial de Kona, por que insistiam em se aglomerar lá? No caso dos repórteres, até daria para entender: estavam atrás de alguma matéria. Mas os fãs? Enquanto remoía essa pergunta, um grupo vestindo casacos esportivos saíra do prédio e, em um segundo, os fãs correram e se amontoaram feito um enxame ao redor daqueles que aparentavam ser trainees e cantores.

Após Riae se identificar como policial e explicar o motivo da visita, a recepcionista a olhara apreensiva, fizera algumas ligações e, então, a deixara entrar.

— Se tivesse entrado em contato antes... — comentara o funcionário do setor responsável, parecendo constrangido.

Enquanto ele falava, Riaie aproveitara para olhar em volta. O fio do telefone estava desconectado.

A conversa em si também não fora das mais proveitosas. Só repetiram o que os integrantes do ROME já haviam dito. Por outro lado, a Iconition garantiria que colocaria ao menos alguém com um cargo formal, no caso, o responsável pelo setor de negócios, para atendê-la. Talvez, assim, rendesse algo mais substancial; era o que Riaie dizia a si mesma para tentar conter a irritação crescente.

O andar térreo da sede da Iconition tinha o pé-direito alto e aparentava servir de refeitório e cafeteria para os colaboradores.

— Isto aqui é quase do tamanho de uma praça de alimentação de shopping... — comentou Kyeongwon, espantado.

Riae também ficou impressionada.

— Pois é. Se vai até o 27º andar, a maioria dos funcionários não deve nem se esbarrar dentro da mesma empresa. Quanto será que faturaram pra construir um prédio desses?

— Vai saber... Dizem por aí que eles tinham se deixado levar pelo dinheiro... Pelo visto, não era brincadeira, não.

— E por que seria diferente? Empresa existe para gerar lucro. Todo mundo trabalha pra ganhar dinheiro, ué.

— Claro que sim. Mas dá raiva quando estampam o rosto do artista que você gosta em uma campanha sem sentido e esteticamente duvidosa, sabe? Ainda mais quando você sente que o dinheiro nem vai ser usado para o próximo movimento de carreira dele.

Riae olhou para o parceiro com um misto de surpresa e curiosidade enquanto ele despejava detalhes triviais sem se cansar.

— Por exemplo? — perguntou, incentivando-o a continuar.

— Tipo colocar o FAIRIES em um projeto ou publicidade meia-boca, lucrar horrores com isso, mas aí usar essa grana pra promover um novato aleatório ou um artista medíocre. Isso quando não torram tudo só pra mostrar como a empresa é maravilhosa. Dá até vontade de vomitar. Aposto que a Ban Illa e a Cecile foram as que mais sofreram com isso.

Como seria a sensação de poder dizer, com orgulho, que foi a galinha dos ovos de ouro a financiar um terreno imenso e a construção de um prédio daquele tamanho? Não faria alguém se sentir dono do mundo inteiro? Talvez seja por isso que acabem se tornando tão arrogantes, como Kona. Riaie bufou, amarga.

— Mas, de todo jeito, não é assim que o dinheiro circula? Pra manter a

empresa funcionando e crescendo, tem que ter vários artistas ou grupos que deem retorno.

— Quem disse que não é para o dinheiro circular? Mas se ganharam tanto dinheiro assim, o certo não seria caprichar mais nos próximos trabalhos de quem gerou esse lucro? Quando tudo é sempre malfeito e motivo de polêmica, é porque a empresa trata os artistas e os fãs como um mero caixa eletrônico.

— Nossa. Caixa eletrônico? Pesado. Quer dizer, só veem todo mundo como máquina de tirar dinheiro?

— Exatamente!

Enquanto subiam de elevador, Riae ouvia Kyeongwon descarregar reclamação atrás de reclamação e, quando deram por si, já haviam chegado ao quinto andar, onde ficava o setor de negócios.

No entanto, o responsável da área não se encontrava. Alguém que parecia ser da mesma equipe pediu desculpas em nome do superior, alegando que “a reunião anterior tinha se prolongado”. Quando os policiais recusaram a oferta de chá e petiscos, o funcionário sugeriu que dessem uma olhada nos trainees enquanto esperavam e os conduziu até o andar de baixo.

Ao chegarem ao quarto andar, outro funcionário apareceu com café e bolo nas mãos, explicando que “a reunião estava demorando mais do que o esperado”. O bolo que receberam era o mesmo que tinham visto de relance, pouco antes, quando passaram pela cafeteria. Não dava para saber se a reunião de fato estava acontecendo, mas não era de se surpreender. Dada a natureza da questão, o outro lado também precisaria de tempo.

Riae tomou um gole de café e se levantou. Kyeongwon logo cortou um pedaço generoso do bolo com o garfo e o enfiou inteiro na boca antes de sair atrás dela. Um trainee que passava por ali lançou um olhar furtivo, ora para o policial, ora para as migalhas sobre a mesa e, em seguida, acelerou o passo, desaparecendo em direção às escadas.

Após uma caminhada curta, depararam-se com um estúdio em frente à sala de espera, grande o bastante para comportar tranquilamente de trinta a cinquenta pessoas. Na parte superior da porta havia uma janelinha de vidro, por onde via-se o outro lado. À esquerda do ponto de onde se avistava a porta da sala grande, havia um corredor que se estendia até outros três estúdios menores.

Preso à porta de cada um deles, havia um quadro branco para anotar os horários de uso. As letras escritas com marcador, já ressecadas e rachadas em alguns pontos, como se os traços estivessem se esfarelando, indicavam que as informações nem sempre eram atualizadas. Kyeongwon fixou o olhar na lousa.

— O quê, vai decorar até o nome dos trainees agora?

— Que nada. Nem todos aqui vão debutar, e nem faço ideia de quem são... Mas sabia que até trainees têm fãs?

— Por quê?

— Boa pergunta. Talvez porque possam se tornar estrelas no futuro? As pessoas gostam ir acompanhando desde cedo, sei lá.

— E esses nomes aqui são artísticos? — perguntou Riae, lendo palavras como “Lili”, “Cosette” etc. no quadro branco.

— Pode ser, mas também podem ser apelidos que usam entre si.

É verdade... Apelidos às vezes nasciam de características, mas também podiam ser carinhosos.

— Falando nisso, agora fiquei curioso... Você tinha algum apelido quando estava na escola, *sunbae*? — perguntou Kyeongwon, aproveitando o momento de introspecção dela.

— Você não acreditaria se eu te contasse.

— O quê? Algo tipo “princesa”? Ou então... “patroa”?

Riae soltou uma risada seca, com cara de “ah, vá se ferrar”.

— Ridículo.

— Por quê? Então qual era? Não vai contar? Era “ridícula”, por acaso?

— Pare de falar bobagem e poupe sua energia.

Foi quando ouviram, ao longe, um coro de “cinco, seis, sete, oito!”. Vinha de um dos estúdios menores no fim do corredor. Riae e Kyeongwon foram até lá.

Em vez de música, o espaço era preenchido pelo som da fricção dos tênis contra o chão. Seis trainees — três meninos e três meninas — dançavam seguindo a contagem em voz alta. Gotas de suor pingavam no chão ao longo da sequência incessante de movimentos. Um dos garotos, que parecia ser o líder, checava o espelho o tempo todo, gritando correções como “Tá fora do tempo!” ou “Levante mais o braço, ajuste o ângulo!”. Depois de uns cinco minutos repetindo a coreografia apenas com a contagem, quando pareciam prestes a fazer uma pausa para recuperar o fôlego, ligaram a música e recomeçaram o ensaio.

— Nossa, deve ser porque são jovens, né? Isso que eu chamo de preparo físico! Como conseguem continuar, pingando de suor desse jeito? — comentou Kyeongwon, admirado.

Riae balançou a cabeça.

— Não é que consigam. Eles *têm* que continuar. Estão se matando por causa disso.

Se aqueles garotos precisavam treinar quase todos os dias naquela

intensidade, era natural que estivessem só o pó durante as aulas no colégio.

— Será? Não deixa de ser um tipo de exercício. Não deveria fazer bem pra saúde?

— Kyeongwon, como foi o seu resultado no teste de aptidão física mesmo?

— Está duvidando de mim? Fui bem em tudo, menos no tiro. E olha que nem fui tão mal assim, viu?

— Então repare bem. Acha mesmo que aquele tipo de movimento faz bem pro corpo? — comentou Riae, indicando um grupo de trainees no estúdio ao lado enquanto se virava para refazer o caminho de volta à sala de espera.

As garotas dançavam de salto alto e com o figurino completo. À frente delas, algumas pessoas que pareciam fazer parte da equipe assistiam ao ensaio, cochichando entre si.

— Isso vai acabar com o joelho delas...

— Quantos anos será que elas têm? Tão magrinhas... e parecem tão novas.

— Mas trainees costumam ser bem novos, não?

— Hoje em dia, debutar com vinte anos já é considerado uma estreia tardia, não é? Antigamente, não era tão cedo assim. Pelo que me lembro, debutar aos quinze ou dezesseis era motivo de escândalo. Agora nem isso é considerado cedo.

Kyeongwon assentiu com a cabeça. Ao retornarem à sala de espera, algo que antes não tinham notado lhes chamou a atenção: um quadro de avaliação mensal afixado à parede.

Passos, até então distantes, começaram a se aproximar, e logo viram um homem de terno sob medida, com expressão tensa, vindo em direção a eles. Assim que avistou Riae e Kyeongwon, apertou um pouco o passo.

— Não parece um cara de uma multinacional? Se visse na rua, ninguém diria que trabalha na indústria do entretenimento.

— Por quê? O que você esperava, calça jeans e um *cropped*?

O comentário de Kyeongwon refletia um certo estereótipo, mas, na verdade, os outros funcionários que tinham visto dentro da Iconition vestiam-se de maneira bem mais casual, o que fazia alguém de terno destoar ainda mais.

Assim que parou diante dos dois, o encarregado do setor de negócios pediu desculpas pelo atraso e se apresentou entregando um cartão de visita em um gesto comedido. Enquanto os guiava até o escritório, comentou, de maneira bem-humorada e expansiva, que a reunião se estendera porque alguém não parava de dizer besteira, o que acabou lhe tirando do sério. Riae e Kyeongwon tomaram um gole do chá servido à frente deles.

— Confesso que fiquei um pouco surpresa — disse Riae, assim que o

responsável pelo setor de negócios, que se apresentou como Jung Hyeonjo, sentou-se diante dela.

— Surpresa com o quê?

— Imaginei que iríamos falar com alguém da equipe de relações públicas ou com algum *manager*. Não esperava um representante do setor de negócios...

— Se falassem com o pessoal de RP, só ouviriam o de sempre. Em situações normais, esse seria o caminho mais seguro em termos de gerenciamento de crise, mas estamos falando da morte de uma pessoa. Gostaria de evitar que nossos artistas sejam envolvidos em controvérsias sem qualquer necessidade e de poder ajudar de alguma forma. Estou aqui praticamente desde a época de fundação da empresa.

Então isso quer dizer que está por dentro de muita coisa? Aparentemente, Hyeonjo lera a dúvida no rosto de Riae, pois se adiantou:

— Mesmo que ocupe um cargo de confiança, há certas coisas a que só quem está há muito tempo na empresa consegue ter acesso. Ainda mais no ramo do entretenimento, onde muita coisa é mantida em sigilo.

Riae percebeu, pela atitude dele, que não era só conversa fiada — embora não soubesse dizer se aquele nervosismo vinha da inexperiência diante de uma investigação por homicídio... ou da tentativa de esconder algo. Seja como for, valia a pena investigar mais.

— Poderia começar nos contando o que costuma ficar sob sigilo, então?

Hyeonjo deu uma gargalhada aberta, quase teatral.

— E se me dissesse quem são seus suspeitos? Assim, eu também posso pôr minhas cartas na mesa.

— Não diria que é uma questão de nomear suspeitos. Prefiro começar analisando as pontas soltas, digamos assim. Mas, antes disso, tem outra coisa que me intriga.

Havia algo mais importante do que falar dos possíveis culpados? Ela se deu por satisfeita ao vê-lo tentar esconder a confusão atrás de um sorriso. Hyeonjo podia achar que aquilo era uma tangente irrelevante, mas ela sabia que era justamente o caminho mais curto até a verdade.

— Conversando com alguns idols no camarim da emissora, ouvimos falar de um certo *manager*... Parece que ele saiu da empresa de repente e ninguém conseguiu contato desde então. Quando foi isso?

— Ah, deve estar falando do *manager* Park, não é? Foi... lá por outubro, se não me engano. Nesse ramo, isso não é tão raro assim, mas...

— Mesmo não sendo raro, o senhor não achou estranho?

Hyeonjo deu de ombros.

— Pelo jeito de trabalhar e pela personalidade, a gente costuma ter uma noção de quando alguém chegou no limite, ou quando está só esperando aparecer uma desculpa pra pedir as contas, essas coisas. O Park nunca foi exatamente apaixonado pelo trabalho, então eu já imaginava que ele fosse sair uma hora ou outra. Mas sumir assim, sem mais nem menos? Todo mundo estranhou.

— E por que acha que ele não gostava do trabalho?

Hyeonjo fez uma careta desconfortável.

— Ele era do tipo que só se importava com os benefícios, não com o trabalho em si. A bem da verdade, ninguém entra no entretenimento pelo dinheiro. A não ser que esteja apostando tudo em um projeto que está prestes a estourar, pretenda usar isso como trampolim para outro setor, ou esteja interessado em ser investidor ou CEO... Afinal, o salário inicial é baixo, a carga de trabalho é puxada e, na maioria das vezes, os funcionários nem são tratados como gente.

— Como assim?

— Tem empresa que ensina os artistas a manterem boas relações com todos os que trabalham com eles, a mostrar gratidão, essas coisas. Outras ensinam que o artista deve se comportar como um rei. Meio difícil de entender, não é? Mas dizem que é para incorporar a aura de celebridade desde o início da carreira. Nunca engoli muito bem isso, para ser sincero.

— A H.G. Entertainment é uma dessas “outras”? — intrometeu-se Kyeongwon.

Hyeonjo apenas deu um sorriso sugestivo e continuou:

— Se não tiver um motivo forte, nenhum profissional aguenta ficar nesse meio. Pode ser por querer ser reconhecido como o melhor no que faz, ou por ganhar muito bem, ou por ter ajudado artistas a chegarem ao topo das paradas, ou ainda por amar tanto o mundo do entretenimento a ponto de se sentir feliz só de estar perto dos famosos... ou por gostar do glamour mesmo. Algum desses deve servir de motivação.

— Pra quem gosta de gente, deve ser uma boa profissão, não? Você acaba conhecendo muitas pessoas diferentes.

— Isso depende do departamento em que trabalha. E sobre gostar de gente... Trabalhando nesse meio, talvez as pessoas acabem mudando de ideia. Enfim, o *manager* Park era do tipo que gostava da ostentação, do luxo e também de uma boa noitada. Se é que me entendem.

Dizem que há quem saiba se divertir em qualquer profissão, mas dificilmente

há outra área em que lazer e trabalho se misturem de um jeito tão estranho quanto no entretenimento. Ele deve ter tido inúmeras oportunidades de conhecer pessoas, cair na farra e até acabar se metendo em confusões que beiravam a transgressão sem nem precisar se esforçar para isso. Pensando assim, o *manager* Park parecia ter nascido para trabalhar lá. E isso tornava seu desaparecimento ainda mais difícil de entender. Riae sentiu a necessidade de investigar mais a fundo.

Ela então comentou sobre a saída de emergência e os encontros secretos, revelando que as três pessoas que se acreditava terem utilizado essa passagem eram idols mulheres que já haviam sido da Iconition. A expressão de Hyeonjo se fechou. Ele havia conseguido ler a pergunta dela nas entrelinhas, poupando-a de ter que questionar abertamente se alguma das três poderia ter feito mal a Kyung Kona.

— Yeon Cecile é uma garota excepcional. É dedicada e leva o trabalho muito a sério. Mesmo quando não está em atividade, costuma ir assistir às apresentações dos colegas e frequentar desfiles de moda e shows de artistas internacionais para acompanhar tendências e pegar inspiração. Por isso, ir ao programa naquele dia não me pareceu nada demais.

— Então por que ela fingiu que não foi à emissora? Quando pequenas incoerências se acumulam, a pessoa passa a ser suspeita mesmo quando não há provas concretas.

— Duvido que tenha sido de propósito. Na hora, eu mesmo fiquei tão chocado com a notícia da morte do Kyung Kona que não consegui ligar os pontos, mas acontece que um familiar dela tinha acabado de falecer.

— Não tinha mesmo se dado conta?

Hyeonjo soltou um suspiro.

— Era uma pessoa que, embora fosse um parente distante de Cecile, chegou a aparecer em programas regionais, como o *Village Report*, dando entrevistas... Mas acabou morrendo sozinho.

— E daí?

Hyeonjo sorriu, com amargura.

— Idols sofrem com todo tipo de cobrança absurda. Logo apareceriam críticas como: “Com tanto dinheiro, como é que deixou alguém da família morrer assim, abandonado?”.

— Mas isso não é verdade.

— Por incrível que pareça, a verdade não é sempre o que mais importa. Tenho sempre que ter isso em mente. Eis a diferença entre o meu trabalho e o

seu, detetive. E é porque sei que você lida com os fatos como fatos e não vai sair por aí expondo essas informações que estou lhe contando: a Cecile já passou por maus bocados por causa de parentes que viviam pedindo dinheiro — esclareceu Hyeonjo, deixando a voz estremecer de leve na última frase.

Se a conversa fosse com a equipe de relações públicas ou com o *manager* da própria Cecile, provavelmente não teriam ouvido nada daquilo. Por não ter intenção de expor a vida de ninguém e como sinal de reconhecimento pela franqueza do homem, Riae assentiu.

— Eu agradeço — disse ele. — Com a Yoon Malgeum vocês não precisam se preocupar.

— Porque ela é lerda e boazinha demais?

— Digamos que sim. — Hyeonjo deu uma resposta vaga à pergunta de Kyeongwon. — Se tivesse sido ela, já teriam descoberto. Malgeum acha que é toda meticulosa, mas quem vê de fora logo percebe o desastre. Se fosse capaz de despistar a polícia, teria assinado com a nova empresa em silêncio, sem escândalo. Ainda mais não sendo do nível da Yeon Cecile ou da Ban Illa.

Ao notar o tom espinhoso, Riae se lembrou do que Kyeongwon comentara de passagem mais cedo, no carro: Malgeum havia sido muito criticada pela falta de profissionalismo quando rescindiu o contrato com a Iconition.

Teria sido ótimo se Hyeonjo abrisse a boca por conta própria e falasse da próxima pessoa da lista. Mas ele apenas piscava em silêncio, imerso em pensamentos. Riae não teve alternativa senão perguntar:

— E quanto à Ban Illa?

— Illa... A Illa é excelente. Tirando o tumulto que causou logo antes da aposentadoria, nunca nos deu dor de cabeça, sempre teve um bom desempenho. Apesar da imagem ríspida, era surpreendentemente fácil de lidar. A Malgeum, sim, é muito mais problemática. Mas... — Hyeonjo hesitou por um instante. — Ela tem um lado calculista e assustador. Quando se irrita, ao invés de partir para o confronto direto como a maioria das pessoas, Illa recua para depois atacar por trás. Eu achava que era eu quem a gerenciava, mas será que, na verdade, não era ela quem mandava em mim...? Tive essa impressão várias vezes, desde quando ela era trainee. A Illa... — Ele parecia prestes a acrescentar algo, mas apenas deixou escapar um suspiro. — Mas o que ela ganharia fazendo algo tão horrível? Ela se aposentou com dignidade, tendo ganhado a glória do passado e bastante dinheiro; pelo que sei, está vivendo bem. Quem sai perdendo são pessoas como a gente, presas a uma condição precária, matando um leão por dia, sabe-se lá até quando. Talvez por isso eu esteja falando bobagens... Desconsiderem as partes

subjetivas do que acabei de dizer, por favor — resmungou, por fim, em tom resignado, tentando mudar o clima.

Riae respondeu com um leve sorriso. Existia palavra mais incompatível com Ban Illa do que “precária”? Sabia que poderia descrevê-la com termos bem mais sombrios. E a ideia de que caberia a ela revelar esse lado oculto de Illa chegava a ser sufocante.

— Gostaria de fazer mais uma pergunta — soltou Kyeongwon, de repente. — É possível que a morte do Kona tenha ligação com a morte daquela outra idol, Blithe?

— Perdão?

— Estou falando da Blithe, que cometeu suicídio quatro anos atrás.

Riae percebeu quando Hyeonjo apertou a própria mão trêmula e tentou disfarçar como um gesto distraído.

— Não vejo como esses dois casos possam estar conectados. Está insinuando que ela também pode ter sido assassinada?

— Não. Não é isso. Apenas perguntei porque... bom, até os menores detalhes importam. Só isso.

— A morte daquela menina foi um choque para todo mundo. Embora não fosse um sucesso estrondoso que nem a Cecile ou a Illa, ela se destacava e ainda influenciava positivamente os artistas ao redor, além de ser muito querida até longe das câmeras... Depois daquilo, prometi a mim mesmo nunca mais perder um dos nossos...

Os olhos de Hyeonjo ficaram marejados e a postura que mantinha até então começou a se desfazer.

— Sei que é um assunto delicado, e agradeço por ter respondido com sinceridade. Já tomamos muito do seu tempo, mas, antes de encerrar, o senhor poderia nos passar o contato do agente Park e das três artistas? — encerrou Kyeongwon, com leveza, suavizando a tensão.

— Claro. Mas é provável que os números estejam desatualizados ou que eles não atendam. Como muita gente tenta invadir a privacidade deles, estão sempre mudando de número e costumam ignorar chamadas desconhecidas. A Ban Illa não trabalha mais na indústria, então não tenho como passar o contato pessoal dela, mas vocês devem conseguir falar com ela pelo número da floricultura. Da Cecile, vou passar o contato do *road manager* que está com ela atualmente, e quanto à Malgeum... Bom, nesse caso, vão ter que ver direto com a empresa dela.

Após acessar a intranet da empresa, Hyeonjo anotou os números em questão

e os entregou a Ria. Era frustrante não terem conseguido nenhum avanço real. Mas, como sempre, em vez de dar vazão aos próprios sentimentos, Ria consolou Kyeongwon dizendo que Roma não foi construída em um dia.

Assim que abriram a porta do estúdio subterrâneo, uma melodia calma, de vocais suaves, alcançou o ouvido deles. Em frente a um longo painel que se estendia do chão ao teto, uma mulher posava.

Deve ser a Malgeum, pensou Ria, e Kyeongwon confirmou com um aceno de cabeça, como se tivesse lido seu pensamento.

A cada disparo do flash, o *click, click* característico preenchia o ambiente. Acompanhando o ritmo ditado pela câmera, Malgeum, vestida de amarelo vibrante, fazia pequenas variações de pose e expressão. O fotógrafo exclamava a todo momento “Ótimo, está linda!”, e as imagens iam surgindo em tempo real em um grande monitor, em torno do qual várias pessoas se reuniam para acompanhar o resultado. Enquanto o profissional ajustava a intensidade da iluminação, algumas pessoas da equipe correram até a modelo. Uma afastou com cuidado uma mecha de cabelo caída sobre o rosto de Malgeum e reforçou a cor de seus lábios com um pincel; outra ajustou o caimento de suas roupas. Nesse meio-tempo, uma terceira lhe estendeu um copo de café gelado, com canudo. Sem dizer nada, Malgeum a fitou de cima a baixo com um olhar reprovador. Ainda assim, levou a boca ao canudo, tomou apenas um gole e, em seguida, balançou a mão como quem espanta um pássaro, enxotando a ajudante.

— Posso ajudar? — perguntou, em voz baixa, uma funcionária que se aproximara em passos rápidos e miúdos ao notar a presença de Ria e Kyeongwon.

— Somos da polícia. Estamos aqui para colher informações sobre o caso do Kyung Kona — respondeu Kyeongwon.

Ao escutá-lo, a funcionária ergueu os óculos com um gesto brusco, visivelmente irritada, e retrucou em tom hostil:

— A Malgeum não está promovendo nenhuma música no momento. Esse caso não tem a ver com a gente, então acho melhor irem embora.

— Se não tivesse a ver, acha que teríamos vindo até aqui? — rebateu Ria, com um sorriso nada conciliador; afinal, não tinha intenção de apaziguar ninguém.

— Mesmo assim, vocês não podem simplesmente aparecer no meio de uma

sessão de filmagem. Todo o pessoal do patrocinador está aqui.

— E vocês poderiam não ter ignorado nossas tentativas de contato. Nós também estamos trabalhando, e não dá para acomodar todo tipo de situação, ainda mais quando se trata de um caso de homicídio. Claro, vocês têm todo o direito de recusar, mas sabem que isso pode cair mal depois, não sabem? A escolha é sua.

Kyeongwon olhou para Riae, apreensivo, mas, contrariando suas preocupações, a fala incisiva pareceu surtir efeito. A funcionária de óculos assumiu um ar resignado. Dessa vez, foi Riae quem lhe lançou o olhar de “viu só?” que era a marca registrada do próprio Kyeongwon.

— Vocês têm que ser rápidos. Vão ter que aproveitar enquanto a equipe prepara a montagem do próximo conceito.

Sob o olhar atento dos presentes, os policiais avançaram pelo set. Ao receber o recado sussurrado pela funcionária, o rosto de Malgeum se enrijeceu por um instante, antes de relaxar outra vez. Quando a mulher de óculos foi até o grupo de *staff* e disse alguma coisa, alguém anunciou em voz alta:

— Vamos fazer uma pausa!

Enquanto a equipe se dispersava, Riae se aproximou de Yoon Malgeum e a cumprimentou, entregando-lhe um cartão de visitas.

— Estão aqui por causa do negócio do Kyung Kona? Não sei pra quê vieram falar comigo, não tenho nada a ver com isso — disse Malgeum, de maneira afetada.

— Queremos fazer algumas perguntas sobre o Kona.

— Eu nem era próxima dele.

— Pois é. Pelo visto, ele não tinha muitos amigos.

— É aquilo que a gente chama de carma, né? Quem é que ia querer ser amigo de alguém tão sem noção?

Kyeongwon soltou um pigarro intencional e Malgeum, entendendo o recado, acrescentou:

— Não estou dizendo que foi carma ele ter morrido.

— Por acaso essa “falta de noção” nunca causou algum conflito entre vocês dois?

— Espera, estão suspeitando de mim? Que absurdo!

Apesar da fala elevada e indignada de Malgeum, Riae reparou que o seu rosto não demonstrava qualquer sinal de incômodo.

De repente, a idol assumiu um tom excessivamente açucarado:

— De verdade, eu não tinha nada, nada de nada a ver com o Kyung Kona.

Nunca quis me misturar com esse tipo de gente. Grosseria tem limites. Eu não entendia o que ele tinha na cabeça. Tudo o que saía daquela boca era venenoso, baixo e vulgar.

— Falar assim só mostra que você não se dava muito bem com ele, não acha?

— Existe alguém que tenha trabalhado com o Kona e não guarde ressentimento? Ele maltratava até os caras do próprio grupo. Melhor perguntarem dele para a Cecile.

— Cecile? A Yeon Cecile?

— Aham. Acho que eles estavam namorando, mas aí terminaram.

Embora os membros da equipe aparentassem estar ocupados com seus próprios afazeres, sem sequer olhar na direção deles, era evidente que escutavam à conversa com atenção.

— A Cecile é bem atirada, sabe? Sempre que se envolve em algum projeto com um idol, seja programa de variedades, *collab*, o que for, acaba dando em namoro. Como vocês não são do meio, provavelmente só sabem do que vira notícia, mas estou falando sério, tá? Aquela garota deve ter ficado com pelo menos um integrante de cada grupo que estreou nos últimos tempos. Sem exagero. Dá pra dizer que troca de namorado a cada dois meses, no mínimo.

— Mas com o Laika ela ficou uns três anos, não? — perguntou Kyeongwon.

— Porque o Laika era incrível, né? — concordou Malgeum, assentindo. — Sem questões, nada competitivo, cavalheiro. Até brincam que ele não saiu da indústria por estar surtando, mas por estar com a cabeça no lugar. — E finalizou com um estalar de língua, como se lamentasse.

— Talvez os dois só combinassem.

— Bom, eu não tinha nada a ver com a história, então vai saber. Mas a Cecile tem um temperamento difícil, por isso tenho certeza de que teve alguma tretinha com o Kyung Kona. Dois seres sem noção desses juntos? Ou é a química perfeita, ou um desastre nuclear. *Tsc, tsc, tsc.*

Kyeongwon olhou para Riaie com uma expressão impaciente, mas ela apenas balançou a cabeça, indicando que continuasse fingindo neutralidade.

— Você tem alguma prova de que houve algum atrito entre eles? — perguntou a detetive.

— Ué, e precisa? Gente problemática atrai problema. É lógico.

— Ou seja, tudo o que disse até agora não passa de especulação, certo? — provocou Riaie, de propósito.

Se Malgeum fosse uma pessoa discreta, conseguiria conter suas emoções; mas a julgar pelo jeito como demonstrava até a mais simples das invejas, Riaie

acreditava poder arrancar algo mais.

— Também já vi coisas, tá? Peguei os dois conversando nos bastidores uma vez... Primeiro, achei que estavam começando a namorar em segredo, mas o clima entre eles não era nem um pouco romântico. Foi aí que pensei: ih, esse término vai ser feio. O Kona falou alguma coisa do tipo “Sei tudo sobre a sua família” e “Vou contar tudo”. Daí a Cecile olhou pra ele com uma cara que, juro, achei que fosse matar ele... Eu até queria escutar mais, mas, ai, que ódio, os dois espertinhos logo perceberam que tinha gente por perto e fecharam a boca na hora.

— E quando foi isso?

— Quando? Não lembro direito. Mês passado, talvez?

Sem que Riaie precisasse sinalizar, Kyeongwon já digitava no celular, checando as datas.

— Por que foi até a emissora no dia da morte do Kona? Sua *manager* acabou de dizer que você não estava em período de promoções.

— Porque eu tinha um compromisso na rádio de manhã cedo.

Malgeum fitou Riaie com um olhar desafiador de quem estava prestes a acrescentar: “E se eu não tivesse, o que você faria a respeito?”. Para azar dela, Riaie já havia enfrentado aquele tipo de arrogância infundada inúmeras vezes desde que entrara para a polícia — e, por isso, não havia por que se abalar. Ainda assim, a insolência dela era de dar nos nervos.

— Entendo. Mas ouvimos relatos que contradizem seu álibi. Tem certeza de que não esteve no local das apresentações naquele dia?

— Por que eu iria, se nem estou com atividades programadas? E a transmissão na rádio era ao vivo, praticamente no mesmo horário em que o incidente aconteceu.

— Mesmo que não estivesse lá naquele exato momento, ainda poderia ser a culpada. Alguém disse que a viu antes das apresentações começarem, bem antes do início da transmissão.

Por mais que tentasse não demonstrar o nervosismo, Malgeum não conseguiu esconder o espanto. Não apenas os olhos se arregalaram, mas até as sobrancelhas se contraíram.

— Os funcionários ficam andando pra lá e pra cá o tempo todo. Podem ter me visto, mas confundido o lugar. Com a correria de uma transmissão, é fácil se enganar.

— Não foi um *staff*. Foi um idol. Ele disse ter visto você no camarim. Esse idol não ficaria andando pra lá e pra cá sem motivo, e, caso fosse para outras

áreas da emissora, precisaria de um crachá específico. Fora que ele devia estar bem ocupado ensaiando e se preparando para subir ao palco, não acha?

O sorrisinho de Malgeum tremia nos cantos da boca, já o rosto estava quase contorcido. As palavras de Riae causaram um impacto visível, tanto que até a *manager* dela a encarava com surpresa.

— Fiquei sabendo que hoje em dia as empresas até dão uma força para os idols namorarem escondido... mas, pelo jeito, nem a *manager* da Malgeum estava sabendo do romance. Olhe só a cara dela! — cochichou Kyeongwon para Riae.

Ela quase deixou escapar uma risada com o comentário bobo do colega, mas conseguiu forçar uma expressão séria e assentiu. Yoon Malgeum, ao ver a troca silenciosa entre os dois, ficou ainda mais inquieta e se levantou em um pulo.

— Melhor a gente conversar na sala de maquiagem! Só para o caso de alguém estar escutando, já que se trata da privacidade do Kyung Kona... Na verdade, é que também tem umas coisas confidenciais dele com outra pessoa que... Enfim!

Sem esperar resposta, Malgeum disparou rumo a outra parte do estúdio. Um maquiador rapidamente pegou o kit de maquiagem para segui-la, mas precisou recuar quando a idol berrou para que ninguém fosse atrás dela.

Riae e Kyeongwon entraram juntos na sala e encontraram Malgeum sentada diante da penteadeira, na qual se amontoavam acessórios de maquiagem de todo tipo, secadores de cabelo e chapinhas espalhados de qualquer jeito. A moldura do espelho era cravejada de lâmpadas. E talvez fosse por causa daquela luz, mas até a carranca dela parecia, de certo modo, bonita, como uma expressão ensaiada. Os policiais também se acomodaram nas cadeiras próximas ao móvel.

— Sobre que tipo de “coisas confidenciais” você e o Kona conversaram?

— Ah... sei lá. Isso tem mesmo alguma relação com o caso?

— Só vamos saber se você nos contar. Foi pra isso que você nos trouxe até aqui, não foi?

— Ele me falou que queria experimentar as drogas que os amigos dele estavam usando... mas, depois disso, não sei o que rolou.

Naquele meio-tempo, o que quer que tenha passado por sua cabeça fizera Malgeum recobrar a arrogância. Já estava claro que a conversa sobre “respeitar a privacidade do falecido” não passava de um pretexto para esconder o próprio caso amoroso. Ainda assim, era inacreditável como mudara de atitude no momento em que saiu de vista.

— Malgeum, você entrou pela saída de emergência com o “lance secreto” e saiu por lá de novo, não foi?

— Você tem provas? Tem alguma prova de que estive lá?

— Você está namorando, não está? Com o líder do ROME.

— Que absurdo é esse? Mais acusações sem fundamento? Acho que está se deixando levar por alguma fofoca que ouviu por aí. Que decepção... — disparou Malgeum, quase atravessando Riaie com o olhar.

— Só confirme uma coisa pra gente — interveio Kyeongwon, tentando uma abordagem amigável. — Não foi por querer, mas desde cedo reparei que não param de chegar mensagens de um tal de “Chefe DD” no seu celular.

— E daí?

— É ele, não é? A pessoa com quem você está saindo agora.

— Eu sou obrigada a responder? Francamente...

— Não, de forma alguma. É só que... esse contato não tem nenhum cargo. Não é “maquiador-chefe”, nem “chefe de figurino”... nada. Por isso, fiquei curioso. Eu até acompanho bastante esse universo do K-pop, mas nunca ouvi falar desse “chefe”. Mas, claro, eu não conheço todo mundo, não é? Haha! Acho que vou perguntar para a sua *manager* depois, só pra saber mesmo.

Ele acha mesmo que alguém vai cair nesse papinho?, pensou Riaie, olhando para Kyeongwon com pena. Não muito depois, no entanto, ela se pegou dirigindo aquele mesmo olhar a Malgeum, porque a garota mordera a isca e desmoronara, o rosto choroso:

— Tá bom! Eu salvei o número como “Chefe DD” pra ninguém desconfiar! Era isso que queria? Feliz agora?!

Lágrimas saltaram dos olhos dela como pequenas pérolas. Para a surpresa de Riaie, porém, Kyeongwon permaneceu impassível.

— Não vamos sair espalhando isso por aí. Pode ficar tranquila.

Malgeum olhou de um para o outro e, então, respirou fundo, decidida.

— Fui lá antes de o programa na rádio começar. Eu tinha dito pra minha *manager* que ia de carona com o cabelereiro-chefe, então cheguei mais cedo. Por isso ela não sabe de nada. Ela é novata e ainda não tem muita noção das coisas, sabe?

— E por que tinha que ir tão cedo, de madrugada?

— Não teve nenhum motivo específico. É só que... A gente tinha combinado de se encontrar no dia anterior, mas a gravação do programa atrasou muito e não deu pra gente se ver — respondeu Malgeum, amuada.

— Chegou a cruzar com o Kyung Kona?

— Não, eu não o vi. Juro. Só deu tempo de ver o meu namorado antes de subir direto pro estúdio. A rádio era ao vivo...

Riae ficou intrigada.

— Se foi só isso mesmo, não tem nada de errado. Precisava mesmo esconder? Agir assim faz você parecer culpada. Isso não é pior?

— Você não entende como funciona o mundo dos idols, né? Ser pega namorando pode acabar com a minha carreira. Os fãs abandonam a gente. E se a pessoa não tiver como se reerguer, já era! E eu... Eu não tenho! Não tenho uma popularidade sólida para me agarrar e sobreviver a isso. Ser acusada de um crime? Talvez fosse até melhor. Pelo menos assim eu viraria assunto, seja por pena ou pelo escândalo em torno do meu nome. De qualquer forma, fariam de mim!

À medida que falava, Yoon Malgeum ficava cada vez mais exaltada. Ainda assim, sua voz saía tão amortecida que, por um momento, Riae até sentiu compaixão. Mas, ao perceber que até o momento de deixar o set de filmagens não conseguia parar de pensar em como a garota era petulante, concluiu que ela não era tão digna de pena assim.

— Tanto o Kyung Kona quanto aquela garota... Os dois são praticamente uma farsa. Viu como trata quem trabalha com ela? Yoon Malgeum, fofinha? “Cara de bobinha”? Pura? Ah, por favor! Nunca tinha visto alguém tão sonsa e tão esperta na mesma proporção.

— Mas, *sunbae*, você também não se sente meio mal pelo jeito como pressionou aquela funcionária?

Riae apenas balançou a cabeça com um olhar que dizia “nem um pouco”.

— Tem certeza de que não foi dura demais? Era pra ser só uma investigação preliminar... E se alguém fizer uma queixa?

— Ela não é parente da vítima, nem alguém ligado diretamente ao caso. Além do mais, dizem que às vezes é preciso ser mais duro com certas pessoas.

— Quem diz isso?

Desta vez, ela não respondeu. Apenas entrou no carro.

Com pessoas que vêm pra cima querendo te passar pra trás, às vezes é preciso ser dura. Só assim deixam de te menosprezar. Mas cuidado para não exagerar, porque pode acabar deixando transparecer as próprias fraquezas. E, se alguém como eu — que enxerga esses vazios — perceber, pode acabar te atacando e até te explorar. Então, limite-se a mostrar que você não vai ficar parada.

De tempos em tempos, Riae ainda se lembrava daquele conselho descarado. Era ridículo pensar em como ele seguia sendo útil. Ela até conseguia suportar que aquelas palavras voltassem e ecoassem em sua mente por um instante, mas encarar de novo a pessoa que as dissera... isso, não.

Nunca imaginou que chegaria o dia em que voltaria a vê-la. Amargurada, Riae soltou um longo suspiro.

— *Sunbae*, dê uma olhada nisto.

Kyeongwon se aproximou por trás de Riae, perto o bastante para que ela pudesse sentir o rastro da fragrância herbal de seu perfume amargo antes que se dissipasse.

— Apareceu alguma coisa nas câmeras de segurança?

— Acho que não. Sabe quantas pessoas transitaram pelo prédio A por volta do horário do incidente? Quase mil.

Era como procurar uma agulha em um palheiro. Riae suspirou, mas então notou o brilho nos olhos de Kyeongwon.

— E então? O que foi? — questionou ela.

Como se estivesse esperando a pergunta, ele desbloqueou o celular, abriu o aplicativo de calendário e ficou encarando Riae, que apenas devolveu o olhar, sem entender o porquê daquilo.

— O quê? O que eu deveria ver?

— Leia isso aqui.

Por que só não diz logo?, pensou, lançando um olhar atravessado para ele antes de baixar os olhos para a tela. Vários compromissos apareciam marcados em cores diferentes e, entre eles, uma linha específica chamou sua atenção.

9 DE NOVEMBRO, 16H — ENTREVISTA CECILE

Só então Riae se deu conta: aquele não era o calendário do Kyeongwon. No canto da tela estava escrito CALENDÁRIO DE PARK SANGJIN.

— É a agenda do *manager* Park? Como você conseguiu isso?

— Fui pesquisar sobre ele e, além do e-mail que ele usa publicamente, acabei encontrando um outro antigo que ainda estava exposto por aí. Busquei pelo nome dele e pela faculdade em que estudou e... *Voilà!* Sabe aquela brincadeira de “cem perguntas, cem respostas” que todo mundo fazia em blogs e fóruns anos atrás? Achei uma postagem dessas.

— Mas que bruxaria foi essa...?

— Depois que adicionei o e-mail nos meus contatos, abri o aplicativo do calendário só por curiosidade... e veja só! Isso não deveria estar visível pra mim,

né? Mas acho que ele compartilhou com alguém e acabou deixando público sem querer. Dá pra ver tudo.

— Então é possível que ele tenha mandado isso pra alguém?

— Pode ser. Mas veja só o título desse evento.

VAMOS CONVERSAR PESSOALMENTE.

EU PASSO AÍ NA SUA CASA.

— Não parece um e-mail?

— Pois é. Parece que ele salvou no lugar errado.

— A última alteração foi no dia 4 de outubro, às nove da manhã. O que será que ele estava fazendo com tanta pressa para cometer um erro desses? Enfim, as marcações na agenda só iam até novembro.

— O mês seguinte ao desaparecimento dele, né?

Riae examinou a agenda do *manager* Park com calma. Cada artista parecia ter a própria cor, de modo que o calendário era um mosaico colorido. Os compromissos concluídos estavam em cinza, ao que tudo indicava. Ela procurou algum evento ligado a Malgeum, Cecile ou Illa.

Em meio à agenda lotada, a última marcação em cinza tinha sido feita no dia 4 de outubro. E, de acordo com esse último item, a pessoa com quem Park Sangjin tinha marcado de se encontrar naquele dia era Illa.

Querida Kitty

1004

Kitty, se você pudesse ir ao céu e ao inferno, para onde iria primeiro?

Eu iria ao inferno primeiro. É porque seria mais familiar? Também. Mas, principalmente, porque acho que seria difícil suportar ir do céu ao inferno. Se eu fosse primeiro ao inferno e depois ao céu, conseguiria perceber o quão feliz sou agora; mas, no caminho inverso, eu teria que correr em direção à infelicidade e ficaria remoendo o quão feliz tinha sido no céu.

Fica mais fácil entender se seguirmos a mesma lógica de deixar a parte mais gostosa da comida para o final. Nunca chegamos a conversar sobre céu e inferno, mas, enfim... Eu sempre gostei de comer primeiro o que é mais saboroso, porque nunca se sabe quando algo bom pode desaparecer. Até que aquela pessoa me disse que, deixando a melhor parte por último, até o que não era tão bom virava uma lembrança menos amarga. Depois disso, também passei a guardar o melhor para o fim.

Qual das duas opções você escolheu, Kitty? Infelizmente, não importa qual tenha sido: não dá para dizer que foi a melhor escolha. Sabe por quê? Porque o conceito está errado. Ele diz que você pode ir para o céu e para o inferno, mas não diz nada a respeito de poder permanecer para sempre no lugar a que chegou por último.

Acha isso maldade? Eu só quis que você se colocasse no meu lugar. Só assim conseguiria entender como estou me sentindo. É como se eu tivesse voado bem alto até o céu e, de repente, minhas asas tivessem sumido, me fazendo despencar... Não, pior ainda: é como se eu atravessasse o chão e caísse em um lugar miserável, ainda mais fundo.

Por que aquela pessoa fez aquilo, afinal? Precisava mesmo ter sido tão cruel? Ainda não consigo entender. Tudo o que tinha me mostrado até então era puro fingimento? Como é que alguém consegue tratar o outro daquela maneira? Realmente, não faço ideia. Mas, ao mesmo tempo, foi essa mesma pessoa quem me tratou como gente e me tirou do inferno. Não é absurdo?

Foi essa pessoa que me fez esquecer a minha infância desgraçada. Sim, Kitty. Aquela época em que a nossa família foi à ruína, em que nada do que meus pais tentavam dava certo — foi lá que começou minha vida infernal, arraigada em um chão miserável. Você sabe do que estou falando. A minha mãe me negligenciava, o meu pai batia nela, até que depois passou a me bater também. E eu não tinha com quem falar dessas coisas além de você.

É assim até hoje. Tem gente que até gosta bastante de mim, mas tenho medo de me abrir com elas. Porque não sei com que olhos vão me enxergar. Parte de mim quer ser consolada, mas, antes disso, vem o medo do julgamento. Medo de ouvir que eu não tenho o direito de dizer que é injusto todos me evitarem e me odiarem. Que, se até os meus próprios pais não gostavam de mim, como poderia ser diferente com meros estranhos? Era isso o que eu mais temia.

Só mais tarde fui entender que começaram a me evitar por causa da sujeira, porque cheirava mal — e eu nem tinha me dado conta disso. Quem me ensinou a me lavar direito foi a moça da casa ao lado. Se não fosse por ela, eu teria continuado sem saber. Ela me disse que as pessoas se acostumam ao próprio cheiro e acabam não percebendo. Mesmo assim, sabe... Às vezes penso que não foi só por causa disso que todos passaram a me odiar e me evitar. Porque, mesmo depois de começar a me lavar direito, continuei na mesma solidão de antes.

Já aquela pessoa sempre exalava um aroma agradável. Não era como o cheiro floral, forte e enjoativo dos perfumes de adultos, mas algo bem suave. Era como se, no meio das flores, houvesse uma frutinha escondida. Acho que, depois de tanto tempo em meio àquela fragrância, cheguei a confundi-la com o meu próprio cheiro. E, quando me afastei, os outros deixaram de me tratar com o mesmo carinho. Mais uma vez, não tenho ninguém ao meu lado. Só sobrou o desespero. Kitty, talvez eu exale o cheiro da desgraça e só não perceba.

Mas não quero voltar a conviver com aquela pessoa. Porque ela destruiu o meu mundo. No instante em que decidiu agir daquela forma, o chão do meu céu — que ela mesma tinha construído — se estilhaçou e desabou. Já não consigo ficar ali como antes. Diferente do desespero que herdei dos meus pais, que era como a barra da roupa se encharcando aos poucos, aquela pessoa me fez sentir, pela primeira vez, uma frustração tão grande que parecia uma pancada violenta. Não é estranho odiar alguém assim, é? Por favor, Kitty, me diga que não é...

A mancha escarlata

Apesar de ter entrado no carro com Kyeongwon ainda de madrugada para ir investigar, Riae não sentia o menor sono. Pelo contrário, estava mais alerta e tensa do que o normal. Já Kyeongwon parecia acreditar que, caso fechasse a boca por um segundo sequer, ela morreria de tédio, pois, mesmo dando bocejos tão grandes que pareciam rasgar a boca, ele não parava de tagarelar.

— “Ban Illa” é o nome verdadeiro dela... Nossa, será que ter um nome diferente é pré-requisito pra se tornar uma estrela? É assim com a Malgeum e com a Cecile também. E o que mais...? Isso! Tem a mesma idade que você, *sunbae*! Se aposentou da indústria do entretenimento há três anos... Ah! Teve o escândalo em que ela discutiu aos berros com um cara no meio da rua e saiu xingando. Foi o maior barraco e o público caiu matando. Mas sabe o que é mais engraçado? Parece que a popularidade dela aumentou ainda mais depois disso. Teve quem criticasse, claro, mas muita gente a defendeu dizendo que ela se expressava de forma sincera e até corajosa, como uma pessoa comum; que finalmente dava para enxergá-la como um ser humano normal, que chora, ri e se irrita como qualquer um; que passaram a gostar dela porque ela não fingia mais ser perfeita. Foi uma loucura.

— Não foi bem assim. Mas as vendas dos álbuns e dos produtos que ela divulgava realmente dispararam.

— Ué, como você sabe disso?

— É que... estudei com a Ban Illa no fim do fundamental. Por um tempo só.

Embora não quisesse, Riaie resolveu contar, pois aquilo viria à tona no instante em que pisassem na floricultura. Caso contrário, corria o risco de Kyeongwon — do jeito que era — acabar abrindo o bico para Illa sobre coisas desnecessárias, do tipo: “Ela lembra tudo sobre você!”. E isso, sem sombra de dúvidas, era algo que Riaie queria evitar.

— Mentira!

— Olhe para a frente! — gritou Riaie, alarmada.

Kyeongwon havia virado a cabeça de repente para encará-la, com uma expressão de puro espanto, aparentemente se esquecendo de que estava dirigindo. Só então ele voltou os olhos para a estrada, exclamando “Uau!” várias vezes, ainda em choque.

— Como é que você pôde esconder isso de mim?!

— Eu nem falo mais com ela...

— Mesmo assim! Você foi amiga de uma superestrela que teve um escândalo em nível nacional! E aí? A Ban Illa já era temperamental naquela época? Foi por isso que vocês brigaram?

Riaie não quis responder.

— Enfim, não conte isso pra ninguém. Não tem nada a ver com a investigação... E nada de falar besteira pra ela, hein!

— Tá bom... Nossa! Fiquei tão chocado que até esqueci o que estava falando. A Ban Illa agora tem aquela loja, né? Vanilla Flower. E ainda é florista e influenciadora... Ela deve ter ganhado uma fortuna, por que será que ainda trabalha?

— Esse é bem o seu jeitinho de ver o mundo, né, Kyeongwon? Vai ver ela só está fazendo o que gosta. Ou talvez tenha nascido uma biscoiteira e não consegue viver longe dos holofotes — cuspiu Riaie, em um tom carregado de cinismo.



A floricultura ficava no segundo andar do prédio. Ao subirem as escadas, avistaram uma porta pintada de preto e, acima dela, o nome do estabelecimento em letras douradas:

VANILLA FLOWER

É, *chegamos...*, pensou Riaie, exatamente como alguém que, no fundo, preferia estar em qualquer outro lugar. Sem se dar conta, respirou fundo e puxou

a maçaneta.

No instante em que abriu a porta, uma lufada de ar úmido lhe atingiu o rosto. O aroma refrescante que se seguiu quase a fez esquecer o motivo de estar lá.

— Ainda não abrimos! E só trabalhamos sob encomenda, não temos estoque. Adquirimos a quantidade de flores conforme os pedidos.

A voz vinha dos fundos da loja. Era uma voz conhecida; soava um pouco mais madura, mas, fora isso, era a mesma das lembranças de Riaie.

— Não é por isso que estamos aqui. Gostaríamos apenas de fazer algumas perguntas. Somos da polícia.

Talvez por ter ouvido a palavra “polícia”, Illa ergueu os olhos em direção a Kyeongwon e, em seguida, desviou-os para Riaie, ao lado dele. Por um instante, pareceu não a reconhecer, mas logo sorriu de orelha a orelha. Um sorriso espontâneo, radiante e tão familiar que fez o corpo inteiro de Riaie se arrepiar.

— Acho que agora não dá mais pra te chamar pelo apelido. Você ficou mais alta do que eu, hein?

Sem a menor intenção de entrar no jogo de Illa, Riaie apenas a encarou, sem responder. Kyeongwon, percebendo a tensão no ar, também ficou quieto, à espera.

— Como você está, Miudinha?

— Miudinha? — A pergunta de Kyeongwon saiu acompanhada de um som estranho, como se sua garganta tivesse se fechado.

— Ah, você não deve saber, mas era assim que eu a chamava antigamente. Naquela época ela era baixinha. Bem menor do que eu.

Kyeongwon olhou para a colega com uma expressão atônita. Riaie, por sua vez, virou o rosto para o lado oposto, tentando esconder o embaraço.

Illa gesticulou para que os dois se sentassem em banquetas de aparência pouco confortável. Quando Riaie e Kyeongwon se acomodaram, ela se colocou do outro lado da mesa, em frente a eles. Sobre o móvel havia várias flores ainda por podar, além de cestos com arranjos pela metade, com poucos ramos já encaixados.

— Está fazendo cestas de flores?

Antes de responder à pergunta de Kyeongwon, Illa foi até os fundos por um momento e voltou trazendo suco em uma pequena garrafa.

— Sim. É o pedido de um cliente.

— Mesmo no segundo andar, parece que tem bastante movimento, né?

— Só trabalho com encomendas, então quase não atendo clientes que aparecem aqui na hora. Gostaria de encomendar uma cesta também?

— Eu? Ah, não... Não tenho nenhuma ocasião por agora, não — respondeu ele.

— Nunca se sabe... Vai que surge uma em breve? É só me avisar que faço uma bem bonita pra você. Pelo jeito, ainda não teve coragem de se declarar, né?

Ele enrubesceu e não conseguiu responder. Riae sabia o que Illa estava insinuando, mas fingiu não ter percebido. Embora fosse cedo para afirmar que Kyeongwon gostava de Riae para além de uma parceira de trabalho, Illa sentiu a química entre os dois de imediato.

Aquilo não era surpresa. Ban Illa sempre fora rápida em interpretar os outros. Era habilidosa em observar o comportamento alheio, compreender a dinâmica das relações e usar isso a seu favor. Bastou uma breve troca de palavras para que percebesse em que pontos Kyeongwon focava a atenção, de que modo reagia, quando ficava tenso... Riae, porém, não permitiria que Illa a manipulasse por meio dele. Por isso, interveio e cortou a conversa entre os dois.

— Não estamos aqui para bater papo.

— Eu sei. Vieram por causa do Kyung Kona, não é? Por que mais a polícia viria até uma floricultura tão pequena?

De onde vinha toda aquela confiança? Em geral, mesmo quem não fez nada de errado tende a se sentir um pouco nervoso ao ser interrogado, mas Illa não demonstrava o menor sinal de agitação.

— Qual era a sua relação com o Kyung Kona?

— Nenhuma. Sempre fomos distantes. Nunca tive vontade de fazer uma *collab* com ele, então mantive distância.

— Você recusou a popularidade e a influência dele por um motivo tão banal assim?

— Popularidade e influência nem sempre são algo positivo. Além disso, em termos de popularidade, eu já tenho mais do que suficiente. Mas talvez você não saiba como é — rebateu Illa, balançando a cabeça devagar e abrindo um sorriso irônico.

Até aquilo incomodou Riae. Era mesmo hora de zombar da situação como se não fosse nada? Porém, Illa, mesmo vendo o desconforto estampado no rosto de Riae, fingiu não perceber e continuou falando:

— Por mais que celebridades vivam de imagem, no caso do Kyung Kona isso era ainda mais delicado. Ele tinha influência, dava muito dinheiro, era um dos maiores ícones da geração... Por motivos assim, cheguei a fazer alguns projetos com gente de quem eu não gostava, porque obviamente havia algo a ganhar. Mas com o Kyung Kona, não. Porque, com ele, eu corria o risco de ver todo o meu

esforço ser jogado no lixo.

— Então o Kyung Kona tinha mesmo uma vida pessoal controversa? E você não estava metida nisso? Será que não está dizendo isso só porque tem medo de que sua própria vida seja exposta?

Os olhos de Kyeongwon estremeceram de leve; Riae não costumava fazer perguntas tão agressivas. Mas o mais estranho foi a reação de Illa. Mesmo percebendo que Riae tentava insultá-la, fingiu que não — e chegou a responder com um ar quase divertido:

— Aquele moleque era nariz em pé desde criança. Todo trainee sonha em se tornar um idol, admira esse mundo, mas ele falava como se ser idol fosse algo sagrado, como se a fama fosse um sacerdócio. Por isso tinha esse ar de superioridade: porque se achava importante demais. Eu queria ficar longe de tudo o que tivesse a ver com ele. Entre os idols corriam soltos boatos de que ele usava drogas, de que vivia se excedendo em festas... Histórias sem fundamento são o que mais têm por aí, então não dá pra confiar em tudo o que se escuta. Só que, no caso do Kyung Kona, ouvi certas coisas de alguém que havia se relacionado com ele. Isso me faz pensar que nem tudo era invenção. É chato falar mal dos mortos, né? Mas... é a verdade. Com uma personalidade dessas, deve ter acumulado muitos inimigos por aí — concluiu Illa, com franqueza, mas de um jeito calculado, evitando dar exatamente o que Riae queria.

— Sabe como era a relação dele com a Yeon Cecile? Já viu ou ouviu alguma coisa?

Illá negou com a cabeça.

— Sabe se eles estavam juntos? — pressionou Riae. — Quero dizer, como um casal.

— Impossível! — retrucou Illa, rindo como se acabasse de ouvir uma piada absurda. — O Kona não era nem de longe o tipo da Cecile. Se algum dia eles chegaram a ter alguma troca acalorada, pode ter certeza de que foi porque ele pisou no calo dela.

— Você fala como se a conhecesse bem.

— E conheço mesmo. Desde a época de trainee. A gente até que se dava bem, aliás.

Dessa vez, foi Riae quem soltou um riso seco.

— Yeon Cecile pode parecer uma fada, dessas que vivem de luz e orvalho, criada como uma princesa, mas, na verdade, ela é casca grossa — continuou Illa. — Eu gostava disso, e sentia certa pena também; por isso tentei cuidar dela do jeito que pude. Ela começou muito novinha como trainee e sofreu bastante na

mão do pessoal mais antigo.

— Eu achava que ela tinha vindo de uma família rica — interferiu Kyeongwon, interessado no assunto.

— Como eu dizia, Cecile é mais esforçada do que parece e bem mais legal do que a mídia mostra por aí. É inteligente, tem um olhar afiado, nota detalhes que se perdem no palco. Até tem uma certa sensibilidade para a concepção dos shows, então a gente conseguia se entender. Acho que era por isso que ela batia de frente com a empresa, igual a mim.

— Interessante... É que gosto de idols no geral, mas a Cecile é a minha favorita.

— Ah, é? — Illa deu uma risadinha e olhou alternadamente entre Riae e Kyeongwon. — Você tem bom gosto. Desde pequena ela ajudava na lojinha da mãe. Acho que amadureceu muito cedo. Mas, talvez por ter amadurecido cedo demais, cresceu tratando o coração como se fosse de cristal, capaz de se estilhaçar a qualquer momento se não houver algo o protegendo.

A maneira como Illa a encarava enquanto dizia aquelas palavras fez Riae ter vontade de gritar com ela, mandá-la calar a boca. Mas se conteve.

— Ah, a propósito... — continuou a ex-idol. — Poucas pessoas sabem dessa história. Estou confiando que vão manter isso em segredo, tá?

— E será que você não resolveu contar isso justamente porque sabia que ninguém iria acreditar? — retrucou Riae. — Será que não foi de propósito, para plantar a sementinha da dúvida sem ter que se dar ao trabalho de provar nada?

— Como assim? É só que, depois de tanto tempo, conversar com você me fez sentir como se tivesse voltado ao passado... e acabei falando mais do que devia.

As duas se encararam como se travassem um duelo psicológico. Kyeongwon conseguiu encontrar uma brecha e se dirigiu a Illa:

— Nunca ouviu nada sobre a Cecile estar sendo chantageada pelo Kona?

— Chantageada? Quem disse isso?

— A Malgeum.

— Yoon Malgeum... Essa aí adora um drama. — O rosto de Illa exibia um misto de pena e curiosidade. Seria aquela a expressão de alguém que observa uma minhoca se contorcendo antes de morrer? — Mas talvez não seja uma mentira completa. Ela não teria tanta cara de pau de inventar algo assim do nada. Pode ter sido algo que aconteceu depois que saí, o que já faz um tempo, mas... Por que vocês não param de perguntar da Cecile?

— Não estamos perguntando da Cecile. Estamos perguntando de você! — cortou Riae, de imediato. — Então, pare de fugir do assunto e responda direito.

A menos que esteja tentando nos manipular para se meter na investigação.

— Trabalhar com uma superior assim deve ser difícil, né? Imagino o cansaço... Não duvido que, quando forem falar com a Cecile, vão perguntar de mim também.

— Haha... — Kyeongwon riu, constrangido, sem saber o que responder.

Riae seguiu para a próxima pergunta, como se não tivesse escutado:

— Por que você foi até a emissora se não tinha compromisso lá?

— Fui levar flores. Você já deve ter ouvido isso de alguém, então por que perguntar? Sou próxima da Blue Rabbit e, sim, eu poderia ter chamado um entregador, mas preferi ir pessoalmente. Fazia tempo que não via minha amiga, e ainda pude aproveitar para visitar a emissora depois de tantos anos.

— E antes disso, onde você estava?

— Aqui.

— Com quem?

— Ninguém.

— Alguém pode confirmar?

— Hum... não?

Riae forçou um sorriso. Queria colocá-la contra a parede, desestabilizá-la. No entanto, mais uma vez, Illa não mordeu a isca. Em vez disso, assumiu uma expressão travessa e disse, como uma garotinha provocando uma colega:

— E aí, conto ou não conto?

— A Iconition é a agência em que você trabalhava, não é?

— Ah, isso mesmo! Ficou sabendo disso agora, pela investigação, ou já tinha isso guardado aí na cabeça?

Illa riu baixinho. Um riso daqueles que escapam quando um adulto vê uma criança fazendo gracinha e que só serviu para irritar Riae ainda mais.

— Parece que um tal de Park Sangjin, um dos *managers* de lá, anda sumido. Você sabe de alguma coisa?

— Hã? Quem?

Até um segundo antes, Illa tinha um sorriso largo no rosto, aparentando se divertir às custas de Riae. Mas bastou a menção ao nome do *manager* para sua expressão se fechar por completo. Riae soube na hora: era lá que precisava cavar.

— Park Sangjin, *manager* da Iconition. Ouvi dizer que ele chegou a cuidar do seu grupo. E parece que o último compromisso dele antes de desaparecer foi com você.

Illa, que vinha rebatendo todas as perguntas até então, ficou em silêncio por alguns segundos, como se escolhesse as próximas palavras com cuidado. Pela

primeira vez desde que botara os pés na floricultura, Riaie sentiu-se triunfante.

— Sei lá. Não me lembro. E, se não lembro, não tem o que fazer, né? — respondeu, sem o tom brincalhão de antes, querendo encerrar o assunto do álibi.

Por um instante, Riaie teve a impressão de ver um brilho passar pelos olhos de Illa; então a mediu de cima a baixo. Quando seu olhar voltou a subir, deteve-se nas mãos. Aquelas mãos que talvez tivessem cometido algo terrível mais uma vez, como se não fosse nada.

— Suas unhas são bem longas e chamativas — comentou Riaie, quase por reflexo. — Não atrapalha na hora de mexer com as flores?

— Trabalho com as mãos, não com as unhas. Desde que a ponta dos dedos esteja livre e eu consiga segurar a tesoura, está tudo certo.

— Posso dar uma olhada embaixo delas?

— É justamente pra não mostrar essa parte que eu pinto — respondeu Illa, rindo de leve, como que entretida. — Mexer com flores mancha a unha, sabia? Com o tempo, fica azulada, escurecida, parece sujeira. Então peço para a manicure dar um jeito de esconder.

— Tem certeza de que não é para esconder outra coisa?

Illa sorriu com os lábios cerrados antes de falar:

— Você não vai encontrar o que está procurando. Já não está mais aqui. Até posso te mostrar, mas estou dizendo isso pra te poupar do trabalho. Mesmo que tenha resquício de cloro, não fique tão animadinha. A gente dilui água sanitária na água das flores para mantê-las frescas. Então, pode ser por isso.

Ainda assim, Illa não permitiu que Riaie examinasse suas mãos antes de saírem da floricultura.

— Não ter um álibi consistente é meio estranho, né — murmurou Kyeongwon, já do lado de fora. — Mas também pode ser verdade. Vamos ter que investigar melhor.

— Reparou como ela reagiu quando pedi pra ver debaixo das unhas? Com certeza tem coisa ali.

— Hum... Se a gente for só pela conversa, realmente parece que tem algo suspeito. Mas, *sunbae*, você mesma vive dizendo que os sinais não verbais são fundamentais, não é? Pela cara dela, tive a impressão de que estava mais era querendo te provocar. Ela já é famosa pela personalidade excêntrica, então não me surpreenderia se tivesse esse tipo de senso de humor meio torto.

— Se você pensa assim, quer dizer que já caiu no jogo dela. Ao menos sabe que tipo de pessoa ela é?

Ao ouvir isso, Kyeongwon só ficou calado. Em parte porque Riaie conhecera a

Illa de verdade e não dava para ignorar o peso de suas palavras, mas, sobretudo, porque era visível o esforço dela para reprimir a raiva.

A festa era grandiosa. Ornamentos exuberantes decoravam o saguão de um hotel de luxo; a música pulsava como um coração gigante e fazia o chão vibrar; sobre as mesas, taças de champanhe perfeitamente alinhadas ao lado de petiscos e docinhos delicados; luzes coloridas percorriam o espaço escuro. Tudo deixava nítido o cuidado despendido na preparação do ambiente — como convém à festa de lançamento de uma nova linha de maquiagem de uma grife de luxo.

Havia apenas um motivo para Kyeongwon e Riae terem pisado naquela festa de lançamento: encontrar Yeon Cecile. Hyeonjo, o responsável pelo setor de negócios da Iconition, explicara que a agenda de Cecile estava lotada e que seria difícil conseguir um horário à parte; por isso, pedira que, se quisessem fazer perguntas, fossem ao encontro dela no hotel onde a festa aconteceria. Acrescentara mais um pedido: como Cecile era uma celebridade propensa a ser envolvida em inúmeros escândalos pelo simples fato de participar de uma investigação, seria melhor, se possível, conduzir tudo como uma entrevista jornalística, e não como um interrogatório policial. Contudo, as palavras de Hyeonjo soaram vazias, pois, mesmo em trajes formais, Riae e Kyeongwon não se pareciam com convidados de um evento como aquele.

— Pode ficar tranquilo. Vão achar que viemos a trabalho, ou, na pior das hipóteses, que molhamos a mão de alguém pra entrar, sei lá.

Foi exatamente como Kyeongwon dissera. As incontáveis celebridades e influenciadores que cruzaram seu caminho limitavam-se a lançar olhares rápidos, sem lhes dar muita atenção. Estavam ocupados demais posando para fotos diante do painel pantográfico ou das belas decorações, ou então se reunindo em pequenos grupos espalhados pelo local, rindo e conversando entre si.

— Irônico, não é?

— O quê?

— Faz pouquíssimo tempo desde a morte do Kyung Kona e já estão dando festas extravagantes como esta.

— Pra essas pessoas, isto aqui é trabalho. Nenhum de nós parou a vida quando soube que um colega da Academia morreu em serviço, não foi?

— É... tem razão. E deve ter muitas empresas envolvidas num evento deste

porte, né? Só o aluguel do espaço, os custos de preparo e a mão de obra já devem ter custado uma fortuna. A indústria toda ficou de luto por alguns dias, então não é como se isso fosse um total desrespeito ou muito fora do senso comum... Mas, por mais que eu entenda, ainda acho esquisito.

— Eu sei. Tudo parece normal, mas não sei se esse tipo de festa é feito para as pessoas ficarem alegres e se divertirem à vontade. Talvez seja isso que incomode.

Nesse momento, um burburinho começou a se formar. A agitação foi se aproximando cada vez mais de Kyeongwon e Riae, até que alguém gritou:

— É a Cecile!

Os dois se viraram instintivamente na direção de onde viera o grito. E lá estava ela: Yeon Cecile, vestindo um traje coberto de lantejoulas reluzentes, tão bela e etérea quanto na televisão.

— Ela é linda, mas não tem o mesmo magnetismo que a gente vê nas fotos! — Alguém ousou verbalizar o que Riae havia apenas pensado.

Para ela, fazer um comentário daqueles sabendo que a própria pessoa em questão poderia ouvir — ainda que fosse uma celebridade — era de extrema grosseria. Será que achavam que artistas eram robôs incapazes de se magoar?

— Cecile!

— Cecile! Sou seu fã!

— Posso apertar sua mão? Só uma vez!

— Eu também quero!

Como se incentivados pelo primeiro pedido, o círculo que se formara ao redor de Cecile começou a se fechar, ficando cada vez mais apertado. Algumas pessoas tiravam fotos e gravavam vídeos enquanto gritavam para a idol, em tom quase imperativo:

— Olhe pra cá!

Qualquer pessoa se sentiria sob pressão em uma situação como aquela, mas Cecile girava a cabeça com destreza para todos os lados, estendia as mãos aqui e ali e posava para as câmeras. Como atendia a todos os pedidos, as pessoas passaram a segurar sua mão com força, sem querer soltá-la, ou a empurrá-la para tirar fotos.

À medida que o alvoroço se prolongava, algumas pessoas paradas ao lado de Riae começaram a resmungar:

— Por que ninguém está controlando isso? Desse jeito ela vai acabar se machucando.

— Mas a culpa é dela, não? Quem mandou andar por aí sem seguranças?

— Preste atenção: cadê a marca que ela tem na nuca? Não é a Cecile, é aquela

garota... *PuddingTaste96*!

PuddingTaste96? Seria algum conceito de K-pop? Ou teria escutado errado? Riae franziu a testa, confusa. Nesse momento, surgiu um grupo de pessoas que, à primeira vista, tinha jeito de seguranças. Em instantes, abriram caminho entre a multidão e cercaram Cecile.

— Ah, deve ser a pseudo-Cecile — sussurrou Kyeongwon, depois de entender a situação.

— Pseudo-Cecile?

A tal pseudo-Cecile, *PuddingTaste96*, estava sendo arrastada pelos seguranças para fora do hotel. Aqueles que, segundos antes, vibravam com a presença da idol observavam a cena, atordoados. Firmemente sob custódia, *PuddingTaste96* disparava ameaças:

— Vocês vão se arrepender! — E, ao perceber que nada daquilo surtia efeito, passou a berrar a plenos pulmões: — Cecile! Está me vendo? Olhe pra mim! Eu te amo! Eu sou você e você é eu! Eu te amo, Cecile!

Depois da confusão, houve um breve silêncio. Então, pouco a pouco, o silêncio deu lugar a gargalhadas incrédulas e comentários frustrados. O ambiente voltou a ficar barulhento, como se o ocorrido já tivesse sido esquecido. Logo, todos retomaram seus lugares e voltaram a aproveitar a festa.

— Se ninguém tivesse falado nada, eu ficaria achando que era ela mesmo. Até a voz era parecida, não era?

— Ué, mas não era você que se gabava de ser fã de verdade? Como é que era mesmo? “Fã raiz”? E nem consegue reconhecer?

— Pois é, para você ver: estava tão parecida que nem um fã raiz conseguiu distinguir. Será que foi cirurgia plástica? Caramba, se dá pra ficar assim tão igual, até que operar deve valer a pena.

— Valer a pena o quê? Copiar outra pessoa nesse nível? Chega a ser bizarro. Imitar alguém influente é uma coisa, mas um caso desses já exige tratamento clínico.

— É... mas também não é a primeira vez que acontece.

— Como assim, tem mais gente assim?

— Muito mais do que você imagina. Teve um caso de um cara que mandou tatuar nas costas o mesmo desenho que o cantor favorito dele tinha. Usava isso pra se aproximar das fãs, namorava várias ao mesmo tempo e vivia às custas delas, até acabar preso por extorsão. Quando perguntaram por que ele fez aquilo, todo mundo achou que fosse dizer que era por inveja, que queria atenção, que só queria pegar mulher... mas, não. O cara respondeu que, na verdade, era como se

fosse outra personalidade do cantor, que conseguia sentir o que o ídolo sentia, que eles estavam conectados. Totalmente surtado.

— Ah, vai... Você acabou de inventar isso.

— Estou falando sério! Quem você pensa que eu sou?!

Riae ainda olhava distraidamente na direção em que *PuddingTaste96* fora levada quando as costas de um homem lhe chamaram a atenção. Onde é que ela já tinha visto aquela nuca? Ao vasculhar a memória, lembrou-se de Hyeonjo, o responsável pelo setor de negócios da Iconition. Porém, não tinha como ter certeza, já que só o vira de frente.

— Srta. Shin Riae? — disse alguém, quase aos berros, se colocando entre Kyeongwon e Riae.

Nesse curto espaço de tempo, o homem de costas que lhe parecera familiar já havia desaparecido.

— Desculpem-me pela demora. Estava resolvendo o ocorrido de agora há pouco. Como este não é um evento com muitos superfãs, demorei um pouco para identificar o problema. Ainda bem que a Cecile estava do outro lado do salão! Deve ter sido um susto e tanto, não foi?

As apresentações formais acabaram sendo substituídas por um leve aceno de cabeça. Já sabiam que, ao chegarem lá, o *road manager* de Cecile os conduziria até ela; então apenas deduziram que fosse ele. Além disso, considerando que ele chamara Riae pelo nome, era evidente que estava a par da situação. Pensando bem, não seria estranho se Hyeonjo também estivesse no evento.

— E aquela garota de agora, o que aconteceu com ela? — perguntou Kyeongwon.

Antes de responder, o *road manager* soltou um suspiro pesado.

— Tiramos ela daqui, demos uma advertência e foi isso. O que mais poderíamos fazer?

— É... mesmo sendo um caso de falsidade ideológica, ela não causou nenhum prejuízo real, então não tem base legal para um processo.

— Se pelo menos tivesse usado o nome da Cecile pra tirar dinheiro de alguém, pra aplicar um golpe... qualquer coisa concreta. Mas só o que ela faz é aparecer sem aviso e sair cumprimentando as pessoas. Não temos do que acusá-la, nem sequer fazemos ideia do que ela quer com isso. É enlouquecedor.

— E isso acontece com frequência? — perguntou Riae.

O *road manager* franziu o rosto com tanta força que olhos, nariz e boca pareciam prestes a se fundir.

— Nem me fale; aquela garota é a maior dor de cabeça. Ela já é figurinha

repetida em encontros com fãs, sessões de autógrafos, tudo quanto é evento aberto. Não sei o que ela faz, mas mesmo em eventos com entrada por sorteio ou convite VIP ela dá um jeito de aparecer. Eventos fechados como este, então? Sei lá como ela descobre. E, pior: como consegue entrar. É realmente um mistério.

— Ela nunca chegou a falar o que quer com isso?

— Nunca! É esquisitíssimo. E ela sai dando autógrafos como se fosse a própria Cecile. A gente a expulsa por falsidade ideológica... e ela aparece de novo. E de novo. Quem ela pensa que é, afinal? Deve achar que é um *alter ego* da Cecile, sei lá — bufou o *road manager*.

— O mais curioso é que só eu fiquei chocada, pelo jeito.

— Ah, é que os fãs já conhecem bem a peça. Qualquer um que acompanhe o *fandom* conhece a *PuddingTaste96*. Como ela nunca fez nada errado em nome da Cecile, não sofre nenhum tipo de restrição, no máximo é xingada de “caça-likes”, “biscoiteira”. E pasme: ela tem fãs! Não é à toa que a própria Cecile já deve saber de tudo.

— *PuddingTaste96* é um nome de usuário?

— É o nome que ela usa dentro do *fandom*, digamos assim.

Àquela altura, Riaie queria perguntar diretamente à *PuddingTaste96*: por que se empenhar com tanto fervor em algo que não lhe traria nenhum ganho substancial? O que lhe atraía tanto naquilo tudo?

Andando a passos largos, o *road manager* guiou Riaie e Kyeongwon por entre a multidão. Provavelmente por causa de seu porte avantajado, as pessoas se afastavam depressa, abrindo passagem. Aos poucos, o ambiente ganhara ares mais vivazes: mais e mais pessoas se inebriavam com a animação, falando apenas de si mesmas, e gritos eufóricos ecoavam com maior frequência.

O entorno já barulhento ficou ainda mais caótico quando um DJ famoso assumiu a posição atrás da cabine. Enquanto a música tocava, Cecile surgiu diante dos olhos de Riaie e Kyeongwon. Sua roupa preta cintilava, talvez por causa do tecido. A renda na barra do vestido ondulava com delicadeza, como as nadadeiras de um peixinho dourado.

— Oi. Eu sou a Cecile.

Sem dúvida, a “Cecile verdadeira” era diferente. Riaie não chegou a ficar boquiaberta como Kyeongwon, mas se viu bastante impressionada. Só se enganara com *PuddingTaste96* por tê-la visto sozinha; se fossem colocadas lado a lado, a diferença entre as duas ficaria evidente. A aura que Cecile emanava era singular, como se viesse de outro mundo. Quanto ao rosto, era tão pequeno que parecia quase impossível que olhos, nariz e boca coubessem nele; a pele clara e os

membros esguios absorviam a luz ao redor e a refletiam de forma suave.

Cecile sorria com tanta pureza que era difícil acreditar, à primeira vista, que já estivesse perto do fim de seus vinte anos. Havia algo de menina nela, como se fosse incapaz de se desvencilhar do ar juvenil — e isso causava em Riae uma perturbação estranha; não conseguia admirá-la sem que o coração pesasse. Não sabia dizer ao certo se aquilo vinha de Cecile ser uma “criança adulta” por natureza, ou se era resultado de ter sido moldada para se adequar às preferências de quem desejava consumir uma imagem pueril e inocente.

Riae entregou seu cartão de visitas a Cecile, dizendo que, naquele momento, poderia chamá-la de *unnie** se quisesse. Encantada, a mais jovem comentou que nunca recebera um cartão da polícia antes e começou a girá-lo entre os dedos, observando-o de todos os ângulos, como se fosse um objeto fascinante.

— Riae... Shin Riae... Riae, Riae...

Cecile repetia o nome dela várias vezes, como se recitasse um poema. Riae agradeceu por estarem em um ambiente pouco iluminado. Sob luzes fluorescentes, o rubor e a surpresa em seu rosto teriam sido impossíveis de disfarçar.

— Seu nome é tão bonito. É... exótico.

— Ah, mas não chega nem aos pés do seu, Cecile. É o seu nome verdadeiro, não é? Ele é lindo.

Cecile sorriu, tímida. Com aquele sorriso, tanto Kyeongwon quanto Riae sentiram a tensão se dissolvendo.

— É, sim. Meus pais escolheram com muito cuidado. Como pensavam em me mandar estudar fora, queriam um nome que fosse fácil de pronunciar até no exterior. Mas, na verdade, ele é composto por caracteres chineses. É “Ce” de “mundo”, e “Cile” de “fruto”. Cecile: fruto do mundo — explicou ela em um tom firme, quase didático.

Foi então que uma mulher com um permanente no cabelo que vinha escutando a conversa a um passo de distância, como se estivesse aguardando uma deixa, retrucou, em tom ríspido:

— Ei, você me contou outra coisa, lembra? Disse que era seu nome de batismo, algo a ver com a santa padroeira da música, ou sei lá o quê. E que por isso você gostava de cantar, não foi?

— Ah, essa história... — Cecile voltou a sorrir, mas, dessa vez, um dos cantos da boca se ergueu antes do outro, em claro sinal de desprezo. — Eu nem acredito em religião.

— O quê? Então, por que disse isso naquela...?

— Porque você estava me enchendo a paciência! Só falei qualquer coisa pra me deixar em paz. Tenho mesmo que te contar tudo? — replicou Cecile, os olhos arregalados e vazios, quase sem vida.

Cortara a conversa com desdém, aderindo a uma postura completamente diferente da que demonstrara ao falar com Riae. A outra mulher, amuada, tentou forçar um sorriso.

— Aliás, não é educado ficar bisbilhotando a conversa dos outros, sabia, *unnie*? — continuou Cecile. — Você continua igualzinha, desde a época do grupo... Cresça um pouco! Só relevo porque você é mais velha. Agora, pode me dar licença, por favor?

— Eu, hein. Não estava bisbilhotando. Também estou ocupada. Só vim dar um “oi”. Até depois, então...

Popularidade era poder? Até Riae percebeu que havia uma clara hierarquia. Assim que a mulher do permanente sumiu de vista, Cecile voltou a sorrir com doçura, como se nada tivesse acontecido.

— Detetive... Quer dizer, *unnie*, e o seu nome? O que ele significa?

— Tem uma atriz japonesa com o nome parecido. Aparentemente, meu pai viu um álbum de fotos dela e ficou tão impressionado que resolveu me dar esse nome. Minha mãe odiou, mas só fui entender o motivo depois de adulta.**

— Claro que odiou! Dar à filha o nome de outra mulher, ainda mais com a esposa viva... Ou teve mais algum motivo?

— O álbum de fotos que meu pai viu... Era um livro de nus artísticos.

— Caramba! — exclamou Cecile, levando a mão à boca, surpresa. Ficou sem palavras por um momento e, logo depois, começou a rir feito criança. — Ai, me desculpe por rir... É que eu jamais esperaria algo assim...

Talvez influenciada pela atmosfera mais leve do lugar, Riae também se pegou sorrindo, como se estivesse ouvindo a história de uma outra pessoa.

— Pode rir. Não tem problema.

Com o clima já descontraído, era hora de conduzir a conversa para o que realmente interessava.

— Ouvi dizer que você leva o trabalho muito a sério. Que, mesmo fora das atividades promocionais, vai às apresentações dos colegas para ver como estão se saindo.

— Não é algo que eu precise fazer, mas... em vez de assistir em casa pela televisão, gosto de ir e vir entre os camarins, ver as apresentações no palco pelos bastidores... Isso me desperta. Porque, quando estou de folga e começo a pensar em outras coisas, estar ali me faz lembrar: “Ah, é aqui que eu pertenço; preciso

fazer uma performance perfeita, melhor do que a dessas pessoas no palco; preciso me esforçar mais...”.

— Então você está sempre procurando evoluir, mesmo que isso custe seu tempo livre? Isso é incrível!

— É você quem é incrível, *unnie*. Eu trabalho por mim mesma, e ainda recebo reconhecimento dos fãs. Mas você trabalha sem parar, dia e noite, e ninguém vê. Fico curiosa: de onde é que vem essa motivação? Pode me contar?

Era ótimo ter ganhado certa intimidade com Cecile; o problema era que, naquele interrogatório disfarçado de entrevista, não era Riaie quem deveria estar no papel de entrevistada. E, para piorar, Cecile só fazia perguntas difíceis de responder.

— Bom, não tem nada específico que me motive, só preciso sobreviver de alguma forma. Acho que é por isso...

— Sobreviver...

De repente, a expressão de Cecile se fechou. Teria tocado em algum ponto sensível? Riaie ficou intrigada, mas decidiu não insistir.

— Poderia me contar o que fez naquele dia? Antes e depois da transmissão do programa?

— Hum... De manhã fui pro salão fazer maquiagem, depois tive uma entrevista, aí fui à agência pra discutir as músicas do próximo álbum... Depois disso, fui à emissora pra assistir à gravação. Foi quando recebi uma ligação da minha família e precisei sair correndo.

— Posso perguntar o que aconteceu? — perguntou Riaie, embora já soubesse a resposta.

Por mais que os fatos em si fossem importantes, a maneira como a própria Cecile os descrevia também tinha relevância. Por isso, Riaie precisava ouvir da boca dela.

Hesitante, Cecile levou os dedos aos lábios.

— Estamos cientes de que é algo pessoal, e, claro, não tem obrigação nenhuma de responder. Mas se puder compartilhar, seria bom. Não é justo, eu sei, mas, às vezes, o silêncio acaba sendo mal interpretado — falou Kyeongwon, com delicadeza.

Talvez o conselho dele tenha ajudado Cecile a se decidir, pois ela assentiu, tomou um gole de champanhe e começou:

— Posso até contar, porque não é algo que me envolve diretamente... Mas é uma coisa ruim, sabe? Por isso fiquei receosa. É que um parente mais velho, que morava sozinho no interior, morreu sem ninguém por perto. Era uma pessoa

meio difícil, não tinha muito contato com o restante da família... Só descobriram porque teve um incêndio na casa, e, quando entraram para apagar o fogo, já estava... Enfim. Fui para o funeral. Ele não tinha filhos, então tive que ficar indo e voltando para cuidar de tudo. Inclusive dos custos...

— Entendo. Meus pêsames.

Cecile soltou um longo suspiro. Riae teve a estranha sensação de que, por um instante, a garota havia se esquecido da presença deles, como se estivesse falando sozinha.

— Foi muito estressante ter que ir e vir sem chamar a atenção das pessoas. Eu não queria que ninguém soubesse... Porque, se descobrissem, começariam os boatos: “Morreu aquele parente alcoólatra da Cecile”, “Essa família sempre foi problemática”... Só por ser alguém da minha família, iriam associar a mim e, no fim das contas, acabariam me criticando. E quem conhecia essa pessoa poderia achar que toda essa fofoca era verdade e me julgar por isso, sabe? Já estou de saco cheio disso, de verdade. E se alguém me reconhecesse no funeral? Ai, olha, só de pensar, já fico... Não quero nem imaginar...

— Está tudo bem. Nada disso vai acontecer. Mesmo que falem alguma coisa, é só ignorar. Afinal, você sabe que não é verdade — interrompeu Riae.

Cecile, que murmurava para si mesma como se estivesse em transe, parou, como se a voz de Riae a puxasse de volta à realidade. Pouco depois, seus olhos retornaram ao presente, com um brilho renovado, e então se fixaram na detetive, comovidos. Aquele olhar tão intenso, tão cheio de luz, chegava a ser desconcertante, mas, por incrível que pareça, nem um pouco desagradável.

— As palavras mais reconfortantes que ouvi nos últimos tempos vieram de uma *unnie* que acabei de conhecer. Fico feliz, apesar de ser meio irônico.

— Sinto ter que tocar num assunto que pode te trazer más lembranças, Cecile... mas preciso perguntar sobre o Kyung Kona. Seja sincera: como era a sua relação com ele?

— Ah, Kyung Kona... A gente não se dava bem.

— Então os rumores de que vocês discutiram são verdadeiros?

— Sim. Mas é difícil pensar em algum idol da mesma geração que o Kona que não tenha se desentendido com ele pelo menos uma vez.

— Já ouvimos isso de outros também. Mas, e no seu caso, o que ele fez que te incomodou?

Cecile ficou em silêncio por um instante. Seus olhos se perderam em algum ponto distante antes de voltarem para os policiais.

— Ele queria expor meu histórico familiar.

— Pra quem?

— Pra todo mundo. Ele diz que quer provar que a imagem que mostro às pessoas não é quem eu sou de verdade. Quer ver se ainda iriam me amar depois disso. Diz que fica curioso para saber como os meu fãs reagiriam ao ver meu verdadeiro eu. Não a Cecile envolta em mistério que sempre recebeu o amor delas, mas a garota que vem de uma família afundada em dívidas e que agora mendiga afeto para suprir a carência de toda uma vida...

Riae se perguntou se Cecile se referia a Kona no tempo presente porque a raiva ainda não havia passado, ou se era porque ainda não conseguira processar a morte dele. Aquela sensação de estranhamento deu origem a uma pergunta propositalmente ambígua:

— E o que você fez?

Contudo, Cecile apenas sorriu, incrédula.

— Respondi que eu também queria ver se alguém seria capaz de gostar dele, com aquela mania perversa de fingir ser uma boa pessoa enquanto pisa nos outros. E xinguei ele. Xinguei feio.

— Por acaso, você já ouviu falar de um possível desentendimento entre a Ban Illa e o Kyung Kona?

— O Kona vivia arrumando problema com os outros, mas a Illa *unnie* também não é nenhuma flor que se cheire... Se eles tivessem brigado de verdade, teria virado fofoca rapidinho. Acho que ela nunca nem deu bola pra ele. Vocês chegaram a se encontrar? Ela está bem?

— Sim.

— Saudades... Éramos bem próximas na época de trainee. Dizem os boatos que eu a empurrei e a gente se agarrou pelos cabelos, até tapa na cara dentro do camarim inventaram. Mas, na verdade, ela era uma das poucas pessoas com quem eu me sentia à vontade.

— Mas hoje vocês não se falam mais, não é?

— É... Mas não foi porque brigamos nem nada assim. Cada uma debutou em um ano, fomos seguindo caminhos diferentes, as agendas foram ficando cada vez mais cheias... Foi um afastamento natural. Não foi porque alguma coisa de ruim aconteceu entre a gente, sabe? Se fosse, talvez as coisas que eu contei só pra ela já estivessem na boca do povo. Eu contei de tudo: sobre minha família, sobre minha vida amorosa...

Ela piscou umas duas vezes, como se pedisse que fingissem não ter ouvido a última parte. Segundo o testemunho de Cecile, o que Illa dissera não havia sido uma mentira completa. Riae não sabia se deveria se sentir aliviada ou contrariada

diante dessa nova constatação.

— Sou grata à *unnie*. Foi por causa dela que não sofri tanto bullying.

— Bullying? Os trainees fazem coisas assim?

Um espasmo passou pelo rosto de Cecile. Seria tristeza? Raiva? Não dava para saber.

— Você não faz ideia. Às vezes penso que teria sido melhor se dissessem na minha cara que me odiavam. Seria ruim de qualquer jeito, claro, mas... Eram coisas tão mesquinhas, tão infantis. Deve ser por isso que até hoje penso com muito carinho nas pessoas de quem me aproximei naquela época.

— Entendo.

Riae ia perguntar se houvera mais algum detalhe estranho no dia da morte de Kona, mas se deteve. Cecile fitava a mão de Riae com um olhar vazio, como se tivesse se perdido de novo em outro mundo.

— No que está pensando?

— Numa *unnie* de quem eu gostava...

— A Ban Illa?

— Não, outra. Uma *unnie* que não posso mais ver... — Cecile soltou um suspiro longo e profundo. — Ela era realmente incrível. Todo mundo gostava dela, os garotos e as garotas. Era muito boa com trabalho manual, sabia fazer de tudo. Tinha um bom coração, era inteligente, sempre dizia palavras gentis. Eu a admirava e queria ser como ela. Mas aí, um dia... Ela tirou a própria vida.

Riae logo entendeu quem era a *unnie* de quem Cecile falava. Afinal, o caso da Blithe causara comoção mundial por um período. E não fora apenas isso: antes mesmo que houvesse tempo para os enlutados lamentarem a morte, o público e a mídia já haviam vasculhado a vida privada dela, especulando, dissecando, transformando tudo em assunto. Embora não a conhecesse, Riae sentira um leve desconforto — talvez por se tratar de questões cotidianas e pessoais e não envolver qualquer ato ilegal.

— Depois descobri que a *unnie* já tinha tentado tirar a própria vida antes, chegara a ir ao hospital em várias ocasiões e estava até tomando remédio pra depressão. Nós éramos tão próximas, e eu não fazia ideia. Ela sempre foi uma boa ouvinte... Eu deveria ter percebido naquele dia em que a vi sair do banheiro com os olhos vermelhos. Deveria saber que ela tinha chorado escondida.

— Não foi culpa sua, Cecile.

— Mesmo assim, aquela cena não sai da minha cabeça. Algumas vezes, fiquei magoada por ela não ter me contado pelo que estava passando, mas já não me sinto mais assim. Pra explicar o motivo da depressão, ela teria que falar de coisas

muito pessoais, e talvez não quisesse isso. Talvez não quisesse que ninguém soubesse... Mas por quê? Por que será que a *unnie* nem cogitava isso? Será que era porque não queria que isso virasse mais um produto para os outros consumirem? No fim, fosse qual fosse o motivo, agora todo mundo sabe de tudo. Então de que adiantou ter ficado de boca fechada? Será que não tinha outra forma de se proteger...? Mas, sabe... Eu não fui a única a não perceber que a *unnie* estava doente. Tirando a família, ninguém sabia. Ninguém.

Luzes multicoloridas piscando de modo exuberante, gritos de euforia e música. E, em contraste com tudo isso, o semblante desolado de Cecile. Riae pensou se aquela cena estranha não era, por si só, uma espécie de síntese da vida que a garota vivenciara como idol.

Assim que entrou no carro, Kyeongwon, que permanecera em silêncio o tempo todo, retomou o ritmo habitual e desatou a falar:

— Virou o Coringa agora, foi?

— Que papo é esse? Vai continuar falando coisas assim, sem nenhum contexto?

— Estou falando do significado do seu nome, *sunbae*. Naquele primeiro jantar de equipe, quando o chefe Jung perguntou, você disse que houve um erro na hora de registrar seu nome. Que, depois de te dar à luz, sua mãe murmurou “*shinbihae*”, que quer dizer “misteriosa”, e seu pai foi escrever isso no formulário do cartório. Porém, como estava caindo de bêbado, nem isso conseguiu fazer direito, e aí saiu “Shin Riae”. Acontece que toda vez a explicação muda. No filme *O cavaleiro das trevas*, o Coringa também conta sempre uma história diferente de como a boca dele ficou rasgada daquele jeito.

Riae deixou escapar um riso curto. Embora houvesse achado curioso o fato de Kyeongwon tê-la comparado ao Coringa, também sentiu uma admiração genuína por ele ter se lembrado de algo que acontecera muitos anos antes.

— Você se lembra disso? Que memória, hein...

— Eu me lembro de tudo sobre você, *sunbae*.

Ao ouvir aquelas palavras, a tensão nos olhos de Riae lentamente se dissolveu. Mas não demorou para seu olhar voltar a endurecer.

— Se é ou não é a versão verdadeira, não interessa.

— Então tudo bem mentir? Ué, isso lá é coisa que uma policial diria?

— Não estou mentindo sobre minha formação nem sobre meu cargo, oras...

Por que preciso dizer a verdade a respeito de uma coisa tão banal assim?

Kyeongwon balançou a cabeça de leve, como se não entendesse, e franziu a testa.

— E a Ban Illa? Ela já te contou o que quer dizer o nome dela? Não é um nome coreano, é?

— Não sei. Ela já me contou... Mas esqueci.

Elas haviam passado horas falando sobre o significado dos nomes uma da outra, mas tudo o que restara era uma vaga lembrança. Riae já tinha se esquecido por completo do que haviam conversado.

— E aí, o que disseram? — perguntou Juyeon assim que se sentou, usando um adorável suéter feio de Natal por cima da camisa.

Ela havia feito a pergunta assim que chegara à cafeteria, sem contexto algum. Para Riae, aquilo não era problema: sempre sabia do que ela estava falando. Mesmo fora do horário de trabalho, grande parte das conversas entre elas girava em torno de casos. Na verdade, Juyeon só a chamara ao café porque se sentia sufocada de tanto trabalhar na frente do computador. Tecnicamente, ainda estavam em serviço.

— Parece que ele foi atingido com uma ferramenta.

— Tipo um pedaço de madeira com pregos?

— Não. Talvez uma chave inglesa grande ou algo do tipo.

— Chave inglesa? Aquela ferramenta que se usa pra apertar parafusos?

— Isso. Devem ter encaixado alguma coisa entre as mandíbulas da chave e usado para bater. Se tiverem prendido um prego comprido bem no meio, o lado pontiagudo poderia fazer um corte profundo. Ou então podem ter usado a lateral dura e pesada.

— É mesmo, a chave tem o formato da mão dos bonequinhos de Lego, né? — disse Juyeon, curvando a mão em formato de “C”. — E tem aqueles dentinhos serrilhados. Os golpes repetitivos provavelmente fariam o sangue espirrar em volta.

Quando fazia aquele tipo de brincadeira, ela parecia tão inocente que Riae às vezes se esquecia de que estava conversando com uma *profiler*.

— Mão de Lego...? É engraçado você pensar nisso.

Juyeon pôs uma pilha de documentos sobre a mesa e estava prestes a abri-los quando o atendente se aproximou, fazendo-a parar por um instante. Apenas

depois de ele servir as bebidas e se afastar foi que ela começou a espalhar os papéis, um por um. Eram vários registros da cena do crime — não dava para expô-los assim, na frente dos outros. Ver Juyeon, com aquele rosto infantil, examinar imagens horríveis com a maior naturalidade podia causar uma estranha sensação de deslocamento. E Riaie não era a única a pensar assim: havia quem a chamasse de “doutorazinha”, pela combinação improvável entre uma mente brilhante e um rosto de menina.

— Quando eu olho as fotos... tem algo que não bate — disse Juyeon, dando batidinhas com o dedo na fotografia do corpo de Kyung Kona.

— Em que sentido?

— O método do crime é comum, mas não há qualquer traço de culpa. Em vez de tentar esconder o corpo, o criminoso o exibiu em uma transmissão ao vivo. Isso não é comportamento típico de alguém matando pela primeira vez.

— E se for um réu primário que agiu por impulso e, na pressa de escapar, acabou deixando tudo do jeito que estava?

— Pode até ter sido por impulso... mas, quanto a ser réu primário, tenho minhas dúvidas. Se fosse, deveria ter sinais de hesitação. De pânico. Aqui não tem nada disso. E não foram encontradas drogas nem toxinas no sangue. A pessoa foi lá e simplesmente atacou.

Juyeon balançou a cabeça, ainda examinando as fotos. Riaie tentou absorver a má notícia da forma mais positiva possível, mas não pôde evitar um suspiro.

— Por enquanto, não diga nada a respeito disso ao delegado Jo, está bem? — continuou Juyeon. — Isso não vai entrar no relatório que vou encaminhar. Talvez ele perceba sozinho, mas...

— Por quê? É pra manter em segredo?

Juyeon fitou Riaie com uma expressão meio séria, e disse:

— Não dê tanta confiança ao delegado Jo.

— Como assim?

— Não compartilhe todas as suas suspeitas com ele. Só os resultados. Não dê munção para que ele acabe com a chance de a gente investigar direito.

— Isso tem algum fundamento?

Juyeon era do tipo que se deixava influenciar com facilidade. Até decisões banais, como escolher o que comer na hora do almoço, podiam parecer um suplício para ela. Certa vez, chegara a confidenciar a Riaie que esse fora um dos principais fatores que a levaram a cursar Psicologia.

— Fundamento, tem. Mas não provas concretas. Se tivesse, ele já teria sido preso, né? Não foi uma ou duas pessoas que o viram fazendo sala pra políticos

influentes e celebridades. E tem mais: alguém da investigação forense contou que, outro dia, foi com a família a um restaurante japonês e viu o delegado Jo jantando com um dos candidatos a prefeito das próximas eleições.

— Ué, agora não pode nem sair para comer? Como vai saber que tipo de relação eles têm? Podem ser amigos, ter estudado juntos, qualquer coisa.

— Amigos? Jura? Um é da elite, o outro saiu do fundo do poço. Ele até usa a analogia de ter escalado para fora do inferno com as próprias pernas para se descrever. Pare e pense: quanto tempo faz que ele virou alguém “bem-sucedido”? Em que momento da vida os dois teriam se conhecido?

— Pode ser que tenham se aproximado por causa do trabalho. Vocês têm mania de enxergar coisa onde não tem.

— Mas então por que eles estão tentando esconder? Acha que, se fosse tão absurdo assim, as pessoas falaria a respeito? E essa nem é a única história... Tem gente que diz que o Jo nem sempre foi assim, essa personificação da ganância.

— Ah, é? Desde quando ele virou isso, então? Você sabe? — perguntou Ria, contrariada. — Essa história de “personificação da ganância” é nova pra mim.

Juyeon deu de ombros.

— Eu também o admirava, no início. É raro alguém que está sempre avançando na carreira continuar sorrindo, sendo tolerante com os mais novos, sem descontar a frustração neles. Mas, veja só: o perito Go entrou na polícia junto com o delegado Jo, lembra? Antigamente, segundo ele, as pessoas diziam que não davam tanta importância à formação acadêmica dos outros, mas, na prática, não funcionava bem assim. Pra azar do delegado Jo, o departamento onde ele foi alocado tinha fama de menosprezar quem não vinha da Academia. Barravam promoções. Mas quem é o Jo? Alguém que, para o bem ou para o mal, sempre foi uma exceção. Ele resolveu casos que simplesmente não podiam ignorar. Você sabe, né? Aqueles de que ele vive se gabando. Enfim, quando um sujeito de fora da Academia arrebitou a boca do balão desse jeito, todo mundo passou a reconhecê-lo: “Esse aí é dos bons”, “Impressionante”... Só que isso não quer dizer que ele não tenha se esforçado. Dizem que emagreceu tanto que chegava a dar dó. Até tentaram convencê-lo a parar antes que morresse de tanto trabalhar, mas ele não escutava ninguém. Segundo o perito Go, parecia que o delegado tinha em mente um ideal que precisava alcançar. E foi então que ele viu: o Jo, no banheiro, diante do espelho, socando o próprio rosto sem parar.

Ria se deu conta de que o delegado Jo nunca havia lhe contado aquilo.

— O perito Go disse que ficou com medo do que viu — continuou Juyeon. —

Não era como se o Jo estivesse batendo nele, mas, mesmo assim, ficou assustado. Apesar de ter tido uma infância difícil e tudo o mais, o delegado parecia ter construído uma vida estável, sem contar que, com a carreira decolando, dava a impressão de ter dado a volta por cima, de estar até melhor do que os outros. Mas foi ali que o Go percebeu: os objetivos do Jo iam além disso. Aí você me pergunta se foi da ambição que ele teve medo. Não. Não da ambição, mas daquela obstinação. Antes disso, o Go achava que o Jo só queria subir na vida, que estava buscando felicidade. Então, num *happy hour*, chegou a aconselhá-lo a não se esforçar tanto, a pegar mais leve. Só que o delegado Jo apenas ficou sorrindo. Nem respondeu.

— E daí? Está dizendo que é errado querer subir na vida? Está traçando o perfil psicológico do delegado agora, é?

— Dizem que ele anda protegendo gente do meio artístico.

Riae apenas encarou Juyeon.

— E também dizem que ele não é o único — continuou ela. — Por isso, o que eu quero dizer é: a gente tem que pegar o culpado, sim, mas também impedir que pessoas envolvidas no caso manipulem a narrativa pra livrar a própria cara. Você pode não ver assim, mas eu quero atuar em duas frentes. É só uma questão de cautela, nada além disso.

Riae não respondeu, mas o modo como apertava os lábios com força pareceu bastar para mostrar seu descontentamento a Juyeon, que disse:

— Eu ainda não engulo nada disso, começando pelo fato de você ter sido mandada para aquele fim de mundo, e depois chamada de volta para o mesmo lugar. Você vive dizendo: “Mas o que é que ele iria ganhar fazendo joguinhos com alguém como eu, uma ninguém?”. Só que eu penso diferente. Ele é do tipo que quer subir cada vez mais, não é? Então, “alguém como você” é perfeita como peça política. Uma mulher, detetive, que se formou com notas excelentes na Academia... Dá até pra imaginar como ele poderia tirar proveito disso, e como te descartaria se algo desse errado. Precisa mesmo que eu desenhe esses cenários pra você entender? Eu sei que você tem um carinho especial pelo delegado Jo, Riae. Eu sei. Mas, às vezes, você também precisa ouvir o que seus amigos têm a dizer, mesmo quando parece cruel.

— Tá. Obrigada por hoje. A gente vai se falando — respondeu Riae, antes de dar as costas e ir embora.

Por dentro, porém, o que sentia por Juyeon era pura hostilidade.

Lembrou-se de quando estava perto do fim do estágio probatório — ou seja, fazia um bom tempo. Naquele dia, depois de jantar, Riae, o delegado Jo e outros

colegas saíram de um restaurante pouco movimentado. De repente, um grito selvagem ecoara de algum lugar, seguido pelo som de passos apressados. Quando se viraram, encontraram-se cercados por uma gangue.

Os olhares deles estavam cravados no delegado Jo. Ao que tudo indicava, tinham uma rixa antiga e vieram atrás de um acerto de contas. Mesmo Jo não estando sozinho, os gângsteres avançaram — não se sabia se por estupidez ou por ousadia. Riae e os demais tentaram impedi-los, mas estavam em menor número.

Quando o delegado Jo desaparecera em meio à multidão, Riae e todos os outros, sem exceção, se lançaram para a briga. Mas, naquela época, ela ainda era novata, e nenhuma nota alta compensaria a falta de experiência de campo. Embora soubesse que o alvo era o delegado Jo, não fora capaz de discernir que avançar daquele jeito poderia custar caro. Em dado momento, sentira algo gelado fisgar a lateral do corpo. Por sorte, a lâmina passara de raspão. Mas, quando erguera o olhar após verificar o corte, a ponta da faca já estava prestes a se cravar em seu abdômen.

Naquele exato instante, o delegado Jo irrompera pelo meio do grupo como um vulcão em erupção, agarrara o homem que estava prestes a atacar Riae e o arremessara no chão. Aproveitando-se da brecha, outro sujeito conseguira, enfim, esfaqueá-lo. O reforço tinha chegado bem a tempo, e o delegado escapara sem ser atingido em um ponto vital.

— *Gelo, você está bem? Está todo mundo bem?* — O delegado falava num tom despreocupado, como se nada grave tivesse acontecido.

No entanto, o ferimento estava longe de ser superficial. Mesmo com a mancha escarlate em sua roupa ficando cada vez maior, ele ainda se preocupava com Riae. Até chegou a endireitar os ombros e, de cabeça erguida, até a fazer piadas.

Riae ficara bastante abalada. Para além do choque, o que mais a surpreendera fora a atitude do delegado Jo. Ela nunca havia considerado a possibilidade de alguém se colocar à sua frente para protegê-la. Já ouvira dizer que tais coisas aconteciam, porém nada parecido jamais lhe acontecera até então.

Foi nesse dia que tudo começou. Se a palavra “pai” não lhe causasse repulsa por si só, teria vontade de oferecê-la ao delegado Jo como uma medalha. A ele, que tantas vezes se mostrara uma figura paterna melhor do que o próprio pai biológico.

Alguém que a protegia. Alguém que a guiava.

O que ela sentia pelo delegado Jo não se limitava a ele ter todas as qualidades

de um pai ideal que vivia apenas em seus sonhos.

Ela queria ser como ele: forte, influente, competente. A pessoa em quem desejava se espelhar não era o pai biológico, mas o delegado Jo.

Era verdade que nunca contara nada disso à Juyeon. Riae se forçou a engolir as próprias emoções. Não havia motivo para se ofender com as palavras da amiga — ela só não sabia. Ainda assim, um desconforto persistia em seu peito. Por que aquele sentimento não passava? Riae tentou enumerar as hipóteses. Seria porque Juyeon criticara alguém que ela admirava? Porque ela dera a entender que Riae nunca poderia ser como ele? Ou porque lhe deixara com medo de que o vínculo que tinha com ele talvez não fosse recíproco?

Antes mesmo de ela conseguir acalmar esse turbilhão emocional, o celular começou a tocar. Quem seria agora, que não a deixava ter sequer um minuto de paz? Sentindo-se esgotada, Riae estava prestes a ignorar a ligação quando viu que a chamada era de um número desconhecido. Do outro lado da linha, a pessoa se identificou como inspetor da delegacia de Dongdaemun. E, após confirmar se ela era mesmo Riae, foi direto ao ponto:

— Um corpo foi encontrado no Mercado de Dongdaemun nesta madrugada. Não temos certeza, mas suspeitamos que possa ter relação com o seu caso, inspetora Shin. Na carteira da vítima, encontramos o cartão de uma agência de publicidade.

A princípio, Riae pensou que não havia nada de incomum. Agências de publicidade que trabalham com empresas de entretenimento existiam aos montes. O que chamou sua atenção, porém, foi a próxima informação dada pelo inspetor:

— A senhorita conhece a empresa chamada Iconition, certo? Pelo que apuramos, essa agência de publicidade recebia muita demanda deles. Até uns dois anos atrás, pelo menos.

Notas

* Termo usado por mulheres para se referirem a mulheres mais velhas, geralmente familiares ou amigas próximas. [N.T.]

** Referência à atriz e ex-idol Rie Miyazawa (1973). O álbum em questão, intitulado *Santa Fe*, foi publicado pelo fotógrafo Kishin Shinoyama em 1991. [N.T.]

Querida Kitty

1215

Até poucos dias atrás, eu sentia que tinha conseguido amarrar tudo direitinho. Mas agora o meu mundo virou de ponta-cabeça outra vez. Meu humor foi parar no chão feito chiclete no asfalto. Quero me libertar dessa sensação pegajosa e enjoativa que me dá vontade de vomitar. E o que mais me irrita é saber que, de novo, isso é tudo por causa daquele ser humano.

Na verdade, não era novidade para mim. Sabia que muita gente tinha contribuído para me destruir, mas também sabia quem era o maior problema entre todos; quem era o verdadeiro responsável por minha vida ter se transformado em um completo caos.

Esse ser humano sabia muito bem por tudo o que eu estava passando. Sabia e fingiu não saber. Era alguém que deveria ter me protegido deste mundo, mas, em vez disso, me empurrou para uma vida dura e impiedosa. Como terá sido me colocar na linha de frente e se esconder atrás de mim? Será que, no fundo, gostava disso? Será que se divertia? Viver assim, de forma tão covarde, não lhe dava nem um pinga de vergonha? Claro que não. Nunca teve capacidade para sentir esse tipo de coisa. Caso contrário, as coisas não teriam chegado a esse ponto.

Foi por isso que fui à cozinha examinar as facas. Queria saber qual delas era mais afiada, qual poderia arrancar aquele sujeito deste mundo. Observei uma por uma com cuidado, escolhi a que parecia certa e a escondi junto ao corpo — pronta para cravá-la nele a qualquer momento. Será que alguma coisa poderia ter dado errado e aquela faca acabar apontada para mim? Provavelmente. Mas esse tipo de “e se” nem passou pela minha cabeça. Eu só conseguia imaginá-lo sendo eliminado da face da Terra.

Nem me esforcei para apagar todos os rastros. Isso também fazia parte do plano. Afinal, não seria estranho que não existissem vestígios da minha presença em um lugar onde deveriam estar? Pensei em me esconder por um tempo e reaparecer quando começassem a suspeitar. A faca, decidi levar comigo. Se

ficasse com medo e a largasse na rua, seria questão de tempo até me pegarem.

Se ainda estou com ela? Não. Está em um lugar inesperado. Lavei bem e a deixei em alguma cozinha qualquer. Talvez alguém esteja usando-a para cortar carne neste exato instante. Ou talvez só esteja jogada em algum canto. Prefiro não imaginar além disso.

Como cheguei lá? Você está cheia de perguntas hoje, hein, Kitty. Pelo mesmo caminho de sempre. A viela por entre os prédios, quase sem postes de luz, por onde quase ninguém passa. Não tem câmeras de segurança, nem olhos vigiando; é um lugar escuro, estreito, e os galhos das árvores a encobrem de um jeito que dificulta a visão até de cima dos prédios. Conheço bem aquele trajeto; sei qual lado seguir para não cruzar com ninguém — e, mesmo que isso aconteça, sei como escapar sem levantar suspeitas. Muito antes de decidir que precisava realmente matá-lo, percorri aquele caminho inúmeras vezes pensando que, se um dia eu concretizasse o meu plano, aquela seria a rota de fuga. Andei por lá dezenas de vezes; fantasiava, como uma espécie de consolo, que estava fugindo depois de matá-lo.

Na verdade, acho que, antes de enfiar a faca, o nervosismo era bem menor do que agora. Também não sentia essa imundície toda. Por isso, às vezes penso que, se pudesse voltar no tempo, talvez não fizesse aquilo de novo. Se bem que, se eu não tivesse tomado essa decisão, não estaria experienciando esta sensação de liberdade, então acho que fiz a coisa certa. Na hora, eu não sabia que minha mente seria tomada por este turbilhão, então quase não hesitei. Eu já estava no limite, e, mesmo que algo desse errado, não poderia continuar vivendo daquele jeito. Você sabe como é a sensação de ter um pedaço da sua vida dado como garantia, Kitty?

Aquele ser estava completamente bêbado. Tinha tomado tantas que mal conseguia ficar sentado, quase dormindo ali mesmo. Enquanto me aproximava daquela figura patética, senti como se as batidas do meu coração ecoassem pelo mundo inteiro. Por isso, caminhei de mansinho, tentando abafar até o menor som dos meus passos. Mas, ao olhar de cima, me deu uma sensação estranha. Por que aquele ser humano parecia menor do que de costume? Por que, durante todo esse tempo, me deixei intimidar por alguém tão insignificante, acreditando em tudo o que dizia e obedecendo sem nunca questionar?

Só que, de repente, como se pressentisse alguma coisa, aquele ser humano abriu os olhos, arregalados. Acho que nunca tomei um susto daqueles em toda a minha vida, Kitty. Quase caí para trás. O indivíduo também pareceu assustado. Primeiro olhou para o meu rosto, tentando entender o que estava acontecendo,

depois desviou os olhos para a minha mão. Por pouco não deixei a faca cair. Ia dizer alguma coisa, mas nunca vou saber o que era. Porque, no instante em que seus lábios se moveram, eu me lancei e cravei a faca com todas as minhas forças.

미궁속에서

Dentro do labirinto

O corpo jazia largado de qualquer jeito perto de um dos becos do mercado. Assim que Riae e Kyeongwon chegaram, alguém puxou o pano que o cobria, revelando o cadáver. A região do abdômen fora dilacerada por um objeto cortante. Parecia ter sido perfurado pelo menos cinco vezes. E, além disso...

— Que terror...

— Por quê? — perguntou Kyeongwon, tendo escutado o murmúrio de Riae para si mesma.

— Não acha que tem algo estranho, olhando assim? — Riae fez um gesto na direção do cadáver.

Kyeongwon observou com mais atenção e logo franziu a testa. Por mais que vissem cenas assim com certa frequência no trabalho, não era nada fácil encarar um corpo com o abdômen mutilado naquele estado.

— Ah... É, foi brutal até demais.

O que perturbava Riae era o formato dos ferimentos. Não pareciam simples golpes desferidos com uma faca; davam a forte impressão de terem sido abertos para que se retirasse alguma coisa de dentro. E não parava por aí...

— Nem tentaram ocultar o corpo, só deixaram largado desse jeito. E aqui nem é um lugar tão isolado a ponto de passar despercebido.

— Pode ser que quem fez isso tenha uma tendência ousada. Ou talvez o

rancor fosse tão grande que quisesse expor o corpo de propósito... Mas é bem mais provável que tenha sido só a pressa de escapar.

— Alguém com tanta pressa perderia tempo fazendo algo assim? — Riaie traçou círculos com o dedo, apontando para a área mais afetada do cadáver. — Isso exige muita determinação. A essa altura, a pessoa já não devia estar batendo bem da cabeça.

— Hum, espere um pouco... O assassinato de Kyung Kona teve um padrão bem diferente, não teve? Foi meticuloso demais pra ter sido feito por alguém fora de si. Não deixou nem a arma no local e...

— Mas tinha indícios, né? O corpo ficou lá, largado.

— Isso porque tinha muita gente por perto. Seria difícil sair sem ser visto. Ainda por cima era numa emissora... Acha mesmo que foi a mesma pessoa?

— Não sei dizer. Mas o fato é: em ambos os casos, não teve esforço para encobrir nada. Além de cometer o crime ao ar livre, como é que a pessoa simplesmente foi embora, sem nem tentar apagar os rastros, sabendo que poderiam surgir testemunhas a qualquer momento? Ainda mais numa situação em que poderia levantar suspeitas. Devia ter algum motivo mais forte...

— Ou seja, esconder o corpo nem entrou na equação, né.

— Exato. E esse caso é diferente do de Kyung Kona. Não é como se não tivesse onde esconder o corpo. Essa área fica fora do alcance das câmeras de segurança, e quem cometeu o crime provavelmente sabia disso melhor do que ninguém. Acho que de duas, uma: ou a pessoa estava sob uma pressão psicológica tão intensa que nem cogitou a possibilidade de o corpo ser encontrado, ou então...

— Ou então, não foi uma questão de cálculo nem de pressa. Pode ser que já não tivesse cabeça para lidar com mais nada.

— É... — Riaie fitou mais uma vez o abdômen esviscerado do cadáver. — Concentrar os golpes no mesmo local e ainda abrir um buraco... É o resultado de uma raiva absurda. Matar uma pessoa e deixar o corpo exposto de propósito... Apenas consigo pensar em um motivo: que a identidade da vítima, ao ser revelada, pudesse servir para desviar as suspeitas do verdadeiro culpado.

— Ou talvez seja um aviso, não? Uma forma de mandar um recado para as próximas vítimas.

— Nesse caso, por que não escolher uma travessa onde fosse mais fácil encontrar o corpo? Terem achado antes de começar a se decompor foi quase um acaso.

— Tem razão...

Kyeongwon reprimiu a náusea que começava a subir pela garganta ao olhar mais uma vez para a região abdominal da vítima. Um perito forense examinava o cadáver atentamente, talvez à procura de insetos.

— Quem comunicou à polícia foram turistas estrangeiros que visitavam o mercado pela primeira vez. É muito improvável que conheçam cada beco daqui... Mas, se a gente for considerar até a hipótese de que foram contratados pra isso, a investigação acabaria indo para um caminho esquisito demais.

— Aí já vira filme.

Quando julgaram ter visto o suficiente, Riae e Kyeongwon foram cumprimentar o detetive do distrito policial de Dongdaemun que havia feito o primeiro contato. Ele passou um breve resumo das informações do caso:

— O nome da vítima é Kwon Mijin. Na agência de publicidade “xis”, onde trabalhava, ficou responsável pela Iconition por seis anos, mas foi demitida dois anos atrás após descobrir os itinerários particulares dos artistas da empresa e usar isso para tirar fotos e vendê-las. Desde então, estava desempregada. Nesse período, ao que tudo indica, vinha administrando um site de fãs dedicado a idols. Ainda não fizemos a autópsia, então não posso afirmar com certeza, mas parece que ela ingeriu uma grande quantidade de álcool. Fora isso, só com a autópsia mesmo para saber mais. Identificando qualquer coisa fora do comum, informo na hora.

— Vai dar trabalho, né... Muito obrigada.

— Aprendi muito com o delegado Jo. É o mínimo que posso fazer.

Após se despedirem do detetive, Riae e Kyeongwon subiram as escadas e seguiram para um restaurante próximo.

— Você não tá nem um pouco chateada com a transferência do caso? Sua confiança no delegado Jo não é brincadeira, não, hein. Como sempre...

Riae esboçou um leve sorriso e olhou para baixo. Antes de subir, pensou que a localização do restaurante pudesse oferecer uma visão melhor da cena do crime, mas não foi o caso. A vista era totalmente obstruída por árvores e objetos. Ao sentar-se à mesa junto à janela, fez um estalo com a língua.

— Foi alguém que conhece muito bem a estrutura desse mercado. Não é um lugar onde, só de dar uma olhadinha de cima, dê pra perceber que existe um ponto cego, não acha?

— Então não seria natural considerar que não foi o assassino do Kyung Kona?

— Tenho quase certeza de que é a mesma pessoa.

— Porque a vítima tinha ligação com a Iconition?

— Isso também, mas acho que o fato de a vítima estar envolvida com a indústria do entretenimento é estranho demais para ser mera coincidência. Não é organizado o bastante pra ter sido planejado, mas também não parece impulsivo. Além disso, a Juyeon me falou que não parecia um assassino de primeira viagem. Não tem nenhum sinal de culpa. Pelo visto, tem que ter muito sangue-frio...

O pedido de *gukbap* chegou rápido, e eles interromperam a conversa enquanto os pratos eram servidos.

— Se partirmos do pressuposto de que é um criminoso reincidente, não sabemos quando foi o primeiro crime, certo? Talvez nunca tenha sido pego. E, se houve um longo intervalo entre eles, isso já caracteriza um assassino em série.

— A classificação pode esperar. Por ora, só podemos falar com base nas evidências que temos.

— De qualquer forma, é chocante. Dadas as circunstâncias, é bem provável que seja uma das três pessoas de que estamos suspeitando, né?

— Pois é...

Os dois pegaram as colheres em silêncio e levaram o caldo à boca.

A agência onde a vítima trabalhara se recusou a colaborar com a investigação. Com uma atitude insolente, alegaram falta de tempo e agiram de má vontade. Riae chegou a ir lá para pressioná-los com perguntas, desconfiando que pudessem estar escondendo alguma coisa, mas logo percebeu que não era o caso.

A lógica deles era algo como: “E daí que perdemos uma pessoa? Qualquer coisa, a gente contrata outra”. Estavam tão desinteressados que até responder às perguntas da polícia parecia um incômodo.

De fato, todos lá pareciam ter deixado a alma em casa e estar apenas de corpo presente, de tão atarefados. Foi apenas quando Riae perguntou por que haviam rompido a parceria com a Iconition que se deram ao trabalho de elaborar uma resposta.

— Já nos acostumamos faz tempo com o abuso de poder de grandes empresas, mas isso não quer dizer que gostamos, né? A gente atura porque precisa, porque paga bem, só por isso. Não é de agora que todo mundo nesse meio já está por aqui com a Iconition, sabe? O PARADISE e a Cecile são grandes estrelas; aí eles acham que também são, só porque criaram os artistas. Daí, quando teve o lance das fotos que a Kwon Mijin tirou da Cecile sem permissão,

as coisas foram ladeira abaixo. Demitimos ela na hora, entramos com uma ação indenizatória, fizemos o maior alarde, e a Iconition ainda vem impor condições absurdas pra cima da gente?! Para nós, que já não prestamos serviços para a H.G. Entertainment, cortar a Iconition causaria um rombo no orçamento. Então não tivemos escolha a não ser baixar a cabeça e concordar com tudo, entende? E mesmo assim era um desaforo atrás do outro. Chegou num ponto em que só faltava a gente bater continência. Foi então que decidimos mudar de estratégia: agora ficamos só com agências menores, além de priorizar projetos com atores. Resultado? Hoje estamos muito melhor. Tanto na parte financeira quanto na qualidade de vida dos funcionários... Falar em “qualidade de vida” nessa área até parece piada, mas enfim. Pelo menos parece que estamos vivendo mais como gente do que antes, sabe?

O fato de o representante da agência de publicidade despejar cada frase como se fosse uma pergunta fez Riaie perder qualquer brecha para interrogá-lo. Quando tentou recuperar o fio da meada e revisar o depoimento, ele resmungou que estava ocupado, que já tinha dito tudo o que tinha para falar, que ela tirasse suas próprias conclusões a partir disso. Então, despediu-se sem esperar por resposta e se retirou.

— *Sunbae*, a essa altura, não seria melhor tentar falar com a Ban Illa?

Riae lançou um olhar fulminante a Kyeongwon em resposta à sugestão.

— Ela passou um bom tempo na Iconition e já tinha certa experiência, então deve ter ouvido muita coisa por aí, não acha? — insistiu ele. — E, vamos ser sinceros, ela foi quem mais se mostrou receptiva com a gente. Respondeu às nossas perguntas numa boa e tudo...

— E o que tem de bom nessa simpatia fingida? Se for assim, prefiro ir atrás daquele tal de Hyeonjo, do setor de negócios.

— Sim, ele também foi educado e nos passou algumas informações. Mas você percebeu, *sunbae*? Ele nunca diria nada que pudesse prejudicar a empresa.

— Deixe pra lá.

Riae preferia mil vezes mergulhar em um mar de mentiras tentando pescar a verdade do que recorrer a Illa, que jogava verdades feito iscas. Kyeongwon olhou para ela, que estava com o rosto todo contraído, quase amassando as próprias feições.

— O que foi que aconteceu, afinal, pra você odiar tanto a Ban Illa?

Riae ficou em silêncio por alguns segundos antes de responder:

— Não foi sempre assim. A gente era próxima.

— E por que você age assim agora, então?

— Isso foi antes de eu saber o quanto ela podia ser cruel. — Para além da janela, o céu estava coberto de nuvens carregadas, e a voz de Riae pareceu sair tão pesada quanto a chuva contida naquelas nuvens. — A primeira pessoa a falar comigo, quando ninguém mais falava, foi a Illa.

— Você não tinha muitos amigos naquela época, né, *sunbae*?

— E você acha que agora eu tenho? — respondeu ela, com um risinho seco.

Kyeongwon hesitou, sem saber se deveria rir junto ou não.

— Como eu era bem mirradinha, tinha gente que me achava um alvo fácil e me atormentava — continuou Riae. — A maioria simplesmente fingia que eu nem existia, então eu andava sempre sozinha. Até que a Illa veio falar comigo. A Ban Illa popular, aluna exemplar e que ainda por cima já treinava pra ser idol. — O olhar de Riae, retornando para uma lembrança remota, vacilou por um momento. — Eu já estava acostumada a uma vida vazia, e a Ban Illa mudou tudo. Era estranho, até desconfortável no começo... Mas aos poucos fui gostando. Só então percebi o quanto a minha vida tinha sido infeliz até ali. Porque estar com ela era muito bom.

— Entendi...

— Claro que nem a todo-poderosa Ban Illa escapava de ter seus problemas. A popularidade atraía tanta antipatia quanto atenção. Começaram a implicar com ela, a pegar no pé por qualquer coisinha besta. E foi piorando cada vez mais. Tentamos pedir ajuda aos professores, mas só ouvimos respostas ridículas do tipo: “Tenham paciência, são suas colegas” ou “Tentem se entender com elas como boas amigas”. Toda vez que isso acontecia, eu só me sentia mais frustrada. E achava admirável como a Illa conseguia aturar tudo calada... Mas não era bem assim. Ela estava planejando a própria vingança.

Riae soltou o ar de uma vez, como se tentasse abrir espaço no peito que apertava cada vez mais, antes de continuar:

— Tinha uma garota que era a pedra no sapato da Illa. Não quero nem pronunciar o nome dela, então vou chamá-la de Fulana. Um dia, a Illa de repente estava sendo muito legal com a Fulana. Aquilo me pareceu muito estranho, mas os outros colegas acharam que ela estava finalmente tentando se aproximar dela. Não sei o que foi que ela disse, nem como a convenceu, mas a garota saiu com a Illa para o corredor. Ela me chamou também, mas eu não queria ir porque a Fulana sempre foi cruel comigo. Mesmo assim, fui atrás, porque, nessa época,

pensava que se algo acontecesse com a Illa, eu precisava estar lá para protegê-la.
— Riae falava com a maior neutralidade possível, sem traço de emoções na voz.
— Eu não conseguia nem olhar na cara da Fulana, então fiquei virada pra janela, mas ainda dava para ver mais ou menos o que estavam fazendo, pelo canto do olho. As duas só estavam conversando, nada de mais. Até que vi Illa erguer o braço e... O som veio primeiro. O som de carne sendo perfurada. Em seguida, o barulho da tesoura caindo. Depois, um grito. Só então me virei para olhar... Sangue escorria do braço da Illa.

— Hein? — perguntou Kyeongwon, após um instante paralisado, processando o que ouvira, a expressão era de quem se questionava se havia entendido errado.

— Quando ouviram o grito, nossos colegas saíram assustados da sala e vieram correndo até nós três. Dando de cara com aquela cena, começaram a berrar também. O chão estava encharcado de sangue, então dava pra saber o que tinha acontecido mesmo de longe. Virou um pandemônio. Mas eu... Eu apenas fiquei lá parada feito uma idiota. Não chorava nem gritava; só tremia. As mãos, os ombros, o corpo inteiro, como se eu estivesse no meio de um terremoto. Os professores logo vieram correndo, por causa da confusão, me cercaram e já foram perguntando o que tinha acontecido. Mas eu fiquei sem palavras. No fim, depois de tanto insistirem, o máximo que fiz foi olhar e apontar pra tesoura no chão. Um dos professores me perguntou: “Riae, foi você?”. Mas também não consegui abrir a boca nem para soltar um simples “não”. Apenas sacudi a cabeça algumas vezes.

— É normal reagir assim quando se está em choque.

— Naturalmente, a Fulana se tornou a próxima suspeita. Ela jurou que não tinha feito aquilo, e era verdade.

— E depois?

— A Illa foi para o hospital e levou alguns pontos. Já a Fulana... Foi transferida para outra escola.

Perplexo, Kyeongwon virou a cabeça na direção de Riae.

— Quê? É sério? Em vez da Ban Illa? A tal Fulana aceitou na boa?

— Claro que não. Ela gritou, chorou, esperneou feito louca, tentou se explicar de uma forma tão desesperada que mal dava pra entender. Mas não adiantou, pois a Ban Illa era o tipo de pessoa que sabia manipular a situação inteira sem precisar dizer uma única palavra. Ninguém acreditou na Fulana. Quer dizer, no começo, até teve quem acreditasse, mas a ideia de alguém se machucar daquela forma só pra incriminar outra pessoa... é demais, né? E quem imaginaria que

Ban Illa seria capaz de calcular tudo: desde a reação das pessoas até os desdobramentos do caso e o efeito psicológico da cena, e ainda pôr tudo isso em ação? Além disso... ela se cortou no braço direito.

— E o que é que tem?

— A Fulana era canhota. Então em quem você acreditaria? Mesmo que alguém suspeitasse no início, bastava raciocinar um pouco: uma pessoa destra até poderia acertar o próprio braço direito, mas, pra reproduzir o gesto de um ataque frontal, teria que torcer o corpo de um jeito pouco natural. Como tudo parecia ter acontecido no calor do momento, era lógico concluir que tinha sido a Fulana.

— Nossa... — murmurou Kyeongwon, atônito. Estava boquiaberto, sem conseguir dizer mais nada por alguns instantes. — Que garota maquiavélica...

— A Ban Illa era aspirante a idol, tinha notas excelentes e era bem-articulada. Por mais que fosse meio excluída pelos colegas, em quem você acha que os adolescentes e os adultos iriam acreditar? Quem iria suspeitar que Ban Illa tivesse bolado um plano daqueles? O que ela fez foi instigar o medo de que, se não ficassem do lado dela, estariam se tornando tão cruéis quanto a garota que acabou “atacando” a coleguinha que sofria bullying com uma tesoura... Agora você entende, né? O quanto ela é manipuladora. O quanto é engenhosa... Então não vamos mais falar disso. Por favor.

Riae levou uma mão à testa e desviou o olhar para a janela. Bem nesse momento, um temporal começou a desabar. As gotas se grudavam no vidro do carro, engrossando tanto que nem dava mais para fingir que apreciava a paisagem lá fora.

— *Sunbae*, agora eu entendo por que você tem essa reação quando o assunto é a Ban Illa — disse Kyeongwon, rompendo o silêncio. — Mas... também queria dizer uma coisa.

— Então, diga.

— Lembra do escândalo que rolou pouco antes de a Ban Illa se aposentar? Teve uma coisa que me pareceu muito estranha naquela época.

— A personalidade dela? Ou o motivo de ter feito aquilo, justo no auge da carreira?

— Não, essa foi a segunda coisa que estranhei.

Riae franziu a testa de leve.

— Não só no caso da Ban Illa, mas no de qualquer celebridade, a imagem que passa na mídia é só um recorte da pessoa, certo? — explicou Kyeongwon — Pode ser falsa ou verdadeira, mas ainda assim é só uma máscara. No caso dos idols,

que são colocados em posições de um ideal romântico para consumo do público, essa imagem é ainda mais fabricada. Então, por que as pessoas endeusam essas máscaras e depois, quando acontece uma polêmicazinha, surtam como se tivessem sido traídas? Xingam, atacam, cancelam com um ódio desproporcional... Quase como se a idol tivesse cometido um crime hediondo.

— A reação das pessoas foi exagerada, mesmo. Mas o que ela fez também não foi legal.

— A Ban Illa trabalhava com um conceito de “vilã”, lembra? Os fãs que gostavam dessa persona foram os primeiros a sair em defesa dela e isso ajudou a amortecer parte das críticas. O que já é estranho por si só. Agora, imagine se algo parecido tivesse acontecido com a Malgeum ou com a Cecile: elas teriam sido chutadas da indústria antes de conseguirem se aposentar por conta própria. Aliás, aposto que as pessoas iriam querer expulsá-las da *sociedade*.

Riae assentiu. Sabia que ele estava certo. Conseguia visualizar perfeitamente esse linchamento.

— Tá... Mas você não está querendo usar isso pra criticar o público, está? O que isso tem a ver com o caso? Isso prova que a Ban Illa não é culpada?

Enquanto esperava o sinal abrir, Kyeongwon manteve o olhar fixo à frente, sem dizer nada. Com isso, só se ouvia o som da chuva batendo no carro.

— Eu nunca tive certeza de que a Ban Illa não é culpada. Ainda não dá pra saber. É que você, *sunbae*, parece estar presa a uma imagem cristalizada que tem dela. Acho que o sentimento de traição que você teve lá atrás foi amplificado agora. Você parece menos fria do que o normal...

Riae lhe lançou um olhar incrédulo, mas não se alterou. Não era algo que ela queria ouvir, mas, vindo de alguém confiável, era difícil ignorar — sobretudo de Kyeongwon, que raramente adotava um tom tão sério e expressava sua opinião com franqueza. Não era hora de despejar as emoções entaladas na garganta.

— Tá bom. Vou levar isso em consideração.

Depois disso, os dois se calaram, e o carro avançou pela chuva, em silêncio.



Especulações acerca da morte de Kyung Kona pipocavam por todos os lados e, de acordo com elas, o culpado seria mais de uma pessoa: uma fã obcecada; um dos membros do grupo rival PARADISE, que o teria matado por ele estar ligado à aposentadoria do Laika; uma amante traída, já que ele namorava duas pessoas ao

mesmo tempo; a própria agência, que teria mandado matá-lo após ele se recusar a renovar o contrato; um assassino de aluguel, por causa de dívidas de jogo, e por isso ninguém jamais seria preso; uma seita com a qual ele estava envolvido... Havia até um rumor com jeito de lenda urbana: o de que Kona morrera por ter ido a um “lugar proibido”, como se fosse alvo de uma maldição ocultista.

— Céus, parece que caiu uma bomba aqui! — disse o delegado Jo, tirando Ria e de seus devaneios.

Com um sorriso afável, ele deu tapinhas na mesa dela, em meio a uma desorganização completa.

— Gelo, desse jeito você nunca vai encontrar seus relatórios quando precisar deles, hein?

Jo gostava de dar apelidos. No caso de Ria e, escolheu “Gelo” — abreviação de “Rainha do Gelo”. O apelido surgiu da impressão que ela passava quando entrou para a equipe: novata, mas já rígida e fria como gelo; teimosa e imparável quando achava que estava certa, como uma rainha soberana. A forma encurtada pegou, e, com o tempo, todo mundo passou a chamá-la assim.

Quando descobriu o verdadeiro significado, Ria e ficou um tanto decepcionada. Isso porque havia imaginado que o apelido viesse da ideia de ser alguém que traria um frescor para a equipe, feito gelo em dias quentes. Porém, com o passar do tempo, aprendera a gostar. Acima de tudo, o que mais importava era o fato de ter sido um nome dado pelo delegado Jo. Isso por si só já bastava para que, a cada dia, o apelido se tornasse mais querido.

O inspetor-chefe Jung, por outro lado, nunca a chamara pelo famoso apelido. Até mesmo colegas de outra equipe que não gostavam dela a chamavam de “Gelo” — nesses casos, é claro, o tom era muito mais depreciativo do que carinhoso.

— Por que o senhor nunca a chama pelo apelido? — perguntou Kyeongwon, um dia.

Jung se alongou na resposta:

— “Gelo”, “rainha”, “lobo em pele de cordeiro”, tanto faz. Um apelido cria certo vínculo, aproxima as pessoas e deixa a convivência mais leve. É quase inevitável que surjam quando se convive por muito tempo. Mas, se o significado é forte demais, eu prefiro nem usar. Vai que a pessoa se deixa levar só porque é como os outros a chamam? Nesses casos, é melhor usar só o nome mesmo.

— O que tem de tão complicado?

— Quer que eu simplifique? Pense assim, Kyeongwon: se eu comesse a te chamar de “raposinha” porque “ah, esse cara é uma raposa matreira”, a chance

de você acabar agindo assim, cada vez mais cara de pau, não é maior? Agora imagine que os outros, só por ouvirem isso, comessem a te olhar torto, com desconfiança, e te odiar mesmo sem você fazer nada. Você iria gostar?

Embora houvesse uma razão plausível para a atitude do inspetor-chefe Jung, para Riaie aquilo soava como uma forma de tentar se manter distante dela. Como se todo aquele discurso elaborado servisse para esconder, de modo racionalizado, o fato de que não queria proximidade.

Já o delegado Jo era o oposto. Ele sempre lhe oferecia um olhar gentil, às vezes lhe dava um puxão de orelha, mas com o cuidado de quem queria guiar, orientar. Como naquele momento, quando fora até lá apenas para encorajá-la um pouquinho, já que estava lidando com um caso difícil.

— E aí, está indo bem? O tal “Caso da morte do idol”?

— Não sei...

— Essa resposta frouxa aí já diz tudo. Pelo jeito, as coisas não andam tão bem assim, né? — O delegado deu uns tapinhas em uma pilha de livros velhos num canto da mesa de Riaie, puxou a cadeira em frente à mesa vizinha e logo se sentou ao lado dela. — Você deve estar pensando em alguma coisa. Então, desembucha. Vai que conversar comigo te ajuda a ligar os pontos.

— Estou entre Yoon Malgeum, Yeon Cecile e Ban Illa. Foi uma das três.

— Não, estou falando do que não está no relatório. Do que está se passando na sua cabeça.

Riaie ergueu as sobrancelhas e o delegado imitou a expressão, em um gesto brincalhão. Ela hesitou.

— Tá vendo? Se hesitou, é porque tem algo aí, hein?

— Não é isso... É só que... Ainda não sei se tem mesmo a ver com o caso.

— Me diga o que é — pediu Jo, satisfeito, recostando-se na cadeira.

— Nenhuma das três tem um álibi suficientemente sólido para o intervalo entre o camarim e a apresentação. Talvez a Ban Illa tenha alguma carta na manga, mas ela não apresentou um álibi claro para o horário em que saiu do camarim nem para o que fez depois. A Yeon Cecile alegou que estava nos camarins quando soube da morte de um familiar e saiu para ir ao funeral, porém, quando pedimos alguma prova, como um recibo de pedágio ou qualquer coisa, ela só respondeu “Vou ver” e nunca mais entrou em contato. Na minha opinião, ela poderia muito bem ter cometido o crime antes de ir para o funeral. Dava tempo de sobra. E por fim, a Yoon Malgeum...

Riaie enfim tomara sua decisão: não iria falar nada a respeito de ter sido ou não obra de um criminoso reincidente. Não por desconfiar do delegado Jo, como

Juyeon dissera, mas por medo de parecer leviana, de virar motivo de chacota ou de decepcioná-lo, caso a suposição fosse considerada absurda. Em vez disso, continuou:

— Yoon Malgeum entrou escondida no camarim para encontrar o namorado, que é integrante do mesmo grupo da vítima. Pelo que nos informou, ela foi direto para a rádio depois disso. Mas, assim como a Cecile, teria tido tempo suficiente.

— Namorado? Um romance secreto? Você descobriu isso sozinha, né? Antes de ela confessar.

— Foi.

— Eu não esperava menos de uma Rainha do Gelo. Você enxerga o tabuleiro inteiro.

O delegado Jo assentiu devagar, fitando Riaie com um olhar que ela conhecia bem. Afinal, era a expressão que sempre fazia quando estava satisfeito com o trabalho dela. *Mandei bem!*, pensou. E mal teve tempo de aproveitar a sensação de alívio antes que o delegado perguntasse:

— Essa idol, Yoon Malgeum, é famosa? Tem muitos fãs?

— Hã? Ah, sim. Acho que por isso mesmo está em carreira solo agora.

— E se ela está namorando alguém do grupo do Kyung Kona, então o grupo dele deve estar no auge da popularidade também.

— Isso.

Com a resposta de Riaie, a satisfação pareceu crescer ainda mais no rosto do delegado. Mas, dessa vez, ela não conseguiu entender por quê. Estava orgulhoso de Shin Riaie por ela ter sido perspicaz o bastante para deduzir algo não tão evidente? Ou... seria outra coisa?

— Bom saber.

— O senhor tem algum palpite?

— Não.

— Então, por que é “bom saber”?

— Só estou pensando... É bom ver como a Gelo cresceu. Lembra aquele restaurante de *sundubu* que fomos depois de umas cinco tentativas fracassadas?

— Claro que lembro. A comida de lá era uma delícia.

Riaie sentiu que ele estava tentando mudar de assunto, mas não podia deixar de responder. Afinal, o delegado Jo mencionara uma memória que era só deles.

— “Uma delícia”?! Quase chorei de tão saborosa! E pensar que, por cinco vezes, deixamos de comer algo tão bom por causa daqueles delinquentes... Deve ser isso o que chamam de ganhar na vida, hein?

Riae soltou um riso abafado. As piadas do delegado Jo nunca eram óbvias; ele não usava um tom de voz cômico nem perdia a compostura, e a maioria das pessoas nem se sentia à vontade para rir, pois não sabia se era brincadeira ou não. Mas Riae entendia. E, no fundo, tinha até certo orgulho disso.

— Também não me esqueço daquele dia. O senhor me deu uma bronca e tanto por ter conduzido a investigação como bem entendesse...

— Eita... Foi mesmo? — indagou ele, de forma humorada, sem dizer se lembrava mesmo ou não.

Na época, Riae fizera o que julgara correto, porém Jo tinha ficado furioso e a repreendera por não o ter consultado antes. Se tivesse sido qualquer outra pessoa, ela provavelmente teria retrucado aos berros. Afinal, não era como se tivesse perdido a cabeça ou agido de forma impulsiva: tratava-se de um procedimento que, em circunstâncias normais, ela mesma teria resolvido sem problemas. Mas, naquele dia, por algum motivo, ele resolvera implicar.

Depois da bronca, porém, o delegado Jo a levava para comer e, com um jeito caloroso, quase protetor, empurrara os acompanhamentos de peixe para perto dela. Naquela hora, ela decidiu deixar pra lá e assumir que o delegado deveria ter algum motivo que ela desconhecia, ou talvez só estivesse em um dia ruim. Afinal, não era ele quem demonstrava um cuidado especial por ela quando a equipe toda estava reunida? Com certeza, cada uma das ações do delegado Jo tinha, no fundo, a intenção de beneficiar Riae no futuro. Essa era a interpretação mais plausível.

— Ih, acabei mencionando uma lembrança ruim?

— Um pouquinho...

— Ora, tudo aquilo foi para o seu bem, menina. Na época era “lá vai a Shin Riae sem freio de novo”. Eu só queria que você virasse a Rainha do Gelo de hoje. Essa que faz as coisas acontecerem, que é competente e firme como uma fortaleza.

— Eu sei. Sei muito bem...

Jo sorriu, dando tapinhas no ombro de Riae, e ela sorriu de volta. Então aqueles pensamentos lhe vieram à cabeça outra vez: *Como teria sido se eu tivesse um pai que nem ele? Será que teria suportado melhor o período em que andara perdida? Será que eu teria conseguido largar o hábito de me menosprezar tanto?*



Depois de alguns dias fora, Riae voltou para casa em busca de um pouco de paz e encontrou várias encomendas empilhadas diante da porta. A maioria trazia itens

do dia a dia, exceto uma, sem remetente. Ela abriu a caixa às pressas e, ao ver o conteúdo, ficou alguns segundos paralisada, encarando o fundo com uma expressão atônita. Era ração para peixes.

Quase ninguém sabia que ela criava um peixe-dourado. Apenas pessoas muito próximas.

Curiosamente, o que tomou conta de Riae não foi medo, mas vergonha — a sensação de ter sido lida, como um livro aberto. Era como se alguém tivesse percorrido as páginas da vida dela e descoberto por que escolhera um peixe-dourado, e não outro animal de estimação mais comum. Por que ela se sentia deslocada entre as pessoas.

Mas como poderiam saber? Quem teria descoberto?

Querida Kitty

0917

Kitty, você sabe como é ter uma lembrança que, não importa quanto tempo passe, dói como se estivesse sendo cortada por uma lâmina afiada toda vez que vem à tona?

Ultimamente, tenho revisitado umas lembranças com frequência. É como se algo dentro de mim, que antes filtrava as emoções, tivesse desaparecido. Eu continuo voltando àquele momento, de novo e de novo, e não paro de chorar.

Foi numa véspera de Ano-Novo. Parece que acontecimentos muito chocantes acabam ficando gravados mesmo na memória de uma criancinha. Imagino que as pessoas estivessem comentando coisas como “Um novo ano está chegando”, “Tanta coisa vai acontecer que o mundo pode acabar”... Não é que eu me lembre desses detalhes, mas sei que naquela época era assim, porque já vi algo parecido em um livro da escola, muito tempo atrás.

Eu sentia que, um dia, minha mãe iria me deixar. Por isso, vivia com medo. Kitty, você deve estar achando que estou mentindo ou exagerando, que não é possível alguém sentir essas coisas tão cedo, né? Mas se você também visse todo tipo de coisa voando pela casa, o chão coberto de migalhas e estilhaços, ou a sua mãe apanhando do seu pai, acabaria ficando assim, independentemente da idade. Só que, naquela época, eu não tinha maturidade para conseguir transformar isso em palavras. Toda vez que a minha mãe saía, eu sentia medo. Pensando bem agora, acho que eu comia tão mal por causa dessa ansiedade: não conseguia digerir nada.

Como você sabe, minha mãe estava sempre ocupada. Meu pai, depois de ir à falência, não tinha forças para se reerguer e passava os dias mergulhado no próprio fracasso, enchendo a cara e vagando por aí. Eu me acostumei a não ter companhia em casa.

Naquela véspera de Ano-Novo não foi diferente. Minha mãe ficava mais ocupada à noite do que durante o dia, e meu pai, quando batia nela com mais violência, costumava ficar a semana toda longe de casa, então eu não esperava

que ele fosse voltar só porque era uma data comemorativa. Ainda assim, eu tinha a vaga noção de que o Ano-Novo era para ser um dia bom. Não me sentia exatamente triste, porque, na época, não fazia ideia de como as outras famílias passavam a virada. Só o que eu sabia era que na televisão sempre tinha alguma coisa, então eu não sentia falta de nada. Apenas pensava que, se todo mundo estava animado, era porque o Ano-Novo devia ser um dia empolgante.

E, na verdade, era mesmo. Por volta do outono, meu pai arranhou uma televisão velha em algum lugar, então fiquei muito feliz (a que tínhamos antes quebrou lá pela primavera, e eu passei todo aquele tempo sem poder ver nada. Quando ele não estava em casa, eu não precisava ficar medindo o humor dele. Podia assistir à televisão o quanto quisesse.

Então fui até a pia da cozinha. No fundo do armário embaixo dela, bem lá no cantinho, atrás das panelas e dos mantimentos, eu escondia a minha caneca bonita. Se ficasse ao alcance do meu pai, poderia se espatifar a qualquer momento. Era a minha caneca favorita (eu a tinha comprado com muita dificuldade depois de juntar as moedas que encontrava na rua), e ela não podia, de jeito nenhum, virar um monte de caquinhos. Como era um dia especial, eu pretendia usar aquela caneca para beber o suco que a minha mãe tinha comprado uns dias antes. Fora pensando nisso que eu andava economizando o suco havia dias.

Estendi a mão para pegar a caneca e alguma coisa não me pareceu certa. Ela estava lá, intacta, exatamente onde eu a tinha deixado, não estava lascada nem nada. Mesmo assim, algo estava errado. Só me dei conta do que era já perto da hora da virada, segundos antes do toque do sino na televisão. Abri de novo o armário da pia e revirei cada canto, até perceber: o maço de dinheiro que mamãe escondia lá tinha desaparecido.

Ela estava trabalhando sem meu pai saber, e sempre me dizia para manter isso em segredo, porque, se ele descobrisse que havia dinheiro sobrando, pegaria tudo para gastar com bebida. Como recompensa por guardar segredo, às vezes ela me comprava um chocolate gostoso. Um daqueles que eu normalmente não podia comer, que derretia na boca. Claro que, mesmo que não fosse por causa do doce, eu jamais teria contado nada a um pai que era quase um inimigo. O segredo que minha mãe e eu guardávamos, aquele embrulho cheio de notas, deveria estar dentro da caixa do ferro de passar. Mas não havia sinal da caixa nem do punhado de notas. Eu poderia ter suspeitado do meu pai, é claro. Mas eu logo soube, como por instinto: mamãe não voltaria mais para casa. Foi então que o som do sino ecoou na televisão, e pareceu tocar dentro da minha cabeça

também. Um ribombar grave, ressoando lá dentro, me deixando com um leve desnorreamento. Voltei para a frente da televisão e beberiquei o suco na minha caneca bonita. Era a única coisa que eu podia fazer.

Mesmo agora, enquanto te conto isso, lágrimas se formam nos meus olhos. E já faz tanto tempo... Estranho, não é?

Por favor, me diga que não é estranho.

금지 러미

Nadadeira longa

Para não se deixar dominar pela sensação de impotência, Riae ligou para Kyeongwon.

— Alguém descobriu que eu tenho um peixe-dourado. — Ela disse apenas isso, e Kyeongwon desligou o telefone na mesma hora, sem fazer perguntas.

Menos de trinta minutos depois, ele batia à porta da casa de Riae.

— Pra quem você vendeu informações, hein? — Ela fez uma piada seca. — As únicas pessoas que sabem que eu tenho um peixe são você e o chefe Jung.

— Te mandaram um peixe morto?

— Não, razão.

Kyeongwon inclinou a cabeça, intrigado. Se a intenção fosse mandar um aviso, teriam enviado algo mais dramático. Então, por quê?

— Estou quebrando a cabeça pra tentar lembrar, mas nunca falei sobre peixes-dourados com ninguém.

Sem dar sinais de que pretendia ir embora, Kyeongwon se jogou no sofá como se estivesse em casa.

— Já que estamos aqui, vamos ouvir a gravação juntos.

— Gravação? Que gravação?

Kyeongwon se inclinou para a frente, todo confiante.

— Acredita que tenho um amigo que já trabalhou como estilista na

Iconition?! Foi na época do finalzinho do CREME, quando a Ban Illa ainda estava lá, e ficou até pouco antes da Cecile estrear como solista, quando ela ainda fazia parte do FAIRIES!

— Eu deveria te dar parabéns por ter tem bons amigos?

— Não, é pra você aplaudir a minha rede de contatos!

Riae bateu palmas devagar, em tom de brincadeira. Graças àquela troca com Kyeongwon, a tensão crescente começou a se dissipar.

— Esse amigo era responsável pelos idols masculinos, mas, pelo jeito, chegou a trabalhar com a Ban Illa e com a Cecile mais do que com a Yoon Malgeum.

Kyeongwon ficou quieto e tocou o botão para reproduzir a gravação no celular.

— *Nem me fale. Se eu encontrar alguém dizendo que quer entrar para a equipe dela, juro que vou acampar na porta da casa dessa pessoa e implorar para que desista.*

— *Era nesse nível?*

— *Ela mente tanto que nem sente, vive dando desculpas, e os chilikues, então... Se eu for contar, vamos ficar o dia todo aqui. A gente só torcia pra que a vida amorosa dela estivesse indo bem, já que o humor da criatura dependia disso. Ela acha que é o quê? Um pilar da empresa, como uma Ban Illa ou Yeon Cecile da vida? Sinceramente, se for pra comparar, ela é no máximo um dos ratos roendo a base do pilar.*

Era de Yoon Malgeum que o estilista falava. Riae olhou para Kyeongwon em silêncio, e ele assentiu, devagar, captando o sentido por trás daquele olhar.

— *Enfim, é o auge da arrogância.*

— *Queria eu ter essa vida.*

— *Por quê? Seus superiores pegam muito no seu pé? Bom, do jeito que você é, também não ajuda, né?*

— *Nada a ver. Eu me dou super bem com a minha equipe. Dei sorte. Mesmo assim, a gente acaba se ferrando de um jeito ou de outro. Em investigações, nem se fala... Você acaba tendo que baixar a cabeça para os outros, mais do que imagina. Já fiz muito isso, mesmo sem ter culpa.*

— *Ah, entendi. Mas não tem muito o que invejar não, viu?*

— *Por quê?*

— *Lembra quando nosso grupo de amigos decidiu estudar junto e ficava decorando ditados populares em inglês? Assim como no livro A arte da Matemática, em que a unidade 1, “Conjuntos”, era a única que ficava toda rabiscada, nós também nunca passávamos da letra A, daí tivemos que misturar*

tudo e acabamos estudando fora da ordem alfabética. Deve ser por isso que eu me lembro bem dos que começam com A... Tem um que diz “All that glitters is not gold”. Significa: “Nem tudo que reluz é ouro”. É bem isso. Tudo ali é falso. Quer dizer... Não tudo, mas boa parte.

— Como assim?

— A glória, as conquistas e até as personas públicas podem não passar de ilusão. No começo, eu também só invejava, mas cada um ali carrega os próprios fardos. Claro que eles têm bem mais dinheiro do que eu e ganham muito mais; não sou eu quem tem que se preocupar. Mas, se me perguntarem se a vida deles é só felicidade e curtição como todo mundo pensa, a resposta é “não”.

Pelo ruído na gravação, o amigo de Kyeongwon fizera uma pausa para beber água.

— Eles escutam muitas declarações como “vou estar sempre ao seu lado, pelo resto da vida” e se sentem reconfortados, mas, às vezes, têm que aturar grosserias do tipo “investi tanto dinheiro em você, e não consegue fazer melhor do que isso?” ou “não era isso que eu esperava de você...”. Muitas vezes, a única forma de saber quem está do seu lado é por meio das métricas ou de comentários superficiais. Os rostos que aparecem nas sessões de autógrafo também mudam o tempo todo. Deve ser esquisito quando um fã que ia sempre nesses eventos de repente desaparece. E isso não é só com os fãs. Com os staff também é assim.

— Como assim? As equipes fazem rodízio?

— Rodízio? Não, nada disso. É que o pessoal vive tocando vários projetos, né, então não dá pra trabalhar sempre com as mesmas pessoas. E, nessa indústria, a rotatividade é muito alta. Pense comigo: pode até ser divertido por um tempinho, mas depois de perrengue atrás de perrengue, tudo por um salário que mal te sustenta... E, a menos que você consiga fazer seu nome, quem vai querer continuar nesse ramo até ficar velho? O choque de realidade bate, e com força. Olhe pra mim. A empresa em que estou agora também tem suas dificuldades. A rotina cansa, sim, mas ainda é mais estável e tranquilo do que quando eu era estilista lá.

— Mas e depois? Não dá pra manter contato com eles?

Uma risada divertida e, ao mesmo tempo, vazia soou da gravação.

— Quantos você acha que valem esse tipo de contato? Um monte deles vive achando que merece tratamento de realeza. Quando estão por perto, é claro que muitos staff rastejam, lambem o chão que eles pisam, mas pelas costas... detonam sem dó nem piedade, tratam como se fossem um estorvo. Pra ser sincero, eu também já fui assim; seria hipocrisia dizer que nunca fiz isso. Enfim, chegou uma hora em que comecei a ficar incomodado comigo mesmo, senti que estava

perdendo minha humanidade. Se até eu consegui enxergar isso, imagine os próprios idols, que têm uma percepção absurda. Não tem um ali que não perceba que está nesse tipo de círculo vicioso. Eles sentem. Mas ficam em negação.

— Por quê?

O estilista pareceu hesitar, como se estivesse refletindo a respeito da pergunta de Kyeongwon. Ria e ouviu o bater de unhas repetindo várias vezes na mesa.

— Porque, se admitirem, a própria existência deles pode cair por terra. Não posso citar nomes, mas um idol me disse algo assim uma vez. Falou que o alicerce do mundo dele era aquilo, que era tudo o que tinha. Então, se esse “eu” que é tratado como uma grande estrela desmoronar, vai parecer que o mundo inteiro desmoronou junto. Tipo, sabe quando você estoura uma bolha de sabão e ela deixa de existir? É mais ou menos isso... Quando a pessoa sabe, mas faz de conta que não, é inevitável que acabe agindo e falando de um jeito distorcido. E tem também o fato de que vivem num sistema onde, na maior parte do tempo, são os outros que tomam as decisões. Quando encontram algum espaço em que podem ter algum controle, acabam querendo exercer esse poder ao máximo. Quando penso por esse lado, até consigo entender o comportamento deles. Mas eu mudei de empresa justamente porque não queria mais me forçar a entender tudo isso.

— Mas o problema não está em achar que ser idol é tudo na vida?

— Eles vivem nesse mundo desde criança, como não seria tudo? O mais raro é conseguir separar uma coisa da outra. Lembra quando éramos mais novos, o quanto éramos imaturos? Por acaso, nos preocupávamos com a nossa família enquanto saíamos para beber escondido? Fazíamos isso porque estávamos em uma fase em que a nossa própria identidade e os nossos valores não estavam definidos ainda. A diferença é que eles só cresceram em idade; o emocional ficou pra trás.

— É, faz sentido.

— E vamos supor que exista um idol realmente decente. Aí ele estoura de vez, faz sucesso, vira alguém importante... Você acha mesmo que essa pessoa vai querer manter contato com gente como a gente? Pra eles, seríamos só mais um staff que passou por ali. A não ser que haja um apego enorme, uma sintonia muito forte... De qualquer forma, aquela Yoon Malgeum é insuportável.

— E a Yeon Cecile, como era?

— Yeon Cecile? Olhe, se todo mundo fosse como ela, trabalhar nessa indústria seria um paraíso.

— Ela não tinha nada de estranho? Nada meio... esquisito?

— Estranho? Tipo o quê?

— Sei lá. Qualquer coisa.

A voz de Kyeongwon soou vaga, meio aérea. Era o que acontecia quando precisava improvisar uma resposta. Riae percebeu de imediato, mas o estilista pareceu não notar.

— *Nem pensar. Aquela ali era um anjo, um anjo mesmo! Toda vez que a gente fazia prova de roupa, ela reagia com atenção, e, mesmo quando não gostava de alguma coisa, dizia isso com calma e delicadeza. Até hoje me lembro de como ela chorou no dia em que pedi demissão. E olha que eu saí e fiquei uns três meses parado antes de começar nessa nova empresa. Ela até me mandou um presente de parabéns, acredita?*

— *Que gentil...*

— *Não é? Mas ela ficou tão famosa que fiquei com vergonha de continuar puxando assunto. Tive a sensação de que estaria tentando me aproveitar de alguém bem-sucedido. No começo não era assim, mas, quando as minhas mensagens começaram a ficar sem resposta, eu pensei: “Será que preciso mesmo continuar entrando em contato?”. Sendo que eu sabia que ela estava ocupada.*

— *Por que você não tentou de vez em quando? Se fosse comigo, acho que eu ficaria triste. Ela deve estar cercada de gente desse tipo.*

— *Pois é... Ela sempre se sentiu muito sozinha...*

Diante das palavras do amigo, o estilista pareceu mergulhar fundo em seus pensamentos. Pouco depois, em um tom de voz propositalmente mais leve para quebrar o gelo, Kyeongwon perguntou:

— *E a Ban Illa?*

— *Talvez por termos trabalhado juntos por pouco tempo, não era fácil ficar tão à vontade perto dela. Se algo não agradava, ela falava na cara. Às vezes levantava a voz quando ficava brava. Mas ela nunca humilhou ninguém ou algo assim.*

A risada de Kyeongwon soou da gravação.

— *É só não humilhar que tá tudo bem?*

— *Aham. Pelo menos não me tratava como lixeira emocional. É a coisa que eu mais odeio. Já a Ban Illa só falava de trabalho. Só era ruim quando ela se irritava.*

— *E por que ela ficava irritada?*

— *Hum, por que mesmo? Estou tentando lembrar... Ah, é! Porque a equipe de figurino trazia roupas sem consultar a opinião dela ou porque ignorava as críticas dela e seguia as ordens da empresa. Mas não tinha o que fazer... A gente estava à mercê da Iconition, eles tinham a palavra final. Nessas horas a gente se sentia injustiçado, mas também entendia o lado dela e das meninas do CREME. Teve uma vez que a empresa escolheu umas peças minúsculas, coladas no corpo. O*

conceito da música era puro e inocente, só que os figurinos eram mais sugestivos do que quando apresentavam um conceito sexy. Até nós achamos estranho. Mas aposto que foi intencional...

— E então? O que aconteceu?

— *Precisa mesmo perguntar?! Se tivessem usado aquilo, até hoje teria meme disso circulando por aí. Aquelas roupas eram muito vulgares. Se fossem só sexy, talvez eu tivesse pensado: “É um pouco exagerado, mas ainda tá dentro do limite”, naquele espírito de que é sempre melhor deixar pra lá, sabe? Mas aquilo ali... O conceito em si já era ultrapassado. No fim, tivemos que sair correndo atrás de tudo o que tínhamos de peças extras pra dar um jeito de vestir nas meninas por cima das roupas originais, do jeito que a Ban Illa queria. Acabou que a mescla de sensualidade e inocência dos looks foi muito elogiada e talvez seja por isso que não me lembro desse dia como algo puramente injusto.*

Nesse momento, Kyeongwon pegou o celular de Ria e sem pedir, fez uma busca rápida e o devolveu. Na tela, as integrantes do CREME apareciam usando roupas em tons pastel, cada uma estilizada de um jeito diferente. Uma de saia curta, outra de saia longa; havia também uma de calça. Illa tinha um casaco de pele sobre os ombros. Por entre as diferentes blusinhas, era possível vislumbrar peças semelhantes a lingerie, de renda fina, tão transparentes que deixavam a pele à mostra.

— Pesquisei aqui e era dessa fase que ele estava falando. Eu adoro essa música, sei a letra inteira de cor, e vou te falar: sensualidade explícita não faz nenhum sentido nela.

Ria olhou para Kyeongwon como quem diz “e daí?”, tomou o celular da mão dele e o colocou de volta sobre a mesa.

— *Ei, nem pense em contar pra Ban Illa que eu disse essas coisas, tá? Sério, tenho medo daquela mulher.*

— *Mas você nem falou mal dela. E já largou o trabalho, então vai ter medo do quê?*

— *Não sei, só fico meio assim com ela... Sabe aquela sensação de que, se der na telha, ela seria capaz de aprontar uma daquelas? Você viu aquele vídeo dela xingando? Fiquei com cagaço só de assistir! Mesmo assim, de vez em quando ela ainda me indica pra algumas vagas... Então preciso continuar me dando bem com ela. Aliás, se não fosse pela Ban Illa, você nem saberia que eu sou estilista, né? Por isso, ó, bico fechado.*

Kyeongwon, pego de surpresa ao chegar naquele ponto da gravação, estendeu a mão depressa para interromper o áudio. Mas as mãos de Ria foram mais

rápidas.

— Oi?! — A expressão dela se fechou em um instante.

— Foi a Ban Illa quem entrou em contato sugerindo que eu conversasse com pessoas que já trabalharam com ela pra...

— Yoo Kyeongwon! — berrou Riae, levantando-se de um salto. — Você tá de brincadeira comigo?! Qual é a sua?!

— *Sunbae*, isso lá é motivo pra ficar tão furiosa assim?

— Quando eu te contei tudo aquilo, inclusive reabrindo feridas do passado, você não pensou que deveria haver um motivo? O que é isso, hein? Queria que eu me sentisse humilhada? Ficou com o orgulho ferido porque vivo te dando fora? É por isso que precisa ir tão longe assim?!

— Fique calma.

O tom de Kyeongwon, mais frio do que nunca, fez com que Riae interrompesse, ainda exaltada, a torrente de acusações que vinha despejando sobre ele.

— O que vem primeiro, *sunbae*? — continuou ele. — Não importa o que tenha acontecido no passado, a gente precisa de pistas. Esse é o nosso trabalho. Temos que resolver o caso. Foi por isso que fui lá. Seja uma armadilha ou não, a gente precisa investigar. Caso contrário, só nos resta dar tiros no escuro, certo? E o fato de eu estar aqui, tendo que dizer isso pra você, já prova que você perdeu a razão. Não é isso que vive dizendo pra mim quando me dá puxões de orelha? E, em primeiro lugar, eu nunca pensei em passar na sua frente, nem em te humilhar. E jamais vou pensar numa coisa dessas. Foi por isso que parei tudo o que estava fazendo e vim correndo pra cá no meio da noite. Por isso eu...

— E quem te pediu pra fazer isso? O que te dá o direito de ir lá, fazer o que bem quiser, e ainda vir jogar isso na minha cara?!

Ele tentou apaziguar o clima com uma piada, mas Riae não conseguiu se acalmar. Kyeongwon, também sem paciência, jogou a cabeça para trás e soltou um longo suspiro.

— Tudo bem. Pense o que quiser. Mas lembre-se de uma coisa, *sunbae*: ações falam mais alto do que palavras.

Com isso, saiu irritado, batendo a porta com força.

Sentada sozinha no cômodo, que de repente parecia vazio demais, Riae sentiu repulsa de si mesma. *É isso aí. Quer saber? Dane-se! Já esperava que você acabasse agindo assim mesmo. Pode até ser que eu não esteja sendo cem por cento racional por causa do meu envolvimento com a Illa, mas... custava tentar entender?* Ela repetiu esses pensamentos várias e várias vezes, tentando se acalmar, mas o

desgosto fervilhava dentro dela como lava. Aos poucos, a raiva que sentia por Kyeongwon foi recaindo sobre Illa. Afinal, ela era a origem de todos aqueles sentimentos desconfortáveis.

Já passava da meia-noite, e Riae decidiu ir à loja de Illa. Como era de se esperar, estava fechada. Mas, como a feira de flores funcionava à noite, achou que logo ela estaria de volta.

Riae ficou esperando em frente à floricultura até o amanhecer, só que Illa não apareceu. A raiva não se dissipou — as forças dela apenas se esgotaram. Por desencargo, procurou o perfil da loja nas redes sociais e encontrou uma publicação de alguns dias antes dizendo que as portas ficariam fechadas por tempo indeterminado, por motivos de força maior. Fora até lá em vão. Horas no mesmo lugar, andando e bufando de um lado para o outro; um desperdício de energia. Ao mesmo tempo, porém, sentiu um certo alívio. Enfim estava livre para desconfiar de Illa o quanto quisesse. Desaparecer assim, de repente, sem mais nem menos e justo naquele contexto? Até objetivamente falando... Era no mínimo suspeito.

— Quando é que ela chega, hein? Essa tal “Ademe” ou seja lá como se chama...

— Não é “Ademe”! É A-D-M. “Administradora de *fanpage*”! Um site de fãs, entendeu?

— Tanto faz...

— Que bom que dei uma de espião, né? Graças ao meu amigo estilista, a gente consegue entrar num lugar desses sem dor de cabeça. Vai que, com isso, ela se mostre mais disposta a conversar?

Riae e Kyeongwon trocavam palavras pouco à vontade, sem se dirigirem o olhar. Por sorte, assim que ele terminou de falar, o espaço inteiro mergulhou na escuridão.

Alguém da equipe exclamou alguma coisa ao microfone, e as luzes do palco se acenderam. A música não demorou a tocar, seguida pelos gritos da plateia. Cerca de quinze garotas tomaram o palco, dançando em perfeita sincronia ao ritmo da música. Quando chegava sua vez, cada idol avançava para o centro e exibia todo o seu charme. No refrão, o grupo inteiro entrava em formação e executava uma coreografia afiada, com passos precisos e sorrisos intensos nos lábios. Cabelos esvoaçantes, braços e pernas em constante movimento, rostos reluzindo sob os holofotes — e, quando Riae foi ver, a apresentação já havia

terminado.

Estava tão absorta apreciando a performance que nem vira o tempo passar. Mesmo não se interessando por idols ou K-pop, havia algo de contagiante em assistir à paixão e à vitalidade presentes no palco, aquela breve juventude em pleno resplendor.

Quando um dos *staff* avisou que a câmera havia desfocado por um instante e pediu que fizessem tudo de novo a partir do meio da música, todas exclamaram “Sim!” em uníssono, cheias de energia. Enquanto a equipe se preparava para a regravação, as idols interagem com os fãs, fazendo piadas, contando coisas banais do dia e brincando entre si, mostrando um lado amistoso e descontraído. Mas, ao primeiro sinal de que estava tudo pronto, todas voltaram às posições iniciais como se nunca as tivessem deixado e, mais uma vez, retomaram a apresentação.

— Uma vez alguém me disse: depois de subir num palco e sentir o calor dos aplausos, fica difícil voltar para uma vida sem isso.

— Quem disse isso?

Riae não respondeu.

— Pensando bem, quantas outras profissões por aí permitem levar alegria às pessoas ou compartilhar emoções usando o próprio talento? Chega o fim do dia e, muitas vezes, a gente mal conseguiu arrancar um sorriso sincero de alguém... Imagine como deve ser despertar admiração nos outros e vê-los vibrar por você. Como não se deixar levar por uma vida assim?

— É verdade.

De repente, alguém se intrometeu na conversa, fazendo com que Kyeongwon desse um salto no lugar, como um peixe fora d'água.

— Oi, sou Kim Sunyoung. Nós combinamos de nos encontrar hoje. Sou a adm da *fanpage* do Lemon Party, o grupo que acabou de se apresentar.

Sunyoung, com uma camisa bem-alinhada, uma calça de alfaiataria e o cabelo preso em um rabo de cavalo apertado, tinha a aparência de uma funcionária de escritório comum. A imagem de uma “administradora de site de fãs” de moletom ou roupas confortáveis não passava de um estereótipo, fruto de uma imaginação limitada... A única coisa fora do comum era o fato de ela estar lá, carregando uma câmera enorme, com uma lente gigante, no horário em que deveria estar a caminho do trabalho.

— Ainda bem que vesti uma roupa minimamente decente, já que depois ainda vou pro escritório. Não consegui tirar o dia todo de folga, só meio-período.

— E não cansa ficar zanzando por aí desde cedo? — perguntou Kyeongwon,

admirado.

— Eu faço porque gosto. Às vezes acaba virando quase uma obrigação, mas eu não faria se não gostasse, sabe? — respondeu a adm, com sobriedade profissional.

Ele pareceu um tanto constrangido diante da reação morna. Riaie, por sua vez, preferia lidar com pessoas daquele tipo.

— Digamos que seja uma espécie de recompensa indireta — continuou ela. — Elas são muito boas em algo em que eu não sou, superaram dificuldades e ainda brilham no palco... É tão lindo de ver. E o fato de eu registrar esses momentos, de outras pessoas verem essas meninas através de mim, tem um significado enorme. Com esse grupo, então... me sinto muito mais envolvida, e acabo me dedicando ainda mais. Não sei bem por quê...

— Não queremos tomar muito do seu tempo, então vou direto ao ponto.

— Muito bem.

Riaie fez um breve aceno com a cabeça e perguntou:

— Você era a antiga administradora de uma página de fãs do Kyung Kona, certo?

— Sim. Não era a maior de todas, mas era bem conhecida.

— E você disse que, pouco tempo atrás, ouviu algo estranho vindo dele?

— Não era nada de mais, mas foi esquisito. Ele veio com uma história sobre ter descoberto o ponto fraco da Yeon Cecile... Devia ser só bobagem.

Riaie e Kyeongwon se entreolharam.

— Mesmo que pareça bobagem, conte-nos tudo o que lembrar, por favor.

— Quando me viu, ele gritou: “*Noona!*”,^{*} e veio me cumprimentar superanimado. Ele sabia que eu tinha saído do *fandom*, porque sempre que passava por mim, me olhava feio. E, de uma hora pra outra, veio todo simpático? Estranhei, né! Daí ele solta: “Tá a fim de se divertir um pouco comigo?”. Fiquei tentando entender o que queria dizer com aquilo... Ouvi falar que ele estava obcecado por festas, então até pensei que estivesse metido com coisa errada, mas do nada ele começou a falar de uma repórter.

Riaie franziu a testa e se concentrou no relato de Sunyoung, que continuou:

— Se entendi bem, essa repórter da área do entretenimento recebeu uma informação da vida particular de uma artista conhecida pelo ar misterioso. Parece que ela tinha marcado um encontro com um suposto parente dessa artista, mas a pessoa desistiu de última hora e cancelou tudo por mensagem. A repórter ficou pê da vida porque achou que tinha conseguido um grande furo, só que acabou perdendo a chance e, numa noite de bebedeira, contou essa história

para o Kyung Kona, xingando horrores.

— Essa artista era a Cecile, não é?

— Isso. Ele disse que ficou curioso pra saber se tinham comprado o silêncio do parente ou se alguém tinha interferido, que iria descobrir de qualquer jeito e queria minha ajuda para registrar as provas à distância, já que minha lente é boa. A ideia era vender esse material, ganhar uma grana e ainda “se divertir”.

— E o que você respondeu?

— Claro que recusei. Administrar uma *fanpage* é caro, então se fosse algo que realmente rendesse dinheiro, até pensaria a respeito. Dependendo do caso, até dá pra cogitar ser paparazzi, mas isso? Só de ouvir já deu pra perceber que era coisa podre. Então falei pra ele procurar alguém com uma câmera melhor do que a minha, o que não falta, e inventei que ia para o exterior atrás das meninas. Aliás... lembro que teve uma história parecida na época em que a Illa ainda estava na ativa.

— Que história?

— Não sei de onde o Kyung Kona tirou isso, mas ele apareceu dizendo que tinha descoberto um segredo muito pessoal da Ban Illa: que ela tinha um filho escondido! Na hora fiquei chocada, confesso que até atçou um pouco da minha curiosidade. Mesmo assim, não quis me meter em coisa de *sasaeng*^{**} e recusei. Ainda bem, porque não era um filho, era um gato! Ah, e também tenho quase certeza de que foi ele quem armou aquela cena da Illa xingando no meio da rua.

— Você tem como provar?

— Provar, *provar*, não. Mas como alguém que o acompanhou por tanto tempo e que até já recebeu propostas indecentes desse tipo, diria que as chances são grandes. Não que eu esteja passando pano para ela; por mais que tenha ficado com raiva de ver os fãs sendo destratados, nada justifica xingar daquele jeito. Enfim, quanto ao método, é óbvio: se não fui eu, ele usou alguma outra adm. Fez alguém seguir a Illa, filmar a cena e depois exagerou tudo, transformando em algo maior do que era. Ele era especialista nisso.

— Mas o Kyung Kona teria motivo para ir tão longe assim?

— Ah, se teria! Teve uma vez em que uma idol estreante, muito querida da Illa, namorou o Kona e ele ferrou com o psicológico dela. Pensando agora, talvez o nervosismo dele naquela época fosse porque essa garota tinha contado para a Illa as merdas que ele fazia... Mas isso também é só um palpite.

Ao final do relato de Sunyoung, Riae e Kyeongwon trocaram um olhar preocupado. Tanto Cecile quanto Illa tinham motivos fortes o bastante para nutrir um profundo ressentimento em relação a Kona.

— Deve ter sido difícil recusar a proposta, já que partiu de alguém que você gostava tanto... Mas você fez bem.

— Não sei... Quando decidi deixar de ser fã, já tinha desapegado. Depois que recusei, minha câmera passou a ser ignorada nas sessões de autógrafo... Até gastei o que tinha e o que não tinha com presentes caros para tentar me redimir. Hoje, nem sei por que fui tão longe.

— E isso de deixar de ser fã, é assim mesmo? — perguntou Ria, um tanto perplexa. — Depois de amar tanto, acompanhar tudo, se dedicar, passar por vários perrengues... O sentimento simplesmente acaba de um dia para o outro?

Sunyoung assentiu com um sorriso peculiar de quem compreendia bem aquela reação.

— Não é tão simples. Não é fácil romper com algo a que você dedicou tempo, dinheiro, esforço e sentimento. Sobretudo pra quem é adm, porque fica exposta aos fãs mais ferrenhos. Quando você sai, todo mundo fica sabendo, e a troca de *fandom* vira fofoca a céu aberto. E se você era mesmo do núcleo mais central, a ponto de funcionários da agência ou até os integrantes do grupo saberem quem você é, a notícia se espalha rapidinho. Ah, mas a Kwon Mijin era um caso à parte. Ela já era conhecida por pular de um *fandom* para outro, feito uma ave migratória. Ela morreu mesmo? O que aconteceu?

— Ah... Sentimentos mudam, né? Fazer o quê — respondeu Kyeongwon de forma meio desconfortável, desviando do assunto.

Felizmente, Sunyoung não pareceu dar muita importância e continuou:

— A maioria das pessoas pensa bastante antes de sair de vez de um *fandom*. O entusiasmo já não é mais o mesmo, a gente aguenta por lealdade... Até vir a gota d'água que leva o afeto embora de vez. Pode ser uma decepção com o idol ou com a agência, mas, tipo, chega uma hora que não dá mais. Claro, estou falando da minha experiência e do pessoal que conheço, né? Quando o sentimento só esfria um pouco, há quem prefira dar uma pausa nas atividades de fã, na esperança de voltar depois. Mas para alguém chegar ao ponto de declarar: “É oficial, parei com esse *fandom*!”, pode apostar que existe um motivo sério por trás. E, às vezes, o jeito de sair não é lá muito bonito justamente porque reflete como as coisas já estavam feias fazia tempo. Ah, existe também o conceito de “fim de ciclo limpo”, que é o contrário: quando já não se tem aquela paixão para ser uma fã ativa, mas se sai sem ressentimento, com carinho, e passa a torcer pelo artista de longe. Mas isso é raro, viu.

— Por quê? — perguntou Ria.

— É que... Idols são seres humanos, né? Também cometem erros. Os

pequenos, a gente até releva por amor. Mas, quando acontece algo grave, ou quando o comportamento do artista contradiz a imagem que o fã acreditava conhecer, o encanto se quebra. E quando, além disso, o *fandom* inteiro começa a tomar partido do idol, querendo justificar tudo, inventar desculpas, fingir que nada aconteceu e tratar crítica como heresia... Aquilo começa a parecer uma seita, e a vontade é de cair fora.

— Então os fãs não só toleram os erros, como acabam agindo como verdadeiros advogados dos idols? — confirmou Riae, impressionada com toda aquela história.

— É bem isso mesmo — concordou Kyeongwon, acenando com a cabeça, como quem não estava ouvindo nada de novo.

— É uma projeção do ego.

— Projeção do ego?

— Sim. É como se a pessoa visse os idols como uma representação do próprio “eu”, uma extensão de si. Posso me identificar com ele, encontrar algo em que somos parecidos, mas ele é uma versão “melhor”; ou até é diferente, mas, como *eu* gosto desse idol, ele é incrível... e, se ele é incrível e *eu* gosto dele, então *eu* também sou incrível. Até o sucesso do idol acaba sendo vivido como sucesso próprio, por isso ele tem sempre que ser exaltado, como se fosse um ser perfeito, intocável. Qualquer crítica vira um ataque pessoal, uma afronta, e aí o *fandom* reage de forma agressiva, fica na defensiva. Mas proteger alguém indiscriminadamente é mesmo amor? Dá para chamar isso de amor? No fim das contas, é só mais uma forma de ver aquela existência como um reflexo do próprio ego. Claro que idols acabam escutando todo tipo de coisa e vivem sofrendo ataques injustos, então, às vezes, os fãs realmente precisam defendê-los, mas a gente vê que a maioria passa do ponto. Ou seja, tem alguma coisa errada aí.

— Você está dizendo que o problema é que esses fãs se identificam com os idols de maneira equivocada, é isso? Faz sentido... Mas o que as agências têm a ver com isso?

— Os fãs sabem que as agências não fazem o trabalho delas direito, e quase nunca estão satisfeitos com como tratam os idols. É claro, como a maioria não tem acesso aos bastidores que nem eu, pra eles tudo parece mal resolvido, mal comunicado, e a frustração só aumenta. E tem agência que é bagunçada mesmo.

— No seu caso, o que foi que fez você deixar de ser fã?

— Os dois. O comportamento do Kona e a empresa — respondeu Sunyoung, seca e direta. — Depois de ter ido a algumas sessões de autógrafo, eu já tinha

percebido que Kona não era aquele garoto gentil, sensível e doce que aparentava ser. Só não imaginava que ele fosse tão sem noção.

— Como você ficou sabendo das coisas que ele fazia?

— Ah, depois de anos sendo adm, a gente acaba conhecendo outras adms, fãs que começam a trabalhar nessas empresas de entretenimento, pessoas ligadas a *sasaengs*... E aí vai ouvindo: quem foi aonde, com quem saiu, o que aprontou, esse tipo de coisa. Se o Kona estivesse só namorando, eu teria xingado bastante, mas não teria abandonado o *fandom*.

— Acha que a agência dele sabia e preferiu ignorar?

— Hum, não sei... Se eles souberam da conduta inadequada e mesmo assim não encerraram o contrato só por causa do dinheiro, então têm responsabilidade, sim... Se bem que talvez não fosse tão simples rescindir, já que ele estava num grupo. Pode ser também que ele fosse tão encraveiro que nem a empresa conseguisse controlar... Mas o que eu quis dizer sobre a culpa também ser da agência era outra coisa.

Após um gole d'água, Sunyoung continuou:

— Eles vivem dizendo que são gratos aos fãs, mas na prática tratam a gente como idiota. Acham que fã é tudo histérico, surtado e obcecado, por isso nos olham com desprezo. Só que os fãs conhecem o funcionamento desse mercado melhor do que ninguém, criam um monte de conteúdo, impulsionam a popularidade do idol. Aí, quando a empresa ignora isso e age com arrogância, como se fã fosse só um monte de cifrão, é claro que a gente se sente ofendido. Você só atura esse tipo de coisa por amor ao seu idol, mas não pra sempre. E o pior é que os idols crescem vendo isso e acabam absorvendo esse tipo de comportamento, querendo ou não... Eu acho impossível não absorver. Quando você vê como destratam os fãs ou os *staff*, o afeto vai embora e só fica o desgosto. E a agência do Kyung Kona é famosa por isso, viu? Sabe o que “H.G.” significa? *Holy Grail*. Pois é, eles se veem como o Santo Graal! Nunca vi gente tão convencida. Deve ter idols que são arrogantes por natureza, por serem talentosos demais ou por acharem que são. Outros devem ser tipo o Kona: uns cabeças-duras que ninguém consegue controlar. Mas a maioria é criação da empresa. No começo pode parecer estranho, mas, se o ambiente em que você trabalha vive tratando os fãs como fonte infinita de dinheiro e amor, como se fossem inferiores, depois você acaba aceitando essa dinâmica como algo natural. E quem cresce assim vai saber se relacionar direito com os outros? Quando estiverem em uma posição de poder, vão reproduzir todos os hábitos ruins que aprenderam.

Sunyoung sacudiu a cabeça com uma expressão de desagrado.

— Por acaso você já ouviu falar de um *manager* da Iconition chamado Park Sangjin?

— Hum... não sei quem é. Não estou tão por dentro do que rola na Iconition... Ah! Será que é um dos caras que andavam com o Kona? Ouvi dizer que o grupinho deles misturava gente do meio com gente de fora — disse Sunyoung, erguendo levemente a cabeça e olhando para cima, como se tentasse se lembrar de algo.

— É o que parece, mas eu precisava de mais detalhes.

— Não vou ser de grande ajuda; depois que larguei o *fandom*, nunca mais me importei com por onde ele andava, e também me afastei do pessoal das *fan accounts* do ROME. Quer que eu pergunte para alguém?

Riae hesitou por um instante.

— Não precisa. Pode gerar boatos desnecessários.

— Tá bom...

Quando o ritmo do interrogatório esfriou, ela olhou o relógio. Como Riae também não tinha mais o que perguntar, não havia motivo para segurá-la lá por mais tempo. Agradeceu e se virou para ir embora. Foi quando Kyeongwon tirou algo de dentro do casaco e estendeu para Sunyoung.

— Achei que talvez você fosse gostar. Ganhei isso numa promoção de refrigerante faz um tempo; até pensei em vender, mas acabei deixando pra lá. Acho que era pra poder te dar hoje.

Antes mesmo de Kyeongwon terminar de falar, Sunyoung soltou um gritinho:

— Aaah! Nossa! Isso aqui é ra-rís-si-mo!

Era um *photocard* do Lemon Party. Ela ficou tão empolgada que parecia prestes a abraçá-lo. Kyeongwon, meio intimidado, deu um passo instintivo para trás. Bem diferente de quando chegou, a adm agora se despedia dos dois policiais com o rosto radiante e repetidas reverências, parecendo outra pessoa.



Riae marcou de se encontrar com Doha, atriz e ex-integrante do FAIRIES, em um salão de beleza. Quando chegou sozinha ao local combinado, Doha acabava de lavar o cabelo. Pediu desculpas e se retirou mais uma vez para secá-lo. Enquanto esperava, envolta pelo cheiro de produtos de cabelo e perfumes, Riae assistiu a algumas celebridades entrando e saindo do estabelecimento. Se Kyeongwon estivesse lá, com certeza teria apontado cada uma, explicando quem

era e o que fazia. Mas estava sozinha. Por isso, apenas olhava os passantes sem muito interesse.

Nesse meio-tempo, uma mãe e uma filha entraram no salão. Pelo visto, a filha estava prestes a se casar e estava lá para a prova de maquiagem. Graças à tagarelice da mãe, que pedia à gerente que cuidasse bem dela, até Riaie, que não prestava muita atenção, ficou a par da situação. Mãe e filha juntas no salão de beleza... Como seria essa sensação? Antes que começasse a divagar na questão, Doha voltou.

Felizmente, ela não tentou iniciar uma disputa de egos desnecessária e, no geral, mostrou-se bastante cooperativa — o que Riaie já esperava. O simples fato de Doha ter separado um tempo para conversarem durante uma ida ao salão, no meio da agenda apertada de gravações de um drama, já revelava boa vontade de sobra.

A maquiadora, dona dos cosméticos espalhados sobre a bancada próxima de onde Riaie aguardava, aplicou um pouco de produto no dorso da mão, o transferiu para uma esponja e começou a dar leves batidinhas no rosto de Doha. Após observar em silêncio por alguns instantes, Riaie deu início às perguntas:

— Parece que a Cecile não se dava muito bem com as outras integrantes do FAIRIES... Estou certa?

— Sim. E nosso ex-chefe sabia disso quando colocou a Cecile na formação de *debut*.

Por “ex-chefe”, ela parecia se referir ao CEO da Iconition antes do atual assumir.

— Por que não esperaram para treinar outra integrante da mesma faixa etária e colocá-las para estreiar juntas? A Cecile era muito nova.

— Porque ela tinha talento suficiente para debutar já naquela época. Visual, canto, dança... Era o pacote completo. Assim que estreou, virou a integrante mais popular. Se deixassem uma joia bruta dessas esperando até o próximo lançamento, corria o risco de outra empresa roubar a menina. Sem contar que, antes do *debut*, o FAIRIES era considerado um grupo fraco, sempre comparado ao CREME e visto como bem inferior, sem um diferencial. A Cecile era exatamente o elemento que faltava. A verdade é que, mesmo se tivessem esperado mais alguns anos, não havia garantia nenhuma de que iriam descobrir outra pessoa com tanto potencial de estrela. Quando começa como trainee, todo mundo acha que basta se esforçar para debutar. Mas se a empresa estiver passando por questões financeiras ou não tiver previsão de lançar um novo grupo, pode ser que o *debut* acabe não acontecendo. Aí a pessoa tenta outra

empresa ou, se não der certo, desiste de ser trainee. Se tiver talento para atuação, migra para essa área. Mas é claro que a Cecile nunca precisou se preocupar com isso, já que todo mundo via que ela nasceu para ser estrela.

— Imagino que ela tenha sido invejada pelas outras trainees.

— Só pelas trainees? Até as meninas do nosso grupo, que já tinham o *debut* confirmado, ficaram mexidas. Ela tinha menos experiência e era praticamente uma criança, né? E ainda a colocaram como vocal principal... Não vou mentir, eu não cheguei a maltratá-la, mas também não fui muito legal com ela. Eu vivia em estado de alerta. Acho que me sentia ameaçada, sabe? Hoje em dia nem entendo por quê. A gente podia ter se unido como equipe e feito o melhor possível para que o grupo desse certo. Talvez eu já estivesse acostumada demais com o ambiente competitivo.

— A empresa incentivava essa rivalidade entre vocês?

— O discurso era “vocês são uma equipe, têm que ajudar umas às outras”, mas desde a época de trainee já era um jogo de sobrevivência. Toda semana tinha feedback, e sempre vinha com cada comentário... Tudo em nome de “formar idols competitivos”. Eu, por exemplo, nunca fui boa na dança, e uma vez disseram até que eu parecia um cadáver ambulante.

— Que horror.

Doha deu risada.

— Admito que sou péssima dançando, mas esse jeito de falar não parece coisa de *hater*? Qualquer adulto ficaria chateado, imagine uma menina daquela idade... E não foi em tom de brincadeira, não. Hoje eu até consigo rir disso, porque acabei fazendo um filme blockbuster de zumbi e posso brincar dizendo que meu talento serviu para alguma coisa. Mas na época foi um choque enorme. Só de lembrar já me deixa incomodada. E não fui a única a escutar essas coisas; tinha trainee que recebia avaliações do tipo “você tem cara de velha” ou “essa música era pra ser sexy, mas você não tem *sex appeal*”. Se fossem comentários particulares já seria humilhante, mas eles ainda eram expostos num mural que todo mundo via. Deve ter empresas por aí que não fazem esse tipo de coisa, mas... não conheço nenhuma.

— Impossível não ficar uma pilha de nervos num lugar desses...

— Pois é. Depois ainda tem o *debut* e você fica esperando a avaliação do público: vendas de álbum, rankings musicais, matérias, reação dos fãs... Eu odiava me sentir tão pequena diante disso tudo. Já era difícil me manter firme, e aí chega uma garota que parecia tão diferente de mim... Não era lá muito agradável. No fim, era cada uma por si. Pensando agora, eu devia ter cuidado da

Cecile, como uma boa *unnie*. Só que eu estava ocupada demais tentando sobreviver às minhas próprias *unnies*, então...

Riae lembrou-se de Malgeum, a ex-integrante do grupo que era mais velha do que Doha. Definitivamente não devia ter sido fácil.

— Talvez por isso ela se apoiasse mais em gente de fora do que nas próprias integrantes. Quando ainda era trainee, quem cuidava dela era a Illa *unnie*, do CREME, mas, depois do *debut*, as agendas das duas nunca mais bateram, e a Cecile acabou se aproximando de outra pessoa. Que já não está mais aqui... — O rosto de Doha assumiu uma expressão solene, e Riae supôs que estivesse falando de Blithe.

— Se eram tão próximas assim, deve ter sido um choque e tanto.

— A Cecile não só gostava dela; a idolatrava. Ela vivia chamando a Cecile pra conversar, e eu não sei os detalhes, mas parecia sempre dizer coisas gentis. Quando chegava no dormitório depois de sair com ela, os olhos da Cecile brilhavam mais do que quando voltava de um encontro com o namorado. Se alguém falasse mal dessa pessoa, ela espumava de raiva. Logo quando debutamos, a Cecile ainda era insegura, meio retraída, mas depois que o grupo passou a ser praticamente sustentado por ela, começou a ganhar moral. Então dá pra imaginar no que a Malgeum *unnie* se meteu quando resolveu criticar essa pessoa na frente da Cecile, né? Ela teria voado no pescoço da *unnie* se eu não a tivesse segurado. Acho que isso só aconteceu porque, a essa altura, a Cecile já era uma estrela e talvez não tivesse mais nada a temer. Mas, convenhamos, a Malgeum *unnie* também era um pé no saco... Só quem conhece sabe.

A certa distância, a maquiadora deixou escapar uma risadinha curta, quase um sopro, que também chegou aos ouvidos de Riae.

— Com certeza, a Cecile sofreu um baque daqueles quando perdeu essa pessoa — continuou Doha. — Nessa época, nosso grupo já tinha se desfeito e cada uma estava seguindo seu caminho, então nunca ouvi isso diretamente dela, mas dá para imaginar.

— E você, Doha, não ficou abalada?

— Fiquei, claro. Ela podia não ser uma das mais populares, mas era uma artista inigualável, de estilo único. E era uma boa pessoa. Até a Malgeum *unnie* ficou em choque, e a Illa *unnie*, apesar de em público ter dado outra justificativa, também interrompeu todas as atividades por um tempo, de tão abalada. Fiquei triste pela morte de uma colega, claro, mas a sensação de impotência, de não termos conseguido protegê-la, de imaginar que aquilo pudesse, talvez, ser o meu futuro... Tudo isso me deixou deprimida. A morte já é um assunto difícil pra

qualquer um, mas, pra gente, que mal tinha estrutura emocional, um impacto desse tamanho acabou nos engolindo. A Cecile vivia dizendo que queria ser como ela... Então, sendo sincera, fiquei aliviada quando nem ela nem ninguém seguiu o mesmo caminho.

— Entendo...

— Ainda bem que ela tinha o Laika. Mas, um ano depois, eles também terminaram... Nem sei o que ele anda fazendo, se está preparando um *comeback* ou o quê... Ah, estou falando demais de pessoas aleatórias, não estou? Você não veio aqui para ouvir isso, né?

— Tudo bem. Já perguntei o suficiente sobre Kyung Kona e acho que não vai render mais nada. Além disso, eu não entendo muito do mundo dos idols nem de como as coisas funcionam, então ouvir isso acaba ajudando.

Doha assentiu, talvez porque a resposta improvisada de Riae tenha soado convincente.

— Malgeum, que era a líder, e Cecile, a *maknae*, estão em carreira solo agora. Duas outras ex-integrantes fazem um duo chamado JUICE, você virou atriz... E as duas que sobraram, o que estão fazendo?

— Uma delas largou a indústria e entrou para o ramo de indumentária. Ela sempre foi inteligente; deve estar se saindo bem. A outra... Hum... — Doha limpou a garganta. — A outra disse que ia abandonar o entretenimento, mas acabou voltando. Eu acho que ir nesses programas de quinta categoria para falar besteira não pega bem, mas, enfim, a vida é dela, né. Quem sou eu para julgar? Ela faz o que quiser.

Riae se lembrou da mulher de permanente *hippie* que abordara Cecile na festa de lançamento. *Ah, então era ela...*

— Pode-se dizer que, depois que se sente o gostinho da fama, trabalhos comuns ficam entediados?

— No meu caso, quando fiz algumas coisas fora, até achei que tinham um charme diferente, mas não sei como é para os outros. Pessoalmente, não é bem tédio... É que, depois que você se acostuma com esse ciclo, fica difícil voltar ao que chamam de “vida normal”. Não é só com idols, deve valer para artistas de outras áreas também. Além de a rotina ser diferente, depois que seu rosto fica conhecido, não é tão simples fazer um bico qualquer. Imagino que alguns aceitariam fazer esse tipo de trabalho se tivessem a oportunidade. O problema é o tratamento humilhante que você recebe no processo; dá vontade de desaparecer. As pessoas não se interessam tanto por idols quanto parece, mas, se te reconhecem, aí começa a dor de cabeça. Acham que você fracassou e ficou para

trás, falam dos rumores na sua frente, sem filtro, perguntando se isso ou aquilo é verdade ou não... E a maioria de nós nem teve uma educação formal. Por isso, muita gente que ficou minimamente famosa acaba tentando abrir o próprio negócio ou volta para a indústria com o rabo entre as pernas.

— O cachê também deve ser bem diferente.

— Com certeza. Tem casos de gente que vai trabalhar em empresas comuns, mas são exceções.

— Pelo que estou percebendo, o meio artístico parece ser cheio de privilégios e portas abertas, mas, visto de dentro, é uma bolha com a saída bloqueada.

— Ah... é. Era exatamente assim — respondeu Doha, assentindo repetidas vezes, com o olhar distante.

— As coisas melhoraram depois que você mudou para a atuação?

— Ainda existe o estresse da exposição como celebridade, mas, quando converso com os meus colegas atores durante as gravações, a sensação de que perdi minha adolescência aumenta. A experiência como idol facilitou a transição de carreira, mas tenho dificuldade para recuperar aquilo que perdi lá atrás quando virei trainee, antes mesmo de entrar no ensino médio. Escola não é só estudar, né? É onde se aprende a se relacionar, a se adequar... Você erra, cai e se levanta... Nós não tivemos tempo pra isso, para ter a chance de falhar...

Por piores que fossem suas lembranças dessa época, Riae não podia negar que, mesmo não sendo um ambiente adequado para todos, a escola ajudava a adquirir uma certa noção do que é uma vida comum. Sem dúvidas, fora naquela pequena sociedade, entre tentativas e erros, que aprendera a se ajustar a si mesma e ao mundo.

— E depois que a gente debuta, é só “personagem”, “conceito”, “universo”... Ficam repetindo isso como um mantra, tentando aprisionar a nossa identidade dentro do que outras pessoas definiram. Claro, às vezes isso até combina com a personalidade verdadeira da pessoa, e ser idol exige um certo grau de construção de imagem; não dá pra não ter nenhuma. Acontece que ninguém é unidimensional, né? Com o tempo, a gente muda, de um jeito ou de outro. Só que a gestão não quer reconhecer isso, e às vezes até restringe as atividades... A sensação de desconexão vai aumentando, e aí tanto os idols quanto os fãs ficam confusos. Por que você acha que a “vida útil” de um idol é de cinco a sete anos? É porque esse é o limite para conseguir manter a boca fechada e preservar a ilusão dos fãs, porque, caso contrário, a fantasia seria desfeita. Quando se acompanha alguém por muito tempo, o que estava escondido acaba aparecendo, e fica cada vez mais difícil enquadrar a pessoa em uma persona. Quanto mais você conhece

alguém, mais você se aproxima dele, e chega um ponto em que esse alguém fica próximo demais para venerar.

— Próximo demais para venerar... — repetiu Riae em voz baixa, ruminando as palavras de Doha.

— Na empresa, dizem que basta se preocupar em melhorar a técnica e se tornar o melhor. Mas o que um idol deveria buscar, na verdade, não é crescer, sobreviver nesse mundo cruel sem perder o próprio eixo? Foi o que comecei a pensar. Seria maravilhoso se a indústria evoluísse para pensar nisso junto com a gente, só que até agora isso não aconteceu, e provavelmente nunca vai acontecer. Eu já não confio mais nesse meio... Para a empresa, no fim das contas, deve ser mais rentável manipular uma mente doente do que nos manter saudáveis. Ela prefere cutucar a ferida em vez de aliviar a dor, porque isso atrai fãs. E se nós, que estamos lá dentro, vamos nos destruindo no processo, isso pouco importa. Até a questão da terapia é assim. Não sei se é por medo de vazamento de informações ou se é por causa de dinheiro, mas tentam resolver tudo internamente em vez de chamar profissionais de verdade... O resto você já pode imaginar. Esse ciclo de exploração vai continuar, disfarçado de um carrossel bonito e brilhante, e nós seguimos girando nele, sob as rédeas da indústria. É por isso que eu não tenho mais expectativa nem esperança.

A palavra “carrossel” parecia cair bem. Mesmo para alguém como Riae, que não entendia muito do assunto, ficava claro que aquilo era uma estrutura colossal — um tipo de entretenimento desgastante, do qual todos tinham consciência, mas que continuava a atrair gente. E, uma vez lá dentro, não havia como deixar de girar com ele. Nem como simplesmente descer.

— Eu queria ter entendido naquela época que, mesmo fazendo sucesso ainda tão nova, se você falhar em crescer como pessoa, o que vem depois fica muito difícil. Mas, enfim... As *unnies* dizem que hoje em dia isso tudo já mudou bastante.

— Isso tudo? — perguntou Riae, sem nem perceber.

— Sim. É uma pena que eu só tenha coisas negativas para falar. Por mais difíceis que tenham sido aqueles dias, a época de idol foi um período glorioso da minha vida. Eu pude realizar sonhos, dar alegria aos fãs e receber muito amor em troca. É algo maravilhoso, mas quando essas coisas ruins continuam vindo à tona...

Enquanto conversavam, a maquiagem de Doha fora finalizada com perfeição. Apesar de todo o tempo e cuidado investidos, o resultado era tão natural que, por um momento, Riae chegou a duvidar se havia mesmo algum produto no rosto

dela. Por coincidência, uma idol sentada à frente delas também terminava a maquiagem naquele instante. A maquiagem pesada — carregada o bastante para resistir à iluminação intensa do palco, mais forte que a de qualquer set de filmagem — recobria por completo a pele ainda jovem da garota.

De repente, uma publicação foi postada em uma das redes sociais de Illa, que estava inativa havia um tempo. Dizia que ela passaria alguns dias em uma fazenda de flores nos arredores da província de Gyeonggi para preparar um novo workshop. As fotos floridas, a autora do post e até os comentários deixados lhe pareceram desprezíveis. Ao pensar que talvez ela tivesse feito outra coisa terrível e ainda assim tentasse viver bela e despreocupadamente, Riae não conseguiu ficar parada. Decidida a pôr um ponto final naquela beleza sem vergonha, enfrentou o vento cortante da madrugada e subiu no ônibus expresso, mesmo sendo seu dia de folga.

O sono não vinha de jeito nenhum. Queria ao menos acalmar os pensamentos inquietos, então começou a rolar a tela do celular. Talvez por ter pesquisado tanta coisa relacionada a idols nos últimos tempos, o algoritmo sugeriu um vídeo antigo — um programa de variedades de quase sete anos antes. Na tela, apareciam uma Illa ainda juvenzinha e uma Cecile tão nova que parecia uma garotinha.

— Bom, da última vez em que vocês estiveram no programa, a equipe convidada perdeu. Quero saber: qual é a estratégia pra vencer desta vez?

— Vou sair correndo e achar o tesouro quietinha, sem ninguém perceber — respondeu Illa, a primeira a falar.

Cecile veio logo em seguida:

— Eu vou tentar juntar as pistas uma a uma, mesmo que demore mais.

— Mas com estratégias tão diferentes vocês acham que conseguem vencer? — perguntou o apresentador.

— Claro que sim! — responderam em coro, antes de rirem, empolgadas.

Sem a maquiagem de palco, as duas pareciam apenas meninas comuns da mesma idade.

— E você, Blithe, qual é o seu plano?

Dessa vez, o apresentador se dirigia a uma idol de estilo mais simples que o de Cecile e Illa. Blithe soltou uma gargalhada.

— Sei lá... Vou fazer o que der!

O sorriso dela era tão radiante que era quase impossível imaginar que, depois daquilo, aquela garota tomaria a decisão de abandonar o mundo.

Durante o jogo, as idols corriam agitadas de um lado para o outro. O objetivo era ser a primeira a encontrar o tesouro escondido ou impedir que o time adversário o encontrasse. Havia várias regras extras para deixar tudo mais emocionante: além do jogo principal, cada participante recebia uma missão secreta que precisava cumprir sem que as outras descobrissem; se a missão fosse revelada e alguém conseguisse agarrar sua mão, era eliminada. Além disso, em cada equipe havia uma pessoa com uma pistola d'água que podia usar para se salvar ou virar o jogo de repente — mas quem estava com a pistola também era segredo.

Depois de vê-las correrem para lá e para cá e questionarem umas às outras por cerca de trinta minutos, alguém começou a deduzir qual era a missão de Cecile. Ela soltou um gritinho fofo e tentou fugir. Encurralada, enfiou a mão dentro do cardigã.

— Não!

Foi então que alguém atirou nela com a pistola d'água. Os gritos de comemoração duraram pouco, pois Cecile abriu um sorriso travesso e tirou a mão de dentro da roupa. Não estava segurando nada.

— Por que você fingiu que tinha alguma coisa, se não tem nada aí? — perguntou, confusa, uma das adversárias.

Cecile respondeu olhando para Blithe:

— Se a *unnie* ganhar, eu ganho também!

— Ah, para! Não é assim que funciona. Você estava querendo descansar, né? — retrucou alguém, meio emburrada.

Cecile ergueu e baixou levemente as sobrancelhas e respondeu apenas:

— Na verdade... eu estava um pouco cansada, sim.

Em meio ao burburinho, um berro se seguiu.

— Rá! E aí, quem mandou baixar a guarda?! — disse Illa, com um sorriso provocador.

Ela encarava todo mundo. Em suas mãos estavam tanto o tesouro quanto a pistola d'água.

— Uau, a Vanilla é mesmo uma vilã! Aproveitou um momento de distração pra atacar. Pode isso, produção?

A maioria dos comentários elogiava a atuação de Illa por ter gerado mais entretenimento no episódio, mas também havia comentários ofensivos, acusando-a de pôr a competição acima das colegas. Já Blithe recebia ataques

ainda mais maldosos, criticando seu comportamento habitual e dizendo que ela não tinha feito nada durante o programa inteiro. A maioria dos comentários mais recentes, no entanto, eram repreensões a esse tipo de fala, além de mensagens desejando que descansasse em paz.

Foi também pelos comentários que Riae ficou sabendo que, dois dias depois daquela gravação, Cecile desmaiara de exaustão. *Coitada...* Por sinal, Riae também estava exausta, e não demorou a desmaiar de sono.

Notas

* Termo usado por homens para se referirem a mulheres mais velhas, geralmente familiares ou amigas próximas. [N.T.]

** Fã excessivamente obcecado, que ultrapassa os limites de privacidade do artista. [N.T.]

Querida Kitty

IIII

O que eu ganhei com tudo isso? Feridas? Sim, feridas profundas. Mas feridas, uma vez cicatrizadas, até se tornam suportáveis. Mesmo que sejam reabertas de vez em quando, não doem o tempo todo. Depois, podem até ser esquecidas, e, às vezes, dá até para seguir em frente — como quando eu tinha aquela pessoa ao meu lado. O problema é que acabei ganhando algo mais terrível do que qualquer ferida. O que é que poderia ser pior do que isso, hein?

O maior problema é que já perdi a noção de quem eu sou. Kitty, que tipo de pessoa eu sou? Será que sou alguém com um coração frágil e abatido? Ou uma espécie de super-herói, que poderia fazer qualquer coisa, mas se perde no sofrimento? Será que sou uma pessoa cruel? Ou alguém sem consideração, capaz de afastar pessoas queridas sem nem hesitar? O que é que eu quero, afinal? Será que tenho alguma ideia? Quem eu sou... que tipo de pessoa eu sou... será que existe alguém que consiga me responder?

Você consegue? Acho difícil. Porque você é o meu diário, a minha única amiga secreta, o meu espelho. Já sei muito bem como devo parecer para você. Como uma sombra incisiva em meio a um nevoeiro denso e turvo. Uma vez sonhei que via o meu rosto refletido em água cristalina. Mas, assim como no sonho, a superfície da água não para de oscilar, fazendo o meu reflexo ondular. É impossível reconhecê-lo. Mesmo assim... Se não tiver ninguém por perto, talvez seja suportável. Se não tiver ninguém por perto.

O problema é quando estou cara a cara com outras pessoas, Kitty. Se alguém aponta para mim e diz “Você é assim mesmo!”, eu acabo me tornando o que se espera de mim. Por mais que eu me irrite e retruque na hora, quando volto a ficar só, começo a sentir que esse “eu” que eu acreditava ser não sou eu de verdade. Não consigo parar de duvidar de mim.

E ainda não consigo parar de duvidar dos outros. Se alguém não está do meu lado, então é meu inimigo... Mas não sei como diferenciar inimigos de aliados. É como se eu estivesse de pé sobre um chão instável. Como aquela pessoa me disse

uma vez: viver neste mundo é parecido com enjoo em alto-mar. Enquanto eu continuar vivendo, enquanto tiver que encarar os outros, essa sensação de náusea constante não vai desaparecer. É sufocante. O peso de ter que viver desse jeito é mais esmagador do que a ferida deixada por aquela pessoa. Será que todo mundo se sente assim todos os dias?

O calor do sol

Illa sorria sob os raios de sol cálidos. Com os braços cheios de flores embrulhadas em papel, ia até o porta-malas para acomodá-las, as mãos e o avental sujos de terra. O som de sua risada, misturada à das outras pessoas ao redor, era tão puro quanto o ar. Diante daquele cenário inesperadamente pacífico, Riae esqueceu por um momento o motivo que a levara até lá. Contudo, a visão da tesoura enfiada no bolso do avental de Illa logo a fez cair em si.

Nesse instante, Illa também notou a presença de Riae, que a interrompeu com uma das mãos quando ela estava prestes a fechar o porta-malas.

— Está se divertindo?

Illa arregalou os olhos.

— Você é tão impaciente... O que foi agora? Eu te fiz um favor dando informações úteis, não foi?

— Por quê? Qual é o seu objetivo?

Dentro do porta-malas, não havia nada além de flores. Nenhuma mancha visível.

— Fique tranquila, que não estou interessada no Kyeongwon.

— Por acaso, foi isso que perguntei? — Riae conteve a voz para não elevar o tom.

Em resposta, Illa a imitou, sussurrando:

— Ele é muito o seu tipo, né? Seu gosto não mudou nada, pelo jeito.

— Como é que você sabia do peixe-dourado?

— Do que você está falando?

A expressão impassível de Illa, franzindo as sobrancelhas e fingindo ignorância, apenas serviu para irritá-la ainda mais. Riaie desviou o olhar para a porta do carro e avistou uma caixa sobre o banco de trás. Em um movimento brusco, escancarou a porta e vasculhou o interior da caixa, onde encontrou vasilhames de plantas, jarros, toalhas de mesa, fitas e barbante. Um jarro daquele quebrado poderia muito bem ter sido usado como arma. E sabe-se lá para que mais aquilo tudo serviria.

— Você comprou todas essas coisas aqui também?

— Ah, isso faz parte da investigação? Não tem problema você vir sozinha?

— Não parecem ser novas... — continuou Riaie.

— Aproveitei que vinha pra cá e trouxe para tirar fotos bonitas dos produtos da nova estação. Algumas coisas são novas, sim.

— Onde você comprou?

— Depende. Se faz questão, você que descubra.

Será que ela tinha comprado até as toalhas de mesa ali? Era pouco provável. Nesse caso, talvez tivesse adquirido-as nos armazéns do mercado onde encontraram o corpo de Mijin... As fitas também poderiam ser de lá.

Os movimentos das mãos e o olhar frenéticos de Riaie desaceleraram, e a expressão de Illa se fechou no mesmo instante.

— Isso tem a ver com o fato de alguém ter morrido lá?

Riaie hesitou por um segundo, mas soltou um riso de desdém para disfarçar.

— Consciência pesada, é? Que desesperador. Por que não para de gastar energia e se entrega de uma vez?

Illa suspirou fundo, o rosto sombrio.

— É, é desesperador. Eu esperava que não fosse... — Ela parou de mexer o braço, mordeu o lábio e continuou após uma pausa: — Quando a Cecile era pequena, o negócio do pai faliu e eles passaram por dificuldades. A mãe dela chegou a abrir uma lojinha pra sustentar a família. Por isso ela conhece os becos daquele mercado de cabo a rabo: onde ficam os atalhos, onde passa mais e menos gente, essas coisas. Foi o que ela me contou quando fomos lá comprar brincos e roupas na época de trainee, para uma avaliação mensal.

Riaie soltou uma risada cortante.

— Você ainda gosta de manipular os outros, né? Vai soltando várias informações para ver se alguém cai na sua armadilha, e aí joga a culpa em outra pessoa... Achou mesmo que eu ia cair nessa? Só nos seus sonhos! Não vai mais

me usar como fazia antigamente.

— É isso mesmo que você acha? — rebateu Illa, franzindo a testa. — Eu nunca te usei. Se foi assim que se sentiu, não posso fazer nada. Afinal, você fazia a mesma coisa, não é?

— Como é que é?! Não tem nem comparação! Eu...

— Você também nunca me considerou sua amiga.

Dessa vez, foi Riaie quem franziu a testa com força. O espanto foi tão grande que ficou sem palavras, até que forçou a voz a sair:

— Só de falar isso já me deixa arrepiada, mas naquela época você era a minha única amiga.

— Tem certeza? Não sei, não...

— A vida é minha, como pode ter tanta certeza?

Illa ergueu um dos cantos da boca em um sorriso amargo e começou a guardar os objetos que Riaie havia revirado.

— Se você me considerasse mesmo sua amiga, as coisas teriam seguido por um de dois caminhos. Primeiro: ali na hora, ou até depois, você teria ido contar a verdade aos professores. “A Illa cortou o próprio braço e botou a culpa em outra pessoa!” Aí teria se afastado de mim. Ia pensar que, mesmo eu sendo uma boa amiga, não dava mais pra andar comigo, e ficaria torcendo para que eu me arrependesse um dia. Ou então: você teria ficado do meu lado independentemente de qualquer coisa. “Ela é minha amiga, tá tudo bem!” Mas você não escolheu nenhum dos dois.

— Nunca pensou que talvez eu tenha me afastado sem fazer alarde por consideração?

— Mas por que não agiu como amiga? Sabe por quê? Porque eu não era sua amiga. Eu era sua ídola. Você me idealizava, me admirava. Pra você, isso era maior do que qualquer amizade.

— Eu fiquei assustada na hora...

Illa parou de arrumar os objetos e encarou Riaie.

— E você já parou pra pensar em como eu me senti?

Riaie ficou sem resposta.

— Até quando vai ficar arranizando desculpas? — continuou Illa. — Você fugiu. E não foi por amizade, por justiça ou por qualquer razão nobre. Você só não teve coragem de destruir, com as próprias mãos, o pedestal onde me colocou.

Você, minha ídola? Eu, no seu lugar, não teria coragem de abrir a boca pra dizer algo assim sobre mim mesma... E você fala com tanta naturalidade. É muita

cara de pau! Riaie queria cuspir essas palavras, mas seus lábios não se moviam. Aquelas palavras a atingiram em cheio, no ponto mais fraco. Era uma ideia tão incômoda que quis negar na mesma hora, porém não havia modo mais preciso de definir a Riaie daquela época.

— Você, quase que inconscientemente, deve ter se apegado à sua relação comigo não como amizade, mas como uma forma de preencher um vazio no seu coração. E quando não consegui mais te dar isso, de repente você me transformou numa inimiga. Pare pra pensar: será que a nossa antiga amizade é mesmo a razão por trás de você me culpar e me odiar tanto? Você projetou em mim a imagem que queria de si mesma, e ficou decepcionada por achar que fui eu quem a destruiu. Ficou com raiva porque não conseguia mais se amar através de mim. Isso lá é amizade?

Qual seria a forma mais cruel de se autodesprezar? Rebater ou ficar calada? Enquanto Riaie ponderava, Illa balançou a cabeça e continuou:

— Sempre que a minha imagem ou posição eram ameaçadas, você reagia de um jeito estranho. Tentava tapar, de qualquer jeito, um buraco dentro de você que não sabia de onde vinha nem onde terminava, tudo para tentar construir a sua autoestima em cima disso. Tanto esforço deve ter sido exaustivo. Àquela altura, você mal conseguia distinguir uma coisa da outra. Só viu desespero quando deveria ter enxergado esperança, e se agarrou a uma fantasia quando era hora de encarar o desespero. Então tente olhar de novo. Direito, dessa vez.

No fim, Riaie voltou ao assunto do caso, como se não quisesse lidar com aquilo tudo:

— Quanto ao seu álibi para o assassinato de Kyung Kona... Por que fechou a loja do nada e depois sumiu? Vamos falar objetivamente. Se não tem nada a esconder, por que esse silêncio?

— Já que quer tanto saber, eu digo. Mas antes... Ainda tem uma coisa que você não encontrou, não é? Se deu ao trabalho de vir até aqui me interrogar porque, apesar das circunstâncias, falta uma peça decisiva nesse quebra-cabeça. Quem sabe eu não sou a culpada... Vai que deixo algo escapar ou você consegue pescar alguma pista.

Kyeongwon podia ser meio destrambelhado, mas não era do tipo que deixava escapar informações. Illa provavelmente percebera que Riaie estava de mãos atadas. Ela continuou:

— Procure em lugares que todo mundo vê, mas ninguém presta atenção. Lugares caóticos, mas que dão a sensação estranha de estarem em ordem. Era em lugares assim que Cecile escondia os lanchinhos e o celular: atrás da caixa de

som, ou onde o pessoal da empresa deixava documentos.

— Você parece muito confiante, hein? Se realmente encontrarem alguma coisa nesses lugares, quer dizer que você é a culpada.

— Eu só aponteí características de um local previsível, não um ponto exato. E, por mais que você queira me incriminar, ainda tem uma questão importante: se encontrar a arma, será que vai achar minhas digitais nela?

— Quem sabe... Você pode não ter matado uma das vítimas, mas matou a outra. Ou talvez tenha encomendado a morte. Ou então manipulou tudo com jeitinho, sem sujar as mãos.

Ao ouvir essas palavras carregadas de veneno, Illa relaxou os músculos do rosto e gargalhou, entretida.

— Nossa! Essa possibilidade também existe? Quando descobrir, me avisa, tá?

— Eu vou ter como provar, você vai ver — disse Riae, virando as costas para Illa, que a provocara com um tom singelo, quase cantarolado, e saindo com passos pesados.

Nos últimos tempos, vinha expondo suas emoções com mais frequência, e isso a incomodava. Mas, por algum motivo, aquele caso a fazia querer agir conforme bem entendesse. A verdade era que já não tinha mais energia para mascarar as próprias emoções com a racionalidade de sempre.

— Gelo, tome isso aqui para esfriar a cabeça.

Sentada diante da papelada, sem ter a menor ideia de como contornar aquele beco sem saída, Riae não poderia ter se alegrado mais ao ver o delegado Jo chegar de repente trazendo sorvete.

— Algum progresso?

— Veio me vigiar?

À reação ácida de Riae, o delegado Jo riu com gosto.

— Pela sua resposta, vejo que as coisas não estão indo muito bem... Qual o problema? Me conte.

Com um sorriso bondoso no rosto, o delegado sentou-se na beira da mesa. Riae sentiu o coração ficar mais leve. Só de vê-lo lá, com um sorvete na mão, percebeu o quanto precisava de um incentivo naquele momento.

Embora o delegado Jo não fosse lá muito previsível, ao menos uma coisa nele era constante: o afeto quase que paternal.

Ele tinha agido da mesma forma quando pegara Riae fuçando um caso

arquivado, ainda na Academia de Polícia.

— *Isso pode acabar te trazendo problemas no futuro, sabia? Os detetives odeiam quando alguém revira os casos arquivados deles.*

— *Eu sei. Mesmo assim, preciso fazer isso. Envolve alguém importante para mim.*

— *Quem? Sua mãe?*

— *Não, uma unnie universitária que eu conhecia... Ela era mais importante para mim do que os meus pais.*

— *Então peça a reabertura do inquérito. Se acha que dá conta...*

— *Posso mesmo fazer isso?*

— *Não tem por que não. Se tiver mais alguma pista.*

— *Não tenho provas definitivas, mas quero fazer isso de um jeito ou de outro.*

— *Bom, eu avisei. Vai se meter em encrenca.*

— *Eu sei.*

— *Você é meio cabeça-dura, né? Mas até que gosto dessa sua teimosia. Eu também já fui assim.*

Olhando para trás, tudo o que o delegado fez foi rir daquela teimosia impulsiva e imatura dela. Graças a ele, Riae ganhou coragem e, de vez em quando, alguns conselhos — no fim, ainda conseguiu pegar o culpado. E, claro, como ele havia previsto, acabou arranjando algumas inimizades entre os colegas.

— Kyung Kona foi morto com um objeto contundente. Kwon Mijin, com uma arma branca, e ainda houve mutilação do corpo. Por que você acha que têm um assassino em comum?

— Parece uma evolução no método criminal. Ambas as vítimas tinham ligação com o meio artístico, e a agressividade excessiva motivada por rancor se intensificou.

— Ainda não conseguiram contato com aquele tal de Park Sangjin?

— Não. Dizem que ele cortou laços até com a família.

— Qual a chance de ele ser o culpado?

— Não dá para descartar. Park Sangjin é baixo, tem cerca de um metro e sessenta e cinco. É possível que tenha forjado o próprio desaparecimento, entrado de mansinho nos camarins e cometido o crime antes de sumir de novo... Mas, segundo relatos, ele é visivelmente corpulento; seria difícil escapar tão rápido. Além disso, não apareceu em nenhuma câmera de segurança.

— E se tiver coagido alguém pra executar a própria vingança?

— Se já é difícil fugir, arrastar alguém mais fraco por aí seria um fardo maior ainda.

— Então o mais provável é que Park Sangjin seja uma vítima ou um caso à parte? E que o culpado seja uma daquelas três, certo? — Por algum motivo, o delegado Jo soava até animado.

— Sim, mas...

— Mas?

Riae hesitou e encarou o delegado. Ironicamente, viu nele o mesmo olhar de seu falecido pai. Lá estava aquele brilho que só aparecia quando ele não estava sendo violento, quando encarava algo frágil e pequeno. O olhar daquele instante em que, por mais que não quisesse, sempre acabava revisitando; que a fizera decidir não lhe tirar o título de “pai”, apesar de ele ser um verme. O mesmo olhar brando de quando, ainda no serviço probatório, ele percebera que Riae, embora ardesse de febre, tirava forças de onde não tinha para continuar trabalhando — com medo de desagradar —, então pousara a mão em sua testa.

Foi esse olhar que, mais uma vez, lhe deu um pouco de coragem.

— Quando existem duas versões dos fatos e você não sabe qual é a verdadeira, o que o senhor faz?

— Hum... — O delegado fez uma pausa antes de responder: — Será que a verdade é mesmo o mais importante? Por enquanto, o melhor é duvidar do que vê e averiguar as informações. Assim, a verdade acaba se revelando sozinha. Foi uma resposta óbvia demais?

Riae esboçou um sorriso incerto.

— E se o desfecho for diferente do esperado? Só me resta aceitar?

— Talvez a pergunta seja *como* aceitar. Pode falar. Do que se trata? Que resultado você quer?

Por mais que quisesse, Riae não conseguia se abrir com o delegado a respeito de seu passado com Illa. No fim, apenas desconversou:

— Um resultado discreto e preciso, de preferência. Só quero que isso acabe o quanto antes.

Então tente olhar de novo. Direito, dessa vez.

As palavras de Illa ficaram ecoando em sua mente.

E se Ban Illa estivesse certa? Só de imaginar essa hipótese, Riae sentiu o coração acelerar. A paz que tanto lhe custara... Não podia deixar seu mundo desmoronar mais uma vez. Ainda assim, não podia negar que, naquele momento, as suspeitas recaíam sobretudo em Yeon Cecile.

Após um embate acirrado entre razão e emoção, Riaie acabou decidindo seguir o caminho da racionalidade. Precisava apenas ir verificar. Uma vez eliminadas as suspeitas a respeito de Cecile, ficaria livre para fazer as pazes com a própria intuição e, enfim, dar razão à emoção.

Como deveria chamá-la para conversar? Entrar em contato do nada dizendo que queria falar com ela soaria estranho. Mas existia um jeito natural de fazer isso? Seria possível, em uma situação como aquela, abordar Cecile como se nada tivesse acontecido, como se não houvesse suspeitas? E, por se tratar só de uma teoria, não poderia apenas confrontá-la diretamente.

Como faria para tocar o coração de Cecile?

Enquanto puxava esse fio de pensamento, tentando encontrar a ponta, Riaie percebeu que talvez devesse olhar não para o fim, mas para o início — para o carretel de onde tudo se desenrolara.

Por que, quando conhecera Cecile, seu coração ficara um tanto mexido? Por que sentira simpatia e até mesmo uma compaixão crescente por ela, ao contrário do que sentira por Illa?

Talvez porque, embora Riaie e Cecile fossem tão diferentes na aparência, sentisse que eram parecidas por dentro. Porque, apesar de se esforçar ao máximo para fingir estar bem, sabia que, no fundo, as coisas estavam se deteriorando aos poucos, por mais que não quisesse admiti-lo. Era por carregar esse sentimento que pôde reconhecer a mesma solidão em Cecile.

A diferença era que, ao contrário de Riaie, que tentava reprimir as emoções a todo custo, Cecile procurava expressá-las com sinceridade.

Seria uma estratégia um pouco drástica, um tanto ousada para os padrões dela. Contudo, Riaie se lembrava do que Juyeon lhe dissera uma vez: *Por que você acha que me dou ao trabalho de estudar e pesquisar essas coisas medonhas? Porque vai chegar a hora em que vou ter que enxergar com os olhos delas e falar a mesma língua que essas mentes perturbadas. Só assim vou entendê-las melhor e talvez impedir que coisas ainda mais medonhas aconteçam.*



Com uma caixa de ração para peixe em mãos, Riaie foi ao condomínio luxuoso onde Yeon Cecile morava. Lá, deixou a caixa no escaninho de correspondência dela e foi embora. Nem sabia se fora ela quem lhe enviara o pacote, mas, se estivesse certa e as duas fossem mesmo parecidas, então sem dúvida Cecile entenderia o significado daquele gesto.

Eu te conheço. E sei que me reconheceu também.

E a resposta de como sua mensagem tinha sido recebida veio quando, depois do expediente, Riaie chegava à porta de casa: na entrada, uma sombra escura se movia. Apesar de a mente anuviada pelo cansaço achar que estava vendo coisas, o corpo recuou instintivamente e entrou em estado de alerta. A sombra, que estava agachada, foi se erguendo e se aproximando. Quando pensou que iria avançar sobre ela, Riaie escutou um choramingo.

— *Unnie!*

A luz do sensor se acendeu, revelando-a: era Cecile, chamando por ela com a voz embargada entre alívio e tristeza.

Riaie esperava que a própria voz não entregasse sua satisfação. Lançara uma isca ao acaso, como uma aposta, e conseguira fisgá-la. Deixar transparecer essa alegria parecia errado. Sem contar que demonstrar que estava genuinamente feliz em vê-la de novo a colocaria em uma posição delicada.

— Cecile. — Por sorte, sua voz saiu naturalmente soturna.

Ainda não podia ter certeza se Cecile era culpada ou não, mas o fato de estar lá no mínimo indicava que ela era suspeita de ter enviado a ração de peixe.

— *Unnie*, posso dormir na sua casa, só hoje?

Riaie conduziu uma Cecile que chorava de cabeça baixa como uma criança para dentro de casa. Chegou a se perguntar se aquilo era uma boa ideia, mas, mesmo se ela fosse a culpada, conseguiria dominá-la com facilidade, desde que não recorresse a veneno ou algo do tipo. Sobretudo, mantê-la por perto aumentaria as chances de o caso avançar em alguma medida.

— Como descobriu que fui eu quem mandou a caixa? — perguntou Cecile, enxugando as lágrimas.

— Como você descobriu meu endereço?

— Isso é facinho de fazer.

— E como sabia que eu tenho um peixe? Por acaso sentiu o cheiro em mim?!

Quando Riaie devolveu a pergunta, Cecile a encarou com tranquilidade, como se buscasse alguma coisa em seus olhos.

— Não, foi só intuição. Você, *unnie*... Quer dizer, detetive... Não se sente muito confortável com coisas vivas. Dá para perceber.

Riaie não negou nem concordou. Reprimiu ao máximo as emoções para evitar olhar Cecile de cara feia.

— Gente como a gente... com esse vazio no peito, um buraco que nunca se preenche... acaba se reconhecendo, não é? Porque vive encarando a lagoa que acaba nos preenchendo lá dentro. É lá que, no fundo, deixamos tudo que achávamos ter jogado fora. E seguimos remoendo. Não é assim?

Pelo menos dessa vez, Riaie desejou que o cheiro forte de peixe que vinha da água parada do aquário exalasse dela. Só havia um jeito de suprimir aquela sensação de derrota inexplicável: fazer Cecile confessar, em todos os detalhes, o que fizera. Teve uma vaga ideia de que talvez nem *isso* fosse suficiente para compensar, porém se esforçou para ignorá-la.

— Bom... Veio preparada pra contar tudo?

— Contar o quê?

Cecile arregalou os olhos, aceitando uma xícara de chá verde, como se a conversa de momentos antes não tivesse significado nada.

— Qualquer coisa.

— Qualquer coisa...? Mas eu não sou propriedade da empresa. — Inspirou fundo e soltou o ar bem devagar.

Riaie falou com cautela, mas firme:

— Quero saber o que vem entre esse “qualquer coisa” e o “mas”.

— Vai ouvir mesmo? Não pode contar para ninguém...

Riaie assentiu, e os olhos de Cecile voltaram a marejar.

— Quando eu era pequena, tinha certeza de que iria estudar fora. Só que o negócio do meu pai faliu e os credores começaram a aparecer na frente de casa todos os dias. Minha mãe até foi vender roupas no mercado... O mais chocante não foi termos ficado pobres, foi termos que morar separados. Eu ainda nem tinha entrado na pré-escola, mas me lembro disso. Talvez por isso eu não entendesse direito o que “falir” queria dizer. Acho que eles não tinham dinheiro nem pra me colocar na escola, então eu passava a maior parte dos dias no mercado com a minha mãe. As pessoas gostavam de quando eu cantava e dançava. Minha mãe sorria. E aquilo me deixava feliz. Acho que foi aí que tudo começou.

— Ou seja, você gostava mais de poder alegrar as pessoas do que ser admirada por elas.

— Isso — concordou Cecile, com um leve aceno de cabeça. Inspirou fundo e continuou: — Aí conheci o então CEO da Iconition. Ele bateu o olho em mim e disse que eu era uma joia preciosa. Acreditando nisso e no meu sonho, dei o melhor de mim, mas não foi nada fácil. Teve uma época em que pensei em desistir. Foi quando ele me disse: “Se você fizer sucesso, não vai apenas realizar

um sonho; vai ganhar muito dinheiro!”. E era verdade. Pouco depois do *debut*, quitei todas as dívidas da minha família com o que recebi no acerto de contas com a empresa. Claro, só consegui porque o grupo estourou logo de cara. Fiquei feliz por um bom tempo, porque a gente pôde voltar a morar junto.

O rosto de Cecile assumiu uma expressão nostálgica.

— Até chegar aonde cheguei, o CEO da Iconition me ajudou muito. Até em ocasiões tipo formaturas, quando meu pai não podia ir porque trabalhava longe, numa fábrica, e minha mãe estava sempre ocupada, era ele quem ia no lugar deles. Cuidava de mim como se fosse meu pai de verdade, sabe? Só por isso eu aguentava as broncas que ele me dava às vezes. Até hoje não sei o motivo de algumas. Ele me obrigava a dizer coisas que eu não queria e escolhia as marcas que eu ia divulgar sem me perguntar; se eu reclamava, ele me dava uma dura. Por um tempo, cheguei a pensar que eu era imatura, que precisava refletir e melhorar, mas agora percebo que não era isso. Ele só estava me usando, como se eu fosse um objeto. E quando achou que eu não tinha mais o mesmo valor, passou a me menosprezar. Só agora entendi: ele sempre me viu assim.

— O que te fez pensar isso?

— Tinha uma *unnie* do meu grupo que começou a aparecer em uns programas bizarros, falando cada coisa esquisita... Assisti só uma vez e parecia uma competição pra ver quem falava mais besteira. E depois me mandaram ir lá! Eu?! De jeito nenhum! Aí eu descobri: eles queriam é mandar uma novata da gravadora, sem talento nem carisma, e usar a minha imagem pra dar visibilidade.

— E foi por isso que você ficou irritada?

— Não. Foi outra coisa que acabei de descobrir... De repente, me lembrei de um produtor que eu conhecia e na hora entrei em contato, pedindo pra gente se encontrar. Perguntei por que nunca tinha me escalado pra nenhum papel, se eu sempre demonstrei vontade de atuar. E ele disse: “Ué, mas não foi você que recusou?”.

— O que aconteceu? Alguma informação se perdeu no meio do caminho?

— Eu também queria saber. Então procurei uma *unnie* da equipe que tinha saído da empresa mais ou menos na mesma época. Achei que ela ia desconversar, mas me recebeu tão bem que até fiquei surpresa... Quando perguntei, ela suspirou e contou que tinham chegado muitas propostas de comerciais e roteiros pra mim, mas o ex-CEO e o pessoal da equipe esconderam tudo, com medo de que, se eu comesse a aceitar, meu valor de mercado aumentasse e talvez eu decidisse sair do grupo ou mudar de empresa. Quem se opunha acabava ficando malvisto e sendo demitido com desculpas absurdas. Ela disse que sabia do meu

sonho de atuar e que eu tinha talento. Mesmo assim não conseguiu me ajudar e se arrependia de não ter dado um jeito de me contar... Eu sei que é importante pra empresa ganhar dinheiro, óbvio. Mas como eles se acham no direito de podar o futuro de alguém assim? E não acaba aí. O novo CEO também só me passava trabalhos medíocres...

Os ombros de Cecile tremiam de indignação, mal conseguindo conter a raiva.

No fim, era só isso mesmo. Era vista apenas como uma ferramenta. Riae se pegou recordando de um sentimento antigo — uma raiva fraca e difusa —, muito parecido com o de Cecile.

— Por que será que as coisas acabaram assim? Só o que fiz foi ir em direção àquilo que era mais brilhante...

— É por isso que você está brilhando agora.

— Sério?

O rosto ainda úmido de lágrimas se iluminou com um sorriso, mas Riae não conseguiu corresponder. A mente de Cecile parecia instável demais.

No entanto, não podia deixar de perguntar algo que a incomodava:

— Se passou a infância no mercado, deve conhecer bem a estrutura do lugar, não?

— Claro. Como a palma da minha mão.

— Mesmo que essa resposta levante suspeitas, você não vai voltar atrás? Pode afirmar com certeza absoluta que nunca fez nada naquele lugar que gostaria de me contar?

— Eu tenho a consciência limpa. Mas agora também não gosto mais de lá.

— Por quê?

— Porque mudou muito. Não é mais como antes. E pode ser que algumas pessoas do meu passado, que fariam tudo para acabar com a minha imagem, ainda estejam por lá.

A voz de Cecile estava trêmula outra vez. Naquele estado, seria difícil continuar o interrogatório.

— Bom... queria ver se consigo uma ajudinha sua.

Riae pôde ver as pupilas de Cecile, que tremiam ligeiramente, se encherem de curiosidade.

— A investigação não está levando a lugar algum. Muita gente tinha motivo pra guardar rancor do Kyung Kona — soltou as palavras com um longo suspiro, de propósito.

Os cantos da boca de Cecile se ergueram alguns milímetros.

— Também, ele fez um monte de merda. Se bem que, no começo, ele não era

assim.

— O Kona?

— É. Não que ele fosse uma boa pessoa, mas também não era esse monstro. Tinha um jeito meio babaca, mas até aí... Um cara como vários outros. Um tipo bem comum no nosso meio.

— Então por que você acha que a reputação dele mudou tanto?

— Falta de instrução. E de bom senso — respondeu Cecile, seca.

— Mas e a empresa? Não orienta os artistas?

— Falam muito sobre ser educado, agir com decência, se comportar. A gente escuta isso o tempo todo. Quando eu era mais nova, os responsáveis do setor de recrutamento é que falavam. Depois do *debut*, fica a encargo dos agentes, dos diretores, do CEO. Falam tanto que chega a doer os ouvidos. Não é só comigo; todo mundo ouve essas coisas. Mas acho que quase nenhum idol entende de verdade o que isso significa. Apostaria minha vida nisso, já que eu mesma, até poucos anos atrás, não fazia ideia. Porque não nos ensinam como devemos nos comportar, é só uma forma de vigilância. Aí acaba ficando tudo meio vago.

— Vago?

Ela deu de ombros. A Cecile chorona desaparecera, substituída por uma versão irônica. Embora parecesse mais calma à primeira vista, Riaie pôde perceber toda a raiva acumulada sob a superfície.

— Eles só nos ensinam a construir a imagem certa para mostrar pro mundo. Antes mesmo de a gente formar a própria identidade, já começam com esse discurso de “você deve ser assim, assado”, e repetem até virar uma neurose. Só que a gente nunca fica sabendo o motivo, nem quais são os conceitos que realmente importam. Desde a fase de trainee, é competição o tempo todo; falam pra gente não perder pra ninguém numa disputa de ego. Mas, ao mesmo tempo, querem que a gente seja dócil, gentil. É contraditório. Eles fingem que cuidam de nós, mas nos veem como objetos descartáveis. Aí a gente aprende a fingir que não percebe e começa a pensar: “Será que também posso só fingir que estou fazendo a minha parte?”. É assim que muitos de nós começam a se comportar de forma estranha.

— Por exemplo?

— Cumprimentam todo mundo, são sociáveis, mas, como nunca entenderam direito por que deveriam ser assim nem o significado real de gratidão, quando não precisam ficar em alerta, acabam descontando frustrações. Ficam de cara feia com *staff* que não tem culpa, dão chilique por nada... No fundo, até se sentem mal, mas pensam: “Eu não tenho direito de agir assim? Eu também sou generoso

de vez em quando, dou presentes caros, faço charme de um jeito fofinho. Eu faço a minha parte, estou fazendo o certo”. Tem muita gente que pensa assim, sério. Como se nós fôssemos os únicos a terem tido uma vida dura, como se o resto do mundo não fosse tão bem-sucedido quanto nós porque não se esforçou e, por isso, merecesse ser desprezado.

— Mas você conseguiu enxergar tudo isso.

— Por causa do Laika — respondeu, baixando os olhos. — Um dia, ele me disse que somos crianças grandes. Que crescemos sem sair do mesmo lugar; que vivemos em uma bolha, sem termos a chance de errar ou aprender de verdade; que ainda não dava pra dizer que éramos adultos de verdade. Ele não queria viver separado do mundo; queria poder ver as coisas sob uma nova perspectiva. A gente acabou seguindo caminhos diferentes... Mas ele foi um grande amigo. Me dava colo e puxava minha orelha, quando eu precisava.

— Ele parece ser uma boa pessoa. Só ouvi falar coisas boas.

Cecile sorriu, melancólica.

— Bom demais para o próprio bem. Às vezes chegava a ser ingênuo, sabe? Eu ficava revoltada quando o Kyung Kona tirava sarro dele, mas o Laika dizia que ele era só um moleque mimado, que era birra de criança, e que mais tarde ele iria se dar conta disso e se arrepender profundamente. Então pedia pra eu me segurar e ter paciência. Olhe eu aqui, falando mal do Kyung Kona de novo... Bom, aposto que agora ele deve estar mesmo arrependido.

O sorriso de Cecile adquiriu um ar leve, quase aliviado, deixando Riaje incomodada.

— Ouvi dizer que o Kona e o *manager* Park Sangjin, da Iconition, tinham uma certa proximidade. Todas as opiniões a respeito da relação dos dois foram negativas, mas ninguém quis comentar direito...

— Esse cara costumava arranjar “patrocinadores” para os idols. Era um abusado do caramba, o que me faz pensar se não tinha alguém muito importante por trás, e era impossível o Kona não saber disso. Com certeza o grupinho que andava com ele também estava envolvido. Só que ninguém fala nada pra não virar um escândalo. Na verdade, a Malgeum *unnie* só trocou de agência por causa disso. Ficou tão irritada com esse tipo de proposta que quebrou o contrato e foi embora...

Até que ponto podia acreditar nela? Por mais que o mundo do entretenimento fosse considerado um universo à parte, era mesmo possível que envolvesse o tipo de coisa que se vê em filmes medíocres? Mesmo que, como indivíduo, ninguém consiga impedir tudo o que há de errado na indústria, o

manager Park era funcionário da empresa. Quer dizer que uma indústria extremamente lucrativa, que atraía jovens ainda em desenvolvimento para serem trainees, não dispunha de pessoas nem de um sistema suficiente para barrar os maus elementos? Será que achavam aceitável tratar pessoas como mercadoria? E, sendo algo tão frequente, será que era certo fechar os olhos e continuar aproveitando o espetáculo?

Como alguém deve se sentir ouvindo algo assim? Será que Cecile também havia passado por aquilo? Se sim, será que esse foi o gatilho para ela perder o controle?

— As outras integrantes também receberam propostas assim?

— É bem provável — disse Cecile. — Se até os meninos recebem às vezes, imagine as meninas. E ainda nos tratam como se tivéssemos passado do prazo de validade antes mesmo dos trinta.

Riae olhou fixamente para ela, que assentiu em resposta.

— Tinha gente que vinha falar esse tipo de merda pra mim também.

— Parece que agora não tem mais.

Seja porque ninguém mais estava fazendo propostas indecentes... seja porque quem as fazia já não estava mais neste mundo.

Tendo entendido ou não o significado por trás das palavras de Riae, Cecile soltou uma risadinha charmosa. Em seguida, desviou o olhar e notou o pequeno aquário.

— Ah, então é esta criaturinha aqui! — exclamou ela, pondo as mãos no vidro e fitando o interior decorado com plantas e corais de plástico colorido. — Posso saber o nome dele?

— Nenhum.

— Como assim “nenhum”? Tadinho... E como é que você chama ele?

— Não chamo.

— Você não fala com seu peixinho? Eu falo com o meu o tempo todo.

— Ele não é uma criança. — Riae soltou uma curta risada entredentes.

Cecile, no entanto, continuava olhando consternada para o peixe preto, as sobrelhas franzidas em um V invertido.

— E se eu der um nome? Que tal “Vinil”? Parece comum, mas tem um quê de moderno, não? Algo que nunca vai ficar fora de moda, que nem o vinil.

Riae respondeu com um sorriso que não era nem sim nem não.

— *Vinil, vinilzinho...* — chamava Cecile pelo nome recém-criado, quando de repente fez uma careta. — Mas, *unnie...* o que é isso na cabeça dele? Tá toda encaroçada de um lado...

Ela tinha um peixe-dourado e nem sabia que doenças ele podia ter? Riae estranhou por um segundo, mas logo se deu conta de que ela mesma ficara sabendo daquilo havia pouco tempo, depois de notar algo incomum e ir pesquisar.

— Por que você veio me procurar? Sabe que podia não ter vindo.

Cecile titubeou antes de responder:

— Não consegui pensar em outro lugar onde eu pudesse desabafar. Tenho vários amigos, mas, veja só, ninguém com quem pudesse falar disso. Foi por isso...

Logo depois, adormeceu no sofá. Naquele momento, Riae se comoveu ao vê-la dormindo feito uma boneca. Mas tinha um trabalho a fazer. Foi até o quarto, mandou uma mensagem para Kyeongwon pedindo que fosse até sua casa, pegou um par de algemas e uma toalha e voltou para a sala.

Encontrou o sofá vazio. Ela só fingira estar dormindo. Riae saiu de casa correndo, mas não viu nem sombra de Cecile — já havia desaparecido.

Embora soubesse que a área ao redor do mercado já havia sido vasculhada, Riae deu ordem para uma nova busca nas imediações da cena do crime. Agora que suas suspeitas se tornaram ainda mais sólidas, precisava desesperadamente de uma prova concreta que pudesse encurralar Cecile de vez. Como o depoimento dela e de Illa foram parecidos, eram altas as probabilidades de a arma do crime estar escondida lá. Precisava passar o pente-fino mais uma vez.

O sol já se punha e nada fora encontrado. Nenhuma arma, nenhum novo indício. Do outro lado da linha, Kyeongwon — deslocado temporariamente para auxiliar no caso do inspetor-chefe Jung —, atualizava Riae sobre a situação do local com a voz carregada de pesar: nenhuma novidade.

Riae começou a interrogar os comerciantes. Perguntando aqui e ali, conseguiu localizar alguns que alegavam nunca ter deixado o mercado em quarenta anos e passou a questioná-los incessantemente. *Alguma idol famosa já veio aqui? Já viu alguém que, mesmo com o rosto ou o corpo todo coberto, ainda chamasse a atenção? E alguém de personalidade estranha, que tratasse os outros com descaso? Alguém que parecesse contida ou que, apesar da aparência doce, tivesse vocabulário chulo e mau comportamento? Por acaso uma menina talentosa que cresceu por aqui voltou depois de adulta?* Alguns comerciantes se irritavam, dizendo que estavam perdendo tempo; outros, em vez de responder,

perguntavam se aquilo tinha a ver com a pessoa que morrera no mercado. Havia também quem comesse a puxar conversa fiada sobre assuntos não relacionados. Enquanto isso, Riaes escondia o fato de ser policial e continuava circulando, dando a desculpa de estar à procura de uma velha amiga.

Até se deparar com um vendedor de fitas, que lhe perguntou:

— Tá falando da Yeolmae?

— “Yeolmae”? Qual é o sobrenome dela?

— Não faço ideia. Era o jeito que a mãe a chamava, com medo de alguém sequestrar a menina ou de algum credor aparecer e reconhecer. Não sei se ainda chamam ela assim.

— O senhor a conhecia bem?

— Mas é claro.

— Por acaso, ela apareceu aqui recentemente?

— Não. Depois que a situação da mãe melhorou um pouco, abriu a própria loja e se mandou daqui. Deve tá bem de vida agora.

— A loja do senhor sempre foi aqui?

— Mudei de ponto só. Antes vendia ali praqueles lados, mas era apertado demais, aí vim pra cá. Você é amiga da Yeolmae?

Riaes respondeu que Yeolmae provavelmente não era quem ela procurava, comprou dois ou três rolos de fita de que não precisava e seguiu para o local indicado pelo vendedor, onde permaneceu por um bom tempo, sem encontrar nenhuma pista.

Sentou-se em um banco sujo. Mesmo naquela situação, mantinha as costas eretas em uma posição solene, como se seguisse à risca as regras de etiqueta real. Ninguém iria notar o quanto ela estava desanimada.

Vamos voltar do início, disse a si mesma, ajustando a respiração errática e tentando se recompor.

Tirar uma vida nunca é simples. Por mais fora de si que alguém estivesse, ainda assim era algo física e mentalmente desgastante. Render alguém, esfaquear, puxar a lâmina de volta... não eram ações cotidianas. Só de imaginar, ela se sentia exausta, como se tivesse terminado uma maratona.

Estava acostumada ao cansaço do trabalho, mas fazia tempo desde a última vez em que passara por esse tipo de oscilação: a sensação sufocante de que não conseguiria chegar a uma solução, como se aquele não fosse apenas um caso passageiro, mas algo que continuaria a persegui-la e atormentá-la como um pesadelo. Era por causa da pressão? Ou de Illa?

De súbito, Riaes se lembrou de quando os conflitos com o pai atingiram o

auge. Ele não agia como um responsável e, por isso, ela não queria voltar para casa. Sem ter para onde ir, acabava indo se sentar no escorregador do parquinho. Nos dias em que um bando de delinquentes aparecia lá para beber e até isso se tornava impossível, ficava largada no banco de um parque próximo, encarando o nada. E, naquele fatídico dia — o dia em que levantou a voz mais alto do que nunca, o dia em que rompeu laços com o pai —, andou sem destino, para onde quer que seus pés a levassem. Não pensava em nada; o coração e a mente estavam tomados por uma sensação confusa que não afundava nem emergia. Ria apenas caminhava em direção à luz, em meio à escuridão.

Em direção à luz?

Ela refez mentalmente os caminhos por onde vagava na infância. O túnel escuro sob a ponte, a beira do córrego cheia de mato, os bueiros nos becos... eram lugares ideais para esconder uma arma, mas não lugares aonde alguém *gostaria* de ir. A mente de Cecile estava desmoronando aos poucos. Queria ir em direção ao que desejava, mas era impossível. O ideal estava distante demais da realidade. Contudo, ficar parada também não era opção. Então, restava-lhe abandonar o real e seguir rumo ao ideal, por mais inalcançável que fosse. Ria decidiu apostar na própria intuição.

No instante em que levantou a cabeça, os letreiros de néon começaram a acender, um a um. Entre eles, destacava-se um de brilho diferente — esquisito e, ao mesmo tempo, acolhedor. Um lugar que todos viam, mas que ninguém olhava com atenção. Escancarado e, ainda assim, sem se revelar por completo.

Riae passou pelos investigadores — que reviravam moitas, carrinhos de comida de rua quebrados, pilhas de tecido e peças de roupa do prédio vizinho jogadas ao acaso, caixas encharcadas e sacos de lixo — e entrou em um beco.

— Aqui.

Enquanto os investigadores, seguindo as indicações dela, moviam tecidos e roupas pesadas de um lado para o outro, a escuridão ao redor se adensava.

Quando a noite enfim caiu por completo, bem no instante em que calma e ansiedade coexistiam, Riae a encontrou, como que por mágica: uma faca de cozinha encrustada de sangue e resíduos de gordura que só podiam ter vindo de um corpo humano.

Querida Kitty

1209

Isso mesmo. Aquela pessoa não me abandonou. Na verdade, fui eu que me afastei primeiro, assim que percebi o que estava tramando. Mas o que me irrita mesmo é ver que nem isso foi suficiente para deixá-la com raiva de mim. É como se, no fim das contas, a pessoa deixada de lado tenha sido eu.

Voltei a odiar meu nome. Meu nome, que soava tão bem quando dito por aquela pessoa e pelos nossos colegas, se tornou desagradável outra vez. Será porque era uma das coisas de que aquela pessoa gostava em mim? Sim, acho que tem isso também. Talvez eu me sentisse ainda pior se aquele ser miserável também me chamasse por esse nome... mas só se dirigia a mim com “ei”, “você”, “ô”, “psiu”. E isso acaba sendo um consolo (se é que dá para chamar assim).

Esse nome patético que meu pai me deu. Vai me fazer passar a vida inteira remoendo o que ele pensava de mim. Sempre guardei rancor pelas surras, mas não fazia ideia de que também era alvo de uma opressão e uma manipulação sutis. Tirando as agressões, eu acreditava que ele se importava comigo de verdade. Depois de me bater, ficava um tempo sem voltar para casa, ou então pedia desculpas, chegando a se ajoelhar. Trazia uma boneca ou algum doce de presente, cozinhava coisas que nunca tinha preparado antes, fazia promessa atrás de promessa de que iria melhorar... a ponto de eu acabar me sentindo culpada. *Apesar de tudo, meu pai me ama*, era tudo o que eu conseguia pensar ao olhar para aquelas mãos ásperas. Eu sequer sabia que havia algo de errado até aquela pessoa apontar que aquilo não era normal.

Que humilhação... Se era para terminar assim, preferia que não tivesse dito nada. Por que tinha que ser justamente aquela pessoa, e não outra, a me salvar? Por que não consegui perceber a minha própria situação? Mas, Kitty, mesmo que eu tivesse percebido, o que poderia ter feito? Que outra escolha eu tinha? Quando se trata disso, sou completamente impotente. Nem sei dizer o que é certo ou errado. E quem me mostrava o caminho certo já não está mais aqui.

Sempre são os outros que definem o nosso nome, não é? E o fato de que

quem escolheu o meu ser um pai como aquele... No fim, o que isso significa? Significa que eu não consigo confiar nos outros e não sei distinguir alguém querendo o meu bem de alguém querendo se aproveitar de mim. Nesse caso, a culpa não é daquela pessoa. Foi por causa do meu pai que cheguei a esse estado. O fato de ter chegado ao ponto de ferir alguém começou no instante em que ele me deu esse maldito nome.

Às vezes, quando as pessoas dizem que meu nome é diferente e perguntam o que significa, eu minto. Repito exatamente o que aquela pessoa sugeriu quando explicou os caracteres chineses do meu nome e disse que eu podia florear a explicação, se quisesse. Engraçado, não é? Será que não dá para deixar só o significado e apagar da memória o fato de que foi ela quem definiu isso? Quero poder pensar que foi uma decisão minha. E se toda vez que eu for me apresentar para alguém pelo resto da vida, eu tiver que me lembrar daquela pessoa?

Por favor, não brigue comigo por pensar essas bobagens. Você é a única com quem posso desabafar sobre isso. Por favor, preciso que ao menos você me apoie. Ainda tenho uma última coisa a fazer. Vou precisar de muita força para isso... e tenho medo de que não reste mais nada dentro de mim.

바 다 의 무 게

O peso do oceano

Como sempre, ninguém sabia como a informação havia vazado. Teria sido apenas um palpite perspicaz que, em dado momento, começara a se alinhar aos fatos, a ponto de não ter mais como negar? Talvez um jornalista tenha ouvido por acaso enquanto perambulava pela delegacia? Ou quem sabe algum colega que sempre enxergara Ria e como uma pedra no sapato decidira abrir a boca de propósito? De quem quer que fosse a culpa, ela queria gritar e esbravejar, mas se conteve. Não importava mais; o foco agora estava em como lidar com as consequências dali para a frente.

A imprensa foi rápida em despejar críticas contra a polícia e Ria. Pois não só haviam sido incapazes de identificar o suspeito até o momento, como tentavam esconder sua identidade, agora que a haviam descoberto. Fosse pela ansiedade e pelo choque, ou pela necessidade de redirecionar as emoções negativas provocadas pela morte do icônico Kona, o público reagiu de forma exaltada. Se já sabiam quem era o criminoso, por que não revelaram antes? A Iconition e a polícia não estavam tentando abafar o caso? Alguns comentaristas em programas de notícias defendiam a importância de saber diferenciar quando o culpado deve ser exposto e quando sua identidade deve ser mantida em sigilo, já que isso pode vir a influenciar as futuras ações do criminoso, mas ninguém parecia dar ouvidos.

Sua vontade era fechar os olhos e se concentrar no que tinha de fazer, mas

nem isso era fácil. O mundo estava cheio de pessoas intrometidas. Algumas apareciam na frente da delegacia aos berros ou invadiam o local exigindo, a qualquer custo, saber quem era a equipe responsável pelo caso. A julgar pelo fato de descreverem a aparência física dela e de perguntarem por uma policial mulher, parte de suas informações pessoais havia sido exposta, provavelmente por algum funcionário da emissora presente nos camarins na época do incidente com Kyung Kona. O inspetor-chefe Jung, com aquele jeito manso, porém firme, conseguiu despistá-las e mandou Ria e Kyeongwon para fora.

No entanto, sair do prédio da delegacia e entrar no carro também não foi nada fácil. Ria sentiu na pele o que significava ser engolida por uma multidão. Por vício da profissão, passou os olhos por aquelas pessoas, avaliando. As que teciam comentários mais exaltados do que o necessário enquanto enfiavam a câmera do celular na cara deles com certeza eram administradoras dos tais *cyber wreckers*, aqueles canais sensacionalistas que divulgam uma tragédia atrás da outra; já as que tiravam fotos deviam estar lá por curiosidade; e a presença do nome de Kyung Kona em meio aos gritos variados significava que também havia fãs dele ali no meio...

Assim que Ria abriu a porta do carro, alguém puxou sua roupa com força, fazendo-a cambalear. Quando finalmente conseguiu se soltar e entrar no carro, as pessoas já não pareciam indivíduos separados. Eram apenas um enxame repugnante de abelhas.

Algumas chegaram a subir no capô do carro para tirar fotos pelo para-brisa. Foi então que Ria se lembrou de quando, no aeroporto, cruzou com idols cujo nome não recordava. Eram de um grupo bastante popular, mas, como ela não se interessava pelo assunto, logo esqueceu o nome. A cena ao redor deles, no entanto, permanecia vívida em sua memória: mãos que se estendiam para tentar tocá-los ao menos uma vez, gritos agudos de estourar os tímpanos, seguranças tentando conter a multidão, câmeras enormes quase tocando o rosto dos idols... Na época, ela pensou que aquilo devia ser tão corriqueiro que já haviam se tornado indiferentes, mas, em retrospecto, via que era impossível. A expressão no rosto deles ia além do cansaço — era quase uma resignação, uma rendição emocional.

O mesmo valia para Yeon Cecile nas fotos que vira certa vez. Era a mesma expressão que Ria agora via em seu próprio reflexo no espelho retrovisor. Por mais que fosse uma cena nascida de carinho e afeto, como não se sentir sufocada?

Antes que pudesse se aprofundar nesses pensamentos, Kyeongwon engatou a

ré, num movimento decidido, virou o carro e escapou pelo canteiro. Em momentos como aquele, ele surpreendia pela ousadia.

As impressões digitais deixadas na arma do crime pertenciam a Cecile. Riaie teve que provar, mais uma vez, o gosto da derrota diante de Illa.

E pensar que, por trás daquele sorriso inocente, Cecile escondia um impulso assassino quase incontrolável... e que talvez não tivesse matado apenas uma pessoa, mas várias, enquanto levava a vida com uma expressão impassível... Será que foi a consciência pesada que a fez procurar Riaie e se abrir? Até onde ia sua fachada e onde começava a verdadeira Cecile? No fundo, o fato de não conseguir contato com ela fazia Riaie sentir-se até mesmo traída.

Lembrou-se da conversa que tivera com Juyeon, logo depois de receber a confirmação de que as digitais eram de Cecile. Embora não quisesse ter que pedir uma análise, todos os outros perfiladores estavam com outro caso de assassinato, então não teve escolha. É claro que tinha um lado positivo. Afinal, apesar dos sentimentos de Riaie, era difícil encontrar alguém tão confiável e competente quanto Juyeon; só precisava de um pretexto plausível. O caso designado ao inspetor-chefe Jung era considerado quase como uma pendência antiga daquela jurisdição.

Juyeon falara com voz calma:

— Achei bem interessante. O que você me contou da conversa com Malgeum e tudo a respeito de Cecile e Illa. Até dá pra dizer que se encaixam em exemplos clássicos de transtorno de personalidade.

— Mas as três são tão diferentes...

— Transtorno de personalidade é uma categoria guarda-chuva. Elas parecem se enquadrar no Grupo B, de fortes oscilações emocionais: narcisistas, histriônicas, antisociais, borderline. Claro, como não estou avaliando pessoalmente, não posso confirmar um diagnóstico preciso. Por mais que o vínculo afetivo não seja o fator determinante, é difícil dizer que não tenha relação. Tampouco dá pra ignorar a forma como construíram esses vínculos ao longo do desenvolvimento. Enfim, pessoas com esse perfil tendem a ter dificuldades pra medir a distância emocional entre elas mesmas e os outros. Um pequeno ato de gentileza pode ser visto como algo enorme; uma ação neutra, interpretada como provocação ou hostilidade. Por isso, costumam expressar afeição em excesso, em um grau desproporcional. Mas, quando se sentem rejeitadas ou não recebem a reação esperada, acabam transformando o amor em ódio na mesma proporção. É algo comum entre pessoas que sofreram algum tipo de abuso na infância.

— ...

— Não que o abuso seja o único fator, mas quase sempre tem a ver com a forma como a criança se relacionava com os cuidadores. No caso dos idols, é mais provável que adultos da agência ou colegas do mesmo grupo assumam esse papel. Se esse vínculo é danoso, afeta a formação da personalidade ou da autoimagem.

— E isso teria relação com o crime?

— Não parece ser um crime de motivação atípica*, então dá pra considerar que sim. Além disso, como você mesma disse, se passaram a juventude como trainees, sendo expostas e julgadas o tempo todo, é natural que acabem se tornando obcecadas por toda e qualquer reação alheia. Ouvi relatos parecidos de ex-atores mirins que atendi na empresa onde trabalhei antes.

— Atores mirins? Que tipo de relato?

— A maioria ouve o tempo todo das pessoas ao redor que são incríveis e acabam acreditando nisso, ficando com o ego inflado. Mas, no fundo, não conseguem saber com certeza se são realmente bons o bastante. E, quando essa dúvida aparece, bate um medo enorme, pois não sabem dizer se estão sendo amados ou idolatrados. E não foi só um ou dois que me disseram isso.

— Tá, mas o que eu quero saber é outra coisa. O que essa autoimagem tem a ver com o caso?

— Quando a imagem que a pessoa tem de si mesma é instável ou vazia, ela tenta preencher esse espaço com outras coisas. Se essa autoimagem está embaçada, podem ocorrer distorções no processo de tentar torná-la nítida. A pessoa tenta viver uma versão idealizada de si mesma e acaba sofrendo por não conseguir se encaixar naquilo que sonhou ser. Ou, então, no esforço de alcançar esse eu idealizado, acaba forçando comportamentos extremos, agindo de forma excêntrica. Em um contexto parecido, também tem quem substitua a própria imagem pela de outra pessoa e transforme esse alguém em um tipo de ídolo. Isso porque uma pessoa dessas não aprendeu direito quando é ou não possível estabelecer limites, distância e abertura entre o “eu” e o outro, como já falei antes. Tanto a imagem que tem de si quanto a da pessoa de quem deseja estar próxima vira uma espécie de ilusão, e essa ilusão ganha outras proporções. Mas digamos que esse ídolo aja de maneira diferente do que a pessoa esperava. Qual você acha que vai ser a reação se o eu projetado não estiver à altura da imagem esperada?

— Provavelmente derrubar ou destruir o ídolo por ter arruinado a fantasia dela. Se esse ídolo for ela mesma, a revolta seria autoinfligida e ainda mais cruel.

— Exato. É aí que entra a relação com o caso. Pelos vestígios encontrados na cena do crime, Yeon Cecile não matou por motivação sexual ou por prazer sádico. A quantidade de facadas e a violência excessiva indicam raiva reprimida, mas, se

o motivo fosse um ódio generalizado contra a indústria do entretenimento, ela não teria recorrido a um método tão complicado. Quer dizer, caso se resumisse a isso, ela podia muito bem ter envenenado a comida ou a água dos bastidores naquele dia e matado todo mundo de uma só vez.

Riae concordou. Era lógico: se a motivação do crime fosse a raiva direcionada às pessoas em geral, não haveria a menor necessidade de ter todo esse trabalho de caçá-las uma a uma para matá-las daquele jeito. Além disso, o risco de revelar a própria identidade aumentaria de forma considerável. Portanto, se fosse motivada pelo ódio e pretendesse continuar cometendo crimes, teria se esforçado mais para encobrir as mortes.

— Cecile está perseguindo, sem perceber, a origem da própria raiva. Não consigo enxergar de outra forma.

— Será que o estresse dela aumentou depois da morte da colega e do fim do namoro? Nessa situação, pode ter tido algum conflito com Kyung Kona, né.

— Imagino que sim.

— Acha que ela pode ir atrás do Laika também?

— Não dá pra saber. Se o vínculo entre os dois era forte, ela pode querer procurá-lo em busca de apoio, mesmo que não estejam mais juntos. Mas também pode se sentir traída e querer machucá-lo.

— Então não seria melhor divulgar que a principal suspeita é a Cecile?

— ...

— Você mesma falou, tudo está avançando rápido demais. Nesse ritmo, é questão de tempo até que apareça outra vítima.

— Sim, você tem razão. Mas, veja bem, Riae... Infelizmente, por mais rápida que você seja, não vai adiantar de nada.

— Por quê?

— O delegado Jo vai se opor.

Mas de novo?! Riae encarou Juyeon, perplexa. Por que ela sempre batia nessa tecla com o delegado Jo?

— Encontrei com ele anteontem. Ele veio ao departamento pra falar de outra investigação, e aproveitei a deixa pra dizer aquilo que você falou: que existe a possibilidade de surgir uma nova vítima, e que a velocidade com que os crimes da Yeon Cecile estão evoluindo é preocupante. Mas tudo que eu disse entrou por um ouvido e saiu pelo outro.

— Será que você não interpretou errado só porque ele não te respondeu na hora?

— Riae, por favor. É isso que você pensa de mim? Acha mesmo que eu não sei

entender esse tipo de coisa? Ele ouviu tudo e respondeu mais ou menos assim: “Ora, a criminosa provavelmente já botou tudo para fora; a essa altura não deve acontecer mais nada, certo?”.

— ...

— *Eu disse, não disse? O objetivo do delegado não tem mais a ver com o desempenho no caso. Ele está mirando uma posição mais alta, entende? Ele precisa de algo “grande” pra mostrar lá fora. E, pra isso, um incidente ainda maior apenas ajudaria.*

— *Min Juyeon! Não acha que analisar um colega, ainda mais um superior sem qualquer relação com o caso, é no mínimo desrespeitoso?*

— *Não, só estou de olho. E já que você mencionou, vou te dizer uma coisa: mesmo que a gente ignore este caso, nunca se sabe em que ele pode se meter depois.*

Riae não disse nada em resposta a Juyeon; não queria desperdiçar mais energia. Ainda assim, se sentira melhor naquele momento se comparado a como estava agora, duplamente exausta de tanto suspeitar de tudo e de todos.

Mas não tinha tempo para ficar remoendo. Precisava descobrir o paradeiro de Cecile. Então, assim que entraram no carro, Riae e Kyeongwon seguiram direto para a casa de Laika. Conforme a sugestão dele, em vez de se encontrar em algum lugar público, iriam vê-lo em casa. E os dois, embora não tenham dito isso em voz alta, pensaram o mesmo: ainda bem.



Com roupas e penteado simples, Laika dava a impressão de ser alguém modesto. E Riae logo percebeu que ele era o homem mais bonito que já tinha visto.

Após cumprimentá-los com educação, Laika conduziu os dois para dentro de casa e lhes serviu chá de limão. Disse, com um sorriso tímido, que havia preparado com xarope caseiro e que não sabia se estaria ao gosto deles.

Mesmo assim, em nenhum momento tentou disfarçar o motivo da visita dos policiais. Foi ele quem puxou o assunto:

— Eu não sei onde a Cecile está.

— Nenhum palpite?

Laika fez que não, abatido.

— Só para garantir, fui aos lugares que eram marcantes para a gente, onde eu a levava para animá-la quando ela estava mal, mas não a encontrei. Talvez tenha sido arrogância da minha parte pensar que ela se lembraria desses momentos...

— É normal querer se apegar às lembranças boas em momentos difíceis —

falou Kyeongwon, tentando confortá-lo.

Enquanto isso, Riae se preparava para a próxima pergunta:

— Você e Yeon Cecile namoraram por cerca de dois anos, certo?

— Sim, isso mesmo.

— Talvez seja um assunto sensível, mas... Poderia nos contar o motivo do término ou como aconteceu? Tem alguma chance de ela vir atrás de você?

— Ah...

De cabeça baixa, Laika pensou por um instante, depois ergueu o rosto, olhou Riae nos olhos e assentiu.

— Isso não deve acontecer. Outros casais terminam por pressão da empresa, ou fingem terminar e continuam se vendo até que o namoro esfrie. Mas, no nosso caso, conversamos bastante e tomamos a decisão juntos.

— Entendo.

— Cheguei a pensar em me casar com a Cecile. E acredito que ela também não descartava essa ideia. Mas queríamos futuros diferentes. Eu imaginava uma vida comum, longe do meio artístico. Já ela... não queria abandonar a carreira.

— Por que você queria que ela largasse o emprego?

— Porque era algo que a fazia sofrer muito. A indústria em si fazia mal. Mesmo depois de tantos anos de palco e gravações, ela vivia chorando porque não queria ir no dia seguinte. Dá para imaginar o quanto isso a estressava, não? Hoje ela está no auge como idol, mas não era difícil prever como seria tratada pela empresa, pelas pessoas ao redor e pela mídia em alguns anos. E tanto ela quanto eu começamos muito novos como trainees, nunca tivemos uma vida normal. Por isso pensei: por que não tentar outra vida, com um trabalho comum, para preencher o que faltava? Não sei se isso nos tornaria realmente pessoas comuns, mas... seria um recomeço.

— Só que a Cecile não queria.

— Não. E não era algo que eu pudesse impor. Afinal, o futuro de um casamento se constrói a dois. Ela dizia que não conseguiria viver sem aquela profissão. Se fosse uma idol mediana, quem sabe, mas com o talento excepcional dela... Quem sou eu pra dizer que ela deveria parar? No fim, chegamos à conclusão de que o melhor seria cada um seguir seu próprio caminho. Ela pode até guardar alguma mágoa de mim... mas não acredito que tentaria me machucar por causa disso. Eu tentei aconselhá-la: e se aquele mundo acabasse destruindo nós dois e não tivesse mais volta? Foi assim que procurei demonstrar minha preocupação, e acredito que ela tenha compreendido que meus sentimentos eram sinceros. Éramos namorados, sim. Mas também somos bons

amigos.

— O que a fazia sofrer tanto?

Laika inclinou a cabeça para trás e piscou algumas vezes, tentando recordar o passado.

— Bom... é difícil listar todos os motivos. Como estávamos no mesmo meio, compartilhávamos muitas preocupações.

— Já houve algum problema relacionado ao *manager* Park Sangjin?

— Hum, não sei dizer. — O tom de Laika, ameno até então, soou mais seco, um pouco artificial. — Ela era muito solitária e sentia falta de conexões verdadeiras. Tanta gente gostava dela, mas quase ninguém a compreendia. O contraste entre estar em cima do palco e fora dele também pesava. Aquela realidade em que tinha seu valor medido o tempo todo em meio a tanto falatório e interesses acabava com ela. Dizia que se sentia como um produto de consumo, não como um ser humano. É triste, mas não pude discordar. É uma profissão que inevitavelmente transforma as pessoas em mercadoria. Sabíamos disso desde o começo, mas não imaginávamos o quanto. Nenhum de nós imaginava. Ela era uma menina tão alegre e gentil... mas, sem que a gente percebesse, a escuridão foi tomando espaço dentro dela. Teve vezes em que me culpei por não conseguir confortá-la o suficiente, mas hoje acho que não era isso.

— Tem algum lugar a que vocês costumavam ir juntos?

— Gostávamos de caminhar pelo Parque Haneul ou pelo Parque do Rio Han. À noite, quando estava mais tranquilo, conseguíamos andar juntos sem chamar atenção, como pessoas comuns.

Riae foi direta, sem rodeios:

— Eu agradeceria se nos contasse tudo o que sabe sobre o *manager* Park.

— Isso tem relação com o caso?

— Ele está desaparecido.

— Talvez... Não. Não é nada.

— Estamos em uma situação em que a pior das hipóteses pode se tornar realidade — disse Riae, o tom firme, ao perceber a hesitação de Laika. — Precisamos considerar todas as possibilidades. Qualquer informação sobre que tipo de pessoa ele é, seja na vida pessoal ou profissional, pode ajudar. Vou ser sincera: a esta altura, estamos nos agarrando a todas as pistas. Ele já fez alguma proposta indecente à Cecile?

— O *manager* Park não era do tipo que se envolvia em escândalos com idols femininas — respondeu Laika, escolhendo as palavras com cuidado. — Talvez por falta de carisma, mas acho que era mais por causa do jeito imprudente dele,

de fazer comentários infelizes sem pensar. Quem gostaria de se envolver com alguém assim? Os grupos sob responsabilidade dele mudavam com frequência, até que foi retirado do contato direto com idols e passou a exercer funções de protocolo e suporte. Sempre que era alocado em algum *girl group*, choviam reclamações. É possível, sim, que tenha acontecido algo como o que você sugeriu, detetive.

Embora tivesse se expressado de maneira indireta, ele praticamente confirmara a suspeita de Riae, que assentiu, mostrando que havia entendido.

— Posso perguntar por que você desistiu de ser idol?

Laika fez que sim devagar, então respondeu:

— Acho que não era bom o suficiente para essa vida. Tinha plena consciência do peso de ser uma figura pública, de que não aparecer nas páginas policiais nem me envolver em controvérsias já era uma vitória. Achava que fosse o esperado, mas o padrão imposto era muito mais alto. O público atribuía significados que eu nunca tinha imaginado, e não tinha nenhum adulto lá para me proteger disso. Chegou uma hora em que eu cansei... Comecei a me perguntar: o que é que estou fazendo com a minha vida? Será que tudo isso tem algum sentido? Talvez eu tenha pensado demais, porque, no fim, o meu corpo não aguentou. Mesmo contra a minha vontade.

— E agora...?

— Os sintomas ainda aparecem, mas estou bem melhor. Antes, eu tremia de medo no meio de afazeres normais do dia a dia.

— Entendo... Se te fiz reviver memórias ruins vindo aqui, peço desculpas.

— Sem problema. Foi um período exaustivo e doloroso... mas também teve seus bons momentos. Talvez os mais felizes da minha vida. Não estou pronto para voltar agora, mas quem sabe um dia? Só não como idol.

— Você não poderia só ter feito uma pausa?

Riae tinha dificuldade de compreender aquilo. Não devia ter sido fácil abrir mão do seu lugar no topo. Ele poderia ter evitado a palavra “aposentadoria”, ter ficado alguns anos afastado e depois voltar, mas escolheu anunciar o fim da carreira. Sem dúvida, ele próprio deve ter lamentado isso, e provavelmente causado indignação na empresa e entre os fãs. Talvez esses pensamentos tenham transparecido em seu tom de voz, porque, ao ouvir a pergunta dela, Laika sorriu, constrangido.

— Eu precisava de um tempo — explicou. — Achava que entendia a natureza e as dificuldades daquele trabalho desde a época de trainee, mas, no fim, larguei tudo porque não conseguia mais viver como eu mesmo. Era difícil suportar um

ambiente em que a minha existência estava sendo consumida e desgastada o tempo todo. Mas, apesar de tudo, ainda penso que não existe outro mundo tão brilhante quanto aquele. Pelo menos pra mim. Foi lá que tive a chance de conhecer tantas pessoas autênticas e apaixonadas. Não consigo esquecer as emoções que compartilhamos e tudo que aprendi com elas.

— Pode ser só a nostalgia falando. As coisas parecem melhores em retrospecto — comentou Kyeongwon.

Laika abriu um sorriso discreto.

— Pode ser. Mas, agora que saí daquele mundo e pude, enfim, respirar, consigo enxergar melhor o que havia de bom nele. Por mais emocionalmente exaustivo que tenha sido aquela época, fiz questão de revisita-la. Se virarmos as costas para o passado como se fosse tudo negativo, como poderemos construir um presente positivo? Foi graças àquela fase intensa que aprendi a reconhecer quando estou me esforçando demais. Agora sei como fazer para manter o equilíbrio e quero recuperar, dentro dos meus limites, as coisas que considero preciosas... A primeira coisa que quero fazer é formar uma família. Felizmente, tenho um dinheiro guardado, então estou bem por enquanto. E, como a minha futura esposa trabalha, pretendo me dedicar ao cuidado da casa até eu voltar à ativa. Ainda não sei quando vai ser isso, mas...

Laika sorriu com os olhos, tranquilos, e foi aí que Riae se deu conta: de todas as pessoas da indústria que encontrara, o rosto de Laika era o mais sereno.

— Sei bem que, se voltar, não vou ser amado como antes — continuou ele. — É o natural, não é? Eu era um idol, e a relação com os fãs se baseava no acordo implícito e na fantasia de uma proximidade romântica, de certa forma. Quando anunciei a aposentadoria, quebrei a confiança deles. Então esperar ter uma fama e glória iguais às do passado, se é que posso chamar assim... Enfim, vai ser difícil recuperar o mesmo nível de popularidade e atenção de antes, mas tudo bem. Eu não quero o prestígio do “idol Laika”. Meu maior desejo é poder me conectar emocionalmente com as pessoas através da música; uma que tenha a minha cara. Pra mim, dançar, cantar, a sensação de dividir o palco com alguém... é mais do que só gostar; ainda sou apaixonado por tudo isso. Inclusive, penso que, talvez agora, sem o brilho e o glamour, tudo isso possa ser ainda melhor.

O olhar radiante de Laika, cheio de expectativas para o futuro, deu lugar a uma calma repentina. Riae e Kyeongwon assumiram que, naquele momento, ele pensava em Cecile.

— No instante em que você se deixa cegar pelo glamour daquele mundo, acabou. Mas, ironicamente, uma vez lá dentro, é quase impossível fechar os olhos

para esse brilho. Depende da situação em que você está, dos pensamentos que cultiva, se há alguém por perto para te ajudar quando você se perde... Conforme essas variáveis, as opções são manter o equilíbrio ou desmoronar. E fazer isso sozinho é muito difícil. Não sei como vocês vão interpretar o que estou dizendo. Talvez pensem que estou tentando defender a Cecile, ou que todos os jovens passam por esse tipo de crise, não só os idols. E vocês estariam certos. Mas acredito que enfrentar esses conflitos pessoais como indivíduo é muito diferente de vivenciá-los sendo parte de uma indústria que intensifica e estimula esse tipo de desorientação. Nesse ambiente desprotegido, algumas pessoas adoecem a ponto de não conseguirem mais trabalhar, outras acabam escolhendo tirar a própria vida, e há quem perca a capacidade de discernir o que é certo ou errado. É assim que pessoas como Kona ou Cecile acabam tomando decisões que não deveriam.

Embora soubesse muito bem que era uma suposição inútil, Riaie não pôde deixar de pensar que talvez tudo pudesse ter sido diferente caso Laika tivesse permanecido ao lado de Cecile. Aos olhos dela, ele era alguém sensato, capaz de pensar com clareza e manter os pés no chão — uma pessoa confiável.

— É uma pena termos demorado tanto para nos encontrar — disse ela. — Se tivesse sido um pouco mais cedo, talvez já tivéssemos entendido melhor o estado psicológico da Cecile. Não que seja culpa sua, Laika, de forma alguma...

— Como assim? — Laika, que já se preparava para acompanhar os dois até a porta, ficou genuinamente confuso ao ouvir as palavras de Riaie.

— O senhor Hyeonjo, da Iconition, nos disse que você vinha evitando este tipo de encontro desde a aposentadoria e que inclusive havia recusado nosso pedido. Por isso entramos em contato de novo através do estilista...

— Não, o Hyeonjo *hyung*^{**} nunca entrou em contato comigo.

— Então... quer dizer que você nunca se recusou a conversar com a gente?

Laika fez que não. Em vez de soltarem um suspiro, Riaie e Kyeongwon trocaram olhares silenciosos.

Por que Hyeonjo teria mentido? Que ligação isso tinha com o caso? Quanto mais se aprofundavam, mais confusos ficavam. Os contornos e as relações entre os envolvidos, longe de se definirem, tornavam-se cada vez mais complexos e intrincados. Tudo começava a ficar apenas... cansativo.



Em meio ao trajeto, Riaie e Kyeongwon mal tiveram tempo de recuperar o fôlego

antes de receberem um chamado pelo rádio:

— *A suspeita do “Caso da morte do idol” está em movimento. Solicita-se que todos os agentes disponíveis se juntem à operação.*

Kyeongwon olhou para Riae, que balançou a cabeça em negativa, pois não havia recebido nenhum informe à parte. Se o inspetor-chefe Jung tivesse localizado Cecile, teria lhe avisado na hora.

Mas não havia tempo para se ater aos detalhes. Poderia ter sido uma denúncia. As possibilidades eram inúmeras. Kyeongwon girou o volante.

Logo surgiu diante deles um carro importado em alta velocidade, cercado por várias viaturas policiais. O veículo ignorava a sinalização e acelerava desenfreadamente. Assustado, o motorista de um carro de passeio afundou a mão na buzina — *FOOOM!* — e por pouco evitou a colisão.

— Pro lado!

Bastou meia palavra para que Kyeongwon entendesse que a ideia de Riae era interceptar a rota de fuga. Quando ele virou à direita, uma das viaturas, decerto com a mesma intenção, seguiu pela esquerda. Mas Kyeongwon foi muito mais ligeiro: após duas conversões à esquerda e uma volta no quarteirão, avistou o carro importado se aproximando pela esquerda... sem dar o menor sinal de que iria parar. Como o veículo não reduzia a velocidade nem mudava de direção, Kyeongwon estava prestes a desistir e pisar no freio. No entanto, se recusando a jogar a toalha, Riae esticou a mão até o volante e o girou com tudo para a esquerda. O carro deles deu uma guinada brusca e derrapou, ficando atravessado na pista. Se continuasse assim, o outro carro poderia atingir Riae.

Até que o veículo freou de súbito, conseguindo parar por um triz. Graças a isso, tudo terminou apenas com um leve amassado na parte traseira do lado de Riae.

— Mas o quê... O que foi isso?! — Kyeongwon a encarou, atônito.

— Foi mal.

— Nunca mais faça isso! Se aquele carro tivesse batido na gente, eu até poderia sair ileso, mas você teria ido dessa pra melhor!

Não importava. Desde que pudesse parar Cecile; desde que pudesse dar um fim àquele caso infernal e se livrar de uma vez da sombra de Ban Illa.

Sentindo-se aliviada, Riae desceu e se aproximou do carro importado. O restante da força policial chegou logo depois, cercando o veículo. Então, a porta se abriu.

E quem desceu com as mãos para o alto foi Malgeum.

— Yoon Malgeum?

Kyeongwon lançou um olhar incrédulo para os colegas ao redor. Riae, ao se deparar com alguém totalmente inesperado, também sentiu suas forças se esvaindo.

— Yoon Malgeum? Sério?

— O que foi? Vai implicar com o quê agora?

Quem respondeu foi o detetive Kang, da equipe adjacente, que sempre vira Riae como um estorvo. Ela também não era fã dele e preferia manter distância. Contudo, chegou bem perto e sussurrou para que Malgeum não pudesse ouvir:

— As digitais da Yeon Cecile foram encontradas na arma do crime, não ficou sabendo?

— Fiquei.

— E...?

— E Yoon Malgeum fugiu assim que a polícia apareceu. Esse comportamento não parece suspeito pra você?

— Entre as duas coisas, qual parece mais importante? Você não sabe diferenciar?

O detetive Kang soltou um riso de deboche.

— Você sempre acha que só você está certa e sai atropelando tudo. Não é assim que a banda toca, inspetora Shin. Deve haver outros indícios e vai ver você só não recebeu o relatório. Se não, por que o delegado Jo mandaria todo mundo se mobilizar assim à toa?

— O delegado Jo?

Kang suspirou, irritado, e coçou a cabeça com força antes de levar Malgeum sob custódia.

Riae permaneceu lá parada, sem reação.

Mas logo sentiu a ira queimar dentro de si e foi direto procurar o delegado Jo. Ele vestia o paletó, como se estivesse se aprontando para algum compromisso importante.

— Não foi a Yoon Malgeum.

— Hehe. Quanta convicção.

Talvez por causa do tom contido de Riae, mesmo em meio àquele caos, o delegado deu uma risada despreocupada.

— Quem conhece bem a geografia complexa do mercado e tem um motivo mais concreto é Yeon Cecile. Precisamos divulgar à imprensa que foi ela.

Ao ouvir o argumento de Riae, a expressão do delegado se fechou por um instante, mas logo voltou a se abrir em um riso largo, como se não a levasse a sério. Ela continuou:

— Os dois crimes diferem no padrão; as mudanças estão ficando cada vez mais bruscas. A velocidade da progressão também é alta. Precisamos tornar isso público para prevenir a próxima vítima.

— Para que esse exagero todo, Gelo? Ainda não temos provas suficientes de que o primeiro assassinato foi obra da Yeon Cecile.

— Também não há provas que incriminem Yoon Malgeum.

— Isso a gente descobre depois de investigar. Se ela for inocente, no fim das contas, vai pra casa rapidinho. Então, qual o problema?

— Mesmo assim. Causar um tumulto desses só joga contra a gente.

Era óbvio que Riae seria criticada por aquilo. Não seria a primeira nem a segunda vez; não seria um tumulto que a assustaria. Porém, era difícil aceitar a ideia de ser usada como bode expiatório e levar prejuízo por algo que não concordava e no qual sequer teve participação. Ainda assim, o delegado Jo não se dignou a lhe oferecer um pedido de desculpas. Limitou-se a lhe dirigir um olhar pesaroso.

— “Tumulto”, é? Está tão acovardada assim a ponto de chamar uma besteira dessas de tumulto, Gelo?

— O caso do mercado... Temos que considerar que Yeon Cecile é a responsável, o senhor não concorda?

— Preciso mesmo te lembrar, inspetora Shin Riae, que encontrar uma digital não significa automaticamente que ela seja culpada?

O subtexto nas palavras do delegado Jo ao se referir a ela tanto pelo sobrenome quanto por seu posto não passou despercebido a Riae. *Chega. Já deu. Você é uma subordinada. Pare por aí.* Mas, por mais que viesse dele, ela não conseguia aceitar.

— As vítimas tinham ligação com Yeon Cecile. As digitais na arma eram dela. Mesmo que fosse uma chance em um milhão, ainda seria mais provável que tenha sido ela, não? Desde quando passamos a investigar desse jeito?

O delegado Jo bufou, parecendo um tanto abismado.

— Gelo, francamente... Isso faz algum sentido pra você? Acha mesmo que uma garota com aquele porte físico franzino teria conseguido matar várias pessoas, se livrar dos corpos e ainda desaparecer em tão pouco tempo? É óbvio que ela teve ajuda.

— Concordo com o senhor, em parte. Mas não é algo de que possamos ter certeza, e dizer que Yoon Malgeum está envolvida também é mera especulação. Primeiro precisamos divulgar que Yeon Cecile é a autora e depois...

— É por isso que você ainda não está pronta. — O delegado Jo apenas soltou

o comentário abruptamente e se levantou. — Não precisa desse drama todo. E deixe de ser tão pessimista.

— Mas...

— Não confia em mim? Acha que fui promovido a delegado a troco de nada? Que decepção...

— Não é isso — acrescentou Riaie, depressa.

Embora sentisse que o foco da conversa estava se desviando, sua prioridade era que o delegado não a interpretasse mal.

— Então me escute. Ouvir não machuca. Se revelarmos isso agora, só vamos deixar todo mundo em pânico.

— E se outra pessoa próxima a Yeon Cecile acabar morta? Mesmo sabendo que é uma possibilidade, vamos esconder isso só porque ainda não conseguimos pegá-la?

O delegado Jo soltou uma risada de desdém. Riaie arregalou os olhos, surpresa, mas o rosto dele estava repleto de satisfação.

— Espere só pra ver; no fim vou estar certo. Tudo o que digo é para o seu próprio bem, então não leve a mal. Já deixei de te ajudar alguma vez?

Riae abriu a boca para dizer “não”, porém nenhum som saiu. O delegado Jo deu dois tapinhas no seu ombro e se retirou. Ela ainda ficou parada no escritório vazio por um tempo. Parecia que o problema havia sido resolvido... e ao mesmo tempo piorado, deixando uma sensação de vazio difícil de explicar.

Enquanto seguia pelo corredor, sentindo-se diante de um emaranhado de fios quase impossível de desatar, viu um homem de cabelo prateado perambulando na extremidade oposta. Ao encarar aquele rosto bem-apessoado que lhe parecia familiar, Riaie parou por um instante tentando recordar quem era. Quando enfim se lembrou, o homem de cabelo prateado se curvou para cumprimentá-la.

Era o líder do grupo ROME.

— A Malgeum é inocente.

Em vez de responder “Sei muito bem disso”, ela apenas fez um breve aceno de cabeça e tentou se retirar. O líder do ROME foi atrás dela, chamando-a repetidas vezes, mas Riaie não podia dar nenhuma resposta. Não tinha como explicar que aquilo era resultado das ações equivocadas de outra equipe.

— É verdade que ela tem um temperamento difícil, sim. Mas, até onde eu sei, nunca tentou machucar ninguém. Até quando aquela tal rival dela, que ela detestava sem motivo e tratava com frieza, se aposentou, a Malgeum ficou meio encucada e comentou que talvez tivesse implicado com a garota à toa.

— O fato de ela ter saído em disparada assim que viu a polícia me parece uma

evidência mais objetiva do que isso que você está dizendo.

— Ela deve ter ficado assustada, em pânico. Não é lá muito esperta, sabe? Pode parecer mal-educada às vezes, mas nunca mataria alguém.

Espere aí. Tem alguma coisa errada. Riaee foi inundada por uma sensação repentina de desconforto, um arrepio gelado no peito.

Culpada ou não, como ele poderia saber de algo que acabara de acontecer, que nem ao menos havia sido anunciado ainda? Não era possível que já tivesse conseguido falar com a Yoon Malgeum.

— Como soube que Yoon Malgeum foi detida?

— Bom, é que...

Quando ela foi incisiva, o líder do ROME, que até então a seguia agitado, gaguejou e foi incapaz de responder direito.

Mordendo o lábio, Riaee parou diante dele e ligou para Hyeonjo no mesmo instante.

— *Setor de negócios, pois n...*

— Laika disse que nunca recebeu nenhum contato seu.

Pego de surpresa com a acusação direta, houve um silêncio momentâneo do outro lado da linha.

— Eu gostaria de saber por quê, afinal, ele nem é mais seu artista. Com certeza não foi para protegê-lo.

Só então Hyeonjo respondeu:

— *Não queria me envolver. Me desculpe.*

— Onde está Park Sangjin?

— *O manager Park? Por que...?*

— Porque, ao mentir, o senhor criou uma nova possibilidade: a de que Park Sangjin também esteja envolvido no crime e vocês estejam encobrindo isso por algum motivo.

— *Isso... não é verdade.*

— E eu deveria acreditar nisso? O nome do *manager* Park aparece em todo lugar.

— *Ele tem uma reputação meio... suja...*

— Onde está Yeon Cecile?

— *Eu também gostaria de saber. Mas dizer que a Cecile é a culpada deve ser um mal-entendido. Vocês têm provas de que é um mal-entendido, não têm? Não foi por isso que prenderam a Malgeum?*

Uma risada fria e descrente escapou de Riaee, deixando o líder do ROME com uma expressão nervosa.

— De onde o senhor tirou essa informação? Nada a respeito de Yeon Cecile ou Yoon Malgeum foi anunciado oficialmente.

Hyeonjo não respondeu.

— Não me escutou? Perguntei como ficou sabendo. Quem foi que contou? Já não bastava o senhor saber, precisou mandar alguém vir até aqui?

— *Perdão, mas estou ocupado no momento... Nos falamos depois.*

Clique. O estalo seco da chamada encerrada ficou no ouvido de Riae.

Aquilo a deixou indignada — Hyeonjo não tinha assumido a frente da equipe de relações públicas desde o início por acaso. Era muito provável que a equipe secundária tivesse vazado detalhes sobre o andamento da investigação para ele. Talvez esperasse que a prisão de Yoon Malgeum servisse para desviar a atenção ou tivesse algum outro objetivo oculto.

Bem quando Riae refletia se deveria persuadir ou intimidar o líder do ROME, que não deveria estar lá, o inspetor-chefe Jung apareceu de repente e se dirigiu a ele:

— Peço perdão pelo incômodo, mas você precisa ir embora. Por mais que insista, estamos no meio de uma investigação e não podemos abrir exceções. Peço a compreensão.

O líder do ROME, que durante toda a ligação entre Riae e Hyeonjo se mostrava irrequieto, fez uma reverência hesitante e virou-se para ir embora.

Jung, com uma expressão sombria, colocou-se discretamente no caminho de Riae, que já se dirigia à equipe secundária.

— Vai sair batendo em todas as portas, é isso? Por que tanta insistência nesse *manager*?

— Porque ele parece ter ligação com o caso.

— Pelo que ouvi, a pessoa com quem você falava ao telefone parece mais importante do que esse Park.

— Esse é um assunto à parte, mas acho que pode ter alguma relação com o desaparecimento do *manager* e da Cecile...

— Mesmo assim, nossa prioridade deveria ser localizar a Yeon Cecile, não?

— Mas o próximo movimento dela pode ter a ver com o *manager* Park. Ele pode até ser cúmplice.

— Como é cabeça-dura, hein... Não é à toa que te chamam de “Rainha do Gelo”. Você pode querer ditar as regras, mas não vai dar.

O inspetor-chefe Jung balançou a cabeça e começou a se afastar.

— O *manager* Park não apenas está envolvido, como há indícios que o ligam a algo ainda maior. É por isso que preciso investigar.

O inspetor-chefe interrompeu seus passos e virou a cabeça bruscamente para encará-la.

— Eu já disse que não. Acha que temos tempo sobrando?

— Se é possível que ele tenha ligação com o caso, por que o senhor está dizendo que não? Por quê?

— E você ainda pergunta? Porque é perda de tempo cavoucar uma coisa irrelevante dessas. Não percebeu como você e eu estamos atolados de casos? Falta mão de obra. Você não está exausta? Porque eu estou, e muito!

— Estão encobrindo algo maior. Está me dizendo para fingir que não vejo?

— A resposta é não. Ponto final. — Diferente do habitual, ele não respondeu com indiferença; foi categórico.

— O senhor sabe de alguma coisa? Foi por isso que não falou nada sobre o que aconteceu com a Yoon Malgeum? — perguntou Ria, sentindo algo fora do lugar.

— Você queimaria uma casa inteira só pra matar uma barata? — retrucou Jung, encarando-a com um olhar intenso.

— Se for o único jeito de matar a barata, talvez valha a pena tentar.

O inspetor-chefe soltou um suspiro exasperado e elevou o tom de voz:

— Claro! Supondo que essa seja uma ótima ideia, já parou pra pensar que quem pode se queimar primeiro é você?

— Dá para atear fogo do lado de fora. Por que eu entraria?

— Porque onde você está também tem baratas! Com os meios que você tem ou conhece, não tem como dar conta de todas elas. Quem pode acabar se queimando é você. Entendeu?

Ria teve vontade de berrar: “Por que está se opondo tanto assim? Está envolvido nisso até o pescoço, é isso?”, mas se conteve. E não parecia ser a única escondendo as próprias emoções.

— Chega de metáforas. A prioridade não são essas ramificações, mas capturar Yeon Cecile, que está foragida. Você inverteu tudo: trate primeiro do problema que tem em mãos, depois faça o que bem entender.

Embora ele não estivesse completamente errado, o argumento dela também não era descabido. Investigar por que o delegado Jo dera uma ordem tão sem sentido à equipe secundária, se teria ele sido pressionado por algum superior, se isso teria relação com o vazamento de informações para Hyeonjo, se havia alguma conexão entre a equipe secundária e o *manager* Park — nada disso era inútil. Todos pareciam estar tentando mantê-la longe de algo. No fim, Ria já não sabia em quem confiar. Ficou com vontade de jogar tudo para o ar.

E, pensando com frieza, as suspeitas já não recaíam apenas sobre a equipe secundária.

Ela nunca teve esperanças de que o desespero profundo que um dia experimentara iria desaparecer por completo. Ainda assim, havia lutado mais do que ninguém para escapar dele, na expectativa de que as coisas ao menos melhorassem.

Como se reconhecesse todo aquele esforço, alguém surgiu de repente — uma pessoa em uma posição digna de respeito, alguém que preencheu esse vazio. Riae confiou nela, afinal, essa pessoa tinha prometido guiá-la.

E assim mais de dez anos se passaram.

Por quanto tempo vinha adiando até mesmo a hipótese do “e se”? E se outra pessoa também lhe tivesse oferecido palavras tão calorosas, será que teria se apoiado tanto no delegado Jo? Será que teria estado sempre tão ansiosa para agradá-lo e tido tanto medo de decepcioná-lo? Provavelmente não. Se o delegado Jo não tivesse se tornado o ideal absoluto, é claro que tudo teria sido diferente. O sorvete de casquinha, tão doce, deixou um gosto rançoso em sua boca.

Ela sempre pensara que a primeira designação, em um posto considerado um lugar de rebaixamento, tinha sido o preço por ter desenterrado um caso arquivado. Abrira mão de uma boa colocação em troca de satisfazer sua curiosidade. E, como o próprio delegado Jo endossara essa opinião, ela continuou acreditando nisso.

Mas será mesmo? Pensando bem, se o delegado Jo não tivesse barrado o pedido de recurso da transferência, talvez ela pudesse ter permanecido em Seul. Poderia ter trabalhado na Divisão de Proteção à Criança e ao Adolescente, como tanto queria. Depois de passar mais de cinco anos encalhada na “zona de rebaixamento” e de ter voltado a Seul apenas por influência do delegado Jo, qualquer resultado positivo de Riae serviria apenas para beneficiá-lo. Serviria de base para ele alegar: *Fui eu quem reconheceu essa joia bruta, chutada por aí feito uma pedra sem valor, quem a pegou do chão e a lapidou até transformá-la em um diamante! Se eu ocupar cargos mais altos, poderei usar essa habilidade com maior eficiência e formar ainda mais talentos!* Se Riae não vingasse ou pisasse na bola, bastaria dar-lhe as costas; ele não estaria perdendo nada. Só agora ela se dava conta de que, quanto maior o impacto do caso sob sua responsabilidade, melhor seria para o delegado Jo.

Será que as outras atitudes dele no passado tinham sido realmente pelo “bem” dela? Ou teriam sido apenas para proveito próprio, fosse com palavras melosas, fosse diminuindo-a? Ele ao menos via Shin Riae como um ser humano...? Ou a enxergava como uma peça em um tabuleiro de xadrez? Seria assim tão mesquinho e ingrato da parte dela alimentar aquelas dúvidas? Estava tomada por esse fluxo de pensamentos destrutivos, mas não conseguia contê-lo. Afinal, o delegado Jo era sua figura paterna ideal. Sempre acreditara que havia, de fato, um vínculo entre os dois.

No entanto, o sorvete passara a derreter em sua mão, deixando uma sensação pegajosa.

Tinha certeza: se Cecile estivesse tomada pela sensação de perda e traição, então devia estar aprisionada em pensamentos sombrios. Riae sabia muito bem que se perder em meio ao caos de não conseguir confiar em si mesma, e muito menos nos outros, estava longe de ser apenas “difícil”. Ela também já vagara naquele turbilhão... e, de certo modo, ainda vagava.

No instante em que chegou a esse conclusão, Riae conseguiu, enfim, imaginar aonde Cecile poderia ter ido.

Ela voltou à mesa, agarrou Kyeongwon pelo colarinho e saiu arrastando-o para fora da delegacia.

— A antiga sede da Iconition? Pelo que me lembro, o ex-CEO ainda usa o prédio como sede de uma empresa de indumentária. Mas por que lá?

— Acho que é pra onde a Cecile foi.

— Por quê? Porque ele sabe de algum segredo de família que ela quer esconder?

— Porque tudo começa em algum lugar.

— Hã?

— Quando você entra em uma espiral, tudo acaba parecendo digno de ressentimento. Se, ao menos, houvesse uma única pessoa decente ao seu lado, alguém que tivesse exercido uma influência positiva na sua vida... Quando colocamos tudo na balança, acabamos odiando todo mundo, mas ainda buscamos um culpado principal, alguém em quem concentrar toda a culpa. O ponto onde tudo começou. A pessoa que esteve lá desde o início da carreira e criou uma distância irreconciliável entre a Cecile e a Yeon Cecile... Esse se torna o alvo mais fácil. Então, a Cecile de agora...

— Pode tentar ferir o ex-CEO da Iconition?

— Yeon Cecile deve estar exausta. Ela foi ficando mais descuidada ao se livrar dos corpos. E não parece tão empenhada em fugir. Gastou energia demais, física

e mentalmente, em pouco tempo. Vai priorizar aquilo que, na cabeça dela, parecer mais eficiente.

Kyeongwon assentiu e pisou no acelerador.

— Quer que eu peça reforços?

Riae hesitou por um segundo.

— Deixe comigo.

— *Faça o que quiser, afinal, você que é a inspetora-chefe aqui, né?!*

Por mais que tivesse esbravejado quando Riae o contatou, o inspetor-chefe Jung foi até o local indicado, levando consigo mais três agentes. Devido à urgência da situação, ela nem ao menos conseguiu perguntar como andava o caso de que ele estava cuidando.

Eles entraram no prédio da sede antiga, passaram por um escritório mais simples do que o esperado e subiram de elevador até o andar da sala do CEO. Ao ver o grupo de policiais chegando, a secretária — que até então aguardava sentada, com a expressão tensa — empalideceu de vez.

Jung baixou a voz e lhe perguntou sobre a movimentação dentro da sala.

— Não foi exatamente um grito... — respondeu ela, em um sussurro trêmulo. — Foi mais um gemido engasgado, um som tipo *ugh*, e, depois, silêncio. Achei estranho e tentei abrir a porta, mas estava trancada. A moça tinha cara de ser bem mais nova do que eu...

Ao que tudo indicava, a secretária estava imaginando outro tipo de situação.

— Quem era essa moça?

— Ela disse que era sobrinha dele... Não era?

O rosto da secretária perdeu ainda mais a cor. De dentro da sala vinha um barulho úmido, viscoso — *chap... chap...* —, algo inquietante. Com um pressentimento ruim, o inspetor-chefe e Riae se posicionaram. Contaram até três e arrombaram a porta juntos.

O interior da sala estava tomado por uma atmosfera escarlate.

No centro de um círculo vermelho traçado no meio do cômodo, estava Yeon Cecile.

Ela segurava firmemente o gargalo fino de uma garrafa e, com a base quebrada apontada para baixo, golpeava repetidas vezes, com violência. Debaixo dela, jazia o ex-CEO da Iconition, já pálido. Sangue escorria, ou melhor, jorrava de seu pescoço e do abdômen, enquanto a mão livre de Cecile puxava algo de

dentro da barriga dele. Alguém, ao compreender o que estava vendo, ameaçou vomitar. O inspetor-chefe Jung soltou um palavrão em voz baixa. Tamanho era o choque frente à cena que ninguém moveu um músculo para conter a agressora.

O inspetor-chefe gritou o nome de Cecile. Kyeongwon e os outros, voltando a si ao ouvirem o berro, deram ordem para que ela levantasse as mãos. Cecile, porém, parecia alheia à aproximação e às vozes exaltadas. Seu olhar estava desfocado. Quanto mais perto o grupo chegava, mais nítidas se tornavam as partes revolvidas do cadáver. Ela não sabia quando parar.

— Yeon Cecile!

O fruto do mundo. Foi apenas o berro de Riae, chamando-a pelo nome carregado de significado, que a fez parar. Cecile se retraiu, estremecendo de leve e, enfim, voltou a si. A mão erguida, pronta para desferir mais um golpe, congelou no ar, e a tensão dos dedos se desfez. O barulho de vidro estilhaçado no chão se fez ouvir. Como se estivesse saboreando algo, Cecile baixou lentamente os olhos para o amontoado de carne que um dia fora o ex-CEO da Iconition, então virou a cabeça, em um movimento lânguido, dirigindo-se a Riae. Ela quase deixou a arma cair.

Mesmo enquanto era algemada, Cecile a fitava com um sorriso de serenidade absoluta.

Notas

* Crimes violentos cometidos contra pessoas ao acaso, sem alvo definido e com motivação pouco clara ou incomum. Também chamados de *mudjima* (묻지마), literalmente “não pergunte”, isto é, crimes sem motivo aparente. [N.T.]

** Termo usado por homens para se referirem a homens mais velhos, geralmente familiares ou amigos próximos. [N.T.]

Querida Kitty

1218

A sensação do sangue quente é esquisita. É algo fluido e, ao mesmo tempo, viscoso; uma consistência difícil de obter de qualquer outra substância. Bem diferente de mim, não acha? Enquanto eu mal me conheço direito, o sangue se revela com nitidez, como se proclamasse a própria existência ao mundo inteiro. Foi por isso que, mesmo em uma situação tão crítica, eu fiquei lá parada, sem reagir, por um bom tempo.

Mas logo percebi, como que por instinto. Quando o sangue escurecesse, quando perdesse o vermelho vivo, aquela sensação de frescor desapareceria. Eu acabaria sendo forçada a encarar a minha vida manchada. Por isso, precisava sair de lá antes que a cor mudasse. Pausei meus pensamentos por um instante e fui embora a passos frenéticos.

Esfaquear aquele ser foi estranho demais... A lâmina deslizou para dentro e, quando a ponta bateu em alguma coisa... junto com a falta de ar, uma sensação eletrizante, quase um arrepio, subiu pelo meu braço e se espalhou por todo o corpo. Por um instante, senti minha mente se distanciar, mas, ao mesmo tempo, parecia que o mundo nunca fora tão claro e intenso. Ele se encolheu e me encarou surpreso, os olhos arregalados, mas sem o menor sinal de medo ou raiva.

Retirar a faca não foi fácil. Quando enfim consegui puxá-la, aquele ser praticamente tombou para trás. Fiquei alguns segundos contemplando o sangue, com o olhar vazio, até que voltei a mim, gritei algumas palavras que queria dizer há muito tempo e saí de lá.

Foi um alívio tão grande! Não sei por quanto tempo andei, mas demorou um bocado até aquilo que havia saído do meu corpo retornar. Só então as minhas mãos começaram a tremer. Foi quando percebi o que tinha feito. Fiquei com medo. Era o medo de como aquilo afetaria a minha vida? Não, mais do que isso. O que me apavorava era o próprio ato que eu acabara de cometer. A repulsa foi tão esmagadora que mal pude me manter de pé. Mas também não podia apenas

me sentar; e se alguém me segurasse e perguntasse se eu estava bem? Não sei como descrever em palavras o que senti naquela hora. Por dentro, eu só gritava: “No que eu me tornei?! Como foi que acabei desse jeito?!”.

Porém, de alguma forma, sinto que meu eu de agora é mais real. Sei que, ao conviver com outras pessoas, é inevitável haver mal-entendidos, mas, tentando fugir de situações que eu não queria enfrentar, acabei me tornando alguém completamente diferente de quem eu me dizia ser. E era daí que surgia a confusão: eu sou isso? Eu sou aquilo? Sou mesmo esse tipo de pessoa? Agora, não mais. Pela primeira vez, expressei minha vontade com força. Pensando assim, sinto um orgulho imenso e uma lucidez absoluta. Essa pessoa sou eu.

Mas... um dia vou mudar de novo. Vou me deteriorar. Porque sou como o sangue.

Então... o que devo fazer agora?

추락하는 것

A queda

A notícia da prisão de Cecile causou alvoroço em nível nacional. As imagens dela, coberta de sangue, passando em frente ao hospital e à delegacia, estampavam todos os meios de comunicação.

Reportar o crime era, claro, algo que precisava ser feito. Ainda mais tratando-se de um caso que atraía tanta atenção do público. No entanto, considerando como passaram a espalhar todo tipo de rumor envolvendo Cecile, como se estivessem apenas esperando por essa oportunidade, não havia como não causar repulsa. Tanto a imprensa quanto o público a massacravam sem dó nem piedade, como se jamais a tivessem endeusado. Como se, desde o início, não a tivessem elevado para que alçasse voo, mas, sim, para depois derrubá-la do alto e fazer de sua queda um verdadeiro espetáculo.

Aparentemente, por ter sido tomada por tal estado de exaltação que não conseguira controlar a própria força, a palma da mão de Yeon Cecile fora dilacerada e precisou de atendimento de emergência. Agora, uma de suas mãos estava toda envolta em bandagens, dando a impressão de que usava uma luva de cozinha.

Após receber os primeiros socorros, Cecile, bem comportada, sentou-se na sala de interrogatório. Parecia tranquila, o que era, no mínimo, incomum. Suspeitos que admitiam a própria culpa em geral exibiam a expressão de um animal levado ao matadouro, já pressentindo o fim. Ela, porém, permanecia impassível. Piscava e, vez ou outra, esboçava um leve sorriso, como se alguma

lembrança lhe viesse à mente.

Assim que avistou Riae, Cecile pareceu atordoada, como se, de repente, se recordasse de algo que havia esquecido.

— Ai, e agora...? Ele deve ter morrido enquanto eu estava fora! Meu peixinho-dourado... Era tão lindo, uma joia alaranjada...

Embasbacada, Riae deixou escapar uma risada descrente.

— Você matou não sei quantas pessoas e ainda não entendeu qual é o verdadeiro problema?

— Gosto mais de peixinhos-dourados do que de gente. São mais preciosos do que pessoas.

Por mais revoltante que fosse, ainda havia muito o que descobrir. Riae se forçou a relaxar a postura rígida.

— Tá bom. Vamos ficar à vontade pra conversar. Pode me chamar de *unnie*, que aí eu também falo informalmente.

Cecile soltou uma risadinha aguda e bateu palmas, animada.

— Que demais!

Vendo a alegria genuína no rosto dela, Riae não conseguiu conter uma risada amarga.

— Não é? Então devo assumir que, já que está de bom humor, vai me contar direitinho o que aconteceu?

— Claro! Toda a verdade. Juro! Não tenho por que mentir agora, né? Já sou uma assassina mesmo...

— Com o que você matou o Kona?

— Com uma chave inglesa. Era maior do que as outras ferramentas. Estava do lado daquela máquina que sobe fazendo *vrrr...* a que o Kyung Kona estava em cima. Se não me engano, tinha alguma coisa presa na chave... Não lembro direito. Mas, assim que o vi, meti a chave na cabeça dele! Onde foi que deixei mesmo? Onde...? Ah! Já sumiu. — Cecile deu uma risada vazia, como se não tivesse intenção real de responder direito.

— Por que você o matou?

— Porque ele merecia morrer. Que nem falei pra você antes. Ele ameaçou expor coisas da minha família, da minha vida amorosa, tudo. Queria ver se as pessoas ainda me amariam depois de verem meu lado sombrio.

— Só o fato de você ter ficado furiosa com isso a ponto de cometer um assassinato... mostra o quão certo ele estava, não é?

— É. É isso mesmo. Dá no mesmo que admitir, né.

Cecile aceitou sem resistência as palavras calculadas de Riae, pensadas para

uma reação intensa. E isso, por mais impensado que fosse, a fez sentir pena dela.

— Fique irritada, pelo menos.

— Por que eu ficaria irritada com você, *unnie*? Ele realmente tinha razão. E naquela hora... talvez eu estivesse com medo? Não sei se me deu falta de ar ou se eram as palavras do Kona me estrangulando. Mesmo sem ter usado as mãos, ele me estrangulou, sim. E, não satisfeito, ainda arrastou outras pessoas com ele.

Um leve tremor percorreu o corpo de Cecile. Mas não era de medo; Ria sabia que era a raiva ainda fervilhando dentro dela.

— Já nem sei mais quem eu sou. Não sei qual é o meu eu verdadeiro, se é quem eu sinto que sou ou quem as pessoas enxergam. Mas... na hora que o apunhalei, essas dúvidas se foram. Senti como se uma corrente elétrica percorresse o meu corpo inteiro, sabe?

Cecile ergueu o queixo. Tinha a expressão revigorada, como se estivesse tomando uma brisa fresca.

— E você apunhalou o ex-CEO da Iconition várias vezes pelo mesmo motivo?

— Sendo bem sincera... fiquei com um pouquinho de raiva também.

— Por que foi atrás dele? Já tinha ido com a intenção de matar?

— Hum... Não sei. Só me deu na telha.

— “Deu na telha”? Não teve nenhum motivo específico?

— Não. Eu estava batendo perna e, de repente, pensei nisso. Foi bem do nada mesmo. Tipo: “Ah, antes de ser presa, eu devia pelo menos arrancar um pedido de desculpas dele”. Por ter me tratado como se eu não fosse gente, como se eu fosse um produto descartável, sabe? Fui exigir um pedido de desculpas decente. Adivinha o que ele respondeu, olhando nos meus olhos? Perguntou até quando eu iria ficar desenterrando o passado. Não que ele estivesse totalmente errado... Mas cada um tem a sua parcela de culpa, não é? Foi aí que parti pra cima dele.

Cecile balançou a cabeça, com um ar de incompreensão. Ria, percebendo que não havia salvação para aquele raciocínio psicótico, acabou balançando a cabeça também, quase espelhando o gesto.

— E o que é que o Kona queria, no fim das contas?

— O que ele queria...? Nada, na verdade.

— Nada?

— Nada. Ele só é desmiolado mesmo. Devia só querer me ver sofrer. Digamos que Kyung Kona morreu por causa da índole dele. Não? Não... Fui eu que matei. Morreu por minha causa. Isso.

— E a Kwon Mijin? Foi por causa dos rumores? Odiava ela tanto assim pra

ter mutilado o corpo?

— Ah, a Mijin *unnie*... Esbarrei com ela por acaso. Foi coincidência mesmo. Só que, quando olhei pra cara dela, bateu uma raiva, sabe? Eu sabia que o trabalho dela era fuçar a vida de celebridades. Uma pessoa baixa... Eu fazia vista grossa porque sentia pena, mas ela insistia naquilo. E aí, pensei melhor e lembrei que ela já tinha me visto sendo chantageada pelo Kona. Então...

— Você não foi atrás dela?

— Não, a gente só se encontrou por acaso. Agora, ter matado ela... Bom, aí já foi mais um acesso de raiva do que acaso. É isso que chamam de destino? Que ódio. — Cecile deu uma risadinha. — Depois que a gente se esbarrou, só cumprimentei e fui embora. Mas não cheguei muito longe. Ah! Não dava... Resolvi chamá-la pra ir ao mercado à noite. Falei que tinha uma informação quente e pedi uma ajudinha em troca. Ela topou, foi lá e me acompanhou. Daí enfiei a faca nela e virei as costas. Só que bateu a curiosidade: o que será que a Mijin *unnie* tinha dentro dela? O que tinha lá dentro pra ela agir daquele jeito? Então abri só um burquinho pra dar uma olhada. Achei que ia encontrar piche ou coisa parecida... mas não. Era só... normal. Vísceras e sangue. Só isso.

— E você não achou isso cruel? Foi a primeira vez que fez uma coisa dessas?

— Respondendo à primeira pergunta: sim. Respondendo à segunda: sim, também. Eu não senti nada. Hum, talvez um pouquinho de nojo.

Riae soltou um suspiro pesado. Pelo menos Cecile estava confessando tudo como aconteceu; caso contrário, aquele interrogatório não serviria para nada.

— E o *manager* Park, o que aconteceu com ele?

— Hum... Acho que morreu.

— Como assim “acha”? Encomendou a morte dele?

— Claro que não. Se uma pessoa cai inconsciente no mar, normalmente morre, não?

Como é que alguém pode falar uma coisa dessas? Riae ficou sem palavras ao ouvir Cecile dizer aquilo com inocência estampada nos olhos arregalados.

— A esta hora, ele já deve ter virado picadinho debaixo d’água ou se perdido em meio às ondas. Mas aí eu já não sei.

— Como foi que matou ele? Por quê?

— Aquele homem sempre tratou os outros como mercadorias a serem vendidas. Ignorou o que eu disse e tentou me “vender” também. Devia achar que já passei da validade. Fiquei furiosa, claro. Aí pensei: “Então vou matar mais um, por que não?”. E empurrei ele.

— Onde?

— No mar, ué! Em um lugar onde o pessoal costuma pescar. A gente ia muito lá conversar. Já levei bronca lá também. Mas, naquele dia, o vento estava fortíssimo e não tinha ninguém. Ah, as ondas estavam perfeitas! Talvez porque o mar estivesse mais mexido do que o normal, dava uma sensação de abrir o peito... Só que a água não ficou vermelha, sabe? Imaginei que as ondas iriam ficar vermelhas. Pode ter sido porque o mar é grande demais, né? A quantidade de sangue não era suficiente. Eu queria ver sangue, queria ter visto o sangue virando onda e se agitando...

Quando chegou na descrição do assassinato, a estrutura lógica das frases de Cecile se tornou ainda mais confusa do que antes.

— Em que mar, exatamente?

— No Mar Amarelo. Eu ia sempre lá. O *manager* Park me chamou dizendo que tinha um assunto importante pra tratar. Quer dizer, na verdade, ele me pediu para dar uma passadinha lá. É um lugar onde eu sempre parava a caminho de alguma gravação ou evento fora de Seul. Ele falava que ali não tinha câmeras de segurança... Deve ter escolhido aquele lugar porque planejava dizer alguma coisa que colocasse o dele na reta, né?

Cecile cerrou a mandíbula por um instante, fitando o vazio. Dava para ouvir os dentes rangerem. Ela respirou fundo e voltou a falar:

— Na empresa já vinham insinuando, meio por baixo dos panos, que seria bom se eu conseguisse um “patrocinador”... Mas nunca tinham sido tão diretos como naquele dia. Aí falei pro Park Sangjin: “Tá bom, eu faço”. E acrescentei: “Não estou me sentindo bem... Acho que só preciso de um pouco de ar fresco”. Sugeri que a gente fosse até aquele lugar na costa. E depois? Acertei-o com um taco de beisebol enorme que estava no porta-malas e afundei ele junto. Aí, sim... Era disso que eu precisava! — Cecile deu um sorriso tranquilo e assentiu várias vezes. Em seguida, começou a baixar os dedos da mão esquerda, a que não estava enfaixada, um após o outro. — Falta um.

Falta um o quê?, Riaie ia perguntar, mas percebeu que quatro dos cinco dedos já estavam dobrados. Kyung Kona, o ex-CEO, Kwon Mijin, Park Sangjin...

— Então o funeral que você foi no dia da morte do Kona era...

— Isso! Acertou! Foi bem antes disso, na verdade. Achei que um dia teria que queimar aquela casa pra apagar as provas... Mas, meses depois, ela acabou pegando fogo sozinha. Quem diria? — Cecile se levantou de um salto e começou a gritar, exaltada: — Por que todo mundo tenta arruinar o que eu construí?! Sentem prazer, é? Nem tudo na minha vida sai do jeito que eu quero, e daí? Tem que ficar expondo? Não podiam só me deixar em paz? Com aquele lá era a

mesma coisa! Passou um tempão pedindo dinheiro, insistindo sem parar. E acha que ele pedia com educação, pelo menos? Não, só escolhia palavras pra irritar, vivia ameaçando os meus pais, que sempre se mataram de trabalhar. Chegou um dia em que não me aguentei. Apareceu com aquele sorrisinho falando que tinha marcado de se encontrar com uma repórter... Não aguentei. Se, para ele, eu não era uma pessoa, eu também não precisava enxergá-lo como uma. Aí eu fui lá e esganei ele. Mesmo caindo de bêbado, ainda se debateu bastante, acredita? Acertei a orelha dele com o cinzeiro. E depois voltei para o pescoço... — A tensão era visível nos olhos e na mão de Cecile.

Até que, de repente, ela se acalmou, como se alguma coisa lhe viesse à memória e, devagar, deixou o corpo cair de volta na cadeira.

— É isso. Obrigada por me ouvir.

Riae a observou em silêncio. Presa em um cabo de guerra entre Cecile e Yeon Cecile, acabou não se tornando nenhuma das duas e se destruiu no processo. De onde surgira “aquela pessoa”, capaz de recontar crimes horríveis com tamanha naturalidade? Mas, alheia aos pensamentos de Riae, Cecile apenas lhe mostrava um sorrisinho.

— Você encontra gente que fala besteira em qualquer lugar. É só deixar eles falarem. Isso não muda o fato de que você é a *top idol* Cecile. Não importa o que digam, isso não te define. Não precisava ter matado por causa disso.

— É mesmo? Pois eu acho que define, sim. Achei que isso poderia me destruir. Eu me deixo levar pelo que os outros dizem. Só estava tentando me proteger... Mas aí tudo o que mostrei para as pessoas até agora vira mentira, né? E o que elas vão pensar? É óbvio. Nem todo mundo é como você, *unnie*. No meu mundo, sempre foi assim: todos veem o que querem, então eu tenho que me moldar e, no fim, acabo sendo definida pelo que elas dizem. — Pela primeira vez, Cecile deixou transparecer um ar abatido. Mas logo controlou a expressão. — *Unnie*, tudo bem se eu usar o celular um minutinho? Com as mãos algemadas mesmo, não tem problema.

— Pra quê?

— Nada de mais, prometo. Tenho uma coisa especial só pra você. Eu, Yeon Cecile, tenho provas a apresentar!

Reparando na expressão inocente dela, tão contrária à situação, Riae hesitou por um momento e lançou um olhar em direção ao vidro de observação. Pouco depois, Kyeongwon entrou trazendo o celular. Com movimentos desajeitados, Cecile deu vários toques rápidos na tela, depois devolveu o aparelho a ele. No mesmo instante, o celular de Riae vibrou notificando o recebimento de um novo

e-mail.

— Você decorou? — perguntou, boquiaberta.

— O seu e-mail? Aham. Você me deu seu cartão, lembra? Memorizei na hora. Sei até o número do seu celular de cor. Tenho a cabeça boa, né?

Sem responder, Riae apenas semicerrou os olhos. Cecile inclinou o corpo em direção a ela e, em voz baixa, quase em um sussurro, disse:

— *Unnie*, olhe primeiro e decida, tá? Por isso estou mandando pra você. Faça do jeito que achar melhor.

— Está achando que, só porque a gente se conhece e você entregou as provas de bom grado, eu vou te proteger?

Cecile deu um sorriso discreto e fez que não. Seu rosto estava lícido, como se estivesse em pleno juízo.

— Não importa qual desculpa eu dê, não dá pra dizer que o que fiz foi certo.

— Se já sabia disso, por que fez, então?

— Porque eu não conseguia parar. Ninguém conseguia me parar.

Até as coisas mais horripilantes, quando ditas na voz de Cecile, soavam doces. Tudo aquilo parecia saído de uma série ou um videoclipe — a sensação de irreabilidade pairava ao seu redor.

Será que tinha perdido as esperanças, achando que estava tudo acabado? Ou será que, depois de todo o trabalho que tiveram para capturá-la, o fato de ter confessado os crimes de imediato, sem tentar inventar desculpas, fez com que tudo fosse quase anticlimático? Riae chegou a cogitar se, na verdade, Cecile nem sequer tentara fugir; ninguém é que conseguira alcançá-la.

— Então... Como se sente?

— Destruída. Sei muito bem o que vai acontecer comigo agora. Mesmo assim... — respondeu Cecile, com um sorriso triste. — É um alívio. Até agora, a sensação era de que eu vinha dirigindo um carro em alta velocidade, com o para-brisa e o retrovisor quebrados e sem espelhos laterais.

— Desde quando vinha planejando isso?

— Planejando? Não sei... Desde quando eu queria matar... sei lá. Não lembro em que momento fiquei assim. Tenho certeza de que tinha um motivo no começo, mas, no meio do caminho, sinto que tudo foi tomado pela minha vontade de matar. É mesmo... Quando foi que comecei a planejar tudo isso...?

As duas ficaram um tempo se encarando, em silêncio. Mesmo que não houvesse qualquer sinal de súplica nos olhos de Cecile, Riae pôde sentir o peso de uma emoção densa: confusão, vazio.

— Qual você acha que foi a gota d'água? O que fez você ficar assim?

— Não sei. Eu quebrei em algum momento. As pessoas me quebraram. Achavam natural me quebrar, então não era surpresa nenhuma que eu acabasse assim. Disso eu tenho certeza. Mas ferir e assassinar os outros não é certo. No início, foram os outros que me quebraram. Mas, no final, era eu quem estava me quebrando. Eu sei disso. Nada justifica o que fiz. Mas quer apostar que alguém vai inventar um grande motivo pra colar por cima e tentar me remendar? Vão transformar isso em algo que eu “tinha que fazer”. Isso me dá nojo. Se realmente se importassem comigo, não fariam esse tipo de coisa. Mas é o que vão fazer. Sempre foi assim... Você sabe como é essa sensação, não sabe, *unnie*? Quer dizer, você não ficou como eu... Deve ser justamente por isso que agora está aí, sentada na minha frente.

Por um instante, Riaie esqueceu qual era o próprio papel e ficou encarando Cecile como quem se olha no espelho. Então voltou a si: não cabia a ela responder àquela pergunta.

Recobrou o foco e desbloqueou o celular para conferir o e-mail que Cecile acabara de enviar. Foi quando a porta da sala de interrogatório se abriu. Era o inspetor-chefe Jung.

— Venha.

Por quê? Riaie o olhou com a interrogação evidente no rosto, mas ele permaneceu imóvel à porta. Não havia muito o que fazer.

— Faça uma pausa e retome depois.

Quando estava prestes a sair, a voz de Cecile fez Riaie se virar de volta:

— *Unnie*, tudo o que te contei é verdade. Desde o motivo dos assassinatos até o significado do meu nome.

— Eu sei. Mas por quê?

A expressão no rosto de Cecile era peculiar, como se estivesse sentindo um cheiro de água parada.

— Porque eu queria, pelo menos pra mim mesma, continuar sendo eu. Talvez, se eu tivesse conseguido isso, as coisas não tivessem descarrilhado em algum momento.

O que isso quer dizer? O que ela quis dizer com isso? Riaie a fitou por alguns segundos, tentando encontrar alguma explicação, mas não conseguiu resposta alguma. Saiu sem dizer nada. Voltaria com a cabeça mais fria e perguntaria de novo.

Riae e Kyeongwon tiraram um café da máquina e beberam em silêncio. Mesmo sem precisar traçar uma estratégia de abordagem, já que Cecile havia confessado tudo, de algum modo os dois sentiam-se mais esgotados do que

de costume. Depois de chamá-los no meio do interrogatório, o inspetor-chefe Jung falava ao telefone em um lugar afastado.

Nesse momento, um oficial da equipe primária se aproximou.

— Quanto tempo falta?

— Quase nada.

— Hã? Então não vão fazer o teste do polígrafo?

Kyeongwon, incrédulo, estava prestes a responder quando uma voz cortou o ar:

— Sério... O que deu em vocês? — Era Jung. — Ela não foi pega fugindo, foi presa em flagrante. Se foi pega apunhalando alguém, pra que o polígrafo?

— Mas mandaram fazer.

— Quem? Quem foi que mandou?

— O delegado Jo.

A expressão do inspetor-chefe Jung, até ali tomada pelo tédio, se fechou de imediato à menção do delegado Jo. Era inevitável. Não era possível que alguém com patente de delegado ignorasse algo tão básico e tivesse ordenado aquilo por desconhecimento. Riae também sabia disso.

Foi então que aconteceu.

— A Cecile sumiu! — gritou o recruta da equipe terciária, correndo apreensivo na direção dos três.

Aquela única frase teve um impacto tão grande que os fez esquecer a conversa de segundos antes.

Mas, quando chegaram à sala de interrogatórios, Cecile estava parada à porta, quieta. Ao lado dela, o instrutor do recruta murmurou, meio sem graça:

— Ela só foi ao banheiro.

— Quer dizer que ela saiu andando por aí sozinha? Não tinha ninguém aqui? Vocês perderam o juízo? — O inspetor-chefe Jung não disfarçou o tom de voz cortante.

Cecile baixou a cabeça, os cantos da boca ligeiramente erguidos. Depois de colocá-la para dentro da sala, Riae estava prestes a ir atrás quando ouviu passos.

— Espere. — Era a voz do delegado Jo. — Eu mesmo faço.

Todos ficaram paralisados. Pela atitude dele, a impressão era de que traria ao menos algum perfilador consigo, porém estava desacompanhado. O que o delegado quis dizer era que ele próprio conduziria o interrogatório. Por que, justo agora, insistia em fazer aquilo pessoalmente? Enquanto tentava adivinhar o motivo, Riae sentiu o sangue gelar.

— Não posso concordar com isso. O que o senhor pensa que está fazendo,

aparecendo assim, do nada? — confrontou o inspetor-chefe Jung.

O delegado Jo se deslocou para a sala ao lado do interrogatório e fez um gesto chamando-o para entrar. Jung o seguiu, com ares de quem estava decidido a confrontá-lo, porém, instantes depois, voltou com o rosto tenso. Em seguida, o delegado Jo saiu, abriu a porta da sala de interrogatório e entrou sem mais palavras. Kyeongwon e Riae viraram-se ao mesmo tempo para o inspetor-chefe.

— Vamos seguir conforme as ordens do delegado — disse ele.

Riae sentiu o corpo fraquejar. A ponta dos dedos formigava.

— Isso não está certo! — protestou Kyeongwon. — O que foi que ele disse para convencer o senhor?

— Tenho que te dar satisfação agora? Manda quem pode, obedece quem tem juízo.

— Mas tem coisa que dá para aceitar e coisa que não dá...

— Até onde você vai querer se meter, moleque? Faça o que eu mandei e pronto! — O chefe Jung, que raramente levantava a voz, explodiu de uma vez.

Kyeongwon arregalou os olhos, surpreso, mas logo baixou a cabeça, respondendo apenas:

— Sim, senhor.

Riae também ficou espantada, embora não houvesse demonstrado.

Nesse momento, ouviu-se o barulho da televisão. Da direção onde se instalava a equipe primária, junto ao corredor, ecoava a voz do delegado Jo. Riae foi atrás do som, como que hipnotizada.

— *Pedimos as mais sinceras desculpas pela preocupação causada à população em decorrência do prolongamento da investigação. No momento, Cecile está sendo interrogada; forneceremos mais detalhes posteriormente.*

— *O surto violento de Cecile resultou em três vítimas. Não dava para terem-na detido antes?*

— *Surgiram rumores de que, recentemente, a polícia conduziu uma operação para prender outra pessoa apontada como suspeita. Essa informação é verdadeira?*

Em frente à delegacia, dentro do enquadramento trêmulo de uma câmera que parecia tê-lo abordado de surpresa, estava o delegado Jo. Era uma entrevista à qual ele nem precisava se submeter. Ainda assim, havia parado para responder às perguntas urgentes dos jornalistas. Ao que parecia, fora gravada minutos antes de ele entrar na sala de interrogatório.

— *Muitas histórias andam circulando, mas agradecemos se puderem se ater aos pronunciamentos oficiais, por favor. Sim, de fato houve um equívoco. A culpa é majoritariamente minha por ter falhado em oferecer um treinamento adequado*

aos meus subordinados. Diante de um crime de brutalidade sem precedentes, houve uma certa confusão. Contudo, a autora desses crimes hediondos foi detida. Por favor, lembrem-se de que, aconteça o que acontecer, nós jamais desistiremos e seguiremos até o fim.

Após discursar com suavidade e eloquência, o delegado Jo assentiu, então exibiu um sorriso e virou-se para ir embora.

— E quem foi que causou a confusão, hein? — comentou alguém, estalando a língua. — Ele dá a ordem, depois joga a culpa na gente e fica por isso mesmo?

— Nossa, nunca pensei que o delegado Jo fosse capaz de dar uma facada dessas pelas costas. Imaginem o discursinho comovente que ele vai fazer na coletiva apresentando o resultado das investigações... Ai, o que foi?

Alguém deu uma cotovelada nas costelas de quem havia falado. O colega já se preparava para reclamar quando avistou Riae, então soltou um arquejo e engoliu o resto das palavras. Ela fingiu não perceber e manteve os olhos fixos na tela. Até o detetive Kang, que nunca a suportou, a observava com cautela. Ser alvo de pena até de pessoas que não gostavam dela só fazia com que se sentisse ainda mais miserável.

Kyeongwon, que viera atrás de Riae sem que percebesse, falou em voz baixa:

— Sinto muito, *sunbae*.

— Pelo que você...?

Pelo que você está se desculpando? Você não fez nada de errado, era o que deveria ter dito, mas a voz não saía. Aquele simples “sinto muito” fez seu peito se agitar de um jeito estranho. Talvez porque, no fundo, ela quisesse receber um pedido de desculpas, mesmo que não de Kyeongwon. Sentindo os olhos arderem, Riae foi para o banheiro, depressa.

Assim que entrou na cabine, as lágrimas começaram a rolar. Levou a mão à boca para impedir que o som dos soluços escapasse. Ela já sabia, por experiência própria, que era impossível dividir milimetricamente os méritos como “isto foi uma conquista minha, aquilo foi um feito seu” quando se trabalhava em equipe. Mas tomar todos os créditos daquela forma já era outra história. Se fosse qualquer outra pessoa, tudo bem, mas logo o delegado Jo?!

A prisão de Yeon Cecile parecia algo distante. Tudo o que ocupava sua mente era a traição do delegado. Porém, como sempre fazia, Riae se recompôs dando um passo para trás, tentando se ver de fora, como um observador externo. Após enxugar as lágrimas, repassou rapidamente todos os acontecimentos desde o assassinato de Kyung Kona até o momento. E, com isso, algumas coisas ficaram mais claras.

Fora usada desde o início. Era tão óbvio; como não percebeu antes? Riae cerrou os dentes com força, tentando engolir os sentimentos não identificados que irromperam de uma vez, mas não adiantou.

Apertava os olhos com força, tendo conseguido, enfim, conter o choro, quando alguém lhe estendeu um lenço pela divisória. Pelo visto, dava para escutá-la do lado de fora.

— Ficou maluco? Por que você entrou aqui? Já vou sair. Estou bem.

Não queria que a vissem chorando. Aos resmungos de Riae, o lenço oscilou no ar por um instante, como que hesitante, antes de ir ao chão. Os passos foram se distanciando aos poucos. Em um dos cantos do lenço branco, simples, havia o rosto de um ursinho bordado.

— É pra usar ou não esse troço que você largou no chão? Que nojo — queixou-se Riae ao voltar do banheiro, devolvendo o lenço para Kyeongwon.

Ele a fitou, com cara de quem viu um fantasma.

— Não fui eu quem te deu isso.



Na sala de interrogatório, quem estava sentado era o delegado Jo. Cecile exibia um comportamento totalmente diferente de quando falara com Riae pouco antes. A qualquer pergunta envolvendo álibi, ela apenas respondia com “sim”, “não” ou “não sei”. Tanto fazia; Riae já não sentia a menor vontade de se aprofundar em um caso em que sua opinião não valia de nada. Permaneceu lá por mera formalidade, sem prestar muita atenção.

O semblante do inspetor-chefe Jung continuava tenso. Riae quase riu... de escárnio. *Graças a você, fizemos todo o trabalho sujo para, no fim, os outros receberem o reconhecimento.* Percebeu que tinha forçado tanto a mandíbula que podia sentir a carne do interior das bochechas comprimida entre os dentes.

O delegado espalhou várias fotos das cenas dos crimes e questionou a motivação para os assassinatos — coisas que Riae já tinha ouvido. Bastava confirmar mais alguns detalhes e dar o caso por encerrado; qual era o sentido de insistir naquilo?

A confusão durou pouco. Ao ouvir a sequência de perguntas do delegado, ela intuiu o verdadeiro objetivo daquilo. Jo conduzia o depoimento de Cecile na direção mais sensacionalista possível. E, para piorar, ainda tratava a conjectura forçada de que ela teria tentado fugir do país como um fato consumado. Mesmo escutando com os próprios ouvidos, Riae não conseguia acreditar. Nunca

imaginara que o delegado Jo fosse capaz de apelar para um teatrinho daqueles.

Cecile continuava a dar respostas monossilábicas, às vezes balançando a cabeça em negativa, às vezes soltando um risinho, o que apenas servia para irritar Jo.

— Está rindo, é? Sabe quantos anos de cadeia te esperam? Então, é melhor começar a cooperar.

— Falando nisso... — Pela primeira vez, Cecile começou a formular uma resposta completa desde que esteve cara a cara com o delegado. — Na Coreia do Sul, as penas não são cumulativas, né? Só vale a sentença mais alta, pelo que ouvi dizer.

Algo na voz dela soara fora do tom, mas Riae limitou-se a ouvir em silêncio. Já havia entregado os pontos; agora deixaria rolar sem mais contestações.

— Estou perguntando porque não sei muito bem, mas... — começou Kyeongwon — ...um monte de gente entra ali disposto a confessar tudo, seja verdade ou não, e depois acaba voltando atrás. Porém... vocês não acham que essa postura dela está *bem* diferente da que vimos antes?

À pergunta de Kyeongwon, o inspetor-chefe Jung virou o rosto para encará-lo.

— Estou perguntando mesmo sabendo a resposta, mas, de fato... Ela não está bem diferente de antes?

Ao ouvir aquilo, Riae encostou o rosto no vidro e observou Cecile com atenção. Um segundo depois, se afastou em um pulo, espantada.

Aquela definitivamente não era Cecile.

Quase ao mesmo tempo, o delegado Jo, que havia se inclinado para mais perto de Cecile, levantou-se de um salto. A sócia sentada no lugar da criminosa, a pseudo-Cecile, sorriu de soslaio. Só então Kyeongwon reconheceu *PuddingTaste*⁹⁶, ficando sem ar.

Sem o autocontrole habitual, Jo saiu da sala despejando palavrões. Os berros de “Mas que porra vocês estão fazendo?!” chegaram até Riae, seguidos pelo barulho de passos afobados.

— É bom a gente se apressar também — disse o inspetor-chefe, em um tom de voz tranquilo, apesar da urgência das palavras.

— Não me diga que... desde aquela hora o senhor...?

Os olhos de Kyeongwon vacilaram ao encarar o chefe. Riae não disse uma palavra; também estava abalada.

— É por isso que vocês têm que ouvir o que eu digo, seus idiotas. Estavam doidos pra levar a culpa no lugar dos outros, é?

— Como foi que...? — Riae, já com a pergunta na ponta da língua, calou-se no mesmo instante.

As imagens lhe voltaram à mente: a mão estendendo o lenço no banheiro, Cecile parada à porta da sala de interrogatório quando supostamente havia desaparecido — tudo fazia sentido. Não sabia quem havia feito aquilo, mas alguém trocara Cecile por outra pessoa naquele intervalo.

Mas, ao mesmo tempo, não fazia sentido: quem é que teria feito algo assim? Seria obra da pessoa dentro daquela delegacia que supostamente tinha “ligações suspeitas com a indústria do entretenimento”? Que tipo de pessoa lucraria o bastante para ousar uma manobra dessas, mesmo tendo que assumir o peso das consequências caso algo desse errado? O delegado Jo...? Nada naquela situação parecia beneficiá-lo...

Riae continuava cheia de interrogações. Quem quer que estivesse por trás disso, que motivo teria? Havia alguma razão para que Cecile não pudesse ser presa pela polícia? Algum motivo oculto? Ou tudo se resumia ao valor dela como mercadoria...? E quanto ao inspetor-chefe Jung: por quê? Por que, mesmo sabendo de tudo, escolhera deixar a culpada escapar em vez de cumprir seu dever de prendê-la? Seria possível que fosse só para proteger a *Shin Riae*?!

Perdida em meio àquele redemoinho, Riae sentiu um aperto leve, mas firme, no ombro. Era a mão do inspetor-chefe Jung.

— Guarde os pensamentos pra depois. Vamos!

Assim que entraram no carro, o oficial que verificava as câmeras de segurança informou, via rádio, a placa e o paradeiro do táxi que a verdadeira Cecile pegara ao sair furtivamente pelos fundos. Múltiplas viaturas arrancaram ao mesmo tempo, as sirenes fazendo estardalhaço.

Pensar no tipo de escolha que criminosos encurralados costumavam fazer deixou Riae inquieta. Com o coração na mão e o rádio na outra, transmitia e recebia mensagens enquanto procurava o táxi.

— *Veículo com a suspeita localizado!*

A voz urgente no rádio fez Kyeongwon girar o volante com agilidade, seguindo as instruções que vinham do outro lado. O táxi já estava parado, rodeado por viaturas estacionadas de qualquer jeito. O taxista, do lado de fora do veículo, apontava para algum lugar como se quisesse informar os policiais que o cercavam. Estavam em um parque enorme — o mesmo onde Laika dissera ter ido procurar Cecile. Riae desceu do carro às pressas e correu em disparada em direção ao parque.

Não demorou muito até que avistassem a silhueta de Cecile ao longe. Apesar

dos inúmeros gritos, ela continuava correndo. Era óbvio que seria alcançada a qualquer momento, mas seguia em frente — em um dia frio, vestindo apenas um cardigã fino.

— Cecile!

A voz de Riae fez Cecile virar o rosto e lançar um olhar rápido em sua direção, mas os passos não cessaram. Aos poucos, todos se aproximavam, fechando o cerco.

De repente, Cecile parou bem no meio do parque.

— Mãos ao alto! — gritaram os policiais.

Ela permaneceu imóvel. Com o mesmo olhar que contemplaria a plateia lotada em um de seus shows, deixou os olhos passearem por cada um deles.

Seu olhar errante então pousou em Riae e nela se deteve. Cecile ergueu ligeiramente os cantos da boca. Ao mesmo tempo, enfiou a mão esquerda por dentro de seu cardigã. Riae sabia. Sabia o que Cecile estava prestes a fazer — e também o mal-entendido que aquela escolha provocaria.

— Não!

Mas antes que pudesse formar uma frase completa, o som de um disparo atravessou o ar. A sequência pareceu se desenrolar em câmera lenta: Cecile, o movimento interrompido, sendo lançada para trás; a pequena flor escarlate desabrochando no peito; o corpo débil tombando no chão. E, junto com Cecile, Riae também desabou, perdendo a consciência.

Querida Kitty

1212

Por que a água acaba se dispersando para todo lado? Para onde vai quando deixa seu lugar de origem? Tenho a impressão de que o sangue é menos solitário do que a água. Pelo menos ele deixa rastros. Não fica sumindo e reaparecendo, causando apenas confusão.

Por que só eu fiquei aqui, sem companhia nessa escuridão? O mundo ainda está cheio de coisas que não consigo entender, Kitty.

Assim como qualquer pessoa, eu também queria dar amor com facilidade e recebê-lo na mesma medida. Queria me sentir à vontade. Queria ser como os outros que parecem já nascer sabendo. Saber como dar e receber carinho, como ter uma conversa normal, que tipo de comportamento é aceitável... essas coisas. Trocar sentimentos sinceros. Eu queria poder dividir com as outras pessoas as histórias que confidencio a você. Não apenas superficialmente, mas ter alguém com quem pudesse me conectar de verdade, que me entendesse de coração. Queria ser alguém capaz disso.

Mas... isso tudo são coisas ensinadas. E eu nunca aprendi. Você sabe bem, Kitty. E não é por burrice. Então, por que ainda não sei fazer essas coisas direito? Por que ninguém nunca tentou me ensinar? Por que todos só me olhavam com pena, balançando a cabeça enquanto estalavam a língua, e depois viravam o rosto e passavam por mim como se não tivessem me visto?

Agora já não adianta e nem faz sentido falar em “e se”, mas... E se... E se as pessoas que deveriam me proteger tivessem feito seu papel, e se eu tivesse sido respeitada como um indivíduo, e se tivessem me permitido ter um coração intacto...? Ainda que as mesmas tempestades me atingissem, será que eu não conseguiria superá-las tirando forças dessas lembranças? Mesmo que o meu rosto se refletisse na superfície da água agitada pelo vento, será que eu não teria forças para reconhecer quem eu sou, sem que minha imagem se dispersasse...?

A sombra do fascínio

Estava calmo demais. Deitada na cama, de olhos abertos, Riae demorou alguns segundos para entender onde estava. Havia algo de errado naquele silêncio todo; deveria estar ouvindo passos correndo de maneira coordenada, o burburinho confuso de pessoas que não sabiam o que estava acontecendo... Conforme tentava recuperar as lembranças dos acontecimentos mais recentes, recordou-se do tiro e se sentou em um pulo.

Com o movimento brusco, Kyeongwon, que cochilava sentado ao lado da cama com o rosto apoiado no colchão, despertou assustado. Quando seus olhos se encontraram, Riae abriu e fechou a boca, mas nenhum som saiu.

Kyeongwon, como se tivesse entendido a pergunta implícita, balançou a cabeça em negativa. Enquanto ele ajustava a inclinação do leito, Riae tentou, atordoada, reconstruir o que acontecera depois do som do disparo. Mas não havia nada. Nenhuma lembrança. Kyeongwon pousou de leve a mão no ombro dela e a empurrou gentilmente para trás, fazendo-a se recostar.

— Por enquanto, vamos com calma, está bem? A menos que queira morrer de exaustão. A situação já se resolveu, então ninguém precisa ter pressa.

Riae passou os olhos pelo quarto de hospital, tomado por tons de branco, cinza e bege, enquanto processava as palavras dele.

— Como assim “se resolveu”?

Kyeongwon pareceu escolher as palavras por um instante, mas desistiu e franziu a testa.

— Yeon Cecile... morreu na hora.

Ela já imaginava que fosse o caso. Mesmo tendo visto onde a bala a atingira, ainda tinha esperança de um desfecho melhor. Inundada por uma sensação de perda e vazio, não conseguiu responder por um tempo. Quando conseguiu organizar minimamente os pensamentos, a pergunta saiu no seu tom gélido habitual:

— Quem foi o imbecil que atirou para matar?

— Um dos caras da equipe primária. Já rolava um boato de que ele tinha entrado por indicação... e não é à toa. Dizem que a pontaria dele era tão ruim que ninguém entende como conseguiu passar na prova. Só o fato de ter mirado nas pernas e acertado no torso já diz tudo. Sem falar na incompetência de deixar a arma destravada daquele jeito... Soa ridículo para a gente, mas parece que ele vivia fazendo esse tipo de coisa, e o pessoal que trabalhava com ele já esperava que uma hora fosse dar merda. É a Lei de Murphy, né... Mas, enfim.

— E aí?

— E aí? O mundo veio abaixo, é claro. Se uma pessoa comum morresse nessas circunstâncias, já seria um rebuliço; imagine no caso da Cecile. Agora só se fala disso. Não param de discutir o que aconteceu, se não deveriam ter usado bala de borracha, de quem foi a culpa... Com esse falatório, nem o alto escalão conseguiu varrer o caso pra debaixo do tapete.

— Então alguém teve que pagar o pato?

— É claro. Primeiro tentaram jogar o próprio atirador na fogueira, mas começaram a dizer que estavam tentando fazer o povo de idiota. Chegaram até a especular se não encenaram uma fuga só pra matá-la. Aí, claro, colocaram o nome do delegado Jo na roda, já que ele até deu entrevista e era quem estava no comando.

Enquanto ela estivera inconsciente, um verdadeiro furacão havia passado. Riae estava tão confusa que nem sabia que emoção deveria estar sentindo.

— Pensando agora, *sunbae*, ter deixado que o delegado Jo ficasse com todo o crédito naquela hora foi um truque de mestre. O chefe Jung já devia ter sacado tudo antes da gente. — Kyeongwon passou a mão pelo cabelo com força. — Ah, e eu nem fazia ideia, fui lá e fiquei discutindo à toa. Droga... E agora, o que eu faço?

Um ruído pesado, como o de uma maca sendo empurrada, ecoou vagamente do lado de fora do quarto. Aos poucos, a sensação de torpor estava indo embora.

— Antes disso, como foi que a pseudo-Cecile entrou na sala de interrogatório?

— Ah, sobre isso... A coisa é mais complicada do que parece — respondeu

Kyeongwon, acomodando-se no peitoril da janela. Já não havia nenhum traço do ar brincalhão no rosto dele — Lembra que Cecile foi ao banheiro rapidinho? Deve ter sido lá que fizeram a troca. E, de algum jeito, essa informação vazou, o que só deixou o escândalo ainda pior.

Era o que Riae imaginara.

— Aí aquela tal de “PuddingTaste” entrou vestindo exatamente a mesma roupa? Como ela sabia?

— Esse é o problema. Não dá pra provar, mas a gente suspeita. Lembra como a equipe secundária tentou prender a Yoon Malgeum sem razão? Acho que uma ou duas pessoas ali estão envolvidas nisso. No dia do interrogatório da Yeon Cecile, tinha gente demais circulando pela delegacia sem necessidade. E já corriam uns boatos esquisitos de que pessoas ligadas às agências de entretenimento faziam de tudo para acobertá-las.

Agora que Kyeongwon mencionara, Riae se lembrava de já ter ouvido algo assim. Mas nunca dera muita atenção a política interna ou fofocas; só deixava entrar por um ouvido e sair pelo outro... Em retrospecto, estava claro como Hyeonjo soubera da prisão de Yoon Malgeum.

— Na verdade, tinham alguns boatos sobre o delegado Jo também... — Kyeongwon deixou a frase no ar, em vez de admitir que só não contara antes por se tratar do próprio Jo.

— Já estou sabendo. A Juyeon comentou comigo.

— Como sempre, a doutorazinha sabe de tudo. O engraçado é que, pelo jeito, isso não foi combinado com o delegado. Na verdade, eles mal sabiam da existência um do outro e agiram cada um na sua, mas calhou de terem um objetivo em comum no incidente envolvendo a Yoon Malgeum. E aí tudo desandou de vez.

— E o delegado Jo? — Riae se esforçou ao máximo para não deixar a emoção transparecer na voz.

— O que alguém inteligente como ele faz pra ganhar tempo quando se vê num beco sem saída? A essa altura é meio óbvio, não acha? Virou paciente de mentirinha, isso sim.

Sem ter o que responder, Riae desviou o olhar — e foi então que notou uma cesta de flores.

— O que é aquilo?

— Ah, aquilo ali? Disseram que foi uma antiga conhecida sua que mandou.

— E como ela sabia que eu estava aqui?

— Ué, você mesma não disse que ela é cheia de truques? Deve ter ligado pra

delegacia ou dado um jeito de descobrir.

— E se eu fosse alérgica? Como você sai colocando coisas no quarto dos outros sem permissão?

— Disseram que você não é alérgica. E que gosta de flores em tons avermelhados, tipo as cores do pôr do sol. Confere?

Na cesta, flores de um laranja que lembrava o céu ao entardecer e de um cor-de-rosa como o da casca de um pêssego maduro harmonizavam com o verde da folhagem.

— Eu não ia conseguir me lembrar de mais nada depois de uns dez anos — comentou Kyeongwon. — Que memória de elefante, hein, Ban Illa? Se lembrar até disso só pra manipular alguém... Quanta dedicação.

Riae, pronta para responder com um “pois é” em tom autodepreciativo, acabou apenas entreabrindo a boca e lançando um olhar torto para Kyeongwon. Querendo ou não, ele não era do tipo que se intimidava com tão pouco.

— Acho que o delegado Jo se preocupava com você, sim, embora isso não faça dele uma boa pessoa necessariamente. Mas você não se sente injustiçada, *sunbae*?

— Pelo quê?

— Por não saber que tipo de pessoa ele é de fato. Se é parecido ou não com o que você imaginava, se queria mesmo te ajudar ou se só tinha más intenções... São perguntas que você nunca vai poder responder. Quer dizer, claro que dá pra viver sem saber essas coisas, né...

Dá, sim.

Mas, em vez de responder isso, Riae se viu com vontade de descobrir. Coisas que até então não tinham importância alguma começaram a incomodar. Se tudo a que ela vinha se apegando até aquele momento fosse apenas fruto da imaginação, não queria mais sofrer por esses equívocos. Sempre que se aproximava de alguém, sentia-se presa à sensação constante de estar prestes a ser apunhalada pelas costas. Agora, queria pôr fim a isso. Finalmente chegara à convicção de que a única pessoa capaz de libertá-la dessa prisão era ela mesma.

Nesse momento, a porta se abriu com um estrondo. Tanto Riae quanto Kyeongwon encolheram os ombros de susto. Quem entrou batendo a porta com força e avançando a passos pesados até o leito foi o inspetor-chefe Jung. Os dois o encararam com uma expressão meio culpada, mas Jung falou no seu tom despreocupado de sempre:

— Park Sangjin foi encontrado.

— No lugar que Cecile tinha falado? — perguntou Riae.

O inspetor-chefe Jung afirmou.

— Co-como é que ele não foi encontrado antes? — perguntou Kyeongwon, desajeitado, chegando até a gaguejar. — Se conseguiram achar agora, é porque não tinha sido levado pelas ondas, né?

— Ele ficou preso no quebra-mar. Uma vez lá, é difícil sair. A estrutura faz o corpo ficar rodando lá embaixo com as ondas, sem conseguir emergir. É por isso que vivem dizendo para não pescar lá. Não sabia?

— Co-como eu ia saber? Não sou da guarda costeira.

— Você sempre tem resposta pra tudo, hein? Minha vontade é de te dar uns...

— Me desculpe, chefe. Por isso e pela outra vez também...

— Tudo bem. — Jung aceitou o pedido de desculpas com a mesma expressão de tédio de quem escolhe o jantar e continuou: — Foram detectados vestígios de uma substância no organismo do Park Sangjin. Zolpidem. É um medicamento bem comum, não é? Pra uma jovem franzina, seria difícil dominar um cara daqueles sozinha, então usou o remédio. Ela provavelmente o fez dirigir até a costa primeiro, depois deve ter colocado a droga em alguma bebida ou comida, conversado um pouco e, quando o efeito bateu, o empurrado. Claro, como não dá pra perguntar aos mortos se foi assim mesmo, é o máximo que podemos inferir. O encerramento do caso foi mais ou menos nesses termos.

Por um instante, o silêncio recaiu sobre o quarto do hospital. Quem o rompeu primeiro foi Ria:

— Desculpe. Eu interpretei mal as suas intenções. E... Obrigada.

O inspetor-chefe soltou um leve suspiro.

— Bom, fiquei chateado, mas também não foi nenhum absurdo você chegar a essa conclusão. A situação não ajudava.

— Para ser sincera, eu vinha interpretando o senhor mal há muito tempo. Achava que só fingia estar do nosso lado porque estava tramando alguma coisa.

— Essa é a Shin Ria de sempre: até falando de coração, sai tudo frio e direto. Não é à toa que te chamam de “Rainha do Gelo”.

— Acho que agora consigo deixar de distorcer as intenções do senhor, inspetor-chefe. Prometo que não vou mais duvidar do senhor desse jeito. Nunca mais.

— Eita! Por favor, não! Viva com uma dose saudável de ceticismo. Já não falei? Não estou nessa para ter uma carreira curta e chamativa.

— Está falando de ir “devagar e sempre”? O que isso tem a ver com o assunto?

— Pra isso, não basta só não se envolver em esquemas e recusar propina. Também é preciso se dar bem com os colegas de trabalho. A gente tem que enxergar o outro. Se a pessoa fica com uma ideia fixa, acaba se sabotando e sabotando o outro. Quem é que consegue se manter desse jeito? É por isso que eu insisto para a gente cuidar uns dos outros, mas, ao mesmo tempo, também temos que ficar de olho aberto. Só porque eu fui legal e deixei passar desta vez, não venha com esse papo de “pra sempre” ou “nunca mais”. Não vamos levar isso pra esse nível. Entendeu, ô, cabeça-dura?

Riae esboçou um leve sorriso. Não encontrou palavras que pudessem expressar, de uma só vez, concordância e gratidão.

— Você parece bem, então vou indo lá.

— Mas já? — perguntou Kyeongwon.

— Eu vejo sua cara todo dia, que saudade é essa? — respondeu o inspetor-chefe, com displicência, tirando uma grande caixa cheia de *macarons* coloridos de dentro da sacola de compras que trouxera. Após guardar os doces no frigobar, dobrou a sacola várias vezes e a enfiou dentro da lixeira. — Até depois. Descanse mais alguns dias antes de voltar, viu?

— Nem pensar. Devo receber alta ainda hoje e aí já posso pegar serviços de apoio.

Quando Riae tentou se levantar, Jung puxou o ar entredentes, em uma espécie de advertência.

— Olha, às vezes a gente tem que performar um pouquinho, sabia? Não quero entrar na discussão de quem agiu certo ou errado nessa história, mas é bom deixar claro que quem mais se desgastou e mais sofreu foi você. As outras equipes têm que sentir isso na hora de redistribuir o trabalho da próxima vez. Não deve durar muito, já que ninguém aqui morreu... mas se tiverem um pingão de consciência, vão pegar mais leve, não acham?

— Mesmo que dure pouco, dependendo do que a gente disser, dá pra fazer eles andarem na linha, né — disse Kyeongwon, com um sorrisinho maroto, já no seu ritmo habitual.

O chefe Jung estalou a língua e apontou o dedo para ele.

— Mas é um malandrinho mesmo, hein? Esse tipo de coisa você aprende rápido... Bom, fui.

Fingindo indiferença, o inspetor-chefe ergueu a mão em um aceno breve e se retirou. O rosto de Kyeongwon parecia mais relaxado do que antes, mas ainda mais pálido do que o normal.

— Quem é que vai morrer de exaustão mesmo? — alfinetou Riae. — Do jeito

que está, é você quem vai primeiro. Já se olhou no espelho? Sua cara tá péssima.

— Nossa, que jeito bonito de falar com seu parceiro... Tá enjoando de me ver acabado assim o tempo todo?

— Por que você leva tudo pra esse lado?

Kyeongwon voltou a se sentar na cadeira ao lado de Riae.

— Você não tem ninguém da família pra vir aqui cuidar de você, *sunbae*. Pare e pense: quem é o próximo da fila? É claro que seu parceiro tem que ficar.

Sem saber como responder, Riae ficou em silêncio. Mas Kyeongwon não fez alarde. Foi então que ela percebeu, surpresa, que ele já estava acostumado aos seus silêncios constrangidos.

— Não é que eu não queira você aqui. Só... quero ficar sozinha. Preciso de tempo pra organizar os pensamentos.

— A morte da Cecile não foi culpa sua, *sunbae*.

Até quando aquelas palavras cheias de teimosia continuariam saindo da boca dele? Para falar a verdade, Riae tinha um pouco de medo de que esse cuidado insistente um dia chegasse ao fim.

— Eu já não te disse? Você não me conhece, e é por isso que eu não queria me aproximar demais. Tem coisas que pessoas certinhas como você nunca vão entender. O que contei à Cecile sobre o significado do meu nome... era a versão verdadeira. Minha infância foi bem infeliz. Por que será que eu contei a verdade pra ela? Para os outros, sempre inventei alguma coisa na hora.

Kyeongwon tentou esconder o espanto, mas não conseguiu evitar que seus olhos já grandes se arregalassem ainda mais.

— É claro que me senti sobrecarregada com toda a atenção voltada para o caso. Mas, mais do que isso, o que foi difícil de verdade foi não conseguir me distanciar emocionalmente, ficar revivendo lembranças ruins. Por isso, não consegui te mostrar o tipo de sênior que eu deveria ser pra você. Sei que agi de modo contrário ao que sempre enfatizei, então, se você ficou decepcionado, não tenho nem o que dizer. Também é difícil aceitar que tudo tenha acabado assim. Preciso de tempo pra colocar as emoções em ordem. Em vários sentidos.

Riae sempre odiou aquela sensação de vulnerabilidade — como se, tendo finalmente se despedido de toda a sua armadura e baixado a guarda, pudesse ser atingida a qualquer momento pela menor das ameaças.

— Não fiquei decepcionado. Na verdade, achei humano. Quando a gente mergulha em uma investigação, é normal isso acontecer. Ainda mais sendo um caso de homicídio dessa proporção e cheio de pontos sensíveis. — Ele se levantou, tirou uma jaqueta do armário e a vestiu. — Muito bem. Eu queria saber

mais sobre você, *sunbae*, mesmo que sejam coisas ruins. E, veja só: já que você resolveu ser sincera, por algum milagre, vou indo lá. Se precisar, pode me ligar, mesmo de madrugada. Quando começamos a trabalhar juntos, você me chamava sem dó nem piedade, a qualquer hora do dia ou da noite... Então não venha agora pagar de boazinha, fingindo que nunca fez isso, viu?

— Entendido.

Riae respondeu com um leve sorriso e observou Kyeongwon sair do quarto.

Ouvir música, fazer uma refeição. Encarando aquele momento como apenas um dia de folga, Riae foi resolvendo pequenas tarefas até o anoitecer. Assim, conseguiu recuperar o equilíbrio até certo ponto. Só depois de ter certeza de que o coração estava mais calmo é que abriu os arquivos do caso.

Felizmente, enquanto lia o material, nenhuma emoção opressiva chegou a dominá-la. Ainda assim, o rosto de Yeon Cecile voltava o tempo todo à sua mente, dificultando a concentração.

Por fim, Riae deixou os documentos de lado, levantou-se da cama e começou a andar de um lado para o outro perto da janela, relembrando a última expressão de Cecile. Não era a primeira vez que via alguém morrer diante de seus olhos, mas aquela cena ecoava dentro dela de um jeito estranho. Seria porque, para alguém com uma vida tão glamourosa, tinha sido uma expressão solitária demais? O vazio no rosto de Cecile naquele vídeo, assim que ficou sozinha após dizer alguma coisa; o semblante de quando se conheceram; o breve sorriso triste que lhe dirigira pela última vez — essas imagens passavam em *looping* em sua mente, como um filme em câmera lenta. Teve a impressão de que seus próprios olhos, refletidos na tela desligada, carregavam o mesmo brilho que os de Cecile. Enquanto tentava decifrar o que deveria ler naquela expressão, soltou um “Ah!” em voz alta. O e-mail que Cecile enviara ao final do interrogatório! Como fora endereçado apenas a Riae, seu conteúdo ainda não constava no relatório.

Ela sabia muito bem que não havia necessidade de material complementar. Só queria se aproximar de uma resposta, do significado por trás daquele sorriso amargo que Cecile lhe dedicara no fim.

Riae abriu o último e-mail de Cecile às pressas, mas vacilou por um instante, atônita.

E voltou a se perguntar: *Por que ela deixou isso justo pra mim?*

Querida Kitty

1221

Há quanto tempo não falo com você? A última vez que escrevi no diário foi aos dezesseis anos, então já faz... quinze anos! O tempo voa mesmo, né? É difícil acreditar que até as coisas que um dia pensei serem eternas estejam agora presas à palavra “passado”. Naquela época, eu achava que todo o desespero à minha volta duraria para sempre e que você seria a única a quem eu abriria o coração pelo resto da vida.

Tenho me virado bem, na medida do possível. Agora já passei dos trinta, e cresci uns vinte centímetros desde aquela época, então não sou mais “miudinha”. Hoje em dia, ouço bastante gente comentar da minha altura e perguntar o que foi que comi para crescer tanto. Não sei como tive esse estirão, mas deve ser genética. Meu pai e minha mãe eram altos. Meu pai, além de alto, era corpulento... ou seja, dá para imaginar por que nem minha mãe nem eu conseguíamos enfrentá-lo com tanta facilidade, né? Claro, mesmo que ele fosse baixo e magricela, ainda assim teria sido difícil para nós, em meio à tanta violência, sairmos daquela situação.

Tenho uma vida boa, mesmo sem você. Tenho vários colegas com quem me dou bem e pessoas que se importam comigo. Não tenho família, mas, mesmo assim, estou melhor do que imaginávamos lá atrás, não acha? Continuo erguendo muros entre mim e as outras pessoas, é verdade. É um hábito que carrego há tanto tempo que parece impossível largar.

Depois daquilo, nunca mais tive notícias da minha mãe.

Meu pai morreu. Não se assuste tanto; não fui eu que o matei. Ele fez questão de me atormentar até o fim. Não sei como descobriu, mas chegou a aparecer na Academia de Polícia fazendo o maior escarcéu; depois resolveu pedir desculpas do nada e ficou exigindo meu perdão. A impressão foi que, no fundo, ele esperava que eu cumprisse o papel de filha. Dá para acreditar? Na época, achei que fosse só por dinheiro, mas, pensando agora, talvez ele já estivesse para morrer. Sabe quando dizem que a pessoa muda de repente logo antes de a morte

chegar? Parece coisa de alguém frio? Meu colega de trabalho, Kyeongwon, sempre diz isso. E, mesmo assim, vive atrás de mim como se fosse minha sombra. Não faz muito sentido, mas parece um cara interessante, não? Pois é... eu também acho.

Mesmo agora, sendo da polícia, ainda me sinto estranha quando penso no que fiz naquele dia. Se eu voltasse no tempo, mesmo sabendo tudo o que sei hoje... talvez ainda assim o esfaqueasse.

Naquele dia ele chegou bêbado, e, depois de apanhar por um bom tempo, eu só conseguia pensar que não dava mais para viver daquele jeito. Se eu não o tivesse apunhalado, mesmo que fugisse de casa, ele provavelmente teria me rastreado pela Subprefeitura (aliás, hoje nem se usa mais esse nome, agora chamam de Centro Administrativo ou Centro de Assistência e Desenvolvimento Social. Esquisito, né?) e continuaria vindo atrás de mim para arrumar confusão, como fazia na época da faculdade. Ele já tinha feito isso quando eu estava abrigada em um centro de acolhimento. Então teria me arrastado de volta para casa, teríamos algumas semanas de falsa calma, e não demoraria muito para começar a me espancar de novo. E um dia, ele poderia até me matar. Antes disso, eu já teria morrido por dentro. Isso eu não precisava esperar para saber.

Vou confessar só para você: até hoje, quando me lembro do que fiz naquele dia, sinto um certo prazer. Às vezes me pego pensando nos olhos dele, o medo que tinha de mim. Não é irônico que alguém assim tenha se tornado detetive? Mas percebi que não sou só eu; quase todo mundo carrega as próprias contradições. E as pessoas podem mudar. A “eu” daquela época não deve ter desaparecido por completo; provavelmente ainda existe em algum lugar dentro de mim... Só que, em muitos aspectos, acho que ainda sou imatura. Veja: eu não conseguia nem admitir que os outros também têm várias facetas.

Apesar disso, quando percebo que estou gostando de alimentar essas fantasias, encaro o desprezo que sinto por mim mesma como uma espécie de alerta. Então não precisa se preocupar achando que eu vou me degenerar e virar alguém que sente prazer em machucar os outros. Ainda me lembro perfeitamente da ansiedade que senti ao sair correndo depois de enfiar a faca nele; da solidão e do desespero de ter que passar a noite em uma rua deserta sem ter para onde ir; e da sensação nauseante que tive ao deixar, tremendo, a faca na cozinha do abrigo. Não quero sentir aquilo outra vez.

Foi assim que a minha fase de errâncias chegou ao fim. Embora eu ainda tenha passado maus bocados de vez em quando, fosse por ter sobrevivido a uma tempestade colossal ou por estar ocupada demais, acabei não vindo te procurar.

E, por que vim atrás de você, assim de repente? Tenho tantas histórias acumuladas que não vou conseguir contar tudo (porque eu precisaria escrever, né?!), mas queria pelo menos colocar a trama principal em ordem antes de seguir em frente. Provavelmente esse impulso veio por causa de uma garota chamada Cecile, que morreu durante uma perseguição pouco tempo atrás. A personalidade amável dela era bem diferente da minha, mas senti que, em algum ponto, havia algo nela que se parecia comigo. Talvez por isso eu tenha até desmaiado, coisa que nunca tinha acontecido antes! Acho que o choque foi grande. O jeito como ela olhou para mim antes de morrer não sai da minha cabeça. O meu coração pesa quando penso nas escolhas erradas que a dona daquele olhar fez até chegar ali.

Kitty, tem uma história que você não sabe. Hoje, pensando bem, não era nada demais, mas, naquela época, eu estava tão apavorada que nem tive coragem de escrever no diário, então guardei bem no fundo do coração, até eu mesma acabar esquecendo por um tempo. Só fui me lembrar disso esses dias, e queria te contar.

É sobre aquela pessoa.

Todo mundo a admirava e seguia todos os seus passos, mas bastou uma pessoa decidir o contrário que, por causa de um mísero incidente, todos começaram a revelar a inveja e o ódio que vinham escondendo o tempo todo. Naquela época, ela estava passando por uma fase tão sofrida; parecia que ia morrer. Além da escola, tinha a vida de trainee, sempre competindo e sendo avaliada, e parece que ainda tinha que lidar com veteranas marcando território e pegando no pé; não era nada fácil. Eu ficava muito angustiada de ver a Illa, a primeira pessoa a me estender a mão quando ninguém mais o fez e a minha única amiga, passando por tudo aquilo. Mas ela aguentava em silêncio.

Teve uma vez em que passei o dia inteiro sem conseguir falar com ela. Naquela época, ela pensava seriamente em morrer e andava pesquisando métodos de fazer isso. Eu saí correndo feito doida por tudo quanto é canto, procurando-a: o terraço da escola; o complexo de apartamentos que tinha acesso ao terraço; a cafeteria onde serviam os sucos de frutas de que ela mais gostava; o parque silencioso onde quase ninguém ia; o centro movimentado; o caraoquê... Corri com todas as minhas forças. Claro que a intenção era impedir que ela tirasse a própria vida, porém, se não mudasse de ideia, eu estava pronta para morrer com ela. Hoje, parando para refletir, parece extremo demais, mas pense bem: naquela época, ela era tudo o que eu tinha. No meu mundo, a única que se importava comigo. Ela era o meu tudo, um outro eu, alguém que eu admirava... Em outras palavras: a minha ídola. Uma existência absoluta para mim.

Nem me lembro por quanto tempo corri. Só sei que fui encontrá-la em uma passarela. Ela estava lá, em silêncio, olhando fixamente para baixo, para o trânsito na via. Eu me aproximei, andando meio sem jeito até parar ao lado dela. Não sabia o que fazer, presa entre o medo de que ela pulasse caso eu chegasse perto demais e a vontade de correr para chegar logo e ficar lá, ao seu lado.

Mas lá estava ela, com o olhar sereno e os braços apoiados no guarda-corpo, observando as trilhas de luz dos carros que cortavam a avenida. Já era noite e estava escuro; não dava para ver direito, mas parecia que seus olhos estavam irritados de tanto chorar. E, para minha surpresa, Kitty, ela estava cantarolando.

Perguntei que música era aquela, e ela disse que não sabia, que tinha escutado no rádio e que a melodia tinha ficado na cabeça. Perguntei se estava lá porque queria morrer, e ela respondeu que sim. Mas também disse que tinha mudado de ideia, porque o que precisava abandonar não era a própria vida, e sim outra coisa. Falou que não ia mais viver confinada em lugar algum, nem deixar que a própria ansiedade a perseguisse. Não entendi muito bem o que ela queria dizer com isso.

Quando contei que, se ela morresse, eu pretendia morrer junto, Illa balançou a cabeça. Disse que eu não deveria falar uma coisa daquelas. Que, mesmo se ela se agarrasse a mim e implorasse para morrermos juntas, eu deveria afastá-la e ficar longe da beirada para sobreviver sozinha. Na hora, essas palavras só me magoaram.

Illa disse que, embora tenham sido outras pessoas que nos colocaram naquela situação, se ninguém viesse nos salvar, não haveria outra saída a não ser escapar sozinhas. Que precisava mudar a forma como vinha enxergando as coisas. Que não se apoiaria em mais ninguém nem em nenhuma ilusão para sustentar o próprio ego. Que não iria se destruir.

Fiquei aturdida. A garota que parecia pronta para desistir da própria vida falava, de repente, como se estivesse reforçando a vontade de viver. O que me deixou ainda mais confusa foi o que veio em seguida: Illa disse que, mais do que ela, quem precisava se decidir e sair daquela situação era eu — e perguntou se eu estava pronta para isso.

É claro que não consegui responder. Na época, eu não entendia o que ela queria dizer. Tampouco contei isso tudo para você. Estava com medo de que, se escrevesse sobre a vontade que ela tinha de morrer, um dia aquilo acabasse se tornando realidade. Também me assustava a possibilidade de que admitir que eu não tinha compreendido as palavras dela fosse uma confissão de que havia um problema fundamental em nosso vínculo... Talvez lá eu já sentisse, mesmo sem

saber exatamente qual era o nosso problema, que algo não estava certo.

Sabe o que eu pensava dela até antes de me lembrar disso tudo? *Será que ela matou alguém? Será que naquela época também não quis me matar? Por que ela me traiu?* Eu estava interpretando tudo do meu jeito, completamente equivocada.

Pensando melhor, percebi que muitas vezes tive uma visão distorcida dos outros, como se estivesse enxergando através de lentes côncavas e convexas. Julgava com base no que me era familiar, deixava que a emoção viesse logo depois e, então, fabricava justificativas. Talvez eu soubesse disso e só não quisesse admitir. Era assustador olhar para trás e enxergar o emaranhado formado pelas minhas memórias, pelos meus erros e por tudo que perdi por causa deles.

Enquanto ia desvendando o caso da Cecile, me dei conta de uma coisa. Eu achava que, quando meu pai morreu, todo o meu período à deriva tivesse acabado, mas, na verdade, a parte mais importante continuava sem solução. Claro que há diferença entre o que fiz quando era mais jovem e o caso de Cecile, porém o sentimento que nos levou àqueles atos, o ponto onde essas coisas nasceram, era parecido. A diferença estava na direção que tomamos, na sorte que nos acompanhou, nas escolhas que fizemos... em mais nada.

Entende o que quero dizer, Kitty? Não posso fingir que aquele dia — o dia em que o esfaqueei — nunca aconteceu. Mesmo que eu negue para os outros, preciso, pelo menos, continuar encarando o que fiz. Só assim posso afirmar, ao longo da vida, que não vou cometer o mesmo erro de Cecile. Só então poderei recomeçar.

Mesmo que eu não tivesse outra escolha e que esfaqueá-lo fosse inevitável — e, de fato, não tive, pois ninguém me ajudou, e eu era só uma adolescente —, escapar do mundo e dos pensamentos que aquele homem havia distorcido dentro de mim era algo que eu precisava fazer sozinha. A realidade é cruel demais, revolta, exaure. É injusto ter que arcar com algo que nem foi erro meu, mas, ainda assim, é algo que só eu posso fazer. No fim das contas, a responsabilidade é minha. Em vez de inventar desculpas esfarrapadas para o meu eu do passado, que agiu contrário à imagem que eu dizia querer ter, eu deveria ter admitido tudo e aceitado o amargor que iria trazer. Era algo que, mais cedo ou mais tarde, eu teria que fazer; mas insisti em dizer que iria me libertar, enquanto deixava essa questão por resolver e continuava fugindo dela.

E sabe qual é a consequência disso? Como vinha acontecendo comigo até agora, a pessoa acaba perdendo de vista quem é de verdade. Deixa de enxergar os outros como realmente são. Passa a distorcer as ações das pessoas, seguindo os

sinais do próprio coração ansioso. Começa a confundir boa-fé com malícia e malícia com boa-fé. Passa a viver conforme essas interpretações equivocadas. Entrega aos outros o poder de ditar suas emoções. E, no pior dos casos... acaba fazendo escolhas erradas, como a Cecile.

Depois daquele incidente em que Illa se cortou com uma tesoura para escapar da própria crise, eu achei que, lá na passarela, ela estivesse falando em se vingar, mas não era isso. Aquelas palavras se destinavam a mim: eram um apelo para que eu abandonasse o excesso de expectativas, de ilusões e de ideais distorcidos a respeito de mim mesma e dos outros. Ela estava me avisando que não seria tão fácil quanto parecia, que seria um processo doloroso, e que eu teria que sair disso por conta própria.

O fato de eu ter sido exposta à violência e de não ter tido a chance de aprender tantas coisas nunca foi culpa minha; e, sem alternativa, permaneci presa àquela realidade. Mas, depois de um tempo, eu precisava ter dado um passo para trás e encarado tudo com mais clareza. Só agora percebi que, em vez disso, vinha racionalizando, do meu jeito, partes importantes da minha vida. Quando paro para pensar em todas as escolhas que fiz — criando ideais convenientes para mim e atribuindo justificativas a cada uma delas —, sinto até vertigem.

Escolhi essa profissão prometendo a mim mesma que nunca mais seria infeliz e que nunca mais ficaria parada assistindo a alguém caminhar em direção ao abismo da infelicidade. Mas, em algum momento, meu propósito inicial foi ficando turvo, e um novo objetivo estranho acabou se sobrepondo a ele. *Preciso me fortalecer; vou negar e esquecer todas as partes de mim que não se encaixam na imagem que eu admiro; aquilo em que acredito não vai me decepcionar, não pode me decepcionar; qualquer desejo que vá contra minhas convicções é um inimigo tentando me atacar...* Tomada por esses pensamentos, acabei me desviando para outro caminho. Só quando olhei para trás é que entendi.

E enfim percebi: ídolos precisam desaparecer. Seja a imagem ilusória que criei de mim mesma, seja a imagem dos outros vista através de lentes distorcidas — qualquer que tenha sido o ídolo que erigi. Admirar algo e deixar-se motivar por isso é uma coisa; elevá-lo à condição de absoluto é assinar um pacto com a própria ruína.

O fardo que carreguei naquela época vai me acompanhar pelo resto da vida...

Mas, felizmente, consegui me afastar daqueles momentos miseráveis e passei tempo suficiente fugindo; agora, um pouco melhor, posso olhar para trás. Quando revisito o que vivi, não dá para dizer que os outros não tiveram culpa,

mas também não posso passar a vida inteira apenas jogando a culpa neles. Tenho que me levantar. Mesmo que leve tempo, mesmo que eu caia de novo, mesmo que seja xingando o mundo inteiro, vou ficar de pé sozinha.

Um nome é algo pelo que os outros me chamam, mas também é algo que eu mesma pronuncio quando me apresento. Eu tinha me esquecido disso. Mas não quero mais esquecer.

Fique bem, Kitty. Obrigada por tudo.

A morte do idol

Uma luz branca e fria iluminava o rosto de Riae. Tanto o luar que entrava pela janela quanto o brilho da tela do notebook eram de um branco intenso.

ID CXCXLLLLL

PW 12125

Riae permanecia imóvel, apenas encarando aqueles caracteres. Um nome de usuário e uma senha. Bastava digitá-los para descobrir por que Cecile queria que ela fizesse login com sua conta. Contudo, tomada por um medo indefinido, sentia-se paralisada. Lá dentro, havia algo que Cecile queria mostrar a ela e a mais ninguém. Mas não fazia ideia do que poderia ser. Teria registrado o processo dos assassinatos, ou os motivos? Fotos, talvez um diário... O que quer que fosse, Riae tinha certeza de que não poderia ser algo trivial.

Depois de respirar fundo algumas vezes, Riae fez login na nuvem. Havia inúmeras fotos, a maioria *selfies*. Embora o cabelo, a maquiagem e as roupas mudassem a cada clique — sempre chamativos —, nada parecia destoar; ela incorporava tudo como se fosse naturalmente seu. *Essa era mesmo a Cecile*, pensou Riae. Algumas fotos sugeriam ter sido tiradas por um terceiro, talvez algum *staff* ou *manager*, imaginou, enquanto passava pelos arquivos sem dar muita importância. Porém, fotos de Cecile com outra pessoa a fizeram se deter. Pela maneira como se tocavam com carinho — mãos entrelaçadas, ombros colados —, pareciam um casal... ou, no mínimo, algo bem próximo disso.

Ao que tudo indicava, a pasta reunia coisas que Cecile queria guardar, mas não mostrar ao mundo. Riaie chegou a essa conclusão por causa de algumas mídias que, aparentemente, não tinham qualquer relação com romance: fotos em que fitava a lente da câmera com um olhar vazio, sozinha; vídeos em que se gravava chorando; capturas de tela de letras de músicas melancólicas... Imagens tão opostas à sua vida glamourosa que era difícil imaginar que fossem expressões da mesma pessoa.

Quantas fotos mais ela teria visto? Em uma delas, que parecia ter sido tirada por outra pessoa, Cecile sorria com uma ternura que Riaie jamais vira. Não havia como saber quem estava por trás daquele clique; restava apenas supor. A data indicava que fora tirada por volta da época em que Cecile começara a namorar Laika.

No entanto, era só isso. Mais nada.

— Era isso que você queria me mostrar? — murmurou Riaie, quase sem perceber.

Por via das dúvidas, abriu a pasta de apagados. Estava cheia de fotos de Laika. Por que será que quis apagá-las? Se as tivesse excluído muito antes, já teriam sido removidas após o período de retenção. O fato de ainda estarem lá significava que a exclusão fora recente.

Enquanto examinava, um a um, os arquivos deletados, Riaie duvidou dos próprios olhos. Havia uma pasta com o título: *Agenciamento para patrocinadores*. Sentiu náusea antes mesmo de abrir.

O conteúdo da pasta era ainda mais estarrecedor. Havia capturas de tela de conversas entre Cecile e o *manager*, além de registros de diálogos entre ele e outros idols e até mesmo arquivos de áudio com gravações da voz dele. Também estavam salvos nomes de pessoas que supostamente seriam os “patrocinadores” apresentados pelo *manager*, bem como fotos das costas desses indivíduos ou de seus pertences pessoais — tiradas sabe-se lá por quem.

Com a testa franzida, Riaie examinava os arquivos quando, mais uma vez, se viu diante da mesma dúvida: por que Cecile deixara aquilo tudo para ela, e não para outra pessoa? Como parte envolvida no caso, deveria ao menos ter noção de que era um esquema grande demais para que ela pudesse lidar sozinha... não? Já não havia mais ninguém que pudesse lhe dar uma resposta, mas a sensação de vazio e derrota que a tomava parecia, de certo modo, responder por si só.

Em seguida, abriu a caixa de entrada. O remetente do e-mail mais recente era o *manager* Park.

VAMOS CONVERSAR PESSOALMENTE.
EU PASSO AÍ NA SUA CASA.

Aquele e-mail, cujo conteúdo virara título de um evento no calendário, destinava-se a Cecile.

Entre as fotos, havia uma *selfie* de Cecile com o Mar Amarelo ao fundo, onde ele havia morrido. A data marcava o mesmo dia do envio do e-mail, por volta das onze horas. Na água, pétalas despedaçadas flutuavam à deriva. Como levaria cerca de duas horas de Seul até o trecho do litoral indicado por Cecile, ele deve ter partido assim que enviou o e-mail e ido direto para a casa dela. O que ela teria mandado para fazê-lo sair com tanta pressa? Ria e rolou a tela para baixo. Não havia nenhum e-mail endereçado ao *manager*, mas havia um destinado a Hyeonjo, o responsável pelo setor de negócios. O e-mail trazia apenas o assunto “Por favor, cuide disso amanhã mesmo”, sem nada no corpo da mensagem, mas havia um arquivo de imagem anexado. Era a foto de uma carta escrita à mão por Cecile.

Pessoal,

Não sei como começar, nem que palavras usar. Cometi um erro muito grave. Por isso, vou ter que me afastar de vocês. Sinto muito.

Não posso pedir que me perdoem, porque o que fiz não tem perdão. Vocês, que gostavam de mim, podem ficar tristes porque vou ser presa; os que me odiavam talvez se alegrem por não terem mais que me ver; e talvez até haja quem esteja com raiva por se sentir traído — vou aceitar tudo. Eu só queria me despedir. De agora em diante, não devo mais interferir na vida de vocês, nem quero. Só queria ser sincera, pela última vez, com aqueles que realmente se importaram comigo.

Não sei como vocês vão interpretar o que vou dizer, mas... só agora sinto como se estivesse finalmente livre. Isso quer dizer que, durante todo esse tempo, eu via o amor de vocês como uma espécie de prisão? Não. De jeito nenhum. Jamais! Sei melhor do que ninguém o quanto as coisas boas que vocês me deram são valiosas, e o quanto esses sentimentos são inestimáveis, preciosos de um jeito que nunca mais encontrarei em lugar algum. Sei muito bem que recebi de vocês algo que não existia no meu mundo. A minha escolha é uma questão à parte, não tem relação com vocês. O que me deixa verdadeiramente feliz é ter enfim conseguido me

libertar de uma situação em que tudo ao meu redor, tudo o que não tinha a ver comigo, determinava o rumo da minha vida.

Sinto muito por decepcionar vocês. Não espero que me compreendam. Só percebi uma coisa: eu não nasci para agradar os outros.

Por favor, reservem a decepção que causei só para mim. Não percam a esperança nas pessoas, mas também não sejam otimistas demais. Falo por experiência própria: manter esse equilíbrio vai fazer bem pra saúde emocional de vocês. Espero que consigam viver sem cometer os mesmos erros que eu. Desejo, do fundo do coração, que todos vocês que me amaram, mesmo que só por um tempo, tenham uma vida feliz.

*Com amor,
Cecile*

Então, ela pretendia se entregar. E isso logo depois do primeiro assassinato, que provavelmente fora impulsivo, não premeditado. Riae mordeu o lábio com força. A maior culpada era Cecile, sem dúvida, mas a responsabilidade por a situação ter chegado àquele ponto também recaía sobre Hyeonjo e o *manager*. Hyeonjo afirmara que Cecile não era o tipo de pessoa capaz de cometer um crime daqueles e que não sabia do paradeiro de Park Sangjin. Duas mentiras deslavadas.

Se, quando ela entregou aquela carta, não a tivessem impedido... se não tivessem tentado contê-la por meio do *manager* Park, ela não teria matado mais quatro pessoas. A situação não precisava ter chegado a um ponto tão desastroso. O que será que os fizera ignorar a última chance de mudar o rumo das coisas? O que poderia valer mais do que vidas humanas e do que o sofrimento de Cecile? Um negócio com promessas de lucros exorbitantes, honrarias ou reputação para ostentar e uma autoindulgência bem empacotada — era isso que, para eles, merecia ser tratado como “valores supremos”? Será que, nesse exato momento, uma nova Cecile não estará sendo criada em algum lugar, tendo seu coração ainda puro explorado sob algum pretexto, até que, no fim, não reste mais nada dele? Será que essa estrutura absurda algum dia vai mudar?

Provavelmente, não. Ao se ver pensando assim, Riae sentiu algo murchar dentro de si, e passou um bom tempo apenas observando o vapor que subia do umidificador.

— Por que o senhor mentiu, se sabia de tudo?

Assim que teve alta, Riae mandou chamar Hyeonjo. Mal ela terminou a primeira frase, ele desatou a chorar.

— É verdade. Eu estraguei tudo. Fui eu...

— O senhor admite que ajudou Cecile a fugir, e que isso acabou levando à morte dela?

— Sim.

— E teve a audácia de aprontar uma coisa dessas dentro da delegacia... Com quem o senhor armou isso?

— Vou contar tudo. Não se preocupe.

Ele acha mesmo que basta confessar e, pronto, está tudo resolvido? Riae sentiu a fúria lhe subir de repente e, antes que percebesse, já dizia em tom de voz inflamado:

— Por que desperdiçou tantas chances? Se tivesse feito o que Cecile pediu quando enviou a carta, os crimes teriam acabado ali. Se não a tivesse ajudado a fugir, ela pelo menos não teria morrido daquele jeito! Quantas chances o senhor não teve?!

— Eu não podia perdê-la... Não queria perder mais ninguém! — soluçava Hyeonjo, desmanchando-se de uma vez. — Depois que a Blithe se foi daquela forma, eu quis proteger Cecile. Não importava o que acontecesse, que tipo de sujeira eu tivesse que limpar, eu só queria proteger aquela menina. Mas... Nunca imaginei que fosse acabar assim...

— Porque fez isso da pior maneira. Quem exatamente você estava tentando proteger? A pessoa Yeon Cecile? Ou a idol Cecile? Em qualquer um dos casos, não estava protegendo a Cecile. Estava preservando a própria fantasia.

Ele parou de chorar. Ficou imóvel na cadeira, atônito, em choque. Depois de um bom tempo, conseguiu soltar um murmúrio:

— Talvez você esteja certa... Eu sinto muito, mesmo.

— De que adianta dizer que sente muito pra mim?

Riae se levantou.

— E agora, o que eu devo fazer? — perguntou ele, como uma criança perdida, bem diferente da impressão que causara no dia em que se conheceram.

— Se acha que ainda pode fazer alguma coisa, faça. O que quer que seja — respondeu ela, friamente.

Ao virar-se de costas, Riae apertou os lábios com força para conter as lágrimas. Bastou pisar para fora do prédio e encarar o vento gelado para que outra pergunta se instalasse em sua mente.

E eu? O que é que eu faço agora?

O interior da floricultura continuava perfumado. Mas a variedade de flores e de aromas era bastante diferente da última vez em que Riaie a visitara. O ar, antes carregado de um frescor agradável, agora roçava-lhe a pele com um frio mais áspero — a estação havia mudado.

Nem o ruído da porta a fez se virar; Illa continuou podando as flores. Mesmo sem a antiga hostilidade, Riaie não conseguia evitar o arrepio que lhe subia pelo corpo a cada *tec* da tesoura, como um reflexo.

— Que milagre é esse? Você por aqui? — perguntou Illa, a voz calma.

Perguntar isso depois de ter mandado flores para ela no hospital soava absurdo, mas Riaie decidiu manter a pose.

— Vim comprar umas flores.

Illa não respondeu nem olhou para ela, apenas continuou montando o arranjo na cesta.

— Por que me fez passar por todo aquele transtorno à toa? — começou Riaie, perdendo a paciência. — Era só ter dito a verdade de uma vez. Assim...

— Assim você não teria suspeitado de mim? Assim não teria perdido tempo correndo de um lado para o outro?

— É...

— Mas que coisa, não? Era justamente disso que eu precisava — disse Illa, com uma pitada de provocação.

Dessa vez, porém, Riaie não mordeu a isca. Já sabia qual era a intenção por trás daquele truque. Se da última vez fora para protegê-la, dessa vez era para que Riaie não precisasse se sentir culpada.

— Eu sei.

— Sabe? — Pega de surpresa, Illa arregalou os olhos.

— Mesmo assim, se você tivesse me explicado, eu não teria dito aquelas coisas pra te magoar e...

— E aí você teria ido mexer naquele vespeiro — cortou Illa, olhando nos olhos de Riaie pela primeira vez desde que ela pisara na loja.

— Como é que você pode ter tanta certeza?

— Não era bem certeza, só achei que a probabilidade era alta. Te provocar depois de tanto tempo foi divertido, mas assim que você tocou no nome daquele *manager*, não dava mais pra ficar de brincadeira. Eu precisava te manter ocupada

com outra coisa, então fingi que tinha sumido de propósito. — Illa deixou escapar um sorriso, como se de repente tivesse um lampejo de memória. — Não sei se você vai lembrar, mas na época da escola as canetas com glitter eram o maior sonho de consumo, mas não eram baratas, né? Mesmo assim, eu comprava várias porque eram lindas! Só que sempre desapareciam poucos dias depois. Até hoje quase não compro esse tipo de caneta porque me dá raiva só de lembrar. Engraçado, né? Não era a primeira vez que sumiam com as minhas coisas. Pensando bem, talvez porque, como eu era meio que popular, fosse difícil me atacar na cara dura.

Riae se lembrava. Quando os livros e cadernos de Illa começaram a aparecer no armário da escola rasgados e com manchas de leite, ela simplesmente deixou de guardar qualquer coisa lá e passou a carregar tudo na mochila o tempo todo.

— Os livros, as minhas coisas e até as roupas de trainee... era um peso dos infernos. Você vivia me ajudando com a mochila, lembra? Tirava os livros mais pesados e levava na mão, e, quando eu colocava a bolsa nas costas, você vinha por trás e levantava o fundo pra eu conseguir ajeitar. Mas até esse esforço tinha limite. Um dia, quando voltei da aula de educação física, encontrei a minha mochila encharcada de tinta preta. Parecia que tinham aberto a parte de trás das canetas e jogado toda a tinta em cima dela. É óbvio que a bolsa ficou um lixo. Eu sabia que a mancha não ia sair, mas, ainda assim, fiquei dando banho nela, tentando pelo menos lavar aquela sensação de humilhação. Naquela hora, sabe o que você disse pra mim? Que ia me proteger.

Enquanto ouvia, Riae se pegou recordando aqueles acontecimentos. A raiva que sentira assistindo a tudo de perto, a sensação de humilhação, tudo aquilo voltou de uma vez — vívido demais, doloroso, surreal.

— E você realmente tentou fazer isso. Se alguém zombasse de mim, você explodia de raiva. Não deixava passar nem uma piadinha. Mas, pra mim, esse seu lado parecia perigoso, instável. Aquela garotinha pequena, magricela, sem força nem suporte... Era tratada pior do que eu, e parecia ter se esquecido completamente disso. Em parte, eu me questionava se eu conseguiria continuar sendo amiga de alguém que agia como se fosse aceitável quando acontecia com ela, mas não suportasse ver acontecer comigo. Por mais que eu me sentisse grata, tinha a impressão de que você enxergava em mim uma espécie de... versão idealizada de si mesma. A você forte, aquela capaz de enfrentar qualquer um. Então você tentava o tempo todo me transformar em uma alguém sem defeitos e, ao mesmo tempo, agia como uma guardiã dessa imagem. Você se forçava a lutar contra coisas que iam além da sua capacidade. Era essa ilusão, a versão que você

queria de si mesma, que estava te forçando além do limite. Na verdade, lá atrás, você não estava em posição de proteger ninguém, pelo contrário, era você quem precisava ser protegida. Mas você não via isso. Nem queria ver. Quando você veio aqui da primeira vez, tive a mesma impressão: de que ainda não tinha se livrado dessas ilusões. E, pra completar, ainda me diz que é policial. O que acha que pensei na hora?

Illa soltou uma risada incrédula. Riaie, sem saber como reagir, limitou-se a fitá-la em silêncio.

— Claro que também fiquei orgulhosa — continuou. — Porque eu sei que, para alguém na sua situação... Aliás, entrar na Academia de Polícia por si só não é nada fácil. Pensei: ela não se perdeu no caminho, teve uma vida incrível até aqui. Eu nem fiz nada para te ajudar e, mesmo assim, fiquei besta de orgulho. Mas também fiquei com medo de você se jogar nisso e acabar se queimando, como uma mariposa atraída pela chama. Tive medo de você acreditar que conseguia, que precisava lidar com algo tão pesado assim, e do que poderia acontecer com você no processo. Se fosse qualquer outra pessoa, talvez eu pensasse: tomara que, com esse senso de dever, ela vá lá e combata o mal mesmo... Mas, no seu caso, eu só queria que a sua vida fosse tranquila, e tive medo de que isso não fosse mais ser possível. Foi isso que me deixou preocupada. E foi por isso que não te contei... que a última vez que encontrei o Park Sangjin foi quando aquele sujeito apareceu aqui pedindo um “desconto de amigo”, dizendo que pretendia encomendar cestas de flores de vez em quando. E logo saquei em que tipo de contexto um homem que obviamente não tinha namorada precisaria de flores. Mesmo que dissesse que era para o trabalho, eu não queria vender nada pra ele, então recusei com a maior frieza. Se até eu consegui ligar os pontos na hora, era impossível que alguém tão esperta como você não juntasse as peças também.

Riaie não pôde ter outra reação a não ser abrir um sorriso amargo.

— Você me conhece bem demais. Ê, dizem que sou assim mesmo.

— Quem diz? O cara que anda sempre com você?

Como Riaie não respondeu, ficando em silêncio, Illa caiu na gargalhada. Fazia tempo que não a via rir daquele jeito; foi bom de ver. Por um instante, Riaie teve a estranha sensação de que estava de volta ao passado, como se tivesse saltado mais de uma década, direto para a época em que as duas ainda eram boas amigas.

— Tem uma coisa que não consigo entender. Se você não estava me usando, se me considerava sua amiga de verdade, por que mudou de escola? Assim, de repente, sem dizer nada. — Riaie lutou para evitar a erupção de sentimentos

antigos, sem sucesso; a voz que saiu foi a de uma adolescente magoada com a amiga.

— Sabe de uma coisa? Eu nem precisava estudar naquela escola. Tinha as escolas de artes para onde a maioria dos trainees da Iconition ia. A empresa até sugeriu que eu pedisse transferência; assim seria mais fácil ajustar a agenda para participar das avaliações mensais e ser dançarina nas apresentações das *sunbaes*. Mas recusei. Eu queria estudar junto com você. Por isso, apesar de não ser prático, continuei lá. Mas, quando você virou a cara pra mim, não tive mais motivo pra aguentar tudo aquilo.

Onde foi que tudo começou a desandar? Ao pensar na decepção que Illa devia ter sentido, Riaie se arrependeu de ter levado a situação a tal extremo. Ao pensar que, por causa daquilo, suas emoções tinham fugido do controle e a levado a fazer o que fez, sentiu o estômago embrulhar.

— Tá se culpando de novo? Não precisa. O que fiz foi mais do que suficiente pra qualquer um se afastar. Foi cruel. E eu tinha que aceitar isso, se não quisesse viver arrependida. Era minha responsabilidade.

— Como você ficou depois daquilo?

— Não sei. Às vezes sinto que foi tudo muito difícil, mas também acho que até que consegui me virar bem. Ainda não sei. Quando penso na época em que eu estava na ativa, tenho a impressão de estar assistindo às lembranças de outra pessoa, de tão distante. Eu cheguei ao topo e o público me venerava, mas, por dentro, eu me sentia vazia. Tinha dias em que eu me perguntava: será que isto também é uma ilusão? Como tinha sido quando nós duas ainda éramos amigas. Tudo o que parecia bom era falso, pura fachada.

Tomada pelo sentimento de culpa, Riaie não conseguiu pensar no que dizer e permaneceu calada. Já Illa voltou a sorrir, dessa vez de um jeito brincalhão, e continuou:

— Não vai me dizer que você não viu, né? Quando aquele meu vídeo xingando um cara no meio da rua viralizou e virei a “idol doida varrida número um” do país. Até hoje, quando penso nele, tenho vontade de fuzilar aquele babaca, então nem me faça lembrar.

O sorriso de Riaie logo se desfez. Ela desejava conseguir responder com a mesma leveza que Illa. Soltar, vez ou outra, sem hesitar, palavras exageradas, até agressivas; inclinar a cabeça e dizer “Ah, teve isso, teve aquilo”, como se fosse uma mera sequência de acontecimentos. Mas toda vez em que se lembrava do passado, Riaie mantinha o olhar voltado para o chão e fechava a cara o máximo possível para impedir que as emoções mais profundas viessem à tona. Embora

cada uma tivesse a própria história, ambas viveram experiências capazes de distorcer a própria identidade. E, ainda assim, como podiam ser tão diferentes?

— Como você conseguiu ficar bem depois de tudo o que aconteceu? Não consigo entender. Eu achava que tinha vivido direito desde aquela época, que não tinha mais cometido erros. Que eu estava fazendo tudo certo.

— Sim, você teve uma vida muito mais digna de orgulho do que a minha. Eu acredito nisso de verdade.

— Engraçado, eu também acreditava. Mas agora vejo que não. Eu vivi dentro de uma fantasia. Vivi disfarçada de uma versão falsa de mim mesma. E agora, ao tirar essa máscara, parece que não sobrou nada. Não sei nem por onde recomeçar. — As palavras escaparam da boca de Ria e sem que ela soubesse se estava falando sozinha ou não.

O rosto de Illa demonstrou uma leve surpresa.

— Por onde começar a fazer amigos?

Apenas o som da tesoura cortando os caules tomou conta da floricultura por um instante. Depois de pousar a tesoura e ajeitar algumas pétalas, Illa respondeu:

— Isso... ninguém sabe.

Estava tirando sarro dela? Uma coisa dessas vindo de Illa, que tinha tantos amigos, devia ser mentira. Ria e a encarou.

— Não é algo que você decide e pronto — continuou. — O jeito é ir conhecendo a pessoa aos poucos, sem sair definindo de forma precipitada “que tipo de gente ela é” ou alimentando fantasias a respeito dela. Por isso ninguém sabe a resposta exata, e não existe um manual de instruções. Uma coisa que eu aprendi depois de conviver com todo tipo de gente é que dá pra começar de novo. Mesmo com todos os altos e baixos, a gente pode escolher não se deixar mais levar por sombras vazias. Claro, errando muito no caminho. Você não faz ideia do que eu já passei. Quando souber, é capaz de rolar de tanto rir! Aquele escândalo da rua? Aquilo foi só o começo.

Ria e se pegou pensando se já havia enxergado alguém sem antes preconceber, na própria cabeça, uma imagem dessa pessoa. Talvez o delegado Jo, a quem enxergava como uma figura paterna rígida e, ao mesmo tempo, afetuosa — como alguém que pudesse preencher o vazio deixado pelo pai — quando, na prática, ele a via apenas como mais um peão, alguém que podia usar quando lhe fosse conveniente? Ou Juyeon, que ela julgava facilmente influenciável pela opinião alheia, mas que, na realidade, era firme em suas convicções e fazia de tudo para aconselhar uma amiga, mesmo sendo criticada? Ou então o inspetor-chefe Jung, que via como um invejoso que só queria seguir o caminho mais fácil, mas que,

para surpresa dela, tinha um olhar frio para avaliar as situações e sabia proteger os seus? Ou até mesmo Kyeongwon, que ela pensou estar tentando se aproximar, fingindo ingenuidade para usá-la e depois abandoná-la assim que conseguisse o que queria — mas que mostrou ter coragem para bater de frente com o próprio chefe por ela? Todos eles eram diferentes da imagem que Riaie pintara sozinha. Ela não estava vendo os outros de verdade, apenas os interpretava conforme sua ansiedade ditava, conforme os parâmetros distorcidos que trouxera do passado.

E, ainda assim, Illa disse:

— Nesse sentido, acho que ainda não é tarde demais para nós. Talvez seja até melhor começar depois de já termos visto o pior uma da outra.

Riae fitou Illa, que assentiu e abriu um sorriso radiante. O mesmo sorriso de quando se aproximara dela lá atrás, na época em que Riaie vivia cabisbaixa, olhando para o chão, e Illa foi a primeira a lhe estender a mão. Quando deu por si, o arranjo de flores já estava pronto.

Eu posso recomeçar. Com Illa. Com todo mundo. Agora que a névoa se dissipou, posso seguir em frente com propósito. Quero tentar de novo, pensou. E sorriu. Um sorriso iluminado. Tentou contê-lo, com medo de que as lágrimas transbordassem, mas um sorriso largo se abriu por vontade própria no rosto de Riaie. Não só porque fizera as pazes com Illa, mas porque, junto com isso, sentia que enfim tinha coragem para lidar com o que ainda precisava ser resolvido.



Quando ela saiu da floricultura, Kyeongwon estava à sua espera. Com as costas apoiadas na porta do carro, mexendo no celular, ele sorriu de canto assim que a viu e foi direto para o banco do motorista. Mesmo quando Riaie lhe disse para deixar de ser dramático, afinal, ela não havia levado um tiro nem nada, Kyeongwon retrucou que, se não fosse em um momento como esse, quando é que ele iria poder fazer drama? E já que era para fazer drama, que fizessem juntos — e continuou levando-a de carro para cima e para baixo, como fazia quando estavam de serviço. O chefe Jung, por sua vez, recusara a sugestão dela de mandar Kyeongwon ajudá-lo. Disse que os demais casos já estavam na reta final e que não precisava da ajuda de nenhum moleque principiante. Embora aquele tipo de atenção fosse um tanto constrangedor, também havia algo lá que lhe dava um friozinho na barriga e, no geral, não era uma sensação ruim. Talvez aprender a não resistir tanto a esse tipo de sentimento fosse uma das coisas que devesse mudar em seu novo começo. Ela soltou o ar, em um suspiro satisfeito, e entrou

no carro.

— E aí, se resolveram direitinho?

— Até que sim.

— Que bom... Por favor, me diz que você não “acertou as contas” com ela. Ou foi você quem levou uma surra daquela vilã disfarçada de idol?

Riae riu com deboche do cinismo de Kyeongwon. Estranhamente, nenhuma resposta atravessada veio na sequência, nenhum comentário sarcástico. Sem entender o que havia de errado, Riae se virou para Kyeongwon, que mantinha o olhar fixo à frente, a expressão amuada. Depois de hesitar por um minuto, ele falou:

— Me desculpe, *sunbae*.

Riae o encarou, intrigada. Por que estava pedindo desculpa quando era ele quem deveria ouvir, no mínimo, um “obrigada”?

— Pelo peixe que você tinha em casa. Tentei cuidar dele enquanto você estava no hospital, juro que tentei, mas devo ter feito alguma besteira, porque ele morreu. Sinto muito mesmo.

Ao ver o jeito abatido de Kyeongwon, Riae sentiu um aperto no peito e desejou ter contado antes.

— Não foi porque você fez besteira. Ele tinha uma doença de pele fazia um tempo. Não reparou naqueles carocinhos?

— Hã... Não prestei muita atenção... Peixe também tem doença de pele? Nunca ouvi falar.

— Pois é. Tem algumas que vão se espalhando pelo corpo todo até ser fatal. Pelo jeito, ele foi pegar logo uma das mais difíceis de tratar. Eu comprei um remédio e colocava de vez em quando, mas não era suficiente.

— Então você fez o que dava pra fazer — comentou Kyeongwon, um pouco mais aliviado.

— Não era curável... Talvez tenha sido por isso — murmurou ela.

Riae se lembrou do peixe-dourado. Sua casa nunca fora um lugar acolhedor, mas, para aplacar uma solidão que batia insistentemente à porta, comprara aquele peixe. Certa vez cuidara do cachorro de Juyeon por um dia, a pedido dela, mas a simples presença de um ser vivo a deixara desconfortável e sem jeito. Não sabia como antecipar seus movimentos nem como lidar com o animal; acabou se sentindo aflita, cansada e com raiva da própria incapacidade. Já o peixe-dourado, vestido em tons escuros, deslizava com tranquilidade pela água, tão silencioso que parecia nem existir. Ela gostava disso. Só de olhar para ele de tempos em tempos já lhe trazia certo conforto. Depois que o peixe adoeceu, passou a trocar a

água com mais frequência e tentou mudar a ração, mas nada adiantou. Só agora lhe ocorria que talvez o problema não fosse a água, mas algo que tivesse vindo das plantas ou das pedras decorativas; talvez devesse ter trocado o oxigenador.

— Como forma de consolo, vou comprar outro pra você. Quer dizer, não sei se isso vai te consolar, mas a intenção é essa. Pode ser mais de um, se quiser. Vai precisar de um aquário novo também?

Observando Kyeongwon pensar e falar com tanta dedicação, Riae deixou escapar uma risadinha. *Criar um ser vivo desses talvez não fosse má ideia.*

— Da próxima vez, acho melhor cuidar de alguma coisa que viva fora d'água. Que tenha os pés no chão, que respire do mesmo jeito que eu.

— Sério, *sunbae*? Acho uma ótima ideia! Pode ser cachorro, gato, hamster... Aproveite sua folga pra pensar nisso com calma. Mesmo que sejam só alguns dias...

Só alguns dias. O que deveria fazer com aquele tempo? Em geral, ficaria deitada em casa, sem fazer nada, ou sairia sozinha para algum lugar qualquer. Mas, dessa vez, parecia melhor fazer algo de verdade. Se ficasse em casa, passaria o tempo medindo o tamanho do buraco recém-aberto em seu coração, apenas sentindo o vazio. E, mais do que isso, precisava preencher o espaço que ficara para trás.

— Tem um lugar que fiquei com vontade de conhecer: uma pizzaria à beira do rio. Dizem que parece até outro país. Estava pensando em passar lá, tomar um ar fresco... Quer ir comigo?

Kyeongwon piscou algumas vezes, com os olhos fixos à frente, como se conferisse mentalmente se não tinha entendido errado o convite inesperado de Riae, que sempre erguia barreiras entre eles.

— Eu e você... só nós dois?

— É.

— Ah, mas é claro que eu vou! Nada de voltar atrás, hein?

— Tá.

— E acha que eu vou só “ir com você”? Eu levo e trago, onde for — afirmou Kyeongwon, decidido, chegando a cantarolar baixinho.

Como alguém conseguia demonstrar as próprias emoções desse jeito, sem um pinga de vergonha? Riae sorriu de canto e virou o rosto em direção à janela. Um enorme telão de LED exibia o videoclipe de alguma música.

Uma floresta envolta no denso nevoeiro da alvorada. O som do vento ao longe. Uma mulher encolhida sobre o tronco de uma árvore, o rosto enterrado nos joelhos.

Quando a mulher vira ligeiramente a cabeça, revelando o rosto, o cabelo cai sobre os ombros como uma cascata de seda. Ao mesmo tempo, a névoa vai se dissipando aos poucos até revelar um céu tão límpido quanto a face da mulher. Vestindo uma anágua branca, ela parecia uma ninfa da floresta, pura demais para ser real. Logo, a boca da ninfa se abre, e uma voz misteriosa preenche o espaço repleto de árvores.

Bastou ver Cecile sorrindo como uma brisa fresca para o bom humor de Riae ir embora outra vez. Transformada em uma fada do ar, percorrendo todos os cantos da floresta, Cecile dava a impressão de ter saído diretamente da ilustração de um livro infantil. Seu videoclipe de estreia como solista, com aquela beleza quase irreal que arrebatara tanta gente, voltava a abalar o país. A diferença era que, se antes causara êxtase ao simbolizar o surgimento de um novo meteoro na música pop, agora provocava horror como protagonista de uma série de crimes atrozes.

Um novo processo de idolatrização em torno de Cecile estava em curso na sociedade. Ela se consolidara como um ícone de *femme fatale* — uma mulher que chegou a ponto de matar para alcançar o que desejava. Nunca antes na Coreia do Sul existira alguém que reunisse um poder de influência, beleza e riqueza tão estrondoso e que ainda por cima tivesse cometido tais atos; era, sem sombra de dúvida, uma figura sem precedentes. Havia quem condenasse os crimes de Cecile, mas os admiradores eram muito mais numerosos. A reação foi infinitamente mais explosiva do que a provocada pelo tumulto de Illa à beira da aposentadoria. Enquanto a agência não fazia questão de conter nada disso — afinal, mesmo morta, Cecile ainda gerava lucros quase equivalentes aos de quando estava viva e em plena atividade —, parte de seus fãs utilizava essa fama póstuma como uma forma distorcida de se consolar.

Riae tinha certeza de que Cecile não desejaria esse tipo de idolatria. Talvez a razão pela qual ela não apenas a compreendia, mas continuava vendo a si mesma refletida em Cecile residisse em uma ideia da qual não conseguia se desvencilhar: a de que o mundo de Cecile, preso às rédeas e às engrenagens daquela indústria, era, em essência, sustentado pelo abuso. Diferente do que Riae sofrera, sim — mas, sem dúvida, abuso. Aqueles que compartilhavam de sua opinião por vezes defendiam a correção desse sistema violento por meio de ferramentas de proteção mais confiáveis, porém o interesse no assunto ainda era uma raridade.

No fim das contas, todos fingiam se importar com Cecile, mas nem agora a viam como ela desejava: tal como era. Essa forma de interação que ia além dos mal-entendidos inevitáveis entre estranhos, fabricando e distorcendo imagens

até diluir quase por completo a essência original do indivíduo, continuava em vigor. Provavelmente essa nova imagem de Cecile acabaria esmagando alguém de maneira equivocada e desencadeando outro ciclo vicioso. Enquanto houvesse quem fomentasse esse modo altamente tóxico de olhar uns para os outros — e enquanto ninguém tentasse mudar essa mentalidade à qual foram condicionados por tanto tempo —, coisas assim estariam fadadas a se repetir. Ao pensar nisso, Riaie não pôde deixar de esboçar um sorriso amargo.

Quando visitou a casa de Cecile após sua morte, Riaie encontrou no quarto dela uma vitrola e móveis avaliados em centenas de milhões de *wons*, do tipo que só via em revistas. Em um canto, cosméticos e produtos enviados por diversas marcas estavam empilhados, ainda fechados, as embalagens intactas. Bolsas de grife e presentes de fãs eram tão numerosos que mal dava para contar. Uma fama e uma riqueza descomuns obtidas de repente, em uma idade jovem demais para sequer ter estabelecido um senso de si mesma. Uma criança cercada por vozes de adoração e condenação, sem ter onde repousar, com uma identidade construída às pressas e sem convicção, mais frágil e precária do que a dos outros, e um traquejo social ainda por amadurecer. Não seria ainda mais difícil manter a integridade como ser humano no meio de tudo aquilo? Por que ninguém lhe ensinara a se resguardar? Por que ninguém se propôs a guiá-la com afeto antes que fosse tarde demais? Riaie ficou lá parada por um bom tempo, atônita. Um peixe-dourado que um dia vestira uma graciosa roupa laranja boiava de barriga para cima na superfície da água turva.

Sobreposto ao sorriso radiante de Cecile no telão, Riaie viu o sorriso que ela lhe deixara momentos antes de morrer. Um mundo de fantasia erguido sobre camadas de abuso; relações sádicas que, para os envolvidos, acabam se tornando naturais. Será que isso poderia melhorar? Difícil. Mesmo que melhorasse, ainda levaria muito tempo. Riaie soltou uma risada vazia. Como idolatrar alguém era algo tão irresponsável e sem sentido...



Na véspera do passeio com Kyeongwon nos arredores da cidade, Riaie passou pelo hospital onde o delegado Jo estava internado. A visita não durou muito. Entregou-lhe o cesto de flores preparado por Illa, fez uma reverência profunda, curvando-se a noventa graus, e deu meia-volta, deixando para trás o delegado, que a recebera com uma expressão azeda. Jo alternava o olhar entre o arranjo habilmente montado com crisântemos e lírios brancos e as lágrimas silenciosas

que escorriam pelo rosto de Riae, com um semblante que misturava desagrado e perplexidade. Mesmo horas depois, ao rememorar a expressão dele, Riae percebeu que, em vez de dor, aquilo apenas lhe trazia amargura — e resolveu se dar o devido crédito por isso.

Por ser dia de semana, a rodovia estava pouco movimentada. Kyeongwon tagarelava sentado ao volante, mas, ao contrário do habitual, estava mais bem-arrumado e com um ar especialmente revigorado. No rádio, ligado para acompanhar as informações do trânsito, tocava sem parar um jazz que combinava com o clima de fim de ano. Logo após o sinal da hora cheia, entrou o noticiário. Eram notícias urgentes sobre o delegado Jo. Os esquemas de corrupção em que ele estava envolvido começavam a ser expostos por meio de denúncias de gente que, àquela altura, queria tirar o corpo fora para se salvar. Pelo que diziam, as acusações também apontavam para outros implicados. Aparentemente, Hyeonjo levava adiante a exposição em larga escala, como prometido. Entre os denunciantes, havia alguém que relatara a tentativa do delegado de esquivar-se da responsabilidade ao jogá-la nas costas de subordinados. Dos três envolvidos naquele episódio, não era nem Riae nem Kyeongwon, portanto, só podia ser o inspetor-chefe Jung.

Riae divulgara anonimamente a conta de e-mail de Cecile. Antes, tratara de apagar as fotos de Laika para evitar teorias da conspiração desnecessárias ou que a discussão descambasse para a vida amorosa deles. Com isso, parecia haver vozes cobrando responsabilização não só do *manager* Park e de Hyeonjo, mas também da Iconition.

Consequentemente, foi inevitável que a história de Kyung Kona também viesse à tona. O choque foi tamanho que muitos interromperam o luto e deixaram de prestar homenagens a ele. No entanto, apesar de os materiais deixados por Yeon Cecile conterem provas suficientes da má conduta de Kona, ainda havia quem negasse tudo, alegando que aquilo era só uma cortina de fumaça para abafar escândalos políticos.

Todos os veículos de comunicação já tinham abordado o assunto diversas vezes, e justo a estação que deixaram ligada transmitia uma análise do caso feita por um especialista em psicologia criminal.

— Pra que ficar ouvindo isso? — Kyeongwon desligou o rádio. — Melhor ouvir a minha voz, não acha? Tenho muita coisa pra contar!

Não calou a boca por um segundo durante todo o turno e ainda “tem muita coisa pra contar”? Achando aquilo absurdo e hilário ao mesmo tempo, Riae acabou rindo alto.

— Tá bom. Vamos nessa.

Enquanto Kyeongwon falava, ela até dava trela, reagindo com breves comentários, mas, na realidade, deixava os olhos vagarem pela estrada e os pensamentos seguirem por outros caminhos. Dentro do túnel, observando a iluminação cênica instalada para evitar que motoristas cochilassem, Riae foi tomada por uma sensação de vazio misturada à de dever cumprido. Conseguiu imaginar com facilidade o delegado Jo naquele momento, provavelmente cercado por inúmeros policiais, desmoralizado diante da nação inteira.

Ela decidiu reconhecer e aceitar o desprezo que sentia por ele, mas resolveu não viver dominada pelo ódio. Desgastar-se com um rancor maior do necessário significaria que ainda não havia se libertado dele por completo, tanto no âmbito emocional quanto no das relações.

Ficou em dúvida, por um instante, se também deveria apagar da memória o afeto que tivera e as coisas pelas quais fora grata. No fim, decidiu deixar esses sentimentos onde estavam. Quaisquer que fossem as intenções do delegado Jo, era fato que, graças a ele, Riae tinha escapado de enrascadas e sido amparada. Escolheu ser grata por isso, sem carregar nenhuma culpa por ter traído um benfeitor. Talvez ele mesmo não fosse alguém capaz de se valorizar ou de se enxergar com clareza. Quem sabe, por ver a si mesmo nela, não tenha sido duro demais e tentado se aproveitar?

Acima de tudo, Riae passara a entender que as atitudes prévias do delegado não compensavam o fato de ele tê-la usado. Bastava cortar esse laço e reconhecer que aquilo era um vínculo do passado, como quem recorda alguém que já morreu, sem negar as boas lembranças, mas aceitando também que tudo isso pertencia, definitivamente, ao passado.

O pontinho de luz lá no fim do túnel foi crescendo pouco a pouco até anunciar a saída. Logo, o cenário quase onírico criado pelas luzes internas se dissipou, e o verde das árvores tomou todo o campo de visão. Ao abrir a janela e deixar o vento fresco bater no rosto, tudo o que acontecera no último mês lhe pareceu algo remoto, de muito, muito tempo atrás.

— Adeus — sussurrou Riae para uma sombra que podia ser a dela ou de outra pessoa.

Seus pensamentos, indistintos e ambíguos até o momento de entregar as flores ao delegado Jo, enfim ganharam forma. E, assim, ela pôde tomar sua decisão.

Riae finalmente matou o ídolo dentro de si.

Agradecimentos

Todo mundo tem alguém que admira. Podemos crescer tentando nos tornar essa outra pessoa, mas, às vezes, acabamos sendo consumidos por ideais excessivos. Talvez não seja possível simplesmente definir quais fatores nos levam a escolher um caminho em vez do outro, mas fico pensando se a nossa sociedade, hoje, não está nos compelindo a focar tanto na ideia de “crescer” que nos impede de enxergar o caminho da maturidade.

Como resultado, um narcisismo generalizado ameaça todos os membros da sociedade, sendo ainda mais devastador para adolescentes dentro da indústria de idols e do entretenimento. Níveis de fama e riqueza capazes de intimidar até mesmo um adulto são despejados sobre crianças ainda em formação, enquanto são vendidos como a chave para o sucesso. Mesmo sob um sol escaldante, ninguém os protege; pelo contrário, dizem coisas como: “Você está se banhando em uma luz tão calorosa, isso não é o suficiente?”. A sombra é ignorada. Há uma atmosfera que destaca apenas os aspectos reluzentes, amplificando e reproduzindo vozes que insistem que não existe um lado obscuro — e parece haver até um certo prazer estranho nisso.

No fim, é no calor que a cera das asas acaba derretendo. E será que nós, que agimos como espectadores silenciosos dessa indústria, podemos mesmo nos considerar livres de responsabilidade?

É claro que, pela própria natureza do setor, nem sempre é possível manter padrões ético-morais absolutos, mas certos limites precisam existir. Sobre tudo no que diz respeito a menores de idade, essa questão deve ser tratada com maior rigor, estabelecendo critérios e parâmetros transparentes. Ao negligenciar essas questões, a indústria do K-entretenimento cresceu e hoje parece estar sob os holofotes globais, surfando uma grande onda de sucesso. No entanto, pode estar, na verdade, em um estado perigosamente instável, prestes a implodir. Talvez este seja o momento, a última chance de preservar esse brilho fascinante antes que tudo se reduza a cinzas e desapareça.

Muitas coisas aconteceram até a publicação deste livro. Tanto o mundo

quanto a minha vida andaram meio turbulentos, mas gostaria de registrar minha profunda gratidão aos meus pais, à minha família e aos amigos que atravessaram esse período comigo e me deram todo o apoio. E também à minha gata Kimi, que se tornou parte da família e tem sido uma grande fonte de conforto; como símbolo da minha gratidão, prometo comprar um monte de petiscos deliciosos pelo resto da sua vida. E às pessoas que, embora não possam ser nomeadas, dividiram comigo, em primeira mão, suas histórias do mundo do entretenimento, meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço de coração ao ex-diretor editorial da Elixir, Im Jiho, que debateu comigo ideias para esta história; à editora Park Euljin, que lapidou o texto com tanta delicadeza; e a todos que participaram do processo de publicação deste livro, incluindo a equipe editorial da Elixir.

Quando era criança, eu sonhava em me tornar idol e subir ao palco, mas nunca pensei que, em vez disso, acabaria trazendo ao mundo uma história que entrelaça idols e assassinatos. Depois de ter suportado, em silêncio, uma vida abalada em proporções inimagináveis, quero dirigir algumas palavras de elogio e consolo a mim mesma.

A vocês que leram este livro, gostaria de encerrar desejando que tentem dizer um “obrigado” a si mesmos por todo o esforço em meio a dias difíceis. Espero sinceramente que nunca se esqueçam de que vocês, que guardam um sentimento de admiração no coração, são seres mais belos do que o objeto dessa admiração.

**LEE
SOMIN**

nasceu em abril, o mês mais cruel do ano.

Formada em Teatro, estreou na literatura em 2020 ao vencer a 3ª edição do Prêmio Elixir de Mistério com o romance [Noite eterna, em tradução livre].



Ecos da floresta – Livro vencedor do prêmio Goodreads e eleito melhor thriller do ano pelo New York Times

Moore, Liz

9786555118858

416

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Considerado pelo New York Times o melhor thriller e romance policial de 2024, incluído na lista dos "100 livros de leitura obrigatória do ano" da revista Time e eleito o número 1 do ano pela People, *Ecos da floresta* conduz o leitor a uma história de sucessões e segundas chances, mergulhando nas tensões entre uma família e a comunidade ao seu redor — e da qual ninguém sairá impune. Em breve uma série da Netflix!

Manhã, agosto de 1975. A monitora do Acampamento Emerson encontra uma das camas vazia — a campista Barbara Van Laar desapareceu.

No entanto, Barbara não é qualquer menina de treze anos; ela é a filha dos donos do acampamento, que também empregam grande parte dos moradores da região. E essa não é a primeira vez que uma criança dos Van Laar some: catorze anos antes, o irmão mais velho de Bárbara desapareceu de forma semelhante e nunca mais foi encontrado.

Junto com uma busca frenética, desenrola-se uma emocionante trama, com pontos de vistas de diferentes pessoas e épocas. Ao destrinchar todas as camadas do mistério em torno da poderosa família Van Laar e da comunidade que vive e trabalha à sua sombra, a história multifacetada de Liz Moore convida os leitores a uma rica e cativante dinastia de segredos.

"Uma joia rara, um thriller literário imersivo e envolvente. Um romance sobre o amor após uma tragédia e sobre famílias do melhor — e do pior — tipo." — PAULA HAWKINS

"Um romance que, no começo, é difícil parar de ler. E, a partir da página duzentos, impossível." — STEPHEN KING

"Extraordinário... me lembra da estreia de Donna Tartt, em 1992, com *A história secreta*... Eu estava submersa em um mundo ficcional tão rico, que passei horas sem emergir em busca de ar." — MAUREEN CORRIGAN

"Esse thriller artilhosamente ritmado... tem o cinetismo de uma minissérie bem elaborada." — THE NEW YORKER

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



A dona de casa perfeita – Um thriller psicológico sobre o lado sombrio das tradwives

Child, Liane
9786555118803
304

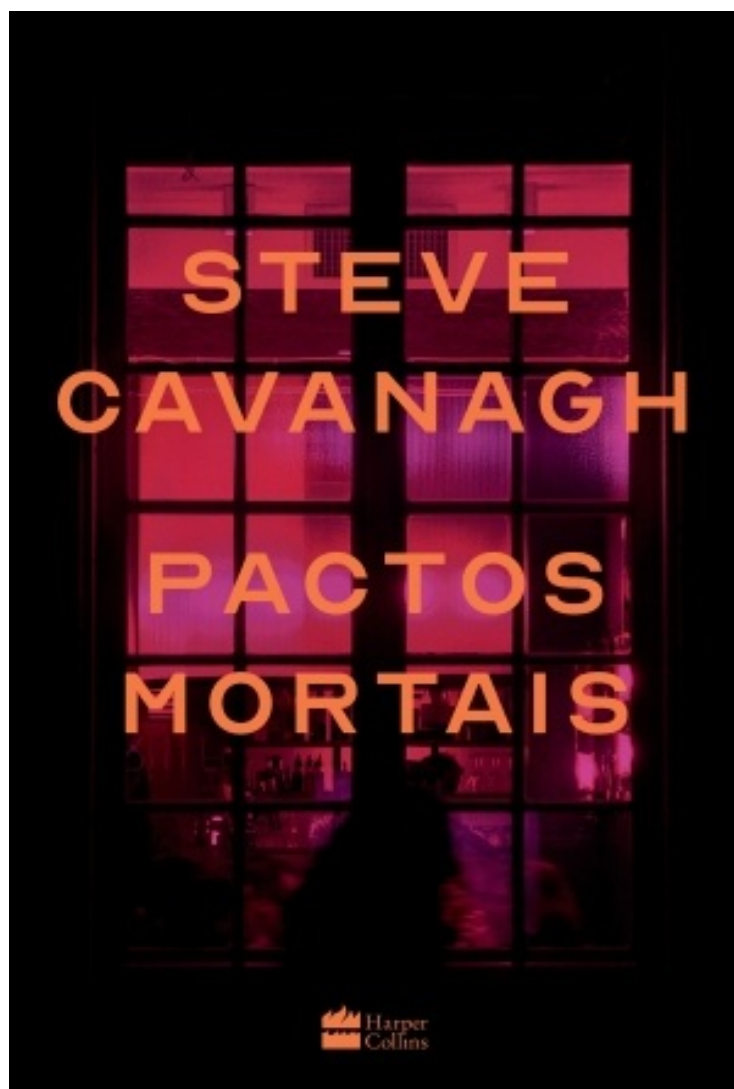
[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

A vida dela é perfeita... mas tudo não passa de uma mentira.

Com milhões de seguidores e um feed impecável, Madison March é a *tradwife* mais adorada das redes sociais. Ela passa os dias assando pães de fermentação natural e colhendo vegetais frescos na horta, enquanto os filhos brincam e o marido cuida do rancho. Mas, quando uma nova professora particular chega para educar as crianças e uma seguidora aspirante a *tradwife* decide investigar o que há por trás da fachada, a vida perfeita de Madison começa a ruir.... Assombrada por um segredo do passado, até onde ela irá para manter as aparências?

Envolvente do início ao fim, *A dona de casa perfeita* é um suspense eletrizante que revela o lado sombrio do fenômeno das *tradwives* e nos mostra que um feed impecável pode esconder muito mais do que se imagina.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



Pactos mortais – Um thriller psicológico instigante de vingança e segredos sombrios

Cavanagh, Steve

9786555118261

128

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Ela vai matar seu maior inimigo, tudo o que você precisa fazer é

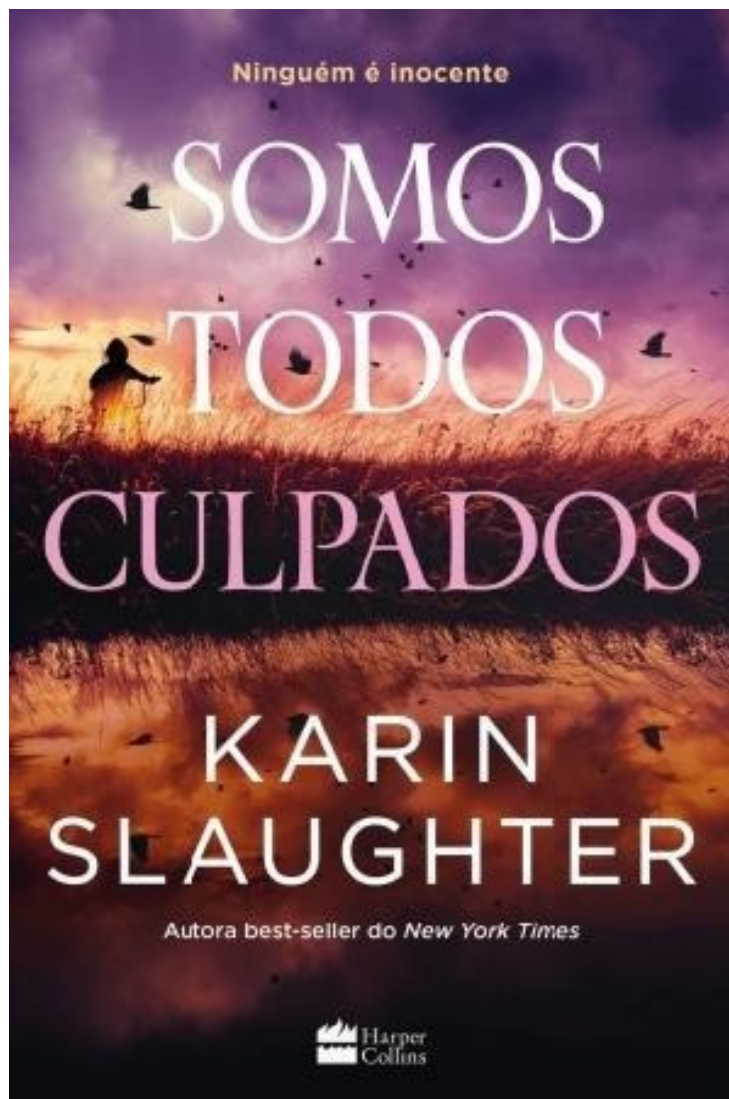
matar o dela em troca.

Em uma noite escura nas ruas de Nova York, duas estranhas se encontram de forma inesperada. Entre confissões e drinques, Amanda e Wendy percebem que têm muito em comum, principalmente o intenso desejo de se vingar dos homens que destruíram suas famílias. Logo, um pacto se forma: eu mato por você, você mata por mim. Parece o plano perfeito... Até que tudo começa a desmoronar quando, do outro lado da cidade, Ruth é agredida em sua própria casa por um desconhecido. Mas quem é esse agressor misterioso? E como a história dela está conectada com o plano de Amanda e Wendy?

Repleto de reviravoltas imprevisíveis, *Pactos mortais* é um thriller eletrizante que desafia o leitor a juntar as peças de um jogo perigoso, criado por um dos mais renomados autores de suspense do Reino Unido, Steve Cavanagh.

"Impossível parar de ler, *Pactos mortais* é um dos thrillers mais bem pensados que li nos últimos tempos." — Alex Michaelides, autor de *A paciente silenciosa*.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



Somos todos culpados – Um thriller da autora best-seller Karin Slaughter (série North Falls)

Slaughter, Karin

9786555118179

416

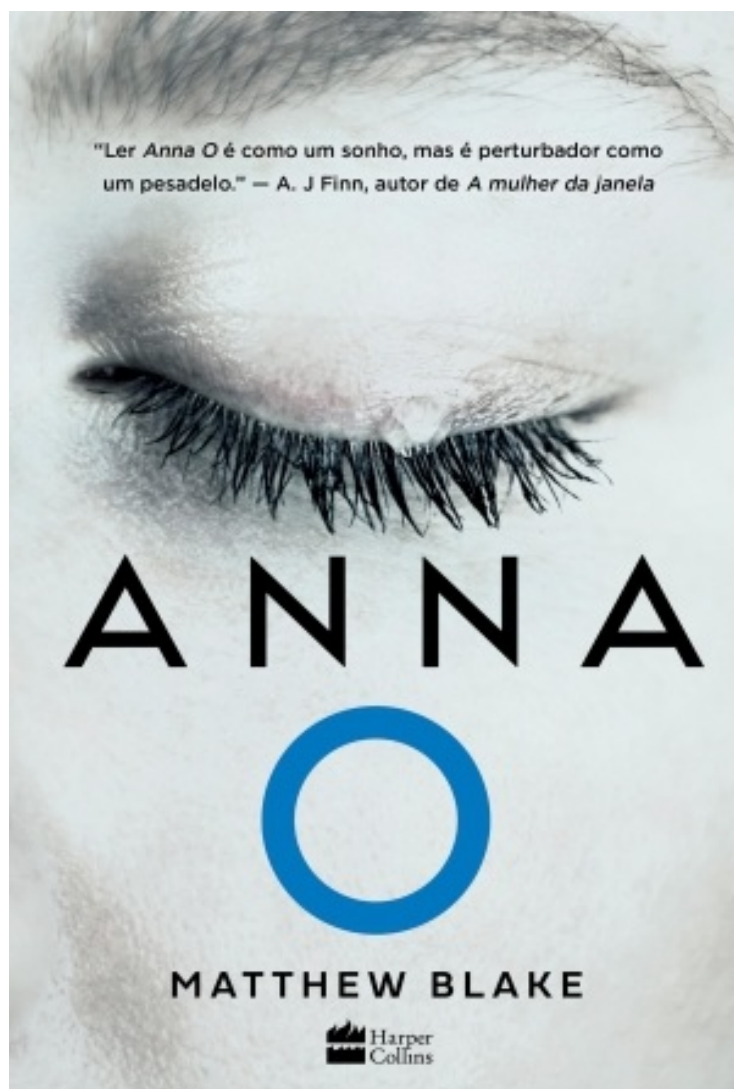
[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

Bem-vindo a North Falls — a nova série de mistério de Karin Slaughter que se passa em uma cidade pequena onde todos se conhecem... ou, pelo menos, é o que achavam.

Em uma pacata cidade no interior dos Estados Unidos, a celebração do Quatro de Julho toma um rumo sombrio quando duas adolescentes desaparecem misteriosamente. A oficial Emmy Clifton sabe que precisa agir rápido para salvá-las, afinal, em casos de sequestro de menores de idade, cada segundo conta. Mas, enquanto desvenda as pistas desse jogo aterrorizante, ela percebe que o caso não é tão simples quanto parece. Será que Emmy está preparada para encarar a verdade perturbadora que se esconde por trás dos segredos de North Falls?

De tirar o fôlego, Somos todos culpados marca um início brilhante para a nova série da autora best-seller Karin Slaughter. Este thriller psicológico nos mostra como até as pessoas mais próximas podem esconder segredos que levam a consequências mortais.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)



Anna O – O aguardado thriller sobre a jovem que caiu em um sono profundo após matar seus melhores amigos

Blake, Matthew
9786560051232
352

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)

E se seus pesadelos não fossem apenas pesadelos?

A jovem Anna Ogilvy era uma aspirante a escritora com um futuro brilhante pela frente quando esfaqueou até a morte seus dois melhores amigos sem motivo aparente. Desde então, não acordou mais. Seu sono profundo é conhecido pelos neurologistas como "síndrome da resignação", um raro distúrbio psicossomático.

Dr. Benedict Prince é psicólogo forense e especialista em homicídios relacionados ao sono, e seus métodos são a última esperança para solucionar o infame caso "Anna O" e despertar a mulher para que ela possa ser finalmente julgada. Mas, ao tratar de uma paciente tão famosa, Benedict deve tomar cuidado para que seus problemas pessoais — e os próprios segredos — não sejam revelados.

Somente Anna sabe o que ocorreu naquela noite, e apenas o dr. Benedict tem meios para descobrir a verdade. E os dois correm perigo se o mistério for revelado.

Com este thriller sombrio e tortuoso, Matthew Blake coloca seu nome ao lado de Gillian Flynn, A. J. Finn e Alex Michaelides como um dos grandes autores de suspense da atualidade.

[Compre agora e leia \(Publicidade\)](#)
